

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CRISTIANE LEAL RODRIGUES SOARES

**ENTRE VIVER PARA SI E VIVER PARA OS OUTROS:
ENVELHECIMENTO FEMININO E INDIVIDUALIZAÇÃO**

**JOÃO PESSOA
2013**

CRISTIANE LEAL RODRIGUES SOARES

**ENTRE VIVER PARA SI E VIVER PARA OS OUTROS: ENVELHECIMENTO
FEMININO E INDIVIDUALIZAÇÃO**

Tese apresentada ao programa de pós graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de doutor em Sociologia. Orientada pela professora Dr^a Tereza Correia da Nóbrega Queiroz.

**JOÃO PESSOA
2013**

CRISTIANE LEAL RODRIGUES SOARES

**ENTRE VIVER PARA SI E VIVER PARA OS OUTROS: ENVELHECIMENTO
FEMININO E INDIVIDUALIZAÇÃO**

Aprovada em _____ / _____ / _____

Comissão Examinadora

Dr.^a Tereza Correia da Nóbrega Queiroz (Presidente/Orientadora)

Dr.^a Monica de Lourdes Franch Gutierrez (Examinadora interna)

Dr.^a Teresa Cristina Furtado Matos (Examinadora interna)

Dr. Marcos Ayala (Examinador interno)

Dr. Russel Parry Scott (Examinador externo)

De onde vem, ao grupo familiar, tal força de coesão? Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado. Um homem pode mudar de país, se brasileiro, naturalizar-se finlandês; se leigo, pode tornar-se padre; se solteiro, tornar-se casado; se filho tornar-se pai; se patrão tornar-se criado. Mas o vínculo que o ata a sua família é irreversível: será sempre o filho da Antônia, o João do Pedro, o “meu Francisco” para a mãe. Apesar dessa fixidez de destino nas relações de parentesco, não há lugar onde a personalidade tenha maior relevo. Se como dizem, a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa.

Ecléa Bosi

AGRADECIMENTOS

Seria uma pretensão apresentar esta tese como um trabalho individual, e se isso fosse verdade seria tremendamente frustrante, porque não poderia relatar aqui a participação e o apoio que tive de inúmeras pessoas as quais compartilharam comigo minhas experiências de vida e todo o trabalho de pesquisa sob os quais esta tese foi escrita.

Quero começar agradecendo ao meu Deus, em quem confio profundamente, pelas capacidades recebidas e pelas inúmeras expressões de amor e cuidado.

Agradeço aos meus pais pelos investimentos de toda ordem a mim dedicados desde que nasci: amor, tempo, cuidados, educação... sem os quais eu não seria a pessoa que sou hoje.

Agradeço a meu esposo, meu companheiro, amigo de todas as horas que incansavelmente torceu por mim e lutou junto comigo todas as minhas batalhas do dia a dia. Aos meus filhos, que muito me orgulham, agradeço a compreensão pelas ausências, agradeço todo amor a mim dedicado, assim como as preocupações, pois tudo que vem de vocês me faz feliz. Agradeço a todos os meus familiares, em especial a minha sogra Glória por ser parceira em meu papel de mãe. Agradeço a Simone da Silva, meu braço direito no dia a dia.

Agradeço a minha orientadora, Tereza Correia da Nóbrega Queiroz, que sempre me atendeu de forma generosa e amigável, me mostrando 'literalmente mundos que sozinha eu não percorreria', me trazendo confiança e ensinamentos não somente próprios às Teorias e Metodologias das Ciências Sociais, mas aquelas lições que nos servem para a vida.

Agradeço as professoras Monica Franch, Flávia Pires, e Benedita Cabral pelas contribuições quando da fase de qualificação deste trabalho e por todos os outros momentos com as quais pude conviver e aprender. Assim como aos professores Parry Scott, Tereza Cristina Matos e Marcos Ayala por compor minha banca de defesa e contribuir com o aprimoramento deste trabalho.

Quero agradecer a Joelma Batista, Emmanuele Santana, Lorena Monteiro, Caroline Leal e Mayara de Moraes pelo excelente trabalho de transcrição das entrevistas.

Especialmente agradeço as minhas interlocutoras: Rosa, Selma, Rita, Penha, Maria, Ana, Vera, Geralda, Val, Ciça, Elza, Nevinha e Cida pela participação durante o processo de pesquisa e pelos esforços demonstrados.

Agradeço as contribuições dos agentes de saúde do Timbó, assim como demais funcionários do posto de saúde que me abriram as portas para a pesquisa e muito contribuíram para sua execução.

Agradeço aos meus vizinhos de Bancários que direta ou indiretamente participaram de todo o processo de pesquisa. E aos meus amigos de forma geral, não citarei nomes para não incorrer em esquecimento. Vocês todos de alguma forma me ajudaram a pensar a vida social, a família, as idades, o envelhecimento, a individualização, portanto são também contribuintes deste trabalho.

Agradeço também ao CNPQ, pela bolsa concedida nestes quatro anos. Sem a qual eu não teria como me dedicar com exclusividade. Agradeço aos professores do PPGS, pelas aulas e pelos inúmeros exercícios intelectuais que com certeza são fundamentais em minha formação. E aos funcionários do PPGS, Nancy e Agamenon pela atenção dispensada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sob uma perspectiva comparativa de classe os processos femininos de individualização presentes nas vivências de mulheres idosas pertencentes aos segmentos médios e populares da cidade de João Pessoa. Aqui procuro revelar a velhice como um período de construção de si mesmo. Para tanto lanço mão da abordagem sobre as transformações no curso da vida contemporâneo, nos valores, nas representações e nas práticas relacionadas a velhice feminina. A hipótese central deste trabalho é que as vivências atuais da velhice feminina são marcadas por processos de individualização, inesgotáveis mesmo com o avanço da idade e reveladores de que a velhice pode ser experimentada como uma fase da vida em que cabe a construção de si mesmo. Busco compreender, neste trabalho, como processos históricos e socioculturais se atualizam nas práticas cotidianas de senhoras dos segmentos médios e populares de nossa sociedade, concebendo “senhoras individualizadas”. Parto dos pressupostos de que o fenômeno da individualização se constitui numa tendência global e que em nossa sociedade a possibilidade de articulações dos ideais individualistas e relacionais se faz presente tanto nas experiências de vida dos indivíduos dos segmentos médios, quanto dos segmentos populares. No caso da pesquisa desenvolvida para esta tese estes indivíduos são respectivamente representados pelas mulheres idosas residentes no bairro de Bancários, e na comunidade do Timbó. Como essas articulações se fazem presentes no cotidiano dessas mulheres e como elas se apresentam no curso de suas vidas são questões que nortearam minha reflexão. Não pretendo aqui definir como se dão os processos de individualização entre mulheres idosas dos segmentos médios e populares, antes almejo discutir possibilidades de processos femininos de individualização e a partir deles refletir tanto sobre as variações das vivências de mulheres com idade acima de 60 anos, quanto sobre suas identidades e representações sobre envelhecimento. Os elementos empíricos utilizados nesta tese foram qualitativamente selecionados e são provenientes de observações diretas, entrevistas semi estruturadas e relatos de trajetórias de vida, coletados junto a 13 mulheres com idade entre 60 e 70 anos. Sete destas mulheres residem em Bancários, e as demais na comunidade do Timbó. A caracterização dessas mulheres, como pertencentes aos segmentos médios e populares, não se deu tão somente sob o ponto de vista do lugar em que elas ocupam na estrutura produtiva. Analiso conjuntamente elementos como: espaço de moradia, condições e estilos de consumo, rendimento e escolaridade, práticas e hábitos do cotidiano, na tentativa de levar em consideração concepções e instrumentos capazes de refletir tanto os aspectos objetivos quanto aqueles construídos ao nível da cultura. Foram tomadas como objeto de investigação as experiências particulares dessas mulheres e procurou-se situá-las em um contexto espacial e temporal, que inclui não apenas as suas condições de vida, mas também as interações sociais com outros atores significativos, capazes de interferir em suas práticas sociais e vivências cotidianas.

Palavras chave: Envelhecimento. Individualização. Mulheres idosas. Segmento médio. Segmento popular.

ABSTRACT

This paper aims to reflect a comparative perspective in class processes of present female individualization in the experiences of older women belonging to middle segments and popular city of João Pessoa. Here I try to reveal old age as a period of building yourself. To do that, I make use of the approach on the transformations in the course of contemporary life, the values, representations and practices related to aging women. The central hypothesis of this paper is to present the experiences of aging women which are marked by processes of individualization, inexhaustible even with advancing age and showing that old age can be experienced as a phase of life in which it is building itself. I seek to understand, in this paper, as sociocultural and historical processes are updated in daily practices of the ladies and popular middle segments of our society, conceiving "ladies individualized." I start the assumptions that the individualization phenomenon constitutes a global trend in our society and that the possibility of joint relational and individualistic ideals is present both in the life experiences of individuals from middle segments, as the popular segments. In the case of research conducted for this thesis these individuals are respectively represented by elderly women living in the neighborhood of Bancários, and the community of Timbo in the city of João Pessoa. Because these joints are present in the daily lives of these women and how they present themselves in the course of their lives are questions that guided my thinking. I do not intend here to define how individualization process between older women and middle popular segments work, before long to discuss possibilities of processes of individualization and women from both of them reflect on the variations of the experiences of women aged above 60 as on their identities and representations of aging. The empirical data used in this thesis were qualitatively selected and come from direct observations, semi-structured interviews and stories of life trajectories, collected from 13 women aged between 60 and 70 years old. Seven of these women inhabit in Bancários, and the other in the community of Timbó. The characterization of these women, as belonging to the middle and popular segments, not only did so from the point of view of the place they occupy in the production structure. I analyze elements together as living space, conditions and styles of consumption, income and education, practices and habits of everyday life, trying to take into account concepts and tools to reflect both the objective aspects as those built to the level of culture. Were taken as the object of investigation the particular experiences of these women and sought to situate them in a spatial and temporal context, which includes not only their livelihoods but also the social interactions with other significant actors, capable of interfering in their social practices and daily experiences.

Keywords: Aging. Individualization. Older women. Middle segment. Popular segment.

RESUMÉ

Ce travail a pour objectif de réfléchir, sous une perspective comparative de classe, aux processus féminins d'individualisation présents dans le vécu de femmes âgées appartenant aux segments moyens et populaires de la ville de João Pessoa. Je cherche ici à révéler la vieillesse comme une période de construction de soi-même. C'est la raison pour laquelle je recour à l'abordage traitant des transformations tout au long de la vie contemporaine, au sein des valeurs, dans les représentations et les pratiques liées à la vieillesse féminine. L'hypothèse centrale de ce travail est que le vécu actuel de la vieillesse féminine est marqué par des processus d'individualisation, inépuisables même avec l'avancé de l'âge et révélateurs que la vieillesse peut être expérimentée comme une phase de la vie où la construction de soi-même est possible. Je cherche à comprendre, dans cette étude, comment des processus historiques et socioculturels s'actualisent dans les pratiques quotidiennes de "vieilles dames" des segments moyens et populaires de notre société, générant ainsi des "vieilles dames individualisées". Je pars de la supposition que le phénomène d'individualisation se constitue en une tendance globale et que, dans notre société, la possibilité d'articulations des idéaux individualistes et relationnels est présente aussi bien dans les expériences de vie des individus des segments moyens que dans ceux des segments populaires. Dans le cas de la recherche entreprise pour cette thèse, ces individus sont respectivement représentés par des femmes âgées résidentes dans le quartier Bancarios et dans la communauté de Timbó. Comment ces articulations se montrent-elles présentes dans le quotidien de ces femmes et comment se présentent-elles au cours de leur vie, sont les questions qui ont orienté ma réflexion. Je ne prétends pas ici définir comment se réalisent les processus d'individualisation entre les femmes âgées des segments moyens et populaires; je désire avant tout discuter des possibilités de processus féminins d'individualisation et à partir de ces mêmes processus, réfléchir aussi bien sur les variations du vécu de femmes de plus de soixante ans, que sur leurs identités et leurs représentations sur le vieillissement. Les éléments empiriques utilisés dans cette thèse ont été sélectionnés de manière qualitative et proviennent d'observations directes, d'entrevues semi-structurées et de récits de trajectoires de vie collectés auprès de 13 femmes entre soixante et soixante-dix ans. Sept d'entre elles résident dans le quartier Bancarios et les autres dans la communauté de Timbó. La caractérisation de ces femmes, comme appartenant aux segments moyens et populaires, ne s'est pas simplement fait en fonction du lieu qu'elles occupent dans la structure productive. J'analyse conjointement un ensemble d'éléments tels que: l'espace d'habitation, les conditions et le style de consommation, le revenu et la scolarité, les pratiques et les habitudes quotidiennes, pour essayer de prendre en considération des conceptions et des instruments capable de refléter aussi bien les aspects objectifs que ceux contruits au niveau de la culture. Les expériences particulières de ces femmes ont été utilisées comme objet d'enquête et nous avons recherché à les situer dans un contexte spatial et temporel, qui inclut non seulement leurs conditions de vie mais aussi les interactions sociales avec d'autres acteurs significatifs, capables d'interférer dans leurs pratiques sociales et leur vécu quotidien.

Mots-clé: Vieillissement. Individualisation. Femmes âgées. Segment moyen. Segment populaire.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 – Por uma vida própria: construindo uma abordagem sobre a velhice e os processos de individualização femininos	20
1.1 Individualizações: dos costumes aos estilos de vida, na família e na ideologia ..	21
1.2 Individualização no feminino e no Brasil.....	38
1.3 Curso da vida: da institucionalização às formas labirínticas.....	45
1.4 A velhice sob a ótica das ciências Sociais	52
Capítulo 2 – A pesquisa de campo e seus percursos	59
2.1 A constituição do grupo de interlocutoras	59
2.2 As interlocutoras uma apresentação geral.....	65
2.3 Procedimentos metodológicos	70
2.4 Diferenças em campo	77
Capítulo 3 – Cenários. Os espaços da pesquisa suas caracterizações e vivências	82
3.1 O bairro de Bancários. Sua formação, seus números e suas paisagens.....	82
3.2 O bairro de Bancários: Suas idosas e suas práticas.....	90
3.3 A estilização da vida doméstica: os espaços e rotinas domésticas das idosas de Bancários	97
Capítulo 4 – Trajetórias de vida e de individualização: entre viver para si e viver para o outro	105
4.1 Dona Ana - “Minha vida hoje mudou da água pro vinho”	106
4.2 Dona Vera - “Eu tenho procurado ‘descansar no Senhor’”	113
4.3 Rita - “Eu não fui criada para me separar”	119
4.4 Dona Rosa - “A coisa que mais tinha medo era de ficar só...”	128
4.5 Penha - “Aqui sempre foi o contrário...”	138
4.6 Selma – “Cuido do meu neto muito ...”	146
4.7 Dona Val - “Aqui eu sou homem, sou mulher, sou mil e uma coisa”	152
4.8 Dona Ciça – “Em dia de domingo a gente escapole de casa”	160
4.9 Dona Geralda - “Depois do grupo da terceira idade eu sou outra”	166
4.10 Dona Cida – “Esse é o melhor tempo da minha vida”.....	171

Capítulo 5 – interpretando as narrativas biográficas	178
5.1 Autonomização em relação à família de origem.....	179
5.2 Relações Conjugais	186
5.3 Maternidade e relacionamentos intergeracionais.....	197
5.4 Escolarização, trabalho e aposentadoria.....	210
5.5 Envelhecimento, sociabilidades e construção de si	217
5.6 Memória e alguns significados do tempo	234
Considerações finais	254
Referências Bibliográficas	258
Apêndices.....	274
Anexos	288

INTRODUÇÃO

Através de pesquisas de caráter etnográfico desenvolvidas entre os anos de 2007 e 2009 no bairro de Bancários, em João Pessoa, empreendi contatos com inúmeras mulheres idosas ali residentes. Especialmente na pesquisa que teve como centro de interesse os usos da Praça da Paz, principal praça do bairro, onde pude acompanhar diversos grupos de idosos em suas atividades diárias. Os contatos cada vez mais frequentes com aquelas moradoras, as mais assíduas na praça, foram alargados quando da realização de minha pesquisa de mestrado em Sociologia que teve aquele bairro e uma de suas comunidades adjacentes, o Timbó, como lócus de investigação.

Foi centralmente a percepção – por ocasião da pesquisa exploratória para elaboração do projeto de pesquisa desta tese – de que as idosas envolvidas na pesquisa se contrapunham, de alguma forma, aos tradicionais papéis femininos (mães, avós, donas de casa) em tempo integral e incentivavam umas as outras, nas caminhadas e encontros na praça, nas conversas nos jardins dos condomínios, nas reuniões das igrejas, nas calçadas e nas portas de suas casas, a estabelecerem estratégias cotidianas para “cuidarem de si mesmas”, para “separarem um tempo para si” e “para parar de viver exclusivamente em função dos outros” que motivou e originou o presente estudo.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os processos femininos de individualização presentes nas vivências de mulheres idosas pertencentes aos segmentos médios e populares da cidade de João Pessoa. Pretendo revelar a velhice como um período de construção de si mesmo. Para tanto lanço mão da abordagem sobre as transformações no curso da vida contemporâneo, nos valores, nas representações e nas práticas relacionadas à velhice feminina. Essas transformações relacionam-se com um conjunto de mudanças estruturais localizadas nas diversas esferas da vida social, especialmente no trabalho, na família, nas sociabilidades, nas relações afetivas e nas grades etárias. Foram tomadas como objeto de investigação as experiências particulares de mulheres com idade acima de sessenta anos e procurou-se situá-las em um contexto espacial e temporal, que inclui não apenas as suas condições de vida, mas também as interações sociais com outros atores significativos, capazes de interferir em suas práticas sociais e vivências cotidianas.

Na sociedade contemporânea as biografias normais se convertem em biografias eletivas, ou seja, em biografias a ser feitas por cada um. Neste sentido cada pessoa é individualmente responsável em atribuir significado a sua própria vivência, definindo suas próprias identidades. Tal ideia está associada à individualização do curso da vida (LECCARDI, 2005; BECK E BECK-GERNSHEIM,2003;BECK,2010) e isso se reflete nas biografias individuais causando o que alguns autores chamam de crise da biografia normal.

Estudos recentes sobre a sociedade brasileira têm destacado as transformações acima citadas e enfatizado seus impactos sobre a percepção do lugar das mulheres nas esferas pública e privada da vida (VENTURI, RECAMÁN e OLIVEIRA, 2004; ARAÚJO e SCALON, 2005). Estes estudos revelam que os papéis femininos considerados tradicionais, menos individualizados, são mais questionados nos segmentos altos e médios da sociedade, tendo em vista a maior inserção das mulheres destes segmentos nos espaços de educação e de trabalho, além da maior tendência destes grupos aos ideais individualistas da modernidade (HEILBORN,1980,1992; LINS DE BARROS, 1987; VELHO, 2004).

Quanto às mulheres dos segmentos populares, algumas pesquisas observam que as modificações em relação às identidades femininas são especialmente sentidas quando se comparam as diferentes gerações. Segundo estas mesmas pesquisas, há evidências de que são as mulheres mais jovens destes segmentos as que têm experimentado processos de individualização em relação a alguns dos vínculos tradicionais (Machado e Lins de Barros, 2009).

Neste trabalho esses resultados de pesquisas são pensados e indagados segundo duas perspectivas. A primeira delas refere-se às condições de “classe”. Procuo refletir a existência de nuances de situações para além das classificações baseadas na oposição individualismo dos segmentos médios e hierarquia dos segmentos populares. Admito que a individualização seja uma tendência da sociedade contemporânea (BECK e BECK - GERNSHEIM,2003) - sem restrições a quaisquer segmentos sociais – considerando no entanto, o aspecto do caráter relacional brasileiro (DAMATTA, 1991). A segunda perspectiva relaciona-se a ideia da individualização nos grupos de mulheres de mais idade. Enquanto alguns estudos apontam a individualização nas gerações mais jovens (PIMENTA, 2007; FRANCH,2008; MULLER,2008), aqui, procuro analisar como esse fenômeno

aparece entre mulheres com idade acima de 60 anos em meio as suas relações familiares e vizinhança.

Parto dos pressupostos de que o fenômeno da individualização se constitui numa tendência global e que em nossa sociedade a possibilidade de articulações dos ideais individualistas e relacionais se faz presente tanto nas experiências de vida dos indivíduos dos segmentos médios, quanto dos segmentos populares. No caso da pesquisa desenvolvida para esta tese estes indivíduos são respectivamente representados por mulheres idosas residentes no bairro de Bancários, e na comunidade do Timbó. Como essas articulações se fazem presentes no cotidiano dessas mulheres e como elas se apresentam no curso de suas vidas são questões que nortearam minha reflexão.

A hipótese central deste trabalho é que as vivências atuais da velhice feminina são marcadas por processos de individualização, inesgotáveis mesmo com o avanço da idade e reveladores de que a velhice pode ser experimentada como uma fase da vida em que cabe a construção de si mesmo. Busco compreender, neste trabalho, como processos históricos e socioculturais se atualizam nas práticas cotidianas de senhoras dos segmentos médios e populares de nossa sociedade, concebendo “senhoras individualizadas”. Admito que tais processos sejam diversificados, mas podem ser evidenciados de várias maneiras nas trajetórias de vida dessas mulheres, em especial quando são analisadas as ‘configurações’(ELIAS, 2008) em que elas se situam juntamente com seus ‘outros significativos’, no caso desse trabalho, entre seus familiares, vizinhos de bairro e instituições.

Observar as práticas dessas senhoras a partir das configurações de suas redes de relações e de interdependências significa, segundo Elias(1994; 2008), abordá-las em seus processos de tensões entre permanências estruturais e transformações sociais. Tendo em vista que, como observa Elias, são nas redes macrossociais que os indivíduos interiorizam as normas sociais dos segmentos nos quais se inserem. No entanto, a interiorização de novas normas de comportamento não necessariamente eliminam as lógicas mais ‘tradicionais’, antes, segundo Brandão (2003), ao tratar sobre a os processos de individualização entre adolescentes das camadas médias do Rio de Janeiro, percebe-se um cruzamento de ambas as determinações. O desafio, para esta autora, e que também se aplica

neste trabalho, consiste em não cristalizar uma ou outra tendência, mas incorporar à análise desenvolvida o dinamismo que a realidade social apresenta.

Não pretendo aqui definir como se dão os processos de individualização entre mulheres idosas dos segmentos médios e populares. O grupo investigado não foi tomado como uma amostra destes segmentos. Também, não tomo tais processos como universais nem tampouco lineares, antes, procuro relativizá-los como recomenda a tradição antropológica. Mas, considero que esses processos se constituem em fortes tendências normativas de significativa capacidade de impregnação das representações e práticas sociais. Almejo discutir possibilidades de processos femininos de individualização e a partir deles refletir tanto sobre as variações das vivências de mulheres com idade acima de 60 anos, quanto sobre suas identidades e representações. Considero como observa Piscitelli (2005), que os resultados alcançados em pesquisas qualitativas, baseados em pequenas 'amostras' podem ser insuficientes para serem generalizados, mas são suficientes para contestar generalizações acerca dos temas pesquisados. Assim como os são para discutir pressupostos e conceitos tidos como definitivos nas ciências sociais.

Conforme observam Jaspars e Fraser (1984), as características fundamentais das representações é que elas são compartilhadas por muitos indivíduos e com isso se constituem numa realidade capaz de influenciar o comportamento individual. Mas por outro lado são constituídas no interior de múltiplas relações sociais e por meio dos processos de socialização, portanto, variam tanto em relação as características dos segmentos sociais nos quais os sujeitos se inserem, como em função do trânsito que ele realiza por entre estes diversos grupos, e em função das diferentes associações dos sistemas de valores que compartilham e que orientam suas ações.

As representações em torno da velhice feminina tem se multiplicado ao longo do tempo. Em campo pude observar algumas delas. Ao questionar sobre o que é ser uma mulher com mais de 60 anos algumas ideias vieram a tona entre as mulheres participantes, entre estas ideias destaco inicialmente: ser velha, ser idosa, da terceira idade, da melhor idade, ser avó e mãe ao mesmo tempo, ser aposentada, estar no fim da vida, ter tempo livre pra si, fazer o que gosta, ter experiência, etc. Estas ideias expressam a complexidade dos valores e dos mundos nos quais essas mulheres se inserem. Tais representações dizem respeito não

somente as suas ideias, mas também revelam possibilidades de identidades femininas nesta fase da vida, assim como apontam para diversos estilos de vida.

Ser da terceira idade, por exemplo, segundo Debert (1999), é ser um 'idoso jovem', mas também é encarar a velhice como um tempo ativo, experimentando coisas da vida que até então não foram possíveis de serem realizadas, como viajar, fazer cursos de artes, cuidar com mais empenho da saúde, praticar esportes, etc. Refere-se também a uma construção nova da velhice na qual a juventude é tomada como valor, e que se enfatiza a responsabilização do idoso e da idosa por seu próprio bem estar. De acordo com Lins de Barros (2004), ao se examinar o cenário no qual se desenvolve a terceira idade depara-se na verdade com a exacerbação dos princípios da ideologia individualista, mais comum, segundo ela, aos segmentos médios e altos da sociedade. De tal sorte que segundo esta autora, ao se analisar esta determinada representação da velhice é possível compreender a configuração dos valores e ideias que se localizam por trás dela e assim desvencilhar sobre em que bases se dão as vivências da velhice.

Foi a partir de tais colocações que procurei observar atentamente as representações em torno da velhice feminina, em meu campo de pesquisa, na tentativa de compreender os valores dominantes com os quais elas se associam. No caso do grupo investigado, apesar das diferenças culturais e sócio econômicas das mulheres, pude observar que nos dois segmentos a ideologia individualista coexiste com formas de representações e vivências da velhice menos individualistas e mais relacionais. Para cada uma das mulheres esses valores se articulam de uma forma diferenciada, no entanto, se evidenciou que as representações baseadas em modelos mais individualizados - divulgados pela mídia, estimulados pelos agentes de saúde, e compartilhados nos diversos ambientes de sociabilidade extra familiar em que essas mulheres se inserem - ganham destaque e fomentam práticas cotidianas que rotineiramente confrontam-se com os papéis tradicionalmente estabelecidos para as senhoras "de família e com mais de sessenta anos de idade".

O interesse pelo estudo das identidades femininas entre as mulheres participantes surgiu com o avanço da pesquisa, e com a compreensão de que as vivências cotidianas daquelas mulheres mais pareciam cenários nos quais "a luta por uma vida própria" ganhava lugar. Onde o desejo de "fazer o que se quer" associava-se ao desejo de "ser o que se quer", sendo estes desejos postos como umas das prioridades nesta fase da vida, mas não sem impedimentos, sem

constrangimentos. Ficou claro que a compreensão dos processos de individualização não se fazia sem que suas construções identitárias fossem levadas em consideração.

Tais evidências de campo encontraram ressonância na literatura. Especialmente nas colocações de Anthony Giddens pois segundo este autor:

As circunstâncias sociais não são separadas da vida pessoal, nem são apenas pano de fundo para ela. Ao enfrentar problemas, os indivíduos ativamente ajudam a reconstruir o universo da atividade social à sua volta. O mundo da alta modernidade certamente se estende bem além dos domínios da atividade individuais e dos compromissos pessoais [...] No entanto, ele também penetra profundamente no centro da auto-identidade e dos sentimentos pessoais. (GIDDENS, 2002.p.18 - 19)

Na modernidade o cotidiano da maioria dos indivíduos tem sido progressivamente marcado por incertezas e pelo surgimento de múltiplas possibilidades de escolhas. Até mesmo nos pequenos detalhes do dia a dia, inúmeras decisões devem ser enfrentadas. Conforme observou Giddens (2002) todas as escolhas diárias – o que comer, o que vestir, para onde ir, com quem nos encontrar, etc. - tem se constituído em decisões que dizem respeito não somente sobre como agir, mas também sobre quem ser. As identidades das mulheres participantes da pesquisa para esta tese então foram tomadas como construções subjetivas elaboradas em suas experiências. São manifestações de suas escolhas cotidianas, que expressam seus valores, e os estilos de vida que adotam na fase da vida em que se encontram.

Ao abordar a questão dos estilos de vida Mike Featherstone (1995) insere uma discussão sobre a cultura de consumo. Segundo este autor contemporaneamente os estilos de vida são transformados em projetos de vida a partir dos quais os indivíduos manifestam sua individualidade e senso de estilo na especificidade dos elementos contidos no conjunto de bens, roupas, práticas, experiências, aparências e disposições corporais destinadas a compor um estilo de vida. Tal perspectiva foi tomada nesse trabalho como referência. A fim de conhecer os estilos de vida das senhoras participantes, procurei observar e analisar aqueles elementos citados por Featherstone (1995).

Além de envolver conceituações sobre representações e identidades a perspectiva de análise deste trabalho também é baseada na abordagem do curso da

vida. De acordo com Hareven (1978), a abordagem do curso de vida é histórica por sua própria natureza, uma vez que associa as transições individuais de uma pessoa com as condições históricas em que elas se realizam. Tal abordagem se faz interessante para esse estudo na medida em que permite destacar não somente as circunstâncias históricas que cercaram as experiências individuais das mulheres envolvidas na pesquisa, mas também permite identificar os projetos individuais, as escolhas pessoais por elas tomadas ao longo da vida. Ao adotar este ponto de vista evidencio a relevância em se destacar a interação entre as trajetórias individuais e suas condições históricas. O curso da vida é aqui tomado como perspectiva analítica, como instrumento de análise mais adequado para dar conta das especificidades de experiências acumuladas pelas mulheres ao longo de suas trajetórias.

Optei por seguir uma perspectiva não linear do curso da vida (Pais, 2001; 2003), ainda que algumas regularidades nas trajetórias das mulheres tenham sido destacadas, especialmente entre as pertencentes ao mesmo grupo social. Essa opção se deu a partir das evidências em relação às incertezas, aos equívocos, e as constantes adaptações às circunstâncias da vida presentes nas narrativas de suas trajetórias. Assim como na observação de processos de escolhas que representaram retomadas de caminhos outrora abandonados (PAIS, 2001). Como por exemplo, a retomada dos estudos de alfabetização, entre algumas senhoras do Timbó, ou como a retomada de cursos universitários entre algumas senhoras de Bancários. Vale ressaltar ainda que tais processos de retomada, em última instância, também contribuíram para que fossem observadas mudanças, em maior ou menor intensidade, ao longo de suas vidas, na direção da busca por significados, para a vida, baseados na auto realização.

Os elementos empíricos utilizados nesta tese foram qualitativamente selecionados, entre os meses de setembro de 2010 a junho de 2011 e são provenientes de observações diretas, entrevistas semi estruturadas e relatos de trajetórias de vida, coletados junto a 13 mulheres com idade entre 60 e 70 anos. Sete destas mulheres residem em Bancários, e as demais na comunidade do Timbó. A caracterização dessas mulheres, como pertencentes aos segmentos médios e populares, não se deu tão somente sob o ponto de vista do lugar em que elas ocupam na estrutura produtiva. Analiso conjuntamente elementos como: espaço de moradia, condições e estilos de consumo, rendimento e escolaridade, práticas e

hábitos do cotidiano, na tentativa de levar em consideração concepções e instrumentos capazes de refletir tanto os aspectos objetivos quanto aqueles construídos ao nível da cultura. Como se perceberá, apesar das classificações recebidas, é marcante a heterogeneidade interna aos dois segmentos como também destacam alguns pesquisadores brasileiros, entre eles: Lins de Barros (1987) e Durhan (1984; 2004).

A discussão sobre os processos de individualização na velhice feminina neste trabalho segue a seguinte organização:

No capítulo 1 intitulado *Por uma vida própria: construindo uma abordagem sobre a velhice e os processos de individualização femininos*, procuro apresentar os principais conceitos e abordagens teóricas das ciências sociais e da história social em que foram apoiadas as discussões aqui empreendidas. Nesta parte da tese o leitor encontrará as referências dos principais estudos sobre as temáticas da individualização e da velhice feminina, passando pela produção científica de autores contemporâneos nacionais e estrangeiros, especialmente do contexto europeu.

Reservei ao capítulo 2, o qual denominei: *A pesquisa de campo e seus percursos*, a parte metodológica e a pesquisa de campo suporte desta tese. Nele descrevo como se deu o processo de constituição do grupo de interlocutoras, e discuto os procedimentos metodológicos utilizados em campo e na análise dos dados. Em uma de suas sessões trago algumas reflexões acerca do lugar do pesquisador em campo quando um recorte de idade se faz presente. A esse respeito desenvolvo a experiência de ser mulher “mais jovem” e pesquisar “mulheres de mais idade”.

O capítulo 3, intitulado: *Cenários. Os espaços da pesquisa suas caracterizações e vivências* traz uma breve apresentação dos cenários espaciais e sociais dessa pesquisa. A opção pelo estudo e a descrição dos locais de moradia relaciona-se com as caracterizações dos segmentos sociais pesquisados e com a apreensão de seus modos de vida. A localidade suas características e práticas são utilizadas como aspectos definidores da composição dos segmentos nos quais se inserem as mulheres participantes da pesquisa.

O capítulo 4 foi reservado às experiências particulares de individualização das mulheres participantes da pesquisa. Este capítulo intitula-se *Trajetórias de vida e de individualização: entre viver para si e viver para o outro*. Nele o leitor poderá acompanhar do ponto de vista das próprias mulheres, através de suas narrativas, o

desenvolvimento de diferentes experiências de individualização. A partir de uma abordagem diacrônica e da articulação das trajetórias familiares, educacionais, profissionais, assim como das trajetórias habitacionais pretendo neste capítulo analisar cada biografia individual enfatizando os percursos que a individualização feminina tomou no contexto particular da vida dessas mulheres.

No quinto capítulo, intitulado: *Interpretando as narrativas biográficas* procuro tomar as referências teóricas das discussões sobre individualização e envelhecimento, matizadas pela categoria de classes, gênero e geração para analisar as experiências biográficas apresentadas no capítulo anterior. Atentando para as similitudes e diferenças entre elas observando as características sociais que situam os sujeitos em contextos socioeconômicos específicos e que interferem em seus processos de individualização.

Capítulo 1

Por uma vida própria: construindo uma abordagem sobre a velhice e os processos de individualização femininos.

A temática da individualização se configura como um viés analítico necessário à discussão da vida nas sociedades complexas¹ moderno-contemporâneas como atestaram os clássicos da sociologia - Durkheim e Weber - assim como Simmel e Elias e autores mais contemporâneos, como Giddens e Ulrich Beck, entre outros. Que guardadas suas especificidades teóricas, concordam de maneira geral, com a ideia de que essa é uma questão resultante da complexa divisão social do trabalho, da industrialização e crescente urbanização, da extrema diferenciação e heterogeneidade cultural que vem marcando a sociedade principalmente a partir do século XIX. E que tem ganhado novas nuances e dimensões a partir dos avanços tecnológicos e informacionais mais recentes.

As complexas associações entre individualização e modernidade ou modernidade avançada presentes respectivamente nas obras desses pensadores sociais clássicos e contemporâneos, sejam elas elaboradas ao nível dos costumes e dos estilos de vida ou como ideologia, são aqui incluídas como fundamentais para a compreensão da construção social da realidade das mulheres idosas pertencentes aos segmentos médios e populares de João Pessoa.

Como ficará evidente minha rota de compreensão da individualização na velhice feminina foi norteadada não somente pelas perspectivas sociológicas, mas também pelas contribuições da antropologia e da história social. Uma apresentação das ideias, em torno dos significados de 'individualização', de pensadores destas três áreas constitui, essencialmente a primeira sessão deste capítulo. Na segunda sessão discuto as questões da individualização feminina no Brasil, ressaltando as mudanças na condição de vida das mulheres ao longo dos séculos XIX e XX e destacando as diferenças apontadas pela história referentes aos modos de vida das mulheres dos segmentos populares e mais aristocratizados. Na terceira sessão procuro abordar o curso da vida com ênfase nas categorias de gênero e de idade nas quais se concentra esta tese. A quarta sessão traz uma discussão sobre as questões em torno da velhice feminina abordadas na literatura das ciências sociais.

¹ No sentido utilizado por Velho (2008).

Nesta sessão enfatizo alguns elementos sobre a condição feminina e a velhice no Brasil levantando algumas questões que me orientaram na busca pelos elementos próprios da cultura de uma vida para si, ou de uma vida individualizada, que as idosas, dos segmentos médios e populares de João Pessoa, constroem por meio de suas práticas cotidianas e compartilham entre si. Finalmente na quinta sessão procuro discutir a temática do corpo na velhice feminina, observando os significados da velhice feminina transmitidos pelas formas corporais de apresentação da idade.

1.1 Individualizações: dos costumes aos estilos de vida, na família e na ideologia.

A sociedade moderna existe em sua atividade de 'individualizar', assim como as atividades dos indivíduos consistem na remodelação e renegociação, dia a dia, da rede, de seus emaranhados mútuos, chamada 'sociedade'. (BAUMAN,2008.p.62)

A discussão que se coloca como pano de fundo em torno da questão da individualização neste trabalho refere-se a velha relação, entre 'indivíduo' e 'sociedade'. Reconhecidamente como uma relação fundamental da sociologia, desde Durkheim, para quem há uma separação clara entre indivíduo e sociedade e passando por Elias, que anuncia essa relação em termos de reciprocidade, até os autores mais contemporâneos, como Ulrich Beck, segundo o qual uma nova imediação entre indivíduo e sociedade se faz presente na atualidade, trata-se da imediação do risco.

A capacidade de mudança tanto da sociedade quanto do indivíduo é marcadamente registrada entre esses principais teóricos. E como bem observou Elias (1994), padrões diferenciados na própria organização da sociedade, ou seja, na relação sociedade e indivíduo, relacionam-se com formas também diferenciadas de individualização. O que justifica sua multiplicidade de significados e suas variações ao longo da história. Proponho então para as próximas linhas uma revisão desses principais significados, e uma caracterização desse processo em sua fase atual.

Através de seu *Processo Civilizador* Elias constata mudanças comportamentais fundamentais, 'dentro de cada pessoa' e nas relações sociais, ao

longo da história ocidental, principalmente após o século XVII, caracterizadas pelo crescente autocontrole dos afetos humanos e pela negação e transformação de seus instintos. Os impulsos individuais mais espontâneos passaram a ser cada vez mais reprimidos, não somente pelos próprios indivíduos, mas também pelas instituições sociais, especialmente pelo Estado e pela família. Segundo Elias (1994), no curso desse processo os indivíduos se veem impedidos de manifestar sua intimidade, sentem-se privados, ou internamente separados das outras pessoas, relacionando-se com elas apenas exteriormente. Tendo em vista essa privatização - “que desperta no indivíduo a sensação de ser internamente uma coisa totalmente separada, de existir sem relação com outras pessoas” (ELIAS, 1994.p.103) - este autor conclui que a outra face do processo de civilização é o processo de individualização.

E quanto mais variada e difundidamente essas forças instintivas são contidas, desviadas e transformadas – primeiro pelo amor e medo dos outros, depois também pelo autocontrole -, mais numerosas e pronunciadas se tornam as diferenças em seu comportamento, seus sentimentos, seus pensamentos, suas metas, e, inclusive suas fisionomias maleáveis: mais individualizados tornam-se os indivíduos. (ELIAS, 1994.p.117)

Como observa Bauman (2008), a obra postumamente publicada de Norbert Elias, *A Sociedade dos Indivíduos*, representa um marco importante na leitura sobre a relação ‘indivíduo’ e ‘sociedade’. Elias inova ao substituir o ‘e’ e o ‘versus’, pelo ‘de’, e ao realizar isso, defende uma relação recíproca, segundo a qual, a sociedade participa da formação da individualidade de cada membro que dela faz parte, e em contrapartida os indivíduos, inseridos na rede de suas dependências, colaboram na formação da sociedade a partir de suas ações, escolhas e estratégias plausíveis.

Em sua análise histórica Elias observa que a crescente diferenciação da sociedade, e a conseqüente individualização dos indivíduos, o desejo de distinguir-se das demais pessoas passa a ser um ideal para todos. A sociedade moderna incita no indivíduo um desejo de se destacar, de ser diferente, de andar com as próprias pernas. Mas isso não é natural, é algo, segundo este autor, desenvolvido através de uma aprendizagem social. A pessoa não escolhe livremente esse ideal em detrimento de outros. Para Elias, “ele é o ideal socialmente exigido e inculcado

na grande maioria das sociedades altamente diferenciadas” (ELIAS,1994, p.118). Assim, na modernidade, a individualidade de cada pessoa, “não é simplesmente dada pela natureza”, antes, ela é constituída no decurso de um longo processo social, o processo de individualização.

Ainda de acordo com Elias é possível destacar a partir desse processo atributos positivos e negativos da composição humana. Sobre os primeiros este autor enfatiza “o orgulho que tem as pessoas altamente individualizadas de sua independência, sua liberdade e sua capacidade de agir por conta própria e decidir por si” (Elias, 1994, p.108). Sobre os negativos, Elias realça o isolamento, e uma radical solidão. Tais atributos, como se verá mais adiante, surgem como elementos que se refletem nos modos de vida desenvolvidos pelas mulheres da pesquisa.

Outra questão que surgiu em campo e que é abordada no trabalho de Elias, assim como em Simmel, e em outros autores, especialmente nos da Escola de Chicago, que apareceu de forma muito clara na pesquisa, refere-se as transformações nas formas de vida com a mudança das sociedades rurais em sociedades urbanas. Estes autores discutem deste modo sobre o ambiente no qual se desenvolve e se acirra o processo de individualização.

Assim como Elias (1994), Simmel (2005) e Wirth (1976), analisaram as mudanças operadas nos modos de vida com a intensificação dos processos de urbanização decorrentes da revolução industrial. Suas análises trazem discussões relativas as transformações entre sociedades simples e sociedades complexas. Em tais discussões a noção de indivíduo é posta em confronto com a noção de “nós”, a noção de coletividade. A vida nas grandes cidades, diferentemente daquela desenvolvida em pequenas comunidades, oferece aos indivíduos maior sensação de liberdade, de poder tomar decisões próprias, a partir das múltiplas possibilidades que lhes são apresentadas, conforme acrescenta Elias.

Nas comunidades primitivas e unidas, o fator mais importante do controle do comportamento individual é a presença constante dos outros, o saber-se ligado a eles pela vida inteira e, não menos importante, o medo direto dos outros. Os indivíduos mal sentem alguma oportunidade, desejo ou possibilidade de tomar decisões por si ou de conceber qualquer pensamento sem a constante referência ao grupo. Isso não significa que os membros desses grupos convivam harmoniosamente. É comum ocorrer o inverso. Significa apenas que – para usar o termo que convencionamos – eles pensam

e agem primordialmente do ponto de vista do “nós”. A composição do indivíduo adapta-se ao constante convívio com os outros a quem o comportamento tem que ser ajustado. Nas sociedades industrializadas, urbanizadas e densamente habitadas, os adultos têm muito mais oportunidade, bem como necessidade e capacidade, de ficar sozinhos, ou pelo menos aos pares. Escolher por si entre as muitas alternativas é exigência que logo se converte em hábito, necessidade e ideal. (ELIAS, 1994, p.108)

Esse confronto, eu/nós (indivíduo/sociedade), no trabalho de Simmel, especialmente em *As grandes cidades e a vida do espírito*, surge como problema principal da vida social urbana na modernidade. E pode ser analisado através do que este autor denomina de ‘atitude de reserva’. Tendo em vista a intensidade e velocidade da vida nas grandes cidades, esta atitude se constitui para os indivíduos, segundo Simmel, em uma lógica de comportamento, ou melhor, de sobrevivência, nas grandes cidades.

Considerado nivelador universal, o dinheiro, e a economia monetária - somados a grande diferenciação, ao intelectualismo e heterogeneidade da “multidão” de habitantes que constitui as grandes cidades – proporcionam aos indivíduos modernos extrema objetividade e despersonalização nas relações sociais. É em função de tudo isso, que, para Simmel, os indivíduos, também desenvolvem mecanismos de individualização, observados no comportamento de reserva. Trata-se, segundo Simmel, de

uma barreira interior entre os homens, que torna possível contudo a forma de vida moderna. Pois a aglomeração e a confusão do movimento das cidades grandes seria simplesmente intolerável sem aquele distanciamento psicológico. Que alguém se veja cercado por um número tão grande de homens, como a cultura citadina atual promove, com seu movimento comercial, profissional e social, seria completamente desesperador para o homem moderno, sensível e nervoso, caso aquela objetividade do caráter do movimento não trouxesse consigo um limite e uma reserva interiores. A monetarização das relações – explícita ou travestida de mil formas – cria uma distância funcional, invisível entre os homens, que é uma proteção interior e uma compensação diante da proximidade ameaçadora e dos atritos de nossa vida cultural. (SIMMEL, G.p..664-665. Apud, WAIZBORT, 2000. p.325).

Enquanto Elias associa os processos de individualização ao processo histórico de civilização, às mudanças comportamentais, à evolução do autocontrole

humano em direção aos costumes regrados, à polidez. Simmel vê a individualização como distanciamento subjetivo, como reserva psicológica funcional e necessária à vida moderna. Inserindo nessa discussão a ideia de distância e proximidade, uma ambiguidade inerente a modernidade e à vida nas grandes cidades, que envolve proximidade corporal e distância espiritual (interior, subjetiva). Neste sentido, Waizbort (2000) observa que para Simmel, a individualização se constitui em um dos modos de estilização dos comportamentos, trata-se assim de um estilo de vida, no qual se sobressai o espírito de auto conservação. A individualização assim, enquanto estilo e estratégia de vida na cidade grande, “que aparece como dissociação, é na realidade apenas uma de suas formas elementares de socialização.” (SIMMEL, G. p.198. Apud, WAIZBORT, 2000. p.330).

Conhecido leitor de Simmel no Brasil, o antropólogo Gilberto Velho, traz a ideia de individualização associada ao estudo da família, mais especificamente a família nuclear. Para este autor, a individualização é compreendida como processo social no qual os indivíduos - agentes empíricos - se destacam de categorias sociais mais amplas ou do todo social, como a família, por exemplo.

A partir de tal compreensão, Gilberto Velho (2008), revela, através de suas leituras, especialmente de Luis Dumont e Marcell Mauss, que nem todas as culturas desenvolvem uma ideologia individualista, nos termos do Ocidente moderno, como demonstrou Dumont. Mas a princípio, em toda sociedade moderna, ainda que a hierarquização seja predominante, existe a possibilidade de individualização. No entanto, também em todas elas existirão suas regras e seus limites, pois esse processo, “não se dá fora de normas e padrões por mais que a liberdade individual possa ser valorizada.” (VELHO, 2008, p.26).

O trabalho de Gilberto Velho (2008) traz contribuições fundamentais para a questão da individualização tratada nesta tese, uma vez que, a ênfase de análise sobre a individualização na velhice feminina, aqui desenvolvida, se dá fundamentalmente em contraponto com as relações familiares das mulheres pesquisadas. A tensão entre individualização e a inserção familiar surgiu como elemento marcante nos relatos das trajetórias de vida das mulheres. O tom discursivo de suas narrativas indica, em graus variados, segundo as particularidades de suas trajetórias, suas representações e as especificidades de suas famílias, a prevalência dos significados atribuídos ao indivíduo como ser ímpar, autônomo e independente, e a reflexividade como uma constante observação de si e de seu

lugar nas relações sociais. Ainda que essa prevalência tenha sido verificada com mais força no grupo de mulheres do segmento médio, não excluiu as inúmeras expressões das mulheres do grupo popular demonstrando a mesma disposição, o leitor poderá verificar isso com mais precisão no capítulo quatro desta tese.

As diferenças de classe que se inserem nesse debate também merecem atenção. Alguns pesquisadores brasileiros - Heilborn (1984), Duarte (1987), Sarti (2005) – que tiveram as camadas populares como objeto de investigação, verificaram, que neste grupo, a família, o todo coletivo, é uma referência simbólica fundamental para pensar, organizar e dar sentido ao mundo social, dentro e fora do âmbito doméstico. Por outro lado, Velho (2008), Lins de Barros (1987), entre outros pesquisadores, ressaltam a ênfase individualizante dos segmentos médios - mais psicologizados, nos termos Velho(2008) - nos quais, segundo estes pesquisadores, a autonomia individual é mais valorizada.

Por enquanto, me atenho a dizer que a tendência, no universo de mulheres aqui pesquisado, e não somente em um ou outro grupo, foi a de tratar a própria vivência como relações sociais marcadas por tensão, conflito e negociação em que pesam os preceitos hierárquicos e relacionais da família e os ideários individualizantes confluentes com as práticas da terceira idade.

Essas questões dizem respeito ao modo segundo o qual o forte caráter relacional presente na sociedade brasileira (DAMATTA, 1991), se associa a “cosmologia moderna”. Segundo DaMatta (1991) a família é um elemento significativo na constituição da individualidade dos brasileiros, especialmente das mulheres. Ao discorrer sobre “a casa e a rua”, em sua busca por responder a questão: “o que faz Brasil Brasil?” Damatta (1986), observa que os brasileiros, de maneira geral, valorizam as “tradições de família”, valorizam os símbolos coletivos que distinguem suas residências, mesmo no “Brasil urbano e moderno”, e ainda que a ideologia individualista tenha ganhado maior expressividade na cultura brasileira especialmente após os anos 1960. A ideia de residência no Brasil, de acordo com esse autor, “é um fato social totalizante”, no sentido de que, aqui, quando se fala de casa, faz-se referência a um “espaço profundamente totalizado numa forte moral. Uma dimensão da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas.” (DAMATTA,1986, p.24-25). Trata-se do espaço da família e do conjunto de valores que a ela se associa.

Nesta mesma direção, é interessante ressaltar que, como aborda Velho (2008), a maneira como damos nomes às pessoas em nossa sociedade pode ser uma forma de observar a expressividade do grupo familiar na constituição da individualidade dos sujeitos. *João da Silva*, o primeiro nome, guarda a princípio a individualidade da pessoa, mas o sobrenome inclui o indivíduo, neste caso, João, numa categoria mais ampla, a família da Silva. Vale lembrar, no entanto, que muitas vezes o primeiro nome registra uma homenagem a alguém, o pai, avó, ou outros parentes. De tal sorte que o nome da pessoa frequentemente se reveste por completo da referência familiar. No Brasil, e especialmente no nordeste brasileiro, ainda salta aos olhos a força e o peso da identificação familiar, e até mesmo do nome familiar na individualidade e na história de vida das pessoas, como ficou registrado nos relatos de vida das mulheres participantes da pesquisa desta tese assunto que também será discutido nos próximos capítulos.²

A questão da individualização associada à discussão sobre a família contemporânea vem sendo abordada pelo sociólogo francês, François de Singly nos últimos anos. Para este autor a individualização é um conceito chave na sociologia da família contemporânea. Autor e organizador de livros como *Família et individualisation (2001)* e *Sociologia da família contemporânea(2007)*, Singly defende a tese de que a família contemporânea ocidental gradativamente tem se transformado num espaço privado a serviço dos indivíduos.

Em seus trabalhos Singly reafirma o lugar central da família na construção da identidade individualizada, pois, segundo ele, as relações de interdependência, as relações afetivas e pessoais, empreendidas na família, são necessárias para que cada membro possa construir a si mesmo. Ou seja, a identidade pessoal depende do diálogo nem sempre harmonioso, com o próximo: com o cônjuge, com os pais, filhos, netos, irmãos, enteados, padrastos, vizinhos, enfim, aqueles com os quais os indivíduos se relacionam mais intimamente, são estes seus “outros significativos”. De acordo com Singly, a família continua contribuindo para a reprodução biológica e social da sociedade, mas além destas funções contemporaneamente ela tem acumulado uma outra, igualmente

² Ver Freyre (2004). “No Brasil quase ninguém sabe o nome da mulher de José Bonifácio, ou da esposa de Pedro Araújo de Lima” (Freyre, 2004.p.224). Tais mulheres eram tão somente: sra. Bonifácio, sra. Araújo de Lima. Além do caráter patriarcalista presente na sociedade brasileira tradicional, observa-se junto a ele a representatividade familiar predominante.

importante, a função de auto-revelação de seus membros, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos.

A existência do indivíduo contemporâneo depende do apoio dos seus outros significativos. Devido a isso, a família para Singly (1996; 2001; 2007) é compreendida como um espaço não somente das relações afetivas mas também de socialização e de individualização. É deste modo que o processo de individualização na compreensão deste estudioso francês, não se refere a um processo de isolamento do indivíduo, ou da eliminação das relações sociais. O indivíduo individualizado, “não é um indivíduo desligado de todos os elos e do social” (SINGLY, 2004, p.11). Como se verá posteriormente conhecer e discutir sobre as relações das mulheres envolvidas na pesquisa com seus outros significativos trouxe reflexões fundamentais na compreensão da individualização que desenvolvem. A discussão sobre individualização em de Singly (1996; 2001; 2007) considera a categoria ‘relacional’ constituinte do processo de individualização.

Considero as análises de Singly válidas para esta tese, pois este autor parte de fenômenos que não são exclusivamente europeus - como: as transformações nas relações de gênero, maior controle da natalidade, inserção massiva das mulheres no mercado de trabalho, a diminuição dos casamentos, o aumento do número de divórcios, etc. – estão também presentes na realidade social brasileira, como mostram a síntese dos indicadores sociais brasileiros (IBGE, 2009), alguns trabalhos sobre a demografia brasileira (CAMARANO, 2004), bem como trabalhos de cunho qualitativo, tais como Salem (2006), Almeida(2009) entre outros.

Para Singly (2001), a família moderna presente até os anos 1960 caracterizava-se pela lógica do grupo, e baseava-se no amor. Nela a instituição do casamento era mais valorizada do que na atualidade, e os papéis familiares - os pais trabalhavam para o sustento, e as mulheres se ocupavam da casa e dos cuidados com os filhos – eram tidos como fundamentais para sua estabilidade. A obediência era regra fundamental na criação das crianças. Já nas famílias contemporâneas, as quais Singly (2001) chama de família moderna 2, a lógica do amor se impôs ainda mais. A maior autonomia entre os cônjuges faz com que a principal, e muitas vezes exclusiva condição de permanecerem juntos seja o fato de se amarem. A relação entre pais e filhos, passou a ser baseada cada vez mais na negociação. A educação familiar se transformou, no sentido da depreciação da obediência e na valorização da iniciativa, da criatividade, da autonomia, e satisfação pessoal.

O Espírito de autonomia e independência do modelo familiar moderno 2, segundo Singly (2001), atinge todos os membros da família, das crianças aos mais idosos. Ainda que estes últimos, e especialmente as mulheres, nascidas entre as décadas de 1930 a 1950, como as participantes da pesquisa para esta tese, tenham sido socializadas como suas mães, ou seja, sob um modelo de mulheres dependentes e heterônomas. No trabalho, *Être soi d'un age à l'autre, Singly*, investiga os processos de formação de si nas diferentes fases da vida. Segundo este autor, nesta obra, a afirmação de si é um processo infundável, não se restringe a um só momento, sendo também permitida na velhice e por isso envelhecer não deve excluir a auto reflexão e a individualização. Como ficou evidente nas práticas e nas narrativas de vida das minhas interlocutoras.

Envelhecimento é um processo que não deve de modo algum excluir a auto exploração (Caradec,2001). Sempre incompleta esta última é uma história que não pode ser descrita segundo um ciclo em função de etapas idênticas para todos, de ritos de passagem, ela consiste em uma experiência de longa acumulação de tomadas de consciência, pautadas por crises, por momentos críticos (Strauss,1992), diferentes para cada um. (SINGLY,2001 a. p.9)³

Para este autor, além das dimensões da autonomia e da independência a ideia de individualização também destaca a noção de originalidade. Essa dimensão aponta para a ideia de que “nossas vidas não são tão somente modeladas em conformidade com os requisitos exteriores” (SINGLY, 2001). Segundo este autor, todos, inclusive os idosos, são portadores de vontades, opiniões e posições próprias que também interferem em seus processos de individualização.

Na esteira de Singly e tratando sobre o tema da individualização entre adolescentes dos segmentos médios do Rio de Janeiro, Elaine Brandão (2003), considera a família como instância privilegiada de suporte para individualização das meninas adolescentes. Segundo ela, o jovem só se constrói a partir de relações sociais que têm na família e na relação afetiva e sexual entre seus pares. A individualização é assim, segundo essa autora, concebida no âmbito de um processo de inter-relações estabelecidas em diversas instâncias de socialização. A

³ Viellir est un processus qui ne doit à aucun titre exclure l'exploration de soi (Caradec,2001). Toujours inachevée, cette dernière a une histoire qui ne peut pas être décrite selon un cycle, em fonction d'étapes identiques pour tous, de rites de passage, elle correspond davantage à une expérience de longue accumulation de prises de conscience, ponctuée par des crises, des moments critiques (Strauss,1992), différents pour chacun.

autora concorda dessa forma com a perspectiva de Fañçois de Singly, para quem a família é investida de importância não só enquanto instituição social, mas primordialmente como locus relacional, ou seja, como espaço de construção intersubjetiva do indivíduo (SINGLY, 1993; 1996).

As considerações de Singly (2001) relativas as singularidades individuais nos processos de individualização e envelhecimento associadas a crises particulares, remete essa discussão a questão da individualização tal como tratada por Beck e Beck-Gernsheim (2003). Estes autores trabalham a temática da individualização tendo como pano de fundo a ambiência cultural da alta modernidade, a sociedade do risco. Para eles tal temática é considerada a chave para a compreensão da sociedade contemporânea, pois ela descreve a uma nova relação entre indivíduo e sociedade na atualidade. Segundo Beck (2010), essa relação atualmente repousa sob um sistema de valores na qual desponta uma nova ética, a ética frente ao risco, baseada nos princípios dos deveres para consigo mesmo. Isto, segundo este autor, representa um contraponto fundamental com a “ética tradicional”, cujos deveres expressavam uma lógica eminentemente social com vistas à harmonização do indivíduo com o todo.

Nos anos cinquenta e sessenta as pessoas respondiam clara e inequivocamente à questão sobre que objetivos buscavam: uma vida feliz com a família, planos para a casa própria, o carro novo, uma boa educação para as crianças e com a elevação do padrão de vida. Hoje muitos falam uma outra língua, que - forçosamente vaga - se revolve em torno da realização pessoal, da busca da própria identidade, com objetivos tais como “o desenvolvimento das potencialidades pessoais, ou estar sempre em movimento”. Isso não se aplica de modo algum a todos os grupos populacionais na mesma medida. Essa mudança é fundamentalmente um produto da geração mais jovem, de uma melhor educação e de uma renda mais alta, enquanto as porções mais velhas, mais pobres e menos educadas da população permanecem claramente ligadas ao sistema de valores dos anos cinquenta. (BECK, 2010, p.144, 145)

Isso não significa dizer que para Beck, a individualização contemporânea pressuponha um processo de isolamento social dos indivíduos. Mas caracteriza novas formas de inserção social, a partir da ideia de que “o indivíduo mesmo (homem ou mulher) converte-se em unidade reprodutiva do social no mundo da vida”. (BECK, 2010, p.110). Compreende-se com isso que no interior e exterior de

suas famílias os indivíduos são atores que procuram construir suas próprias existências, organizando e planejando sua própria biografia.

É imprescindível enfatizar que as perspectivas desses autores dizem respeito a sociedades modernas e altamente diferenciadas. Não se pretende aqui aplicar suas abordagens de forma direta, sem considerar as diferenças de contextos sociais. Ainda que se entenda que em nossa sociedade a realidade de um Estado de Bem Estar Social não se realizou e que nossa experiência de modernidade caracteriza-se como seletiva e periférica (SOUZA, 2000), é possível perceber alguns sinais da sociedade de risco e da modernidade reflexiva, analisadas em Beck (2010), em nossa realidade social, como mostram alguns estudos. (FRANCH,2008; MULLER, 2008; IANNI, 2010) Assim como também é possível tomar algumas de suas considerações sobre individualização, especialmente quando parte de diagnósticos sobre mudanças nas condições femininas analisadas na Europa, quanto ao acesso a educação e ao trabalho e a repercussão dessas transformações sobre suas novas possibilidades biográficas, que não são tão estranhos as mudanças verificadas entre as mulheres brasileiras como observou alguns estudiosos, entre eles, Gambarotto (2009) e como se verificou em campo.

As análises sobre a individualização de Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2003), assim como Singly (2001; 2007), também se articulam com as análises sobre a família, de modo a refletir suas mudanças e os efeitos da individualização nesta esfera da vida social. Ambos autores defendem a ideia de que o processo de individualização em sua roupagem contemporânea, não corresponde a situações de isolamento do convívio social, conforme o trecho a seguir:

Certamente, o estereótipo corrente proclama que a individualização gera uma sociedade de “primeiro eu”, mas como mostraremos adiante, esta é uma falsa imagem e unilateral do que realmente ocorre na família, nas relações de gênero, no amor, no sexo, na juventude e velhice. [...] Qualquer um que queira viver uma vida própria também deve ser socialmente sensível. (BECK E BECK-GERNSHEIM, 2003.p.31)⁴

⁴ “Ciertamente, el estereotipo al uso proclama que la individualización genera una sociedad de “primero yo”, pero, como intentaremos mostrar más adelante, esto es una imagen falsa y unilateral de lo que ocurre realmente en la familia, en las relaciones de género, en el amor, en el sexo, en la juventud y en la vejez. [...] Cualquiera que quiera vivir una vida propia debe ser también socialmente sensible en grado elevado.”

Aqui admito que se o processo de envelhecimento não elimina dos indivíduos mais velhos a reflexão sobre si também não os exclui da capacidade de individualizar-se, e não os exime da ética do risco. Em campo me importou verificar como cada uma das mulheres desenvolviam essa auto reflexão e como se comportam frente aos riscos do próprio envelhecimento.

“Viver uma vida própria” é uma expressão fundamental na compreensão da noção de individualização em Beck e Beck-Gernsheim (2003), e essencial na discussão desta tese. Privilegiando as transformações da condição feminina em suas análises esses autores retomam as formas de vida feminina no século XIX e XX, e observam que naqueles anos a vocação das mulheres consistia na permanente disposição em “viver para a família”, segundo eles, elas deveriam renunciar a si mesmo. Compreendem que a situação atual é bastante distinta daquela verificada no passado. Hoje, as mulheres têm alcançado cada vez mais espaço na concretização de objetivos próprios, tem tido expectativas de vida para além da esfera familiar. Apesar de que, continuam sendo delas a maior carga das tarefas familiares.

A análise assim sobre individualização nestes autores também pode ser pensada sob a ótica da investigação da passagem de “viver uma vida para os demais” às grandes ou pequenas expectativas de “uma vida própria”. E o recurso de análise utilizado por eles é essencialmente as tendências de mudanças objetivas e subjetivas da condição feminina em três âmbitos da vida social: a educação, o trabalho e as relações afetivas.

Segundo os autores, a educação é a chave no processo de conscientização que permite a mulher fazer frente ativamente a sua própria condição. Com a expansão das oportunidades educativas as mulheres têm adquirido maior capacidade para reconhecer as especificidades e restrições dos contextos sobre os quais se desenvolve sua vida e enfrentar suas próprias situações. As oportunidades educativas abriram novas perspectivas de vida para as mulheres, aquelas que tiveram acesso ao ensino deixaram de se preparar apenas para o casamento, e passaram a projetar e participar de atividades satisfatórias que lhes proporcionassem o próprio sustento.

Com relação as atividades de trabalho os autores observaram que desde o século XIX, as diferenças de classe também marcavam a participação feminina nesta esfera da vida social. O modelo burguês dos papéis sociais tradicionais, quase

não se aplicava as classes mais empobrecidas. Tendo em vista os reduzidos salários dos homens, as mulheres das camadas mais pobres quase sempre possuíam uma atividade laboral, no entanto informal e com baixos pagamentos.

A participação feminina burguesa no mercado de trabalho avançou, conforme os autores, com a redução produtiva do trabalho em família. A família se mostrou cada vez menos capaz de oferecer sustento as mulheres não casadas. Contudo, essas atividades laborais das mulheres burguesas só duravam até o casamento. Somente após as crises econômicas dos anos 1920 e 1930, com as guerras mundiais, e especialmente com a disseminação dos métodos contraceptivos nos anos 1960, o número de mulheres trabalhadoras aumentou consideravelmente nos países industrializados, e o trabalho passou a se configurar como atividade mais permanente na vida das mulheres, favorecendo na reconfiguração coletiva das atividades e papéis femininos em tais países.⁵

O trabalho proporcionou para as mulheres não somente uma atividade fora de casa, mas uma atividade que lhes oferece dinheiro, e dinheiro próprio. E com ele maior autonomia. “O dinheiro permite fazer planos e satisfazer desejos relacionados com a própria pessoa [...] enquanto o trabalho dentro de casa é invisível, o trabalho fora dá um fruto tangível que se pode ver plasmado em nossa conta bancária.” (BECK E BECK-GERNSHEIM, 2003.p.133)⁶.

Assim para a mulher de classe média do século XIX, segundo estes autores, a vida cotidiana decorria quase sempre em torno da família. Ela era protegida pela família e não lhe sucedia surpresa alguma. Ao projetar-se no trabalho, a mulher passou a se expor ao mundo exterior e aos perigos a ele inerentes. Experimentando com isso, enquanto pessoa individual e dona de uma conduta própria - num mundo não mais exclusivamente regulado pela necessidade de “viver para os demais” - o enfrentamento das pressões e exigências modernas.

No tocante as relações afetivas, especialmente as sexuais e conjugais, os autores, atentam para o fato de que as mulheres do século XX terem conseguido mais direitos e autonomia sobre seu próprio corpo e, sobretudo, sobre a configuração de sua própria vida. A liberdade de escolha de ser ou não mãe,

⁵ Os autores discorrem sobre a situação do trabalho feminino na Alemanha, trago algumas de suas referências mais gerais, as quais considero também pertinentes, ou pelo menos similar, a história do trabalho feminino no Brasil, tendo em vista leituras feitas em Rago (2008) e Giuliani (2008).

⁶ Tradução minha.

modificou profundamente a condição feminina no que se diz respeito em alcançar uma vida própria.

Outro processo, apontado pelos autores, que modificou profundamente os relacionamentos foi o divórcio. A autonomia conquistada no mercado de trabalho, associada às novas regras matrimoniais permitiu as mulheres a condição de escolher ou não a continuação da vida conjugal. Os crescentes índices de divórcios e crescente inserção feminina no mercado de trabalho, segundo as pesquisas de Beck e Beck-Gernsheim (2003) na Alemanha, indicam entre outras coisas a maior exigência de homens e mulheres por uma vida própria sólida em associação com o cônjuge. “Enquanto o ‘viver para os demais’ era a o único horizonte que havia na vida, a mulher estava atada incondicionalmente ao matrimônio. Mas agora, que ela se considera uma pessoa independente, pode decidir viver sozinha, por conta própria, ao invés de viver infelizmente em regime conjugal.” (BECK E BECK-GERNSHEIM, 2003, p.150)

Tendo em vista esse conjunto de transformações na vida social, Beck e Beck-Gernsheim (2003), concluem que as mulheres passaram a viver na contemporaneidade “a ética da realização pessoal”. Procurando satisfações próprias, elas desenvolveram formas criativas de lidar com diversas atribuições, uma vez que, cada uma em particular, tem que desenvolver sua própria biografia e organizá-la em relação aos demais com os quais elas convivem. A biografia feminina assim deixou de ser um dado, para ser uma a tarefa. Uma das características mais fortes dessa noção de individualização elaborada por esses autores é a expressiva participação e responsabilização dos indivíduos na construção de suas vidas. Arcar com as consequências dessa tarefa, seus sucessos ou fracassos, faz parte do jogo social. “Viver uma vida própria” envolve, pois, aceitar a responsabilidade dos infortúnios pessoais e dos acontecimentos não previstos. Se de um lado uma vida própria significa liberdade, autonomia, de outro, diz respeito a maior exposição ao risco. Os indivíduos tornam-se responsáveis por suas próprias histórias. E para não fracassar devem saber adaptar-se as mudanças, improvisar, inventar novas saídas.

Individualizar-se não implica que as pessoas não dependam de nada nem de ninguém, ou que não possuam vínculos familiares, afetivos e que não pertençam as redes sociais. O sujeito individualizado, aquele que vive uma vida para si, segundo Beck e Beck-Gernsheim (2003), também estabelece relações, comunicações, e interações em diferentes cenários da vida social. No processo de

libertação das instituições tradicionais, surgem simultaneamente novas dependências, “do mercado de trabalho, da educação, do consumo, das regulamentações e provimentos previdenciários, do planejamento viário, de ofertas ao consumo, de novas possibilidades e de modismos no âmbito do aconselhamento e do acompanhamento médico, psicológico e pedagógico” (BECK, 2010, p.111). E é isso que constitui, segundo Beck (2010), as contradições relativas ao processo de individualização.

A individualização diz respeito a um processo contraditório de socialização, na medida em que um processo que valoriza a realização pessoal. Ou pelo menos, como diria Touraine, “não se trata de consagrar-se ao serviço de uma grande causa, senão antes de tudo, de reivindicar seu direito a existência individual.” (TOURAINÉ, 1997, p.65).

A ideia de uma vida própria em Beck e Beck-Gernsheim (2003) envolve também um “tempo pessoal”, um tempo para si. Enquanto as mulheres ocupavam-se unicamente com as atividades domésticas e com a família, organizavam seu tempo de modo mais flexível, não necessariamente ocupando-se todo tempo nestas atividades, mas, encontrando-se todos os dias disponíveis para elas. Segundo os autores nessas circunstâncias as mulheres teriam mais tempo para planejar algum tipo de atividade pessoal. No entanto, com sua imersão ao mundo do trabalho as mulheres encontraram maior separação entre as horas de trabalho e aquelas nas quais poderia desenvolver um tempo de “próprio”, segundo eles, um tempo a seu exclusivo dispor. Para estes autores, a ideia de um tempo para si implica, em alguma medida, em liberdade, “ainda que modesta”, mas importantíssima para a biografia de uma pessoa, empurrando-a, a fazer-se independente e a ter iniciativas próprias.

A perspectiva de uma vida para si, neste trabalho também considera as propostas de Helga Nowotny. Para quem a intensificação do mundo do trabalho e a inserção das mulheres nesse mercado fomentou suas demandas por uma nova categoria de disponibilidade: a do tempo para si, o tempo auto gerenciado.

Tais perspectivas se mostraram profundamente relevantes na reflexão sobre as transformações de vida ocorridas ao longo das trajetórias das mulheres participantes desta pesquisa. Pois, em maior ou menor medida, todas elas de alguma forma tem procurado investir em uma vida para si, e isto envolve um tempo para si, um tempo de escolha, para desenvolver atividades que lhes tragam

satisfação pessoal, tanto no interior da família, como para além daquelas verificadas no ambiente doméstico. Como essa tendência, essa busca por uma vida própria se desenvolve no cotidiano dessas mulheres, quais seus limites e como se reflete em suas relações, especialmente na família e em suas vivências, assim como em seus processos de construções indenitários foram algumas das questões que motivaram a pesquisa de campo deste trabalho.

Aqui considero que individualização se constitui em demandas subjetivas e objetivas por uma vida própria, por um tempo para si, em que se pode fazer escolhas próprias baseadas na auto compreensão e auto satisfação. Em que se pode buscar vivências, elaboração e consolidação de projetos de vida particulares que se constituam não somente no seio familiar, mas para além daquelas realizadas entre a família, em meio a outras relações sociais significativas. Considero que essas demandas são processadas e ampliadas pela reflexividade, característica da ação humana e que na alta modernidade chega a condições mais amplas, conforme observa Giddens (1991, p.45) para quem a reflexividade moderna “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”.

De acordo com Giddens, é esse caráter reflexivo, com base no conhecimento renovado - formulado não somente nos espaços de vivências dos sujeitos, mas para além de suas imediações locais, em múltiplas instituições como Universidades, Escolas, Estado, Postos de Saúde, Igrejas, entre outras - que orienta as ações na vida moderna, diferentemente dos contextos tradicionais em que os costumes tinham esse papel. Para este autor,

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. [...] Em condições de modernidade o que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a forma visível do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (GIDDENS, 1991, p. 27)

Essa separação entre tempo e espaço, característica da modernidade, da qual nos fala Giddens, está associada a mecanismos de “desencaixe”⁷. De acordo com sua

⁷ Ver definição em Giddens 1991, p. 29.

teoria há dois tipos desses mecanismos, o primeiro deles é o que ele chama de Sistemas peritos, “sistemas de excelência técnica”, representados pelas diversas áreas de conhecimento presentes nas diferentes instituições modernas produtoras de conhecimento e informação. E o segundo diz respeito às fichas simbólicas⁸. Ambos formam o que o autor designa por “sistemas abstratos” e “removem as relações sociais das imediações do contexto.” (GIDDENS, 1991, p.36).

Nessas circunstâncias, as relações de confiança na vida social são modificadas, se comparadas com o período tradicional - em que “a confiança era enfocada por conexões personalizadas no interior da comunidade local e das redes de parentesco” (GIDDENS, 1991, p.123) - levando os indivíduos a um constante monitoramento de suas ações e das ações dos demais, com base nessas informações.

O monitoramento reflexivo da atividade é uma característica crônica da ação cotidiana e envolve a conduta não apenas do indivíduo, mas também de outros. Quer dizer, os atores não só controlam e regulam continuamente o fluxo de suas atividades e esperam que outros façam o mesmo por sua própria conta, mas também monitoram rotineiramente aspectos sociais, físicos, dos contextos em que se movem. (GIDDENS, 2003, p.6)

Tais perspectivas são interessantes neste trabalho, pois ajudam a pensar as influências desses sistemas abstratos nas formas como as senhoras percebem a si mesmas, assim como seus processos de envelhecimento e como atuam em relação a ele em suas rotinas. Considerando-as, não como sujeitos passivos desses sistemas, mas como agentes, nos termos de Giddens (2003) com disposição para filtrar informações, mediante suas capacidades reflexivas, fazendo escolhas, e abraçando, no cotidiano, atividades com as quais encontrem identificação, sejam elas baseadas em modelos mais tradicionais de comportamento ou em estilos mais modernos de vida.

Nas situações a que chamo de modernidade ‘alta’ ou ‘tardia’ – nosso mundo de hoje – o eu, como os contextos institucionais mais amplos em que existe, tem que ser constituído reflexivamente. Mas essa tarefa deve ser realizada em meio a uma enigmática diversidade de opções e possibilidades (GIDDENS, 2002, p. 11).

⁸ Para maior compreensão sobre as fichas simbólicas, ver Giddens, 1991, p.30-35.

As interações sociais também ganham destaque nesta discussão uma vez que através delas as senhoras também constituem suas identidades. E escolhem seus estilos de vida. Considerando suas origens, suas relações familiares, em meio às rupturas, conflitos e negociações estabelecidas, assim como através da comparação e diferenciação entre o “eu” e os “outros”, elas constroem suas visões sobre si e sobre os outros. Indicando a possibilidade de múltiplas identidades na velhice feminina, formadas e reformuladas a partir de diversas influências. Tal como observa Hall (2011, p.13) para quem a identidade é “uma celebração móvel”, “culturalmente formada”. (HALL, 1997, p. 8).

1.2 Individualização no feminino e no Brasil

A história social e a literatura em ciências sociais nos revelam que a dinâmica doméstica no Brasil tem um impacto bem mais acentuado na vida das mulheres do que na dos homens, uma vez que o modelo predominante do processo feminino de socialização em nossa sociedade reservou a elas os papéis sociais ligados ao cuidado da família. Segundo Machado (2009), é em função das posições relacionais fixadas no jogo das diferenças com os demais integrantes da família - esposa, mãe, dona de casa - que a subjetividade feminina brasileira vem sendo historicamente construída. Trata-se de um modelo de construção da subjetividade eminentemente relacional, que pode ser historicamente explicado pela experiência patriarcal brasileira da qual nos informa Freyre (2004).

O patriarcalismo brasileiro, vindo dos engenhos para os sobrados, não se entregou logo à rua; por muito tempo foram quase inimigos, o sobrado e a rua. E a maior luta foi travada em torno da mulher por quem a rua ansiava, mas quem o *pater familias* do sobrado procurou conservar o mais possível trancada na camarinha e entre as molecas, como nos engenhos, sem que ela saísse nem para fazer compras. Só para missa. (FREYRE, 2004. p. 139.)

Gilberto Freyre ao discorrer sobre a transferência da vida rural para a urbana no Brasil do século XIX observa a luta pela manutenção do poder por parte dos senhores patriarcais. O isolamento feminino, a ojeriza a rua, se constituíam em métodos por eles administrados tendo em vista a continuidade do exercício de seus domínios.

As transformações em torno da condição feminina no século XIX estão associadas às mudanças sociais e culturais mais amplas processadas com a modernização da sociedade brasileira sentidas especialmente a partir da mudança do centro economicamente dinâmico, do campo para a cidade, ou seja, com a ascendência da cultura citadina no Brasil, que representou profundas transformações estruturais, nas palavras de Freyre (2004) designadas por mudanças do sistema casa grande e senzala para o sistema sobrado e mocambo.

Segundo Freyre (2004), tal transição não se deu sem que o domínio patriarcal fosse afetado. A urbanização e especialmente a influência dos interesses comerciais e industriais do imperialismo inglês, a modernização nos termos da “reeuropeização” do Brasil do século XIX, a construção do Estado racional moderno e do mercado aberto, foram, como bem observou Souza (2000), elementos fundamentais da mudança cultural brasileira naquele período. Uma mudança da “configuração valorativa da sociedade como um todo”, a partir da qual novos hábitos, novos papéis sociais, novas profissões, novas hierarquias sociais emergiram. Conforme comenta este autor:

Com a maior urbanização, a hierarquia social passa a ser marcada pela oposição entre valores europeus burgueses e os valores antieuropeus do interior, marcando uma antinomia valorativa no país com repercussões que nos atingem ainda hoje. (SOUZA, 2000. p.235).

As mudanças econômicas e sociais impulsionaram mudanças culturais, e as ideias liberais e individualistas europeias não deixaram imunes as mulheres, primeiramente as mulheres residentes nas cidades e posteriormente as do interior⁹. Ainda segundo Souza (2000), para as mulheres, por exemplo, “o teatro, o baile de máscaras, as novas modas de vestir e os romances se tornaram mais importantes que a igreja.” (SOUZA, 2000, p.238).

Até aqui tenho me referido mais especificamente às mulheres pertencentes aos segmentos mais aristocratizados da sociedade brasileira do século XIX e início do século XX. No entanto, a ideologia tradicional defensora da ideia de que lugar de mulher era em casa, preservada ao casamento, e dedicada a

⁹ De acordo com Freyre(2004), as cidades do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo foram consideradas os centros irradiadores das idéias modernizantes no país do século XIX.

maternidade não era de todo estranha aos segmentos populares. Segundo Fonseca (2008), isso pode ser verificado a partir dos registros históricos por ela analisados relativos à questão da virgindade das moças pertencentes às famílias populares. De acordo com essa antropóloga, a virgindade das moças era reconhecidamente um patrimônio familiar, que poderia ser usada como barganha para conseguir um bom casamento que trouxesse benefícios para toda a família da noiva.

Com isso a sexualidade feminina tanto em parte das camadas populares como no segmento aristocrático, não era pensada como um assunto relativo as emoções individuais, ou um assunto privado da mulher. Antes, como coloca Fonseca (2008), a sexualidade das moças estava sob o controle e a vigilância de seus pais.

A questão da vigilância valorizava, mais uma vez, o pai de família. Atravessando os documentos que estudamos, tanto históricos como etnográficos, persiste a ideia de que a presença paterna é essencial para salvaguardar a pureza das filhas. [...] Não somente por sua autoridade o pai colocava um freio aos impulsos sentimentais de suas filhas, mas também por sua valentia, mantinha homens predadores à distância, pois sempre pairava sobre as virgens as ameaças de rapto.[...] um crime comum praticado por homens de todas as condições sociais, solteiros ou mesmo casados. (FONSECA, 2008, p.530).

A ideia de rapto ou de fuga com o “amado” apareceu nas narrativas de vida das mulheres participantes da pesquisa, quando relatavam suas próprias trajetórias, ou quando se referiam aos costumes de “seu tempo”. Me permito aqui adiantar que assim como observou Fonseca(2008), tais costumes, não pareceram uma tendência de classe, antes se fez presente nas narrativas das mulheres dos dois segmentos pesquisados. A fuga exigia coragem e esta emergia nos ideais do amor romântico, amplamente divulgados nas novelas de folhetins, nas novelas do rádio, nas músicas e na televisão. O casamento, ensejado com a fuga, foi por elas, assim também como observa Giddens (1983), utilizado como um meio para se alcançar certa autonomia, pelo menos em relação à vigilância dos pais.

Mas se semelhanças entre as condições de vida das mulheres dos dois segmentos são encontradas, a história também aponta algumas desigualdades da realidade feminina quando se comparam diferentes segmentos sociais no Brasil, tanto no que diz respeito às funções domésticas, à maternidade e a vida no cenário

público. Enquanto as mulheres dos segmentos mais altos caracterizavam-se pela submissão, pela plena dedicação a maternidade, e reclusão doméstica, como já comentado, um considerável número de mulheres pertencentes às camadas populares vivia em condição de abandono, muitas delas mães solteiras, viviam em condições materiais precárias. Suas chances de sobrevivência estavam no trabalho em atividades de baixo reconhecimento social e pequeno retorno econômico especialmente no comércio ambulante ou mesmo na prostituição, conforme observou Falci (2008).

As mulheres das classes populares tinham padrões de comportamento ligados a sua condição concreta de existência. Trabalhavam para seu sustento e de sua prole. Transitavam com menos inibição nos espaços públicos, já que era nas praças e nos largos que costumavam reunir-se para conversar, discutir ou se divertir e onde “cotidianamente improvisavam papéis informais e forjavam laços de solidariedade”. (SOIHET, 2008 p.367).

A mulher trabalhadora era quase sempre discriminada e explorada. E além de ter que encarar no cotidiano o ganho material, também assumia de forma integral os cuidados com os filhos - assimilando dos segmentos superiores a ideia de que maternidade era assunto de mulher - bem como as tarefas domésticas.

Alguns pesquisadores da história social nos revelam que ainda na República Velha (1889-1930), começaram a surgir as primeiras discussões políticas em torno do trabalho feminino no Brasil. No entanto, as propostas de legislação estavam na maioria das vezes centradas na defesa de um tipo de família em que estariam de acordo a divisão “natural” dos papéis sociais. Tais propostas representavam limitações ao avanço da mulher no mercado de trabalho. E deste modo representavam impedimentos à sua individualização.

Venancio (2001) nos apresenta em seu trabalho alguns discursos proferidos na Câmara dos deputados que nos esclarecem um pouco o regime imposto às mulheres trabalhadoras naqueles anos, entre eles destaco:

Que seja abolido o trabalho noturno da mulher, em primeiro lugar porque o organismo feminino não resiste a semelhante fadiga, em segundo lugar o trabalho noturno desfalcado do policiamento que faz a luz solar aos costumes nas oficinas concorre para a depravação, para o atentado ao pudor, para as ofensas a moral naquelas oficinas. (VENANCIO, 2001.p.184. Apud. LACERDA, M. de. Discurso. Anais

da Câmara dos Deputados, sessão de 17 de julho de 1917. *Imprensa Nacional*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 486, 1918).

Somos todos concordes em considerar que o trabalho das mulheres é o aviltamento, e a escravidão da mulher, porque é o fim da solidariedade conjugal, da família. O verdadeiro reino da mulher é o lar. Se ela o abandona, se ela não sabe aí servir ao homem e aos filhos, acabou-se o seu poder, foi-se a sua influência (...). Quanto mais se generaliza o trabalho das mulheres, mais se sente um profundo mal estar social. (VENANCIO, 2001.p.186. Apud PENAFIEL, C. Discurso de 30 de setembro de 1918. In: BRASIL. Documentos Parlamentares. *Imprensa Nacional*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 587-590, 1918).

Como se vê nos discursos as questões do trabalho feminino estavam associadas ao debate em torno de um modelo padrão de família - a família nuclear nos quais os papéis sociais são bem definidos, o homem se ocupa do trabalho fora do lar e de sua provisão e a mulher se ocupa das atividades domésticas e da criação dos filhos - e sua manutenção. O trabalho, porta de acesso feminino a esfera pública, a esfera da racionalidade e à sua individualização trazia mudança a esse padrão. O que ficou bastante claro nas trajetórias de vida das participantes desta pesquisa.

O século XX assistiu a transformações profundas na condição feminina e o feminismo teve participação decisiva nessas mudanças. Segundo De Alcantara e Martins (2012), revisitando a história do feminismo, a partir especialmente dos anos 1950, as mulheres brasileiras com mais escolaridade passaram a questionar com maior veemência as subordinações as quais suas antecessoras estiveram submetidas em relação aos homens. A luta pela igualdade de gênero, segundo essas autoras, “surgiu como um desdobramento da ideologia igualitária individualista, e em decorrência das transformações dos costumes nas sociedades ocidentais” (DE ALCANTARA E MARTINS, 2012, p.103), no entanto, apesar da ampliação da mobilização feminina naqueles anos, pouco foi modificado, especialmente no que diz respeito à sexualidade e a domesticidade. Nos anos 1960 o feminismo trouxe consigo a ideia de politização da vida pessoal, propondo que as experiências femininas de opressão na vida doméstica, não eram meramente questões da vida pessoal, mas diziam respeito à condicionantes públicas: leis relativas ao cuidado das crianças, à condição de esposa, à divisão sexual do trabalho no lar e fora dele, entre outros. E assim sendo careciam de ações políticas

para sua superação. Somente nos anos 1970 - e de maneira associada a alguns eventos como o acesso a pílula anticoncepcional de modo mais generalizado, a Declaração da ONU de que o ano de 1975 seria o ano Internacional da mulher, a luta contra a ditadura militar brasileira – foi que o feminismo começou a florescer no Brasil. Reunindo militantes especialmente das classes médias, mas também envolvendo associações de bairros populares, alcançando assim as mulheres deste grupo, com a perspectiva da igualdade de gênero engajada à luta por melhores condições de vida, conforme observam De Alcantara e Martins (2012) e Sarti (2001).

Vale destacar ainda que o avanço do feminismo, apesar de suas memoráveis conquistas, esteve também por longo tempo limitado a uma visão universalizante das mulheres, dificultando o reconhecimento das diferenças e desigualdades presentes no próprio universo feminino, como destaca Carneiro (2003). Ainda assim, ao analisar sua história é possível ressaltar a particularidade do feminismo como uma “experiência histórica que enuncia genérica e abstratamente a emancipação feminina” (Sarti, 2001, p.31). Favorecendo na disseminação de novas roupagens sobre o “ser mulher”, contribuindo para a indagação das mulheres sobre si mesmas, sobre suas lógicas de comportamentos e lugares de atuação.

A objetivação de uma nova experiência subjetiva, que o feminismo possibilitou, um processo necessariamente coletivo, permitiu que esta experiência tivesse uma existência e um significado social e, assim, configurasse uma nova referência de ser mulher. Este é o sentido radical do movimento feminista como manifestação coletiva das mulheres, formulado como politização do mundo privado. (SARTI, 2001, p.45)

As mudanças na condição feminina brasileira foram resultantes, assim como observou Beck e Beck-Gernsheim (2003) no caso alemão, da ampliação da participação feminina nas esferas da educação e do trabalho, estas esferas da vida social também se constituíram no Brasil no motor da individualização feminina. O feminismo também contribuiu neste sentido. O casamento, antes visto como único projeto de vida para as mulheres passou a dividir espaço com os projetos profissionais, a vida feminina não se limitava tão somente ao âmbito doméstico, as mulheres conquistaram gradativamente o espaço público, apesar de ainda hoje serem vítimas de discriminações e desvantagens.

Alguns estudos brasileiros sobre práticas e valores de gênero apontaram o rompimento dos papéis restritos à esfera privada entre mulheres das camadas mais altas. Para estas, segundo tais estudos, a busca pela realização pessoal no mundo público fomentou comportamentos afetivos - sexuais diferentes dos padrões típicos da família conjugal moderna, tal como observam Salém (1987), Dauster(1990) e Vaitsman(1994). Em outro sentido, a identidade e projetos de vida dessas mulheres passaram a ser definidos predominantemente dentro do referencial simbólico individualista. Enquanto que a identidade das mulheres dos segmentos populares permaneceria tradicional (SALÉM, 1981).

A discussão sobre as relações entre as perspectivas relacionais e individualistas entre mulheres de camadas populares no Brasil apresentada por Vaitsman (1997) aponta para uma pluralidade de mundos que, segundo a autora em suas pesquisas, evidenciam conexões e simultaneidades entre valores e práticas de distintos mundos simbólicos, institucionais e normativos. E isso, segundo essa autora, não corresponde tão somente a “coexistência, dentro da mesma nação, de dois ou mais mundos sociais ou simbólicos, mas de vários mundos inseridos em um mesmo segmento social, dentro de um mesmo sujeito.” (VAITSMAN, 1997.p.6). Nesse sentido Vaitsman(1997) se reporta a Laclau(1986), para quem o sujeito não representa uma fonte que fornece um significado coerente e homogêneo ao mundo, mas contrariamente a isso, representa uma fonte plural, mutável, dependente das várias posições que ocupa na trajetória de sua constituição como indivíduo. Segundo Vaitsman, ainda que as mulheres dos segmentos médios tenham mais abertura para as circunstâncias históricas que implicaram flexibilização das identidades, também entre as mulheres de baixa renda, a identidade tornou-se mais plástica e aberta.

Torres (2000), escrevendo sobre *a individualização no feminino, o casamento e o amor*, sob o ponto de vista da sociedade portuguesa, observa que a vida familiar, a maternidade e o casamento passaram a ser pensados como impeditivos da individualização feminina. Comparando as condições femininas e masculinas de individualização essa autora conclui que, no caso feminino os projetos mais individualizados são condicionados à uma harmonização com a vida familiar. Aproximando-se assim com as observações da pesquisa em que se fundamenta esta tese, como se verá na continuidade do trabalho. Em suas pesquisas, a autora observa que há claramente estrangimentos no caminho da

individualização feminina, mas existe associado a esses constrangimentos a vontade de que eles sejam contornados e superados. Progressivamente, a primazia relacional tem dado espaço, conforme a autora, a individualização, a projetos de vida específicos a outras esferas sociais e não somente da família. Isso também ficou bastante claro nos relatos de vida das mulheres que fizeram parte de meu campo de pesquisa.

A individualização feminina continua avançando, pois esse não é um processo concluído e nem tampouco igual para todas as mulheres. Como também não se configura de forma linear e ascendente, há limites e fenômenos que podem retrair sua configuração. Em que medida, e sob quais condições esses processos se situaram foram questões que procurei observar em campo, e que discuto nos próximos capítulos. Se, antes, as mulheres sofriam muito mais os efeitos da exclusão dos processos decisórios, agora elas têm conquistado maiores possibilidades de decidir sobre o desejo de ter filhos, sobre o casamento e o divórcio. E, sobretudo elas têm cada vez mais a oportunidade de refletir sobre sua própria condição de vida e direcioná-la segundo suas próprias escolhas, obviamente dentro daquilo que Velho (1994) chama de campo de possibilidades e que aqui tento descrever para cada mulher em particular¹⁰.

1.3 Curso da vida. Da institucionalização às formas labirínticas.

Precisamos dar ao tempo de vida um sentido de processo total e não apenas isolar as partes dele. [...] Devemos estar conscientes das diferentes metáforas usadas para conceituar o processo – ciclo da vida, curso da vida, desenvolvimento, estágios, etc. Essas metáforas encampam diferentes noções do valor da vida humana per se tanto quanto o que a distingue das outras espécies. (FEATHERSTONE, 1994.p.51)

Uma das perspectivas analíticas sobre os processos de individualização na velhice feminina é o curso da vida, de tal sorte, se faz necessária uma exploração sobre as ideias a respeito deste conceito.

¹⁰ “dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos.” (Velho, 1994, p.40)

A passagem que aqui serve de epígrafe foi inserida para chamar atenção do leitor antes de mais nada para as diferentes ideias referentes ao que contemporaneamente chamamos de curso da vida.

A primeira é a ideia de ciclo, que traduz a vida numa concepção de fases. Segundo Debert(1999), a noção de ciclo de vida corresponde a um período no qual a idade cronológica seria menos relevante do que o status do indivíduo na família. A posição na família determinava o grau de maturidade do indivíduo, assim como o seu controle dentro dela. Tal concepção encontra respaldo nas formulações de Van Gennep, especialmente nos seus estudos sobre os ritos de passagem. Segundo Gennep(1978), o nascimento, a puberdade, o casamento e a morte, se constituem em momentos decisivos na vida das pessoas, pois é a partir deles que mudanças identitárias são marcadas, é a partir dessa linha progressiva de transições que o indivíduo cresce e alcança maturidade ao deixar uma identidade social e assumir outra sucessivamente mediante a passagem. De acordo com esse antropólogo:

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. [...] É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. A cada um desses conjuntos acham-se relacionadas cerimônias cujo objeto é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma situação determinada à outra situação igualmente determinada. (GENNEP, 1978, pp.26-27)

Esta perspectiva foi, no entanto, fortemente contestada pois ela tem como pressupostos a universalidade das fases, sua ordenação e coerência, para todo e qualquer indivíduo e sociedade. Johnson-Hanks(2002), questiona a validade desse modelo do ciclo da vida, a partir de uma discussão sobre a inserção na idade adulta entre jovens mulheres do sul de Camarões, as mulheres Beti.

Segundo esta autora, três importantes questões entre as Beti, são importantes para o argumento contra o modelo do ciclo da vida. O primeiro deles diz respeito as diferenças nas idades das mulheres nas vivências de alguns eventos, tais como: casamento, primeiro filho, primeiro emprego. Não há uma faixa etária estreita para o acontecimento desses eventos entre aquelas mulheres. A segunda

questão refere-se a ordem e o ritmo em que os eventos ocorrem. Segundo Johnson-Hanks(2002), os eventos: estudo, trabalho, casamento e maternidade seguem ordens diversas entre elas. A terceira questão apontada pela autora é que tais eventos não apresentam necessariamente uma correlação, por exemplo, entre maternidade e casamento. De tal sorte que a autora conclui: “Se as fases da vida são coerentes, universais e ordenadas, então elas não existem entre as Beti” (JOHNSON-HANKS, 2002, p. 869).¹¹

Tendo em vista esta variabilidade, espacial, temporal, em ordem e em sincronia, dos eventos da vida entre as mulheres Beti, assim como a contingência de possibilidades para o futuro, Johnson-Hanks (2002), propõe que as investigações sobre transições sejam focadas não nos eventos, e sim nos elementos mais subjetivos. Segundo esta pesquisadora, “fases da vida surgem apenas como resultado de projetos institucionais, sua coerência deve ser um objeto, ao invés de uma suposição, de investigação etnográfica.” (Johnson-Hanks, 2002.p. 866)¹².

Refutando o argumento do ciclo de vida, Johnson-Hanks(2002), propõe o modelo de conjunturas vitais. Tal conceito refere-se a uma zona de possibilidades socialmente estruturadas que surge em torno de períodos específicos de possíveis transformações nas vidas das pessoas. “São experiências durante as quais os futuros potenciais estão em debate”. (JOHNSON-HANKS, 2002, p. 872). Ou seja, trata-se de uma configuração temporária, em que pesam incertezas e um forte potencial de mudança. Incluem-se no conjunto das conjunturas vitais, todos os eventos importantes da vida desde o casamento, a procriação, assim como a migração, doenças, mudanças de carreira profissional.

Assim como nos dados de Johnson Hanks (2002), os eventos mais marcantes na vida das mulheres que fizeram parte de minha pesquisa – mesmo estas não compreendendo número substancial, como na pesquisa daquela autora – seguiram certa variabilidade temporal, espacial, em ordem e em sincronia. Como se verá adiante, apesar do grupo pesquisado se inserir em uma faixa etária estreita, terem sido socializadas sob normas mais ou menos tradicionais, e apresentarem algumas regularidades em suas biografias, suas trajetórias de vida foram perceptivelmente variadas.

¹¹ “If life stages are coherent, universal, and ordered, then they do not exist among the Beti.” (Johnson-Hanks, 2002, p. 869).

¹² “Life stages emerge only as the result of institutional projects, their coherence should be an project, rather than na assumption, of ethnographic inquiry.” (Johson-Hanks, 2002, p. 866).

Ressalto que neste trabalho não trato especificamente sobre transições, assim como o fez Johnson-Hanks (2002), Pimenta (2007), Müller (2008), mas, ao acionar um recorte etário, e o levantamento das histórias de vida daquelas mulheres, tive acesso as questões subjetivas que nortearam as escolhas e direcionaram suas ações, em momentos cruciais de mudanças, ou nas diversas conjunturas vitais que atravessaram em suas trajetórias de vida.

Considero das considerações sobre as conjunturas vitais para tratar sobre “os percursos da individualização feminina”, a partir justamente dessas escolhas e dos direcionamentos de ação que as mulheres empreenderam ao longo de suas vidas, tendo em vista seus “horizontes de futuro” sobre o quais nos fala Johnson-Hanks (2002). Compreendendo que nestes se inserem não somente o fluxo de eventos pelos quais as pessoas esperam (ou temem) atravessar, mas também, uma gama de identidades, mais ou menos individualizadas, que foram postas em confronto nos momentos críticos, nas conjunturas de suas vidas. E que para mim ficaram implícitas em algumas questões por elas citadas tais como: na juventude, acompanhar os estudos oferecidos na cidade pequena morando com a família, ou encarar estudos mais avançados morando sozinha na cidade grande? Na maternidade, ser uma mãe com dedicação exclusiva ou articular a maternidade com uma profissão que traga gratificação própria? Com complicações no casamento, conformar-se com os conflitos e continuar casada ou enfrentar a separação e assumir o status de divorciada e “tocar a vida sozinha”?

Voltando às ideias em torno da compreensão do curso da vida, a segunda “metáfora”, como destaca Featherstone (1994) na epígrafe, refere-se a ideia desenvolvimentista do curso da vida, originada da Psicologia do Desenvolvimento. A partir da qual a noção de curso da vida envolve fases distintas e pré-determinadas, a saber, infância, juventude, pré maturidade, meia- idade e velhice. (FEATHERSTONE,1994). Tal concepção atribui ao curso da vida uma sequência evolutiva unilinear, em que cada etapa, apesar das particularidades sociais e culturais, tem um caráter universal.

Alguns trabalhos que refutam essa abordagem podem ser apontados, aqui destaco os trabalhos de Philippe Ariès e de Norbert Elias. Segundo esses autores, as fases da vida tais como conhecemos hoje foi recentemente criada. Na sociedade pré-moderna, as idades da vida eram minimamente diferenciadas umas das outras.

A ideia formulada por Philippe Ariès (2006) quanto a isso relaciona-se a invenção da infância, algo relativamente recente. De acordo com esse historiador na sociedade pré-moderna a infância e a adolescência não se distinguiam entre si e tampouco das demais “idades da vida”. As crianças eram consideradas pequenos adultos, comportavam-se como tal, e deste modo não lhes cabia um lugar social separado dos demais. A infância assim, não era uma categoria socialmente reconhecida.

Por meio de argumentos diferenciados as ideias de Elias também podem ser utilizadas para negar a existência universal de distinções nítidas entre as idades da vida. Ao estudar o processo civilizatório ocidental, Elias observou que na idade média, os adultos é que se comportavam de forma diferente, se comparados com os modos modernos, suas emoções eram menos controladas, e por isso suas expressões eram mais espontâneas, aproximando-se das expressões infantis. Tratando sobre os adultos da idade média Elias observa que “pouco havia na situação em que viviam que os compelissem a adotar moderação em seus atos”. (ELIAS, 1993, p.70). Segundo Elias, o processo civilizatório trouxe consigo um maior controle comportamental sobre os indivíduos. Analisando a transição da vida cavaleiresca para a vida nas cortes semi-urbanas, do século XVI, Elias destaca a emergência de uma “nova autodisciplina, uma reserva incomparavelmente mais forte, que é imposta às pessoas, pelo novo espaço social, e os novos laços de interdependência”. (ELIAS, 1994, p.212). Essa autodisciplina e moderação da qual fala Elias, podem ser compreendidas como mecanismos que fomentaram a emergência de um mundo tipicamente adulto.

Se para Ariès (2006), a modernização fora propícia para a inauguração da infância, separando as crianças do mundo adulto, para Elias (1993; 1994), essa separação é resultado principalmente da exigência de maior maturidade psicológica, maior ponderação nas atitudes dos adultos, mediante a assunção de uma sociedade na qual as dependências mútuas entre os indivíduos foram acentuadas.

De acordo com estes autores somente os processos de modernização trouxeram consigo definições mais claras para cada estágio da vida. A idade cronológica, diferentemente de tempos anteriores, se estabeleceu como importante dimensão da organização social, atuando como instrumento delimitador entre um estágio e outro da vida. Segundo Kohli e Meyer(1986) a modernidade favoreceu a

institucionalização do curso da vida e duas explicações referentes às suas mudanças com a inauguração desse período são apontadas por esses autores.

A primeira delas tem como base as mudanças ocorridas na organização da produção. Na qual o sistema de produção familiar é suplantado por uma economia com fins de acumulação, baseada no trabalho livre no qual o recrutamento dos trabalhadores está submetido às regras do mercado de trabalho. A outra explicação apontada refere-se à participação do Estado como uma instituição que ao direcionar as regras da vida pública social, estabelecendo, por exemplo, a idade cronológica para marcar a idade escolar, o momento da maior idade na vida dos indivíduos, para o recrutamento militar, para aposentadoria, enfim, regula a seqüência do curso da vida. E, além disso, interfere na estruturação das perspectivas da vida, através das quais cada indivíduo norteia a si mesmo e projeta suas ações. (KOHLI E MEYER,1986).

A expressão, “cronologização da vida”, surge então para enfatizar que não somente as etapas da vida foram organizadas em termos da idade cronológica, assim como os papéis sociais compatíveis a cada estágio, mas para mostrar que a partir de tal instrumentalização das idades o curso da vida passa a representar na modernidade uma instituição social. Ainda segundo estes autores, “a transição para a modernidade, tem sido um processo de individualização, e a institucionalização do curso da vida individual é a dimensão chave deste processo” (KOHLI E MEYER,1986,p.147)¹³.

Analisando as experiências contemporâneas, Debert (1999) observa um apagamento das fronteiras que separam juventude, idade adulta e velhice. Isso segundo esta autora, é resultado da lógica pós-fordista na qual estamos inseridos. As experiências contemporâneas, para alguns pós-modernas, para outros tardo-modernas, principalmente referentes ao âmbito da família, da organização das unidades domésticas, das relações de gênero, do mercado de trabalho, segundo Thomas Held (1986) são as principais referências para a modificação do caráter do curso da vida na atualidade.

A partir da análise de alguns dados demográficos referentes a casamentos, divórcios, recasamentos, organização de unidades domésticas,

¹³ Tradução minha.

nascimentos, entre outros, Held (1996), chega a sugerir para a sociedade contemporânea uma desinstitucionalização do curso da vida.

Segundo Debert, (1999) a criação de etapas intermediárias entre a juventude e a velhice, como a idade da loba, a terceira idade, a melhor idade, correspondem a expressões sociais nas quais a idade cronológica se configura como “receptáculo de um número praticamente ilimitado de significações” (Debert, 1999 a, p. 65). Isso reflete o caráter encorajador da variedade e da diferença do curso da vida pós-moderno. Mas essa criatividade, segundo esta autora, tem limites. Para Debert (1999) o mapa da vida não pode ser desenhado de maneira completamente arbitrária, antes, se faz necessário olhar atentamente “para os limites que a sociedade coloca à nossa capacidade de inscrever a cultura na natureza”. (DEBERT, 1999 a, p. 67). A idade de tal sorte continua sendo importante dimensão da organização social, e importante elemento na definição do status das pessoas, o que mudou foi a forma como a vida passou a ser reordenada.

Assim como Debert, Featherstone e Hepworth(2000), consideram um exagero pensar a existência dos seres humanos sem levar em consideração seus limites, “o modelo do curso da vida baseado em idades e estágios é um clichê natural” (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 2000, p.115). No entanto, ainda segundo estes autores:

Nossas noções tradicionais de identidade e a percepção de que o curso da vida compreende estágios bem definidos de desenvolvimento (infância, juventude, começo da vida adulta, etc.) estavam implicitamente baseadas em uma determinada concepção de espaço. [...]

Pode-se argumentar que a dinâmica de expansão na mudança da sociedade moderna para a sociedade pós-moderna, aliada à maior fluidez das correntes culturais mediante a globalização, significou que nossas identidades são menos formadas em lugares comuns – nossa atitude quanto a momentos compartilhados vem se tornando de fato cada vez mais ambivalente. (FEATHERSTONE e HEPWORTH,2000. p.128)

Os dados da pesquisa demonstraram que as fases da vida: infância, ‘mocidade’, vida adulta e as atribuições tradicionalmente a elas cabíveis, foram demarcadas mais claramente na vida das mulheres do segmento médio do que na vida das mulheres do segmento popular. Entre estas últimas foi mais proeminente o embaralhamento das experiências, em fases diferentes da vida.

As narrativas coletadas na pesquisa não propõem a perspectiva de curso de vida num sentido linear e homogêneo, antes mostram que é mais frutífero considerar não somente seus aspectos lineares, mas também os não lineares. Com isso encaro o conceito de curso da vida, assim como o faz Pais (2003) de forma complexa, para não perder de vista a polifonia dos múltiplos significados da vida, suas idas e vindas. Assim como para não perder de vista como minhas interlocutoras situaram os processos de individualização em suas narrativas.

Também prefiro utilizar a ideia de conjunturas vitais, considerando que os eventos reconhecidamente marcadores de cada idade, como a aposentadoria que marca a velhice, o casamento e a maternidade, tidos marcadores da vida adulta, foram por minhas interlocutoras descritos como momentos significativos, não necessariamente suficientes para as fixarem em determinadas fases da vida. Algumas das mulheres, por exemplo, foram mães na adolescência, no entanto, a maternidade não representou uma porta para a vida adulta, da mesma forma, para a maioria a aposentadoria não significou necessariamente a inserção na velhice. Antes, ela facilitou, para algumas, o acesso a recursos mantenedores da juventude. A idade cronológica entre minhas interlocutoras somente apareceu como questão fundamental na reivindicação de direitos, por exemplo: à aposentadoria, ao transporte público gratuito, na participação de atividades lúdicas e de saúde gratuitas para a pessoa idosa, ao respeito dentro e fora da família.

1.4 A velhice sob a ótica das ciências Sociais.

Os estudos, sobretudo da antropologia e da sociologia produzidos sobre velhice nas três últimas décadas têm convergido na tentativa da desconstrução da velhice como uma experiência homogênea. Estes estudos revelam que, se por um lado, envelhecer for um processo pelo qual todos temos que passar, de outro, ele se diferencia para cada um segundo o grupo social, o sexo e o sistema simbólico a que pertence.

Não é simplesmente o avanço da idade, ou a idade cronológica, que encerra o estado da velhice. Segundo Debert (1999) os recortes de idade e as práticas características de cada fase da vida são construções históricas e sociais e comportam ilimitadas representações.

A multiplicidade de experiências, ou como diria Andréa Alves, a fragmentação da experiência da velhice também ganhou ênfase na pesquisa desta tese. De sorte que a padronização das experiências etárias, fortemente associada à modernidade, deu lugar para novas e diversas formas individuais de vivência e apresentação da idade. Isso se relaciona ao que Andréa Alves (2006), comenta sobre a individualização das idades, um aspecto segundo ela, resultante do processo maior de individualização vivenciado pela sociedade moderno-contemporânea.

Assistimos nos últimos anos a um avanço considerável da representatividade numérica dos idosos na população brasileira. O ponto de vista demográfico e sua recorrente divulgação pela mídia chamam atenção da sociedade ao processo de envelhecimento em curso. No entanto, reduzir as transformações sociais às mudanças demográficas pelas quais atravessamos nos impediria de conhecer um conjunto de questões que ao longo dos últimos 20 anos têm sido significativas à compreensão das mudanças culturais em torno da velhice, e do envelhecimento em nossa sociedade.

Um conjunto de estudos antropológicos e sociológicos tem procurado desvendar os múltiplos aspectos do envelhecimento populacional e em especial do envelhecimento feminino. Estes estudos têm como temáticas de maior recorrência: a sociabilidade; as relações geracionais; as políticas sociais da velhice; o sistema de seguridade e previdência entre outras.¹⁴ Apesar das diferenças em suas abordagens tais estudos têm apresentado as tendências de revisitar os estereótipos associados à velhice, e as fronteiras que delimitam esta etapa da vida, apontando para seu contínuo deslocamento e para suas variações segundo o sistema simbólico de cada cultura. Esses trabalhos visam à compreensão das experiências humanas, dos significados conferidos à velhice e ao envelhecimento, assim como das novas possibilidades de construções de outras classificações etárias, tais como: meia idade, terceira idade, melhor idade e sênior.

Essas novas classificações como observa Peixoto (2007), não são simples substitutos para o termo velhice. Representam etapas intermediárias de envelhecimento. São como “interlúdios maduros”, como observa Debert (1999) entre

¹⁴ Entre os estudos nacionais destaco os desenvolvidos por Guita Grin Debert, Myriam Lins de Barros, Andrea Alves, Clarice Peixoto, Alda Brito da Motta e Júlio Simões.

a idade adulta e a velhice. A velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice observados na literatura e também apontados em campo por minhas interlocutoras ligam-se a valores e conceitos depreciativos como feiura, doença, pobreza, falta de autonomia, desatualização, tristeza, isolamento. Entre as mulheres participantes de minha pesquisa a categoria velha somente apareceu para duas delas, uma pertencente ao segmento popular e outra ao segmento médio. O termo mais usado por elas para se auto identificarem foi o de idosa da terceira idade. O termo idoso no Brasil, assim como na Europa, surgiu como uma forma mais respeitosa para designar as pessoas de mais idade. Já a expressão terceira idade também proveniente da Europa, surgiu para designar uma parcela desse grupo, os “jovens – velhos”, os aposentados dinâmicos, a fase da vida na qual a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo e da ética da autogestão.

A expressão terceira idade¹⁵ surgiu agregada a uma multiplicidade de agentes cuja função específica era tratar a velhice fazendo com que ela adquirisse maior visibilidade social, especialmente como campo específico de mercado. Segundo Guita Debert (1999), tal expressão diz respeito à responsabilização do indivíduo por seu próprio cuidado e bem-estar, corresponde a um processo de reprivatização da velhice. Ou seja, a velhice passou a ser compreendida a partir do plano das opções individuais, e passou a ser pensada como período de lazer, de desenvolvimento das potencialidades e das realizações.¹⁶

Debert (1999) ressalta que os estereótipos de solidão e abandono que caracterizariam a experiência de envelhecimento tem sido progressivamente substituídos pela imagem dos idosos como seres ativos. Seres capazes de desenvolver novas formas de sociabilidade, de reciclar identidades anteriores e de redefinir as relações familiares. Os múltiplos programas para a terceira idade tem se apresentado como forma privilegiada de oportunidades de ampliação do círculo de amizades, para a criação de novos espaços de ação, e, portanto de novas experiências.

¹⁵Conforme ensina Debert(1999, p. 138) “A expressão originou-se na França, onde os primeiros Gerontólogos brasileiros formados(Strucchi, 1994) – com a implantação, nos anos 70, das ‘Universités du Troisième Age’. Da mesma forma, a expressão “third age”, de acordo com Laslett(1987), foi incorporada ao vocabulário anglo – saxão com a criação das ‘Universities of the Third Age’em Cambridgi, na Inglaterra, no verão de 1981, e é hoje de uso corrente entre os pesquisadores de língua inglesa interessados na velhice.”

¹⁶ Sobre a invenção da terceira idade ver Lenoir(1979) e Gillemard(1995)

A “terceira idade” é aqui compreendida não somente como categoria etária, como uma redefinição da própria velhice, mas também como ideologia e como estilo de vida, no qual, a vida para si, a preocupação consigo mesmo, tem lugar mais central a partir de práticas individualizadas de cuidado com a saúde, de rejuvenescimento do corpo e do desenvolvimento de uma vida social ativa.

A ideologia da terceira idade leva a crer que se a velhice não é bem sucedida, apesar de todos os aparatos disponíveis, é por incapacidade de próprio indivíduo. Segundo Lins de Barros (2004), esse quadro revela a exacerbação de princípios básicos da ideologia individualista, mas isso não significa a exclusão de formas de representação e de vivência mais holistas da velhice. No grupo de mulheres participantes em minha pesquisa ficou evidente o caráter relativo da velhice. A construção e o uso de uma identidade de ‘velha’, de ‘idosa’, ou da terceira idade tem a ver com elaborações de projetos de vida mais ou menos individualizados.

Quanto à questão da sociabilidade vale citar os trabalhos de Andréa Alves e Alda Brito da Motta. Em um estudo sobre os bailes de danças de salão na cidade do Rio de Janeiro, Andréa Alves elege a velhice feminina de classe média como objeto de discussão inserido em um contexto urbano marcado pela heterogeneidade de classe, Inter étnica e de gênero. Segundo esta pesquisadora as mulheres do estudo compartilham um discurso de posituação da velhice e escolheram a dança de salão como atividade prioritária de lazer, de socialização e como um recurso que as ajudam a manter o corpo com uma aparência mais jovem e sedutora. “A dança apresenta-se, simultaneamente, como uma atividade física e ocasião socialmente legítima de exibição desses corpos distintivos.” (ALVES, 2003. p.165). A dança, para as senhoras pesquisadas, segundo Alves (2003), representa uma opção de agregar ao cotidiano um novo papel ligado ao próprio prazer. Caracteriza-se como um projeto alternativo de constituição da esfera privada da vida, distinta da vida familiar, espaço primordial de referência para a construção da identidade dessas mulheres no longo de suas vidas.

As sociabilidades desenvolvidas entre idosos, tanto em grupos espontâneos, como em praças e parques, como em grupos organizados, no caso das associações e universidades para terceira idade também foram alvos de observação da pesquisadora Alda Brito da Motta. Segundo ela, a convivência solidária geracional tem trazido companheirismo, maior uso lúdico do tempo, e tem

se tornado forte motivação da alegria e da saúde, além de ter demonstrado ser efetiva na redução da solidão e da marginalidade.

Também em relação as sociabilidades destaco o estudo de Benedita Cabral(2002) que analisa especialmente os segmentos populares. Estudando grupos de convivência entre idosos dos segmentos populares, esta pesquisadora observa que os grupos de sociabilidades entre os idosos representam formas apropriadas pelos idosos para alcançar novas realizações e novos lugares no mundo. Tal perspectiva se aproximou com as mulheres participantes nesta pesquisa e não se restringiu as pertencentes as camadas populares. Assim como também demonstrou Cabral (2002) os motivos em participar dos grupos são diversificados entre as mulheres envolvidas na pesquisa. E sobre isto discorrerei nas próximas páginas, mas posso adiantar que em relação a esses motivos algumas diferenças em função de classe puderam ser destacadas. A oportunidade de experimentar coisas novas por exemplo, foi mais evidenciado entre as mulheres dos segmentos médios, enquanto que nos segmentos populares a justificativa mais marcante relacionou-se com uma oportunidade de lazer.

Quanto as relações geracionais, destaco o estudo de Myriam Lins de Barros, intitulado Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira. Neste trabalho Lins de Barros procurou analisar a família de camadas médias urbanas no Brasil, a partir da perspectiva dos avós. Em meio às heterogeneidades de representações sobre família encontradas na pesquisa a autora destaca dois elementos fundamentais que permeiam as relações das três gerações (avós, filhos e netos): a autoridade e o afeto. Tais elementos ganham ênfases diferenciadas de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa na família. Segundo a autora, é através do eixo entre a autoridade e o afeto que é possível identificar o que é comum entre os avós e as demais gerações: “a família é uma referência social fundamental para a constituição da identidade social de cada indivíduo”. (LINS DE BARROS, 1987, p.108). Tal proposição é aqui fundamental na reflexão sobre a individualização das mulheres.

Analisando de forma associada os trabalhos de Andréa Alves (2003), com outro trabalho de Lins de Barros (2007), no qual ela pesquisa mulheres engajadas e atuantes na Igreja Católica, é possível observar algumas das possíveis diferenças de vivenciar a velhice. As duas pesquisas tiveram como grupo de investigação mulheres com idade variando entre 60 e 80 anos pertencentes aos segmentos

médios da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, enquanto a centralidade do projeto de vida, para o caso das mulheres da pesquisa de Andréa Alves estava no desenvolvimento da dança, uma atividade lúdica de socialização, voltada para si e para o próprio prazer, assim como para o exercício da sedução na velhice. Para as mulheres católicas pesquisadas por Lins de Barros(2007), o sentido de suas vidas, seus projetos individuais fora da esfera doméstica confundia-se com a militância na Igreja Católica, com os trabalhos religiosos em si e com os trabalhos assistenciais desenvolvidos a partir das organizações eclesiais. Se para os dois grupos há uma preocupação em garantir uma atividade para além da esfera doméstica, tais atividades, no entanto trazem significados bastante diferenciados para a experiência de velhice para estas mulheres.

Outra questão bastante evidenciada na literatura diz respeito ao fato de que o envelhecimento é um fenômeno mais feminino do que masculino. As estatísticas indicam a existência de uma proporção maior de mulheres idosas do que de homens, quando se considera a população total de cada sexo. Segundo Camarano(2004), considerando a população idosa como um todo, observa-se que 55% dela são formados por mulheres. E ao desagregar os grupos de idades a diferença entre essas proporções aumenta, principalmente entre os mais idosos. A proporção do contingente feminino é mais expressiva quanto mais idoso for o segmento. Isso leva à constatação de que “o mundo dos muito idosos é um mundo das mulheres” Goldani (1999).

Sob o ponto de vista sociológico, a feminização da velhice coincide com mudanças observadas nas normas etárias e de gênero que regulam os comportamentos e as expectativas de comportamento dos idosos. As características dessas mudanças variam de acordo com o pertencimento dos idosos aos diferentes segmentos sociais. Scott (2006) retrata uma dessas mudanças sob o ponto de vista de homens e mulheres de camadas populares.

Segundo este autor o crescimento das associações de idosos impressiona pela presença maciça feminina e a limitada participação de homens. Ao refletir sobre isso, este autor analisa as mudanças ocorridas na relação com as esferas públicas e privadas entre homens e mulheres idosos. Retomando as discussões de Freyre e Damatta, sobre a casa e a rua, Scott (2006), destaca uma inversão das relações de gênero, empiricamente observáveis, com aquelas esferas da vida social. Segundo ele a inversão se dá na medida em que os homens idosos

favorecem o trocar a rua pela casa e as mulheres a casa pela rua. De acordo com Scott (2006), os homens idosos, com renda garantida, ainda que minúscula, podem voltar mais atenção à casa como espaço de recomposição da sua valorização enquanto pessoa. É na casa onde ele pode encontrar alguma forma de ressignificar a vida, tendo em vista, que as mudanças no campo do trabalho se transformam para os homens, com o avanço da idade, em dificuldades e desvalorização. As mulheres, por outro lado, tem encontrado entre familiares e na vizinhança, um meio social mais propício para suas vivências quando comparadas aos homens. Incentivadas pela diminuição da valorização negativa da presença feminina fora de casa, as mulheres não ficam mais confinadas em suas casas, os espaços públicos são valorizados pelas mulheres como manifestação de sua autonomia.

As diferenças de gênero na velhice também surgem na forma de intervenção diferenciada nos corpos femininos e masculinos. Segundo Barros (2004), é sobre o corpo feminino que as intervenções são mais acentuadas. Entre os idosos são as mulheres que investem mais rigorosamente em cuidados médicos e estéticos. O cuidado e a intervenção no corpo feminino se iniciam muito cedo na trajetória de vida das mulheres e alcançam a velhice através de inúmeros recursos de controle do declínio do corpo. A flacidez, as rugas, a perda da coloração dos cabelos, a redução da libido, da mobilidade, entre outros sintomas foram apontados pelas mulheres como sinais da velhice do corpo. Tais sintomas podem ser, no entanto, segundo elas, controlados, retardados ou mascarados, com uso de tratamentos médicos, nutricionais, estéticos, fisioterápicos, entre outros, frequentemente citados em seus relatos e presentes no cotidiano das atividades de algumas das participantes desta pesquisa. Para estas os cuidados com o corpo se justificam não somente por fatores estéticos, para uma boa apresentação da aparência, antes os cuidados com os mínimos sinais corporais da velhice para algumas das mulheres participantes representam aspectos comprometedores de seus projetos de vida, como o de arranjar um novo companheiro.

Capítulo 2

A PESQUISA DE CAMPO E SEUS PERCURSOS

2.1 A constituição do grupo de interlocutoras

O interesse central da pesquisa foi investigar os processos femininos de individualização do ponto de vista de mulheres que experimentam atualmente a condição de ser - segundo suas próprias representações - idosas, ou velhas, ou ser da terceira idade, ou da melhor idade. Compreendendo que a idade cronológica é insuficiente para “enquadrar” as pessoas numa determinada fase da vida, pois variam histórica e culturalmente, utilizei o critério etário para seleção inicial das mulheres participantes da pesquisa. Outros critérios ainda foram considerados como a experiência da aposentadoria, de ter filhos adultos, e de ser avó. Foram selecionadas ao todo 16 mulheres com idade entre 60 e 70 anos. Essa seleção também levou em consideração dois outros condicionantes. O primeiro diz respeito ao próprio processo de pesquisa, pois este grupo etário se mostrou mais acessível em participar do processo. O segundo relaciona-se com as questões de autonomia das mulheres em relação à família, neste grupo as mulheres demonstraram maior autonomia física e psicológica em relação aos familiares. O último critério de seleção para a constituição do grupo de interlocutoras relacionou-se com as condições de pertencimento aos segmentos médios e populares. As redes de sociabilidade foram também consideradas uma vez que indivíduos que compartilham a mesma rede de sociabilidade tendem a ter origens sociais semelhantes ou compartilham alguma característica em comum.

As noções de posição de classe foram inspiradas em Bourdieu (2001) em suas análises sobre o contexto da complexidade da vida urbana. As considerações de Velho (2008), conhecido estudioso dos segmentos médios no Brasil, também foram relevantes para caracterizar esses segmentos, assim como as perspectivas de Durhan(1984; 2004) contribuíram para destacar as características dos segmentos populares, e assim melhor classificar as mulheres envolvidas na pesquisa. Apesar de ter enquadrado as mulheres participantes em dois segmentos distintos, médios e populares, destaco também suas heterogeneidades internas em termos de outros marcadores sociais como: religião, profissão, constituição familiar, conjugalidade entre outros.

Pensando nessas redes de sociabilidades dei início a pesquisa de campo na Praça da Paz. Pois sabia do considerado contingente de mulheres, majoritariamente moradoras de Bancários, de todas as idades e especialmente idosas que fazem uso da praça de forma espontânea ou participando do Projeto Vida Saudável, realizado diariamente na praça, principalmente no início das manhãs e finais de tarde¹⁷. Após autorização dos organizadores do projeto me inseri nestas atividades, com a intenção de me aproximar daquelas possíveis participantes da pesquisa. Além de compartilhar de tais atividades, procurei frequentar a praça em outros horários diferenciados e estabelecer interações espontâneas. Após o primeiro mês em campo, percebi que meus vínculos com as senhoras estavam sendo estabelecidos menos pela intermediação dos professores do projeto, e mais pelos diálogos livres, pelas piadas, pelos encontros imprevistos nas máquinas da academia da praça. Logo, passei a privilegiar estes momentos sem intermediadores.

Através dessas sociabilidades, consegui me aproximar de inúmeras mulheres, entre elas, dona Ana e dona Vera¹⁸, moradoras de Bancários. Ambas participavam do Projeto Vida Saudável, mas também frequentavam a praça espontaneamente pelas manhãs e à tarde. As primeiras conversas que empreendi com estas duas mulheres giraram em torno de assuntos gerais como política, novela, filmes, alimentação saudável, atividades físicas e seus efeitos, sobre beleza e tratamentos estéticos. Tais conversas me proporcionaram aproximação, e sobretudo conhecer de forma geral seus modos de pensar e de viver. Com o tempo passei a abordar além dos assuntos gerais, outros de ordem mais íntima, como por exemplo: filhos, doenças e tratamentos que elas atravessaram, relacionamentos conjugais. Percebi que aos poucos estava conquistando a confiança daquelas duas mulheres.

A partir de então, resolvi falar-lhes um pouco sobre mim e sobre a pesquisa. Visitei cada uma em particular em suas residências, para explicar-lhes melhor sobre minhas intenções enquanto pesquisadora. Primeiro fui à casa de dona Ana. Ela, sua filha e sua neta, me receberam muito bem. Após conhecer a proposta

¹⁷ Ver Franch, M ; Queiroz, T. Da casa a praça. Um estudo da revitalização de praças em João Pessoa. Belo Horizonte: Argumentum,2010.

¹⁸ Os nomes das interlocutoras, aqui utilizados, são fictícios, a fim de preservar em sigilo seus nomes verdadeiros e cumprir o acordo firmado desde o princípio da pesquisa e assinado nos termos de consentimento livre e esclarecido.

de pesquisa dona Ana se prontificou em participar, e disse-me: “Adorei, vou te contar todos os meus segredinhos.”

Dona Vera demonstrou gostar da ideia da pesquisa, falou-me sobre a importância em se dar atenção aos idosos e comentou da importância do meu trabalho, no entanto, me fez uma série de perguntas, do tipo: “será que ninguém vai desconfiar que é sobre minha vida que você tá escrevendo?” Aquelas perguntas demonstravam insegurança em fazer parte do grupo. E me alertava sobre as negociações em campo já analisadas pelas experiências de Malinowski, Magnani, entre outros. Devido a isto resolvi investir um pouco mais no nosso relacionamento antes de convidá-la efetivamente a torna-se uma de minhas interlocutoras. Convidei-a para visitar minha casa, para que ela conhecesse um pouco sobre mim, e para criar uma atmosfera de maior segurança em nossa relação. Naquela oportunidade, sabendo do convite que eu havia feito a dona Ana, e de sua participação, dona Vera se prontificou em participar da pesquisa, assim como sua “colega de praça”, e deixou claro seu interesse, dizendo: “tudo o que me deixa ativa e ocupa meu tempo de forma saudável me interessa”. Percebi que acionava com aquelas mulheres uma relação de troca, de alguma forma, eu, enquanto pesquisadora, atendia uma demanda delas, fosse de dar-lhes atenção, ouvindo suas narrativas de vida, fosse, em atribuir a elas uma atividade significativa, como a de participar de uma pesquisa acadêmica.

As idas à praça além de me fazer conhecer pessoas novas também me proporcionaram reencontrar algumas pessoas as quais não via a algum tempo e outras que apesar de serem vizinhas minhas não tinha oportunidade de interagir com frequência. Bete, moradora do meu prédio¹⁹, funcionária pública recentemente aposentada, frequentadora assídua da praça, foi uma delas. Durante alguns dias observei seus relacionamentos na praça, sempre muito extrovertida, e sociável, Bete se demonstrou conhecedora de um grupo relevante de pessoas que a princípio se enquadravam no perfil das mulheres que eu havia previamente elaborado no projeto de tese e aqui já discriminado. Bete me apresentou a algumas senhoras, entre elas dona Maria e dona Selma. O primeiro encontro com estas duas mulheres foi intermediado por Bete em suas residências, num mesmo condomínio em Bancários. Além de me apresentar as suas amigas Bete se adiantou e também falou da

¹⁹Resido em Bancários há 15 anos e neste prédio há 3 anos.

pesquisa que eu estava desenvolvendo e da necessidade de formar um grupo de senhoras.

Já no primeiro encontro Dona Maria e dona Selma se pronunciaram positivamente a pesquisa. Dona Maria demonstrou uma necessidade particular em ter uma companhia e alguém “para conversar”. Já Dona Selma apesar do interesse, demonstrou preocupação com relação ao tempo que iria me dedicar, pois segundo ela seu dia a dia era muito corrido.

Nesse grupo dito “segmento médio” a quinta mulher que procurei incluir no grupo de interlocutoras foi Dona Rosa. A conheci espontaneamente e coincidentemente num avião quando viajava de volta à João Pessoa de um congresso sobre envelhecimento no Rio de Janeiro em Setembro de 2010²⁰. Dona Rosa estava fazendo turismo religioso com um grupo da terceira idade. O grupo todo veio no mesmo avião que eu, e ela sentou-se ao meu lado. Conversamos muito durante a viagem ela falou sobre a perda recente de sua mãe, sobre sua família, e sobre a viagem que fizera. Ao final disse que morava em Bancários. Fiquei surpresa com aquela notícia, pois naqueles dias tudo o que eu mais buscava era por mulheres, como ela, para compor meu grupo. Sem demonstrar minhas verdadeiras pretensões disse que também morava em Bancários, e fui tratando logo de perguntar onde ela morava. Ela explicou um pouco e disse o nome da rua. Fiquei mentalizando aquele endereço o restante da viagem. Assim que o avião aterrissou e dona Rosa levantou-se, tratei de anotá-lo.

Poucos dias depois na aula de pesquisa de campo da professora Flávia Pires, aconteceu uma palestra com a professora Sílvia Nogueira, e em uma de suas falas ela comentou que “um bom pesquisador tem que ser ousado, cara de pau”. Minhas dúvidas sobre se deveria ou não procurar Dona Rosa terminaram ali. Procurei o endereço no ‘google maps’ e fui até a sua casa.

Somente depois da segunda visita à sua casa consegui falar com dona Rosa. Numa conversa em seu terraço falei um pouco sobre meu trabalho, e fiz uma espécie de sondagem para conhecer um pouco mais sobre aquela senhora. Ela me pediu um prazo para pensar se poderia participar da pesquisa e dois dias depois me ligou confirmando sua participação. Marcamos uma nova visita e nesta oportunidade levei um álbum meu de família para que ela pudesse conhecer um

²⁰ Na verdade foi um Seminário intitulado Corpo, envelhecimento e felicidade realizado na UFRJ, sob a coordenação de Mirian Goldenberg.

pouco sobre minha vida, antes de começar a me contar sobre a sua. Achei que seria uma boa estratégia de aproximação com aquela senhora que sem nenhum tipo de intermediador ou de conhecimento prévio, se colocou a disposição da pesquisa. Visitei-a pelo menos mais três vezes antes de começarmos as entrevistas e os relatos de vida. Observei sua rotina de perto, suas idas e atuação na Igreja Católica, suas costuras, seus cuidados com suas plantas, e com a saúde, sua preocupação com seus familiares, especialmente irmãos e sobrinhos, além de suas atividades diárias de casa e sua relação com sua filha mais velha e seus netos.

A sexta mulher a compor o grupo de interlocutoras residente em Bancários, foi Rita. Conhecida minha a pelo menos 10 anos, reencontrei-a também na Praça da Paz. Sabendo do trabalho que vinha desenvolvendo no bairro há algum tempo, e tendo participado da pesquisa intitulada Da casa à Praça, em 2008, Rita também se dispôs em participar desta nova pesquisa.

Relacionando algumas mulheres conhecidas residentes em Bancários e que se encaixavam no perfil estabelecido, lembrei-me de Penha. Ela e seu filho mais velho haviam participado de minha pesquisa de mestrado em 2008, e contribuíram bastante naquela oportunidade, procurei-a e conversei sobre esta nova abordagem de pesquisa e convidei-a a participar, ela aceitou sem restrições e me deixou a par de seu dia a dia para que eu pudesse marcar nossos encontros nos horários mais apropriados.

A constituição do grupo de minhas interlocutoras no Timbó teve seu ponto de partida, assim como em Bancários pelo critério das sociabilidades. Conhecendo a comunidade há pelo menos três anos, procurei minhas antigas informantes e outras pessoas conhecidas. Voltei a circular com mais frequência pelas ruas da comunidade para ser vista e reconhecida por todos. Procurei visitar algumas pessoas chave como Mãe Maria, senhora de 81 anos, muito querida e respeitada. Pedi sua ajuda no sentido de me apresentar a mulheres conhecidas suas que se aproximassem das características do perfil a ela apresentado. Voltei a visitar Mãe Maria pelo menos mais duas vezes, quando um incidente aconteceu comigo²¹. Resolvi então mudar de estratégia na composição de minhas interlocutoras no

²¹ Como sempre fazia, deixei meu carro estacionado no início da rua e caminhava até a casa de Mãe Maria, ao voltar o encontrei bastante amassado por pontapés. Apesar de ser conhecida por parte dos moradores da comunidade, e mesmo me sentido à vontade em circular em suas ruas, acredito que minha presença ali incomodou algumas pessoas envolvidas com o crime. Talvez eu tenha deixado dúvidas do que realmente eu estava fazendo ali. O fato me gerou medo e diante disso resolvi mudar minhas estratégias.

Timbó, naquela altura apenas duas senhoras, dona Ciça, comadre de Mãe Maria, cuja filha havia trabalhado como doméstica para um familiar meu em Bancários há algum tempo e dona Noêmia, vizinha de Mãe Maria há 20 anos, haviam se prontificado em participar do estudo.

A terceira interlocutora residente no Timbó a se integrar ao grupo foi dona Val, uma senhora de 65 anos avó de uma de minhas informantes da pesquisa de mestrado.

A mudança de estratégia na forma de abordar as pessoas para a composição do grupo de mulheres da pesquisa se deu pelo fato de ter introduzido a colaboração das agentes de saúde do posto Timbó I. Um dado interessante e inesperado era que todas as agentes daquele posto eram moradoras do Timbó, e tinham sobre a comunidade muito mais do que o olhar profissional de suas funções, elas eram mulheres que cresceram na comunidade e tinham fortes relações com algumas senhoras. Através dessas agentes de saúde conheci dona Cida, dona Geralda, e dona Elza, as três residentes no Timbó há mais de 20 anos e moradoras da mesma rua. As duas primeiras visitas em suas casas foram feitas na companhia de agente de saúde, nestas oportunidades procurei conversar livremente com aquelas mulheres, atentamente ouvi suas reivindicações relativas às melhores condições de atendimento à saúde. Percebi que a intermediação da agente de saúde do posto, contribuiu para que aquelas três mulheres me associassem a algum tipo de profissional (talvez assistente social), que pudesse assisti-las em suas reivindicações.

Cuidadosamente procurei deixar claro que minha função não era aquela, e que não poderia atender as suas demandas, apesar do desejo que tinha em ajudá-las. Isso foi ficando claro para elas a cada visita, aos poucos fui explicando o processo de trabalho de pesquisa e fui encontrando nas três um novo posicionamento, frente a mim. “Eu estava ali, não para ajudá-las em suas necessidades, mas para que elas pudessem ajudar em meu trabalho”. Essa foi a conclusão de dona Geralda quando a convidei para fazer parte do grupo. Ela e suas duas vizinhas, dona Elza e dona Cida se, “solidarizaram” comigo em campo e se prontificaram em “contribuir com o que eu precisasse.” Inclusive me apontando outras possíveis pessoas a participarem da pesquisa.

Fazia parte da rede social de dona Elza, uma senhora muito dinâmica, dona Nevinha. Tendo acompanhado algumas de minhas visitas a dona Elza, e

“tomando parte” do que eu tratava, dona Nevinha se integrou ao grupo voluntariamente, sem que fosse feito um convite oficial.

2.2 As interlocutoras uma apresentação geral

Aqui procuro descrever minhas interlocutoras de maneira geral, apontando suas principais características, modos de vida e aspectos particulares de suas trajetórias considerados relevantes para a discussão deste trabalho. Deixo a análise mais profunda das biografias individuais reservada ao capítulo quatro desta tese.

Moradoras de Bancários

Dona Ana, 68 anos, viúva aos 36, possui 4 filhos adultos e é pensionista. Mora em um apartamento próprio de três quartos em Bancários, com a filha mais velha, recentemente separada, e que é construtora, o filho mais novo solteiro e músico, e uma neta, estudante de direito. Dona Ana frequenta assiduamente a praça da paz, onde faz caminhadas e outras atividades físicas. A praça também se constitui para ela em espaço de lazer e encontro com suas amigas do bairro. Dona Ana também realiza habitualmente passeios com seu grupo de amigas de umas das Igrejas Católicas do bairro e participa de festas periódicas nas diversas datas comemorativas do nosso calendário: Carnaval, Semana Santa, São João, Natal, entre outras. Suas narrativas são marcadas pela dedicação à família ao longo de sua vida, e pela transformação em suas relações familiares ao desenvolver uma sociabilidade “extra familiar”. Apresenta a organização social do bairro de Bancários, como elemento fundamental no desenvolvimento de uma “vida própria” nesta fase atual de sua vida. Reconhece a chegada da velhice, no entanto adota um estilo de vida baseado nos cuidados do corpo, da mente, e na manutenção de atividades sociais que contribuam para uma vida ativa e prazerosa, seu projeto atual de vida é viver tudo o que não pode fazer em outros momentos. Vaidosa, cuida da manutenção da saúde do corpo com exercícios, e cuidados médicos. Viajar e sair

com as amigas e a família são suas atividades preferidas e organizadas sempre que possível.

Dona Vera tem 66 anos, é casada e mora com o esposo em uma ampla casa em Bancários. É professora polivalente aposentada da prefeitura de João Pessoa e seu esposo militar, também aposentado. Considera-se 'velha', é contra a idéia de que mulheres de sua idade queiram "andar feitas mocinhas", acredita que cada fase da vida tem suas características, e que cada pessoa tem que assumir a idade que possui, sem fantasiar ou mascarar a realidade. Orgulha-se de sua idade e valoriza o fato de ter chegado a ela com a saúde e disposição. Seus relatos são marcados pela habilidade em ter conciliado uma vida profissional, construída com empenho, e a vida familiar, especialmente marcada pela ausência do esposo quando de suas transferências à outras cidades do país no serviço militar. Dona Vera registra em seus relatos escolhas individualizadas, ao privilegiar sua própria carreira profissional, ao invés de acompanhar a carreira do esposo de perto, ainda que tenha tido que assumir sozinha os cuidados dos três filhos quando crianças e adolescentes.

Dona Maria, 67 anos. É solteira e funcionária pública aposentada. Formada em geografia, trabalhou como assistente administrativo no INSS. Mora com um filho de criação de 25 anos em um apartamento em Bancários. Suas narrativas são marcadas pela religiosidade e pelas transformações nos papéis sociais dos membros da família e nas relações geracionais. Ao tratar de sua relação com seu filho dona Maria lança mão de suas memórias, do tempo de sua juventude e de sua relação com seus pais e aponta inúmeras transformações nos comportamentos dos diversos integrantes da família. A questão da individualização em suas narrativas surgem associadas as transformações de seus valores ao longo de suas trajetórias em especial no confronto com os valores de seu filho.

Dona Selma, formada em letras pela UFPB, trabalhou 30 anos como professora de português, atualmente é aposentada do Estado e da prefeitura de João Pessoa/PB. Vive com uma renda mensal de três mil e quinhentos reais. Mãe de dois filhos, um rapaz de 28 anos e uma moça, casada, de 30 anos. Dona Selma cria um neto de 5 anos, filho do seu filho, a quem dedica parte de seu tempo. Mora em um apartamento próprio em Bancários, e tinha no período da pesquisa 65 anos de idade. É separada há 20 anos. Seus relatos de vida foram marcados pelos problemas conjugais, pelo evento da separação, e pela valorização da autonomia

adquirida com ela. As questões de sua formação e atuação profissional surgem como motor de sua individualização e como elementos que lhe proporcionaram a possibilidade de escolher caminhos alternativos, a uma vida conjugal infeliz, como por exemplo, “viver só”, sem outro companheiro. Seu relatos também são marcados pela decisão de assumir a criação do neto após a aposentadoria, decisão essa que alterou seus planos de viver nesta fase atual uma vida voltada para si.

Dona Rosa, 70 anos, é casada pela segunda vez. Mora com o esposo, com quem vive há 18 anos em uma casa em Bancários. É formada em enfermagem, atuou como em enfermeira e como servidora pública do SUS. Sua renda estava em torno de quatro mil e quinhentos reais. Dona Rosa possui dois filhos, um mora nos Estados Unidos, e ela o visita anualmente há dez anos. Sua filha mais velha é casada e também mora em Bancários, ela possui 2 filhos. Bastante religiosa dona Rosa participa ativamente de atividades religiosas e administrativas da igreja da qual é membro em Bancários. Os processos de individualização registrados em seus relatos estão associados a sua autonomia financeira, à opção por um segundo casamento centrado na autonomia dos cônjuges e no envolvimento com a igreja e com os grupos de terceira idade.

Rita, recentemente separada, também traz em suas narrativas as questões relativas a separação e aos dilemas da “vida conjugal fracassada”. Possui 62 anos, e mora num apartamento bem equipado com dois filhos, estudantes de engenharia civil da UFPB. Rita, aposentada do DNOCS há 20 anos, possui um rendimento de aproximadamente sete mil reais, é formada em Economia e atuou na área administrativa daquele órgão desde os doze anos de idade, quando ainda morava em sua cidade de origem no interior do Ceará. Sua biografia coloca em discussão as tendências mostradas em algumas pesquisas de que as mulheres dos segmentos médios e altos são mais individualizadas do que as mulheres do segmento popular. Em seus relatos de vida, Rita, destaca as contradições da individualização feminina no Brasil, coloca os valores familiares acima dos valores individuais, registra a força da vida familiar e dos valores ensinados por seus pais, como elementos norteadores de suas ações nesta fase de sua vida.

Penha, aposentada do INSS e ainda em atividade no Estado, onde atua como professora do ensino fundamental possui 63 anos, e mora em Bancários há trinta anos. É casada e possui dois filhos, um casado, que mora num apartamento no mesmo andar do seu e uma filha solteira formada em Turismo, que ainda mora

em casa. A biografia de Penha traz à discussão as contradições e ambivalências dos processos femininos de individualização. Enquanto para a maioria das senhoras a vida matrimonial trouxe impedimentos aos seus processos de individualização, no caso de Penha, o casamento trouxe maior liberdade de ação e maior possibilidade de individualizar-se. Corroborando com a ideia de que os processos de individualização não significam uma lógica de ação linear. No entanto sua trajetória também nos informa que ao passo que ganha-se autonomia, “liberta-se” de algumas regulações “tradicionais” como a família, outras novas exigências e controles entram em atividade na vida dos indivíduos através da educação, do mercado de trabalho, da mídia, da legislação e demais instituições modernas.

Moradoras do Timbó

Dona Ciça nasceu em 1945, no interior da Paraíba, mora em uma pequena casa de dois cômodos, juntamente com sua filha, seu filho e quatro netos, filhos de sua filha. “Encostada” pelo INSS, dona Ciça recebe mensalmente a quantia de um salário mínimo. Trabalhou como doméstica os últimos 30 anos em casas de famílias em Bancários, com as quais ainda mantêm relações. Sua filha trabalha como faxineira e faz um curso técnico em enfermagem à noite. Apesar de parecer muito frágil, dona Ciça cuida dos quatro netos diariamente para que sua filha possa trabalhar. Sua biografia é marcada pela violência que sofria de seu companheiro, pai de seus filhos. E pela luta que empreendeu por independência e mudança de vida. Sua narrativa traz a tônica do investimento na realização profissional da filha, evidenciando a solidariedade intergeracional feminina como elemento de individualização.

Dona Val, 65 anos, reside em uma casa de chão de barro, bastante precária e insalubre, construída por ela mesma há 20 anos. Aposentada no final de 2010, pelo INSS, dona Val recebe um salário mínimo mensal. Trabalhou os últimos 30 anos como doméstica, e sempre foi a mantenedora de seu lar. Mora com uma filha, que trabalha com coleta de recicláveis, dois netos e uma bisneta. Faz trabalhos manuais para “matar” o tempo. Tendo sido “criada” segundo modelos tradicionais de separação entre os sexos, segundo o qual aos homens cabia a provisão financeira da família e às mulheres os cuidados com a casa e os filhos, Dona Val traz em suas

narrativas a questão das mudanças desses papéis entre homens e mulheres. Suas narrativas são marcadas pela condição de ser “chefe de família”, assumindo papéis que segundo ela mesma são papéis masculinos. A questão de gênero se faz presente em suas narrativas, e traz para dentro da discussão da individualização feminina as transformações dos papéis sociais.

Dona Cida, Mãe de 10 filhos, e avó de 17 netos, mora em casa própria, de cinco cômodos, bastante ventilada e agradável no Timbó, juntamente com uma de suas filhas, que trabalha como doméstica, e o esposo dela. Nunca tendo estudado, dona Cida voltou à sala de aula para se alfabetizar, faz projetos para conseguir ler antes dos 65 anos²². Separada há aproximadamente 30 anos, recebe pensão do ex marido no valor de R\$ 400,00 para despesas pessoais. As despesas da casa são divididas entre ele (o ex marido de dona Cida), uma de suas filhas e o genro. Uma de suas preocupações fundamentais é manter-se jovem. Apesar dos poucos recursos, dona Cida investe frequentemente em cosméticos, roupas e adereços femininos ‘juvenis’. Suas narrativas trazem à tona a discussão sobre o apagamento das fronteiras entre juventude, vida adulta e velhice. Através da qual a disjunção entre estágios de maturidade e idade cronológica se faz presente, fazendo da experiência da velhice uma responsabilidade individual.

Dona Geralda, viúva há 10 anos, é pensionista do INSS. Não tendo filhos, dona Geralda mora sozinha em uma casa de 5 cômodos no Timbó há 30 anos. Suas experiências de trabalho variaram entre o trabalho no campo e o trabalho como doméstica. Aos 69 anos sua narrativa de vida traz as temáticas da solidão na velhice, e das estratégias para superá-la. Esse processo de superação traz a discussão sobre como os agentes da terceira idade tem inserido os pobres nesse modelo de envelhecimento.

Dona Elza, 65 anos, casada há 30 anos, tem 10 filhos e mora em uma casa de 5 cômodos no Timbó juntamente com seu esposo, 3 filhos e 2 netos. Sua biografia reflete os impedimentos na construção de “uma vida própria”, trazidos pela baixa escolaridade, pela maternidade e pelos poucos recursos para os cuidados dos filhos.

Dona Nevinha 64 anos, mora com os filhos e uma neta no Timbó. Religiosa, frequenta uma igreja Católica quase todos os dias da semana. A

²² Dona Cida nasceu em 21/11/1946. Atualmente tem 64 anos.

sociabilidade desenvolvida na igreja é segundo ela elemento fundamental para sua satisfação. A temática da individualização em suas narrativas surge associada à religiosidade e a incorporação dos ideários da terceira idade as doutrinas religiosas.

2.3 Procedimentos metodológicos

Envolvida nos calorosos debates em torno da ética na pesquisa resolvi cumprir com um dos requisitos que se colocava em questão no âmbito do Programa de Pós Graduação em Sociologia, no início de 2009, para a inicialização das pesquisas de campo. Tratava-se de obter a autorização do Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba. A formalização junto ao Comitê foi realizada, muito embora compreendendo que a relação que estabeleceria com minhas futuras interlocutoras deveria se fundar na confiabilidade mútua, da relação construída em campo, que estaria para além daquela certidão²³.

Os primeiros encontros com as mulheres, após as apresentações do trabalho de pesquisa e a confirmação de suas participações, tiveram como objetivo nossa aproximação e a promoção de conhecimento mútuo. Visitava as mulheres pela manhã após as caminhadas na praça, para beber um copo de água. À tarde para tomar um café ou para conversarmos um pouco sobre coisas diversas. À noite para assistir novela, ou aos debates políticos das eleições para governador. Nessas visitas era sempre bem recebida, mas chamava-me atenção as perguntas que me dirigiam. Questionavam-me sobre meu trabalho e minhas pretensões após o doutorado, sobre o nível salarial de professores de universidade. Também sobre minha vida pessoal, se era casada, como era meu esposo, se meus filhos eram estudiosos, se davam trabalho, sobre onde eu morava e como era minha vizinhança. Sobre meus pais, se eram idosos, se eu cuidava deles, se eram doentes, se cuidavam da saúde.

Não me livreí destes questionamentos com nenhuma das mulheres e procurei respondê-los no limite do que era conveniente à manutenção da minha privacidade. O que me deixava claro com tudo aquilo era a necessidade de me fazer conhecer antes de mais nada, pois, todas aquelas perguntas evidenciavam a

²³ Ver Certidão em anexo 1.

intenção daquelas mulheres em me situar em seus mundos, e é por isso que aquelas circunstâncias se converteram para mim em etapa fundamental da pesquisa.

A questão da individualização feminina não foi a princípio minha temática central, antes pensei em abordar o cotidiano das mulheres e quais/como eram suas experiências cotidianas familiares e extra familiares. Neste sentido, procurei observar suas sociabilidades em locais coletivos: a praça, as ruas, calçadas, igrejas, shoppings, grupos de terceira/melhor idade. À medida que a pesquisa foi avançando, e com os contatos mais aproximados com as mulheres pude sentir entre elas, em maior ou menor grau, a existência de uma constante tensão em conciliar a convivência familiar e a convivência com outras pessoas como “as amigas de praça”, as irmãs da igreja, o grupo da terceira idade. A esta altura já contava com um grupo de oito mulheres participantes e com as quais eu me encontrava pelo menos semanalmente. Passei a investigar como essas tensões apareciam nas conversas entre elas. Os trechos abaixo são expressões retiradas dessas conversas informais, anotadas em diário de campo.

Selma: Só não frequento o grupo da terceira idade porque tomo conta do meu neto, quero ver se daqui pro fim do ano resolvo isso.

Vera: Gosto muito de viajar, mas não gosto de deixar meu esposo sozinho, porque ele não sai de casa. Mas tem dia que me dá na telha e eu vou mesmo, vou andar, faço o que eu realmente gosto, ser eu sabe ?

Ana: Sou mãe, sou avó, mas deixei de ser besta! Não deixo de fazer minhas coisas, eu preciso viver.

Geralda: Não ter filho e neto pra dar de conta, por um lado é bom, pelo menos, eu não tenho quem empate eu querer sair de casa, como eu vejo por aí.

Comecei a compreender que o cotidiano dessas mulheres era marcado por uma luta conciliadora entre: “viver para si” X “viver para os outros”. As mulheres demonstram querer harmonizar, a atenção e cuidados aos outros, ao companheiro, aos filhos, e netos, com o cuidado de si, com sua vida pessoal, com a possibilidade

de participar de atividades que lhes trouxessem satisfação, além daquelas atividades do cotidiano doméstico.

Sem perder de vista esse 'insight', procurei observar o cotidiano de todas as mulheres, desde as primeiras horas da manhã até a noite, durante a semana, assim como aos sábados e domingos. Acompanhei-as às missas e à cultos evangélicos e observei como participavam e em que medida se envolviam naquelas atividades religiosas. Realizei com algumas delas compras em supermercados, ou em mercearias, também no shopping da cidade. E pude verificar um pouco sobre o que consomem²⁴. Além disso, também realizei observações em momentos festivos e passeios coletivos. Entre algumas mulheres de Bancários, fui à confraternizações de final de ano em 2010 e a um baile carnavalesco da terceira idade em fevereiro de 2011, realizado no SESC centro. Também nos encontramos em eventos realizados na Praça da Paz e num Shopping do bairro. Com as mulheres do Timbó participei de algumas atividades desenvolvidas pelo posto de saúde para os idosos da comunidade, fomos às praias da cidade, e festejamos juntas as comemorações juninas. Participar com elas de tais atividades foi fundamental para nossa aproximação, e para conhecer um pouco mais sobre suas redes de relações.

Se por um lado pertencer ao segmento médio e morar em Bancários me facilitou tanto na constituição de um grupo de informantes - através da conhecida técnica da "bola de neve"²⁵ - como no acesso às observações e nas realizações das entrevistas, de outro, tive que empreender ali a difícil tarefa de tornar estranho o familiar (DaMatta, 1985), considerando o caráter relativo das noções de familiaridade e estranhamento (Velho, 2008). Tive que explorar um olhar diferenciado do meu recorrente olhar de moradora. Não somente meu olhar, mas também meu ouvir tiveram que ser treinados, ou como coloca Cardoso de Oliveira (2000), tiveram que ser disciplinados.

Já na comunidade do Timbó o exercício foi o inverso. Tive que tornar familiar tudo aquilo que me era estranho. E com isso o exercício de disciplina do olhar e do ouvir permaneceram embora que de forma diferenciada. Apesar de conhecer um pouco a comunidade do Timbó, e alguns de seus moradores, as idosas

²⁴ Ver em apêndice 1 fotografias de uma das senhoras fazendo compras em um supermercado.

²⁵ O método de "bola de neve" é uma técnica de pesquisa qualitativa, através da qual o conjunto de informantes é constituído através de redes de relacionamentos, ou seja, onde um informante indica outro a fazer parte da pesquisa. Ver Becker (1999) e Bernard (2005).

ali residentes eram desconhecidas minhas. Assim como a velhice, era um novo objeto de pesquisa em minha carreira.

Mesmo com a temática da pesquisa ainda em construção dei início às primeiras entrevistas – todas gravadas e transcritas - continuando a tratar sobre questões do cotidiano daquelas mulheres. O uso que faziam do tempo durante a semana e nos finais de semana, era algo que me interessava conhecer. Persegui compreender suas vivências, suas atividades do dia a dia, aquelas que faziam por prazer, e aquelas que faziam por obrigação. Saber quem eram as pessoas mais presentes em suas vidas, saber quem eram seus “outros significativos” (Singly, 2000) e como eram suas relações com eles.

Em meio a estas questões das primeiras entrevistas outras temáticas também se mostraram relevantes. A questão do uso que fazem de seus próprios rendimentos foi uma delas. Pois muitas justificativas sobre o fato de participarem ou não de cursos, ou realizarem viagens, entre outras atividades que exigiam recursos foram dadas a partir de suas condições e compromissos financeiros.

Neste sentido passei a questionar as mulheres sobre como administravam seu dinheiro. Tendo em vista que todas tinham rendimento próprio, quis conhecer que destinos davam ao que recebiam mensalmente. Quis compreender quanto gastavam consigo mesmas, como participavam das despesas domésticas, se ajudavam financeiramente outras pessoas e caso isso fosse positivo quem seriam elas, e como funcionavam essas ajudas.

Minha primeira entrevistada foi dona Ana, três das cinco entrevistas que realizei com ela ocorreram em sua casa, uma em meu ambiente de estudo e outra na Praça da Paz. Todas as demais entrevistas entre as mulheres dos segmentos médios ocorreram em suas residências e entre elas foram realizadas 33 entrevistas que variaram entre 40 minutos e 1 hora e meia de gravação. Entre as mulheres do Timbó realizei 26 entrevistas, e estas variavam entre 1 e 2 horas.

Todas as ocasiões de entrevistas foram agendadas previamente. No entanto, as condições em que se realizaram foram bastante diferenciadas. Essas diferenças inclusive contribuíam para me fazer pensar sobre duas questões, a saber: os papéis assumidos pelo pesquisador em campo, e as posições de classe das mulheres da pesquisa, pois tais diferenças refletiram em alguma medida as condições e dinâmicas dos espaços domésticos de cada uma.

Entre as residentes dos conjuntos de Bancários as entrevistas se desenvolveram no conforto das salas de estar e livres da interferência de terceiros, o que deixava as mulheres mais a vontade, no entanto, não foi o suficiente para que elas eliminassem os 'não-ditos'.

Já nas residências do Timbó, inclusive na de dona Geralda, que morava sozinha, o 'entra e sai de gente', parecia não ter fim. Ali realizei algumas entrevistas na calçada das casas, nas cozinhas, que em algumas ocasiões também eram quartos. O reduzido espaço das casas, o grande número de pessoas circulando por elas, especialmente crianças, a estrutura geminada das residências (casas construídas uma ao lado da outra, sem espaço de separação) e o hábito de se ouvir músicas em volume máximo em algumas casas, prejudicaram as primeiras entrevistas ali realizadas. Devido a isso, resolvi convidar algumas das mulheres ali residentes para darmos prosseguimento aquele trabalho no posto de saúde, onde tive acesso a um espaço bastante tranquilo e reservado para recebê-las. Para não perder as oportunidades de observação com a transferência das entrevistas para o posto, continuei a visitá-las em suas casas. Todas as observações me serviam como recurso complementar para as entrevistas que estavam em andamento.

Seguindo as sugestões de Plummer (1983), procurei inserir nas visitas às residências de todas as mulheres uma avaliação das condições de moradia de cada uma delas. Ensaiei uma etnografia de suas casas, observei bem todos os cômodos, procurei compreender o espaço de cada mulher na casa, assim como se dava a distribuição da família nestes cômodos. Observei o estado de conservação dos imóveis, o tipo de mobília e decoração, a fim de compreender, através do que elas possuem, um pouco sobre as condições materiais de vida de cada unidade residencial das quais elas fazem parte, assim como também o estilo de vida de cada uma delas.

Estive atenta as fotografias de família distribuídas pelas casas, e enquanto Lins de Barros(1987) observou a valorização da família a partir da fotografia nas camadas médias, pude perceber que isso não se restringiu as mulheres deste segmento em meu campo de pesquisa. Assim como as mulheres dos segmentos médios as mulheres residentes no Timbó também se utilizaram de fotografias para legitimar e valorizar a família.

Quanto aos papéis que assumi em campo, estes foram muitos, pesquisadora, amiga, visita, acompanhante de idosos, psicóloga, funcionária do

posto, irmã da igreja. Essa superposição de papéis os quais assumi se revelou para mim com reflexo do meu envolvimento em campo.

Conviver e entrevistar mulheres mais 'velhas', me fez conhecer, parte da história da cidade e do bairro em que moro. E, sobretudo me fez apreciar uma parte do universo feminino ainda inescrutável por mim. As ocasiões das entrevistas refletiam nossas diferenças culturais e geracionais, e muitas vezes, diferentemente do que coloca Bourdieu(1997), quando trata da violência simbólica recorrentemente exercida pelo pesquisador me senti inúmeras vezes ocupando a posição investida de menor poder. Isso porque nessas ocasiões vislumbrava-se não somente o que este autor chama de "recusa à objetivação", mas evidenciava-se minha pouca experiência de vida tendo em vista as experiências daquelas mulheres e desconhecimento de alguns fatos históricos por elas vividos.

Tudo isso me abriu os olhos para as assimetrias existentes nas interações que compartilhava com minhas entrevistadas. Lembrando-me o que observa Bourdieu:

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. Essa dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural. (BOURDIEU, 1997 p.695).

Tendo em vista as diferenças de nossos idiomas culturais, procurei construir com cada uma das mulheres participantes da pesquisa uma relação dialógica nos termos de Cardoso de Oliveira(2000). Investi no estabelecimento de relações agradáveis baseadas na confiabilidade.

Tratar sobre o cotidiano destas mulheres também nos levou a falar sobre liberdade. Liberdade para gerir o próprio tempo, e o próprio dinheiro. Liberdade de organizar o próprio cotidiano. De ir e vir, de escolher, de projetar o futuro e dar direcionamento às ações conforme as pretensões destes projetos. De tal sorte que a terceira temática das entrevistas girou em torno da compreensão sobre liberdade. Busquei compreender o que entendiam por isso, e como essa liberdade se fazia presente em suas vidas. Quais os elementos que justificavam a presença ou

ausência de liberdade no cotidiano de cada uma delas também foi uma questão que norteou minhas indagações a esse respeito.

Foi a partir de tal temática que nossas entrevistas, até então do tipo semi estruturadas, começaram a deslizar em direção às narrativas de vida. Falar sobre liberdade remeteu aquelas mulheres a momentos passados de suas vidas. Elas remontaram à infância e a adolescência, fazendo referência ao modo sob o qual foram criadas. Também se reportaram à juventude e ao início da vida adulta, narrando tanto sobre o percurso que empreenderam na conquista por liberdade, por autonomia e independência, principalmente independência econômica, quanto sobre os obstáculos que se manifestaram contra ela no curso de suas vidas. Observei que em alguma medida, todas as mulheres buscaram no passado, e na reinterpretação dele, um sentido para o presente. Ou seja, elas me deixaram perceber que suas vivências atuais eram resultado de todo um conjunto de eventos que marcaram suas vidas em momentos diferenciados. O trabalho desse modo foi orientado por uma simultaneidade de tempos, uma constante relação entre presente e passado. A partir de então um novo modo de levantar os dados foi sendo introduzido à pesquisa, as entrevistas em forma de narrativas de vida. E associado a ele fiz um redirecionamento temático, passando a focar a individualização feminina no curso da vida.

O prosseguimento da pesquisa, já com as treze interlocutoras, foi pautado sob o método biográfico. Trabalhei com relatos de vida, segundo a perspectiva de Daniel Bertaux(1997), para quem a narrativa de vida é um testemunho sobre a experiência vivida, mas é um testemunho orientado pela intenção de conhecimento do pesquisador que a recolhe e a filtra, mediante a temática explorada pela pesquisa, previamente apresentada pelo pesquisador ou intermediários na ocasião do 'contrato' de participação da pesquisa.

Ainda segundo Bertaux(1997) a narrativa de vida poder ser pensada em termos de uma linha de vida. Mas essa linha "não é comparável a uma reta ou a uma curva harmoniosa, como aparenta indicar frequentemente o termo trajetória. A maior parte das existências são, ao contrário, chacoalhadas à vontade das forças coletivas, que reorientam seus percursos de modo imprevisto e geralmente incontrolável" (Bertaux,1997.p.33)²⁶.

²⁶ Tradução minha.

Tendo em vista uma das características fundamentais das narrativas de vida, a de serem estruturadas em torno de uma sucessão temporal de eventos e situações encadeadas, como afirma Bertaux (1997), elas se constituíram para esta pesquisa como modo privilegiado de apreensão das lógicas particulares de ação desenvolvidas pelas mulheres no curso de suas vidas. Através das quais elas puderam descrever e comentar alguns eventos, justificar e analisar escolhas feitas, assim como expor suas interações sociais e de que modos elas interferem em suas experiências.

Tudo isso se processou a partir das referências sociais de cada mulher. As experiências que comigo compartilharam me serviram também de aprendizados, assim como também identificou Bosi (1994, p.85) “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que escutam”. Nessas narrativas ficaram evidenciadas suas origens e situações de classe, seus pertencimentos a segmentos sociais, suas definições sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres, suas relações com outras gerações da família.

2.4 Diferenças em campo

Em vários trabalhos realizados a partir de pesquisas de campo (ALVES, 2004; PIRES, 2007; FRANCH,2008; MÜLLER,2008) nos quais as questões de idade, ou fases da vida se fizeram presentes, a idade social do pesquisador se demonstrou relevante, e necessária de ser considerada no processo de campo.

Andréa Alves, especialista em velhice, relata em suas experiências de pesquisa o significado que sua idade apresentava em campo. Bem mais jovem do que suas interlocutoras, frequentadoras dos bailes de danças de salão no Rio de Janeiro, Andréia, observou que sua idade despertava entre os dançarinos um misto de alegria e desconfiança, sua “circulação nas rodas de conversas e na pista de dança era marcada pela diferença.” (ALVES, 2004, p.131).

Quando dei início a pesquisa imbuída dessa e outras tantas leituras sócio- antropológicas pensei que minha idade iria ser uma diferença marcante entre mim e o conjunto de minhas interlocutoras durante todo período de pesquisa, assim como foi para Alves(2004), inclusive pensei que nossa interação poderia ser dificultada por isso. Temia não parecer madura o suficiente para garantir credibilidade de ouvir suas experiências de vida, pois apesar da minha ‘aduldez’,

sabia que sempre estaria aquém em termos de experiência de vida, com relação as minhas interlocutoras.

No entanto, de modo geral minha idade demonstrou ser um atrativo que contribuiu favoravelmente para que as mulheres participassem da pesquisa. Pois para elas, como bem frisou dona Rosa: “A gente, que já tá com a idade avançada, gosta de conversar com gente nova, como você!” Conversar e estar junto de pessoas mais novas parece despertar a juventude nas pessoas de mais idade. No entanto esse processo se configurou de forma diversa no grupo de mulheres da pesquisa. Para algumas de minhas interlocutoras, prioritariamente do segmento médio, estar junto de pessoas mais novas significava o sinal de que a interação com os jovens é para elas atualmente possível, ou seja, que elas são capazes de identificar-se com jovens e de manter relações significativas com pessoas mais novas. Há entre elas mais visivelmente a valorização da juventude associada a valores e estilos de vida. (DEBERT,1999).

Já entre as mulheres dos segmentos populares, isso não foi observado com tanta força. Antes, entre estas, minha idade serviu como fonte de rememoração no processo de entrevista, no qual frequentemente a frase: “quando eu tinha sua idade...” foi colocada previamente a narrativa das histórias por elas contadas. Se de um lado minha condição etária favoreceu a lembrança do passado, da juventude vivida, de outro, ela serviu como recurso de valorização da juventude como valor entre as idosas, mediante nossa sociabilidade estabelecida no processo de pesquisa.

A mim, a identidade designada em campo fora a de “jovem senhora” o que favoreceu minha aproximação entre as senhoras da pesquisa, mas apesar de toda identificação, nossa diferença de idade com certeza foi notada desde os primeiros encontros, e desde aqueles momentos, entre as mulheres do segmento médio, foi a mim sugerido: “Não me chame de senhora!” e ainda: “Tire o dona, basta me chamar de...!” Para mim aquelas sugestões sinalizavam o desejo daquelas mulheres de se desvencilhar da imagem de pessoas mais velhas. Eu jamais poderia ir de encontro a tal desejo.

O tratamento que recebia de todas as mulheres foi sempre muito atencioso, em suas casas me sentia muito a vontade. O terraço, as salas de visitas, as mesas da sala de jantar e da cozinha foram os lugares indicados com mais frequência pelas mulheres dos segmentos médios para a realização das entrevistas.

Já nas casas das mulheres do segmento popular, sempre “cheia de gente”, o terraço (quando existia), ou a sala e a cozinha (que muitas vezes também era um quarto), eram os lugares mais tranquilos para nossas “palestras” (entrevistas e conversas informais). Visitar seus locais de moradia me levou a compreender um pouco mais sobre as condições e os modos de vida daquelas mulheres. E ainda, me proporcionaram entrar em contato e conhecer alguns de seus familiares, vizinhos e amigos.

As entrevistas eram todas previamente marcadas, no entanto, vez ou outra aparecia de surpresa para visitá-las e observar o inesperado. Todas demonstravam gostar de minha companhia. Muitas vezes recebi ligações das mulheres do segmento médio me convidando para visitá-las num dia eventual. Mas do que outras coisas, essas mulheres demandam companhia e atenção. Contrariamente, no Timbó, senti que isso não se verificava. A vida comunitária, o bate-papo com a vizinhança, com um e com outro que passa pela rua, a “meninada” das casas não abriam espaço para que as senhoras que ali residem se sintam sós. Suas necessidades são outras, e se faziam mais claras para mim cada vez que as visitava. Relacionam-se principalmente aos precários recursos de cuidados com a saúde e o suprimento das despesas com alimentação.

No geral, entre eu e minhas interlocutoras nossas diferenças de idade surgiam principalmente quando, em meio as entrevistas, elas me relatavam fatos históricos por elas vivenciados quando eu ainda não era nem mesmo nascida, como por exemplo o golpe militar, em 1964. Ou quando discorriam sobre costumes de “seus tempos” como participar de dramatizações e ir as festas do pastoril. Coisas que em “meu tempo” não existia com tanta frequência quanto como surgiu em suas narrativas. Ou ainda quando se lembraram de momentos marcantes de suas vidas, como os eventos escolares e diziam: “Naquele tempo a gente fazia teste de admissão, você não chegou a ver isso!”

Quanto ao modo como se referem a mim mais uma diferença escapa. As mulheres do segmento médio me chamam pelo meu nome, me tratam como ‘amiga’. Enquanto que o tratamento que recebi entre as mulheres do segmento popular era “senhora” me senti muitas vezes colocada por elas num lugar hierarquicamente mais elevado. Pedia para que elas me chamassem pelo meu nome, na tentativa de quebrar a distância que nossas condições sociais nos impunham, mas parecia ser algo difícil para elas. Muitas vezes, fui comparada com suas “ex-patroas” ou com as

filhas delas. Pude assim verificar que além de minha idade, meu pertencimento social, também determinava diferenças nos modos como interagira com minhas interlocutoras.

Fazer parte do segmento médio introduziu à pesquisa maior alteridade com o grupo de mulheres do Timbó, exigindo maior esforço intelectual, tanto de minha parte como de minhas interlocutoras ali residentes, para nossa mútua compreensão. Explicar os objetivos da pesquisa, por exemplo, falar sobre “individualização” para as senhoras participantes da pesquisa, mas principalmente para as residentes no Timbó, era extremamente difícil e incômodo. Lembro ter usado esse termo algumas vezes, e em todas elas percebi que não me fazia compreender, precisei, naquelas oportunidades, reelaborar minhas falas a fim de me tornar inteligível. E assim como comenta Foote Whyte (2005), em seu trabalho em Cornerville, também percebi que minhas interlocutoras desenvolviam uma explicação sobre meu trabalho: Eu queria escrever sobre o que é ser e o que fazem as idosas de Bancários e do Timbó.

Zaluar (2000), ao estudar os significados da pobreza no subúrbio do Rio de Janeiro, discorre sobre os sinais microscópicos da separação social existente entre a classe trabalhadora pobre, e aqueles que, como ela, pertencem a segmentos sociais mais privilegiados pelo sistema de educação. Alguns detalhes a princípio insignificantes sobre a interação entre investigador e investigados são apontados por Zaluar (2000) como marcadores cruciais das suas diferenças sócio culturais, são eles: os olhares, o paladar, os mais simples gestos, os modos de falar, de andar, de vestir entre outros. Somente após a pesquisa de campo e com o contato com este trabalho etnográfico, ou como diria Geertz(2005), “estando aqui” (*being here*), tomei ciência do que acontecera em campo, percebi que assim como a experiência de campo de Zaluar, tais marcadores também se fizeram presentes na minha experiência.

Poderia relatar inúmeros eventos neste sentido, mas escolhi um bem simples. Certo dia na casa de dona Geralda, após a entrevista, ela me ofereceu um café com bolo, me levou à sua cozinha e sentamos juntas. Muito atenciosa comigo me serviu um café num copo. O café, no entanto, não havia sido coado, senti dificuldade em tomá-lo devido a grande concentração do pó de café no copo. Ela rapidamente reparou minha dificuldade e disse que era acostumada a tomar café daquele jeito, falou que eu esperasse um pouco que o pó descia para o fundo do

copo. O raciocínio físico que ela usara não me era estranho, mas aquela situação era para mim inusitada. Aquilo me alertava para a ideia de que na interação e interlocução com “os outros” no momento do trabalho de campo, nós investigadores sociais, estamos sujeitos a estranharmos seus códigos, costumes, e formas de agir. Ao seguir as instruções de dona Geralda, aquele evento, até então alheio a mim e que num primeiro momento, “estando lá”(*being there*) (Geertz, 2005), me fora tão insignificante transformou-se em aprendizados. Eu que habitualmente tomo café solúvel, ou expresso, aprendi com dona Geralda a tomar café conforme sua forma de prepará-lo. E mais, enquanto investigadora, aprendi que eventos tidos como insignificantes em campo, podem representar importantes fontes, no momento da escrita, “da tradução”, da análise da diversidade da vida cultural.

Capítulo 3

CENÁRIOS. OS ESPAÇOS DA PESQUISA E SUAS CARACTERIZAÇÕES

A opção pelo estudo dos locais de moradia neste trabalho relaciona-se com as caracterizações dos segmentos sociais nos quais se inserem as mulheres participantes da pesquisa desta tese. A descrição desses cenários procura iluminar as vivências das pessoas que neles se inserem, e mais especificamente, as vivências das mulheres participantes situando aspectos relevantes que influenciam seus processos de individualização. Neste capítulo procuro apresentar seus espaços de moradia, assim como suas relações de vizinhança e dinâmicas sócio espaciais, na tentativa de caracterizá-las e situá-las segundo suas condições de classe. Como já demonstrou a literatura os lugares de moradia, as relações sociais que nele se engendram, constituem a base para que identidades comuns se desenvolvam (MAGNANI, 1998; CALDEIRA, 1984; ZALUAR, 2000).

3.1 O bairro de Bancários. Sua formação, seus números e suas paisagens

Com a expansão da Zona Sul da cidade, apontada como área periférica, ainda no final da década de 70 e início da década de 80 nasce o bairro de Bancários. Que geograficamente limita-se com os bairros de Castelo Branco, Anatólia, Jardim São Paulo, Jardim cidade Universitária, Altiplano Cabo Branco e Portal do Sol.

Sua formação se deu inicialmente com a união de dois conjuntos residenciais, um denominado Bancários, destinado aos trabalhadores bancários, e o outro conjunto denominado de Professores, destinado principalmente aos professores do Campus I da Universidade Federal da Paraíba, localizado no Castelo Branco. A construção das casas de tais conjuntos, ainda nos anos 1970 e 1980, atraiu para suas proximidades trabalhadores da construção civil, pessoas especialmente advindas de cidades do interior da Paraíba e de outros Estados circunvizinhos. A fim de manterem-se próximas aos seus postos de trabalho, estas pessoas, abrigaram-se em casas improvisadas em um terreno particular próximo aos conjuntos, localizado às margens do Rio Timbó.

Segundo os relatos de alguns dos primeiros moradores da comunidade, entre eles, seu Miguel, senhor de 83 anos, nascido em Araruna, interior da Paraíba, o Timbó se formou a partir das redes de relações dos seus primeiros moradores, que vindos do interior e aqui se estabelecendo, traziam seus parentes e conhecidos, que haviam ficado no interior, para assim como eles também “ganharem a vida na cidade grande”. Essa rede de relações se constituía em uma estrutura fundamental para que os recém chegados tivessem o mínimo de condições de vida na cidade. Dona Ciça, por exemplo, veio para João Pessoa, por intermédio de seu Miguel, inclusive foi ele quem construiu sua primeira casa de taipa, assim como a de alvenaria.

A ampliação do mercado de trabalho na construção civil na cidade de João Pessoa nos anos 1980, especialmente na zona sul da cidade, com as construções dos conjuntos residenciais de Anatólia, Conjunto dos oficiais e principalmente Mangabeira, alavancou o processo do êxodo rural na Paraíba, e contribuiu para o avanço das áreas de invasão da cidade. De tal sorte que paralelamente a construção daqueles conjuntos e com a formação dos bairros regularmente inseridos na cidade, iniciava-se a formação do que hoje se chama majoritariamente ‘comunidade’ do Timbó, o nome dado a comunidade faz referência assim ao rio em cujas margens a comunidade nasceu. Somente em 2008 o Timbó foi reconhecido como uma das Zeis da cidade integrando assim o zoneamento urbano do bairro de Bancários de forma regular.²⁷

Atualmente, segundo o IBGE (2010), o bairro de Bancários tem uma população de 11.863 pessoas, entre estas 6.324 são mulheres, ou seja, 53,30% de sua população. Por sua vez neste grupo de mulheres residentes em Bancários 10,61% possuem idade superior a sessenta anos. Em 2010 o bairro possuía 3.596 domicílios, enquanto que em 2000 este número era de 2.576. Esse aumento quantitativo de domicílios em Bancários comprova seu visível crescimento nos últimos 10 anos.

Ainda de acordo com o IBGE a comunidade do Timbó abriga 603 domicílios dentre os quais 208 tem mulheres como suas responsáveis, ou seja, 38,49% dos domicílios daquela comunidade e em 38 deles - que corresponde a 18,26% dos domicílios de responsabilidade feminina - as mulheres possuem mais de

²⁷Conforme descrito no Plano Diretor da cidade de João Pessoa: “As Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS são porções do território destinadas, prioritariamente, à recuperação urbanística, à regularização fundiária e produção de Habitações de Interesse Social.”. Anexo 2. Mapa do bairro e a localização de suas comunidades.

sessenta anos de idade. No setor dos conjuntos, há por sua vez, 2.993 domicílios, dos quais 40%, ou seja, 1.168 tem mulheres como suas responsáveis e entre elas 21,88% possuem mais de 60 anos.

O rendimento médio dos responsáveis pelos domicílios no setor dos conjuntos era em 2010 de R\$ 2.500,00, tendo aumentado consideravelmente da média observada em 2000 que ficou em torno de R\$ 1.500,00. Já no Timbó, o rendimento médio dos responsáveis pelos domicílios que em 2000 estava em torno de R\$ 241,00, em 2010 chegou a R\$ 530,00.

Quanto aos serviços públicos o bairro possui duas escolas municipais, Aruanda e Olívio Ribeiro Campos, cada uma atende cerca de 500 crianças e adolescentes em sua maioria residentes no Timbó. Há ainda no bairro duas escolas Estaduais a Francisca Ascensão da Cunha, que assiste a 300 jovens e adolescentes, nos turnos manhã, tarde e noite e a escola Dom Carlos Coelho que funciona pela manhã e a tarde atendendo crianças da educação infantil. O bairro também possui três postos de Saúde do PSF, chamado PSF Bancários, e dois outros chamados PSF Timbó I e PSF Timbó II. Onde se oferece serviços de saúde, e realizam-se encaminhamentos para clínicas e hospitais especializados da cidade. A partir das observações do cotidiano destes postos, assim como da avaliação dos prontuários, ficou evidente que o maior número de usuários destes postos é a comunidade feminina e infantil residente no Timbó. O acompanhamento de pré-natal, os cuidados pediátricos, e com os idosos especialmente cardíacos, diabéticos e hipertensos, se constituem os principais serviços oferecidos por estes espaços de saúde pública.

Também se encontra em Bancários o Centro de referência da cidadania (CRC), ligado a secretaria de desenvolvimento social da PMJP, cujas funções são a de realizar ações socioeducativas e artístico-culturais que possibilitam a participação cidadã em atividades que contemplem a inserção social de pessoas em situação de vulnerabilidade. Oferecendo formação, cursos de capacitação e qualificação profissional, como de: corte e costura, cabeleireiro, manicure, entre outros. O CRC oferece serviços de Retirada de Carteiras de Trabalho em parceria com a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) e de cadastro no Bolsa Família, também auxilia e oferece o espaço para a realização dos programas Sociais: PETI (Programa de erradicação do trabalho infantil), PAPI (Programa de atenção a pessoa idosa), que atua na averiguação e no acompanhamento de denúncias de maus tratos,

negligência e exploração financeira de idosos, bem como, na prevenção, através de grupos de Convivência, e na reparação de danos por meio de atendimento psicossocial entre outros.

Espaço de referência do bairro bastante utilizado por seus diversos moradores assim como de outras localidades é a Praça da Paz. Composta por parques infantis, quadras de esportes, academia para a terceira idade, pista de skate, pista de Cooper, mesas de jogos, biblioteca, jardins, lanchonetes e bares. A Praça da Paz atualmente se apresenta como atrativo espaço de uso coletivo, e de desenvolvimento de sociabilidades. Consistindo em contra exemplo da lógica do esvaziamento público, da abdicação crescente do público em relação ao privado nas grandes cidades (SENNET,1998; CALDEIRA, 2000). Seu nome, escolhido pela comunidade de Bancários, relaciona-se com a perspectiva de Paz, em contraposição aos inúmeros acontecimentos violentos ocorridos naquele espaço anteriormente a sua construção e revitalização.

Conforme observam Soares e Campos (2010) - tratando sobre os impactos da revitalização da Praça da Paz ocorrida em 2006, sobre o medo e a violência urbana - além das questões funcionais, em termos de lazer, de práticas esportivas, culturais e de sociabilidades, a Praça da Paz acumula a função de contribuir para a minimização da violência e do sentimento de medo entre seus frequentadores e moradores de Bancários. O “balé das calçadas”, como diria Jane Jacobs (2000), a proteção a partir dos múltiplos olhares, demonstrou ser importante instrumento na redução da insegurança. Tais observações confirmam com as proposições de Robba e Macedo (2003), quando revelam que ao longo da história das cidades, as praças vêm sendo transformadas e adaptadas às condições sociais de cada época. A Praça da Paz, assim, se constitui num instrumento que além de atender as suas funções mais tradicionais, já destacadas, também faz frente ao medo disseminado na cultura contemporânea (KOURY, 2005; 2008). A fala a seguir de um dos moradores do bairro, coletada pelos pesquisadores de “Da casa a Praça” reforça esse entendimento.

A violência diminuiu muito, até mesmo o acesso quando a gente atravessava pra escola aquilo ali era um matagal. Hoje além de ser urbanizado de forma bonita tem a questão da segurança que é muito bem iluminado e muito frequentada, que traz segurança até para os alunos do Pró-Jovem, que frequentam a escola à noite, que vão e vem na maior tranquilidade. Até na segurança contribuiu. Foi um

show". (Moradora dos Bancários). (SOARES e CAMPOS, 2010. p.162).

Outro importante serviço público instalado no bairro, mais especificamente na comunidade do Timbó é a creche, a CREI Rita Gadelha de Sá, com capacidade para atender 120 crianças residentes naquela comunidade. Este serviço, segundo os moradores, não somente trouxe mudanças significativas nas práticas da vida das pessoas da comunidade, especialmente das mães das crianças assistidas, mas também em sua nas condições de vida. Segundo algumas conversas informais com funcionários da creche, a maior parte das mulheres, cujos filhos são assistidos pela creche, somente passou a trabalhar após o início de seu funcionamento. O rendimento das famílias e suas condições de vida, segundo a direção da CREI, melhora grandemente, quando essas mulheres tem a assistência dos cuidados de seus filhos garantidos, pois o trabalho, ainda que informal, para elas, passa a ser uma realidade possível.

As ruas residenciais do bairro de Bancários onde habita a população dos segmentos médios são vazias, se comparadas com as ruas da comunidade do Timbó. Nesta comunidade é intensa a presença de pessoas pelas ruas, nas portas das casas, nos bares e mercearias. Naquele outro setor, essa movimentação somente se verifica nas avenidas principais e em localidades como o Shopping do bairro e no entorno da Praça da Paz. No Timbó a rua funciona praticamente como uma extensão da casa durante todo o dia e parte da noite. Ali a intensidade de movimentação nas ruas ainda aumenta nos finais de semana, tendo em vista que a população trabalhadora que ali reside costuma permanecer em casa nos finais de semana, e utiliza as áreas externas de suas casas como espaço de descanso e lazer.

A dinâmica popular no Timbó em tempos de festa em muito se amplia. Os moradores investem na manutenção da tradição das festas populares, a exemplo do São João. Nas festas juninas os moradores organizam quadrilhas e montam um arraial onde os ensaios das quadrilhas acontecem assim como os festejos típicos do mês de Junho. Naqueles dias nos anos de 2010 e 2011, em quase todas as casas se via uma fogueira acesa na noite de véspera de São João. Em sua volta as pessoas assavam milho, soltavam fogos e se confraternizavam. Legitimando as proposições de inúmeros trabalhos que defendem a ideia de que para as camadas

populares o espaço do bairro é mais do que espaço físico. (DURHAM, 2004; FRANCH, 2008; MAGNANI, 1998; ZALUAR, 1985).

A organização comercial do bairro se deu em suas avenidas principais - as avenidas João Rodrigues Alves e a Av. Sérgio Guerra - oferecendo aos moradores daquelas proximidades uma variedade maior de comércios e serviços. Entre eles, o Shopping Sul inaugurado em 1998 que atende a população do bairro e adjacências. Proporcionando desde o comércio de confecções, calçados, artigos do lar, serviços de bancos, assim como representa um local de lazer, aos seus usuários, através das opções da Praça de alimentação, com música ao vivo, e da sala de Cultura, onde ocorrem apresentações de entretenimento. O Shopping ainda representa importante centro gerador de empregos diretos e indiretos, para a população principalmente do bairro. Muitos dos funcionários das diversas lojas são moradores dos Bancários e circunvizinhos, assim como os funcionários da administração, da segurança e de serviços gerais do Shopping.

Nos últimos 10 anos, outras ruas e avenidas também têm sido progressivamente transformadas em comerciais, a Av. Rosa Lima dos Santos, e a Rua Abelardo dos Santos, esta última mais próxima ao Timbó são algumas delas. A ampliação do comércio de pequeno e médio porte – Imobiliárias, concessionária de motos, revendedoras de pneus, escola infantil, copiadora, lojas de roupas, padarias, farmácias, salões de beleza, papelarias, marmitaria, armarinhos - segundo os comerciantes ali instalados, se deu, entre outros fatores, para atender a demanda dos moradores do bairro.

Tais transformações são importantes de serem destacadas pois estimulam outras tantas mudanças também interessantes para análise desse trabalho. A incorporação de novos padrões de renda e de consumo associa-se a novos padrões de comportamentos. Assim como observa Simmel (2005), ao tratar da economia monetária, de seus movimentos de oferta e procura associada a ampla heterogeneidade e diferenciação social características das grandes cidades, e aos seus inúmeros estímulos como importantes veículos das transformações dos comportamentos em direção à individualização e a multiplicação de estilos de vida. Segundo este autor, a questão dos estilos de vida relaciona-se intimamente com o avanço do capitalismo no ocidente e com os processos de individualidade nesta sociedade. Tais processos, geradores crescentes de diferenciações, permitem que novos estilos, novos projetos e projeções individuais e grupais sejam acionados no

interior da sociedade, tendendo a conflitar com outros modos e estilos de vida presentes. Conforme observa Koury(2010):

O corpo social de uma cultura urbana, desse modo, é depositário de uma enormidade de modos e estilos de vida que, por sua vez, produzem, rejeitam, recompõem outros tantos, e, ao mesmo tempo, associam-se ou conflitam entre si, nas projeções de configurações por eles almejadas, nos jogos interacionais a que se viam submersos. (KOURY, 2010.p.45)

Discutir estilos de vida na contemporaneidade, no entanto, não deve aludir tão somente ao jogo permanente de novas formas de apresentar-se no social pela diferença. Novas reelaborações das tradições também são possíveis de serem detectadas. Tais reelaborações serão melhores apresentadas na sessão seguinte deste capítulo quando discuto as práticas e vivências das idosas, envolvidas na pesquisa, no bairro em que habitam.

Segundo seus moradores – especialmente os mais antigos – o bairro de Bancários e suas paisagens tem se transformado profundamente desde sua formação. Os terrenos baldios, onde a “meninada” se encontrava para as “peladas” dos finais de tarde, hoje inexistem. As tranquilas ruas de barro deram lugar aos asfaltos por onde os veículos circulam ininterruptamente. As casas dos conjuntos, “todas iguaizinhas” foram progressivamente se modificando, incorporando e expressando os gostos e estilos de cada um de seus proprietários.

A paisagem de Bancários em geral tem sido transformada nos últimos anos pela especulação imobiliária. Sua localização privilegiada – entre universidades – e sua boa infra estrutura (pelo menos no setor dos conjuntos) tornou Bancários um dos bairros de João Pessoa mais atrativos para se morar. A verticalização em Bancários se apresenta atualmente como o mais novo fenômeno de mudança em sua paisagem. Atualmente cerca de 200 casas dos conjuntos já foram destruídas e deram lugar a edifícios de até três andares, em geral contendo cada um 12 apartamentos²⁸. Segundo os corretores de imóveis da região, tal movimento tem sido desenvolvido em função da grande demanda por moradia no bairro, especialmente por pessoas vindas de outros estados, e países, estudantes e professores ligados a Universidade Federal da Paraíba. Bancários tem se revelado

²⁸ Informações dadas pelo presidente da associação de moradores do bairro, que também é funcionário da Secretaria de desenvolvimento urbano da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

assim como um bairro em emergência, destacando-se de outros bairros populares da Zona Sul da cidade, como Mangabeira e Valentina. O trecho abaixo retirado de uma das entrevistas que fiz na oportunidade de mestrado com um morador do Conjunto dos Bancários retrata essa percepção.

Bancários têm duas realidades bastante fortes, primeiro ele é um bairro bastante valorizado, é um bairro em que as pessoas buscam se igualar aos bairros da praia. É um bairro que estruturalmente é bom, em que as pessoas especialmente que eu convivo, são pessoas que estudam, fazem mestrado, doutorado, como você, Cristiane. São pessoas que trabalham. É um bairro que está em ascensão, porque muitas pessoas que moram nele também estão em ascensão, mas é um bairro que ainda vive de aparência, porque aqui também tem muita pobreza, no geral as condições das pessoas são muito diferentes[...] está muito valorizado em termo de arquitetura e de construção ele está crescendo e chega a ser comparado ao valor de compra, dos bairros nobres, quer dizer há um suposto que aqui só mora pessoas de alto nível, o que é uma inverdade.

(M. J, 26 anos, Morador de Bancários)

A ideia de ascensão e de melhoria de vida também se encontra presente na percepção dos moradores do Timbó. O relato a seguir achou ressonância em inúmeras outras falas dos moradores daquela comunidade, especialmente entre suas idosas e moradoras mais antigas.

Quando eu vim morar aqui há 16 anos isso aqui era uma coisa horrível, era muita pobreza mesmo, casas de taipa, de lona, hoje as casas são todas de cimento, a água tinha que carregar do rio, só o que tinha de bom é que naquele tempo o rio era limpo. Pra tudo se usava a água do rio. A gente tomava banho de rio. Pra vista do que era antes o Timbó hoje é rico! [...] Hoje temos água encanada, todas as casas são de alvenaria, temos escolas, saúde, creche, a vida das pessoas daqui melhorou muito, mas ainda precisa melhorar. (M. Agente de saúde do Timbó I).

A heterogeneidade da população de Bancários se expressa com muita força em suas paisagens. Residências com traços modernos e requintados se misturam a outras nas quais os sinais do tempo e da degradação se sobrepõem. Sem se falar no desordenamento e na pauperização das construções irregulares do

Timbó. As residências dessa comunidade são visivelmente mais carentes e contrastam em termos de infraestrutura, com as outras partes do bairro.²⁹

A formação do bairro, sua geografia, seu comércio, seus postos de serviços públicos e privados, suas transformações estatísticas e paisagísticas, além das percepções de seus moradores, são aqui tomados como elementos que refletem em grande medida as diferenciações internas de sua população assim como contribui na descrição dos cenários e iluminam a vida social do lugar.

3.20 bairro de Bancários: Suas idosas e suas práticas

As localizações urbanas e práticas decorrentes dos movimentos da população para o trabalho, para o consumo, para o lazer, para o esporte, para a igreja, etc. são caracterizados pelas condições socioeconômicas, culturais e espaciais da população. Os idosos como parte significativa da população de Bancários, tem sua participação nesses movimentos. Principalmente aqueles idosos engajados nas atividades da “terceira idade”³⁰ e/ou nos grupos religiosos do bairro. Estes idosos, residentes em Bancários, especialmente as mulheres, interferem decisivamente nas práticas cotidianas do bairro como um grupo etário com identidade e cotidiano próprios.

Como apresentado anteriormente, ao analisar famílias assistidas pelo Programa Saúde da Família, em um dos bairros populares de Recife, Parry Scott, observou uma inversão na construção de gênero entre homens e mulheres. Segundo ele, as mulheres idosas valorizam os espaços públicos, ou da rua, e os homens idosos dão preferência à vida no âmbito da casa. As mulheres idosas em Bancários parecem seguir esse mesmo padrão observado por Scott(2006). Ainda que as “obrigações” domésticas ocupem parte de seu tempo, os cotidianos de todas elas compreendem inúmeras atividades “extra- casa” que aqui compreende o bairro, incluindo suas diferentes comunidades.

Segundo Prost(2009), ao tratar sobre espaços de convívio, o bairro é eleito como um desses espaços é considerado como lugar do conhecimento mútuo. É esse convívio e o conhecimento mútuo que permitem com que o “bairro permaneça como um espaço aberto, público, e que mesmo assim a vida privada de

²⁹ Ver fotografias em apêndice 2.

³⁰ Ao mencionar este termo estou me referindo as ideias gerais a ele associada usualmente no Brasil.

cada um encontre aí um prolongamento, um eco, um apoio e às vezes uma crítica” (PROST, 2009. p.105). Aqui procuro discorrer um pouco sobre as práticas dessas mulheres entre a casa e a rua. Trago algumas questões que levantei no início da pesquisa de campo, a saber: Como minhas interlocutoras dividem seu tempo no dia a dia? Que atividades fazem por “obrigação” e quais realizam por “prazer”? Quais são suas práticas domésticas? Que ambientes sociais circulam com mais frequência? O que fazem nesses ambientes?

No setor do bairro onde se localiza a Praça da Paz, é muito comum, por exemplo, a concentração dos idosos, majoritariamente mulheres dos segmentos médios, no início das manhãs e finais de tarde. As caminhadas, e exercícios na Academia da Terceira Idade (ATI), as aulas de dança e ginásticas oferecidas pelos professores do projeto Vida Saudável, apesar de serem atividades consideradas imprescindíveis a saúde e a manutenção de uma vida saudável, também correspondem a práticas interessantes à manutenção de uma vida social ativa. Os encontros na praça são também motivos especiais para frequentá-la. Segundo as idosas frequentadoras da praça, as conversas, as sociabilidades, são “remédios” para curar muitos males.³¹

Mensalmente é organizado na praça, com a cooperação de todas as mulheres e das professoras do projeto Vida Saudável, um café da manhã. É um momento de maior interação, de confraternização e comemoração das aniversariantes do mês, assim como outras datas comemorativas, como o dia da “melhor idade”.

Além das praças outros espaços do bairro mais visitados pelas mulheres idosas são as igrejas. É maciça a participação feminina idosa nos cultos evangélicos e muito mais expressivamente nas missas das duas principais Igrejas Católicas do bairro. As atividades religiosas funcionam como importantes veículos de sociabilidades para estas mulheres. Num estudo exploratório, para elaboração do projeto de tese, realizei um questionário com 55 mulheres, com mais de 60 anos, residentes nos bairro, a fim de conhecer algumas questões gerais, sobre escolaridade, profissão, religião, naturalidade, estado civil, filhos, etc.. Trinta e cinco delas faziam parte das atividades do projeto Vida Saudável, pertenciam aos segmentos médios do bairro, as outras 20, faziam parte do grupo de idosas

³¹ Ver fotos em apêndice 3.

frequentadoras do CRC, dentre estas, doze residiam no Timbó, as demais em Bancários. Interrogando sobre religião, 41 mulheres afirmaram ser católicas, 12 disseram ser evangélicas, e outras duas disseram que não tinham uma religião definida. Questionando aquelas que afirmaram ter uma religião sobre o que mais as atraía às igrejas as quais elas frequentavam uma, entre as três respostas mais citadas, estava a ideia da sociabilidade. Os encontros semanais, o apoio mútuo, as orações compartilhadas, o estreitamento dos vínculos, os festejos realizados coletivamente, tudo isso, associado as orientações religiosas e especialmente ao desenvolvimento e acompanhamento da fé, representam para as mulheres as principais motivações para fazer parte de uma comunidade religiosa.

Especialmente no grupo de idosas frequentadoras das igrejas católicas do bairro, pude observar uma maior dinâmica social. Além das atividades religiosas propriamente ditas este grupo investe mensalmente em passeios, viagens, organizadas por agentes ligados a igreja (psicólogos, educadores físicos, etc) e em parceria com a prefeitura da cidade, que patrocina o transporte. Também costumam organizar quermesses em datas festivas, como nos festejos juninos e outros “dias santos”. Tais organizações envolvem preponderantemente as mulheres idosas, comumente são elas as responsáveis pelas comidas e pela decoração das festas.

Das treze mulheres que compõe meu grupo de interlocutoras, onze são membros e participam ativamente de atividades religiosas. Quatro delas em Igrejas Evangélicas e as demais em Igrejas Católicas.

Maria, uma das participantes da pesquisa, criada desde criança sob as orientações da igreja católica, é frequentadora assídua de reuniões de grupos católicos, geralmente formados por mulheres na Igreja Jesus Ressuscitado, localizada em Anatólia (bairro vizinho a Bancários), como por exemplo, a legião de Maria³². Em seus relatos ficou evidente que participar e ser assistida por uma comunidade religiosa lhe ajuda a encarar o que para ela tem se apresentado como principal elemento de conflito em seu cotidiano, a relação com o filho. Seus discursos em defesa de suas ideias, de suas vontades, geralmente confrontadas com a de seu filho, são fundamentados em argumentos baseados nos textos bíblicos, nas orientações de seu conselheiro espiritual, o padre de sua Igreja e nos conselhos de suas amigas da legião de Maria.

³² Associação de católicos constituída, segundo seu manual, por um tripé: oração, reunião e trabalho.

As práticas em torno da vida religiosa entre as mulheres envolvidas no processo de pesquisa se revelaram como fundamentais para a construção diária de uma vida própria. Mas por outro lado tais práticas religiosas, em maior ou menor grau, não deixaram de se constituir como bases reguladoras de seus comportamentos ao longo de suas vidas. Tais manifestações me remetem ao que Michelle Perrot (2007), observa sobre a relação entre a religião e as mulheres. Segundo esta autora, a relação das mulheres com a religião é paradoxal. Pois se de um lado as religiões impõem-se como poder sobre as mulheres, de outro, representam uma forma de poder das mulheres especialmente quando estas conseguem transformar a posição de submissão que a religião lhes reserva, na base de um “contra poder” e de uma “sociabilidade”. (PERROT, 2007).

A religiosidade desenvolvida entre minhas interlocutoras ultrapassa o ambiente religioso, as igrejas, e envolvem muitas vezes seus espaços privados. Em algumas residências, a existência de oratórios, o uso de imagens de santos como ornamentos puderam ser observados. A prática doméstica de “rezar o terço” diariamente, e diante das imagens, se mantém entre algumas senhoras católicas³³. Assim como a participação em novenas³⁴, nos lares geralmente da vizinhança, tal prática estimula não somente a fé, mas as sociabilidades e o estreitamento dos vínculos entre as vizinhas.

Entre as evangélicas, a prática de culto nos lares, também apontam para uma vida devocional doméstica. Estes cultos podem reunir não somente os familiares, mas também amigos e vizinhos convidados. Tem como objetivo a maior interação entre a comunidade religiosa em questão, o estudo bíblico mais “informal” e a possibilidade de evangelismo entre possíveis não evangélicos que visitem a família anfitriã.

Ainda que não tenham tido ênfase no processo de pesquisa, as relações de vizinhança desenvolvidas entre as mulheres participantes também puderam ser analisadas não somente a partir de seus relatos, mas principalmente através das observações empreendidas em campo.

Nas ruas dos conjuntos de Bancários a reclusão ao espaço doméstico foi bastante evidente, em contraposição ao que pude observar no Timbó. No entanto, o

³³ Ver apêndice 5.

³⁴ Encontros para orações que duram nove dias. Em cada dia a imagem de Maria, e o grupo de oração visitam uma residência diferente.

uso das ruas e os contatos com vizinhos ainda se mantêm no cotidiano de algumas senhoras. Vera, por exemplo, possui uma vizinha, Dona Mada de 77 anos, há 29 anos. Ambas moram na mesma rua e tem o hábito de se verem todos os dias, de conversarem nas calçadas uma com a outra e com outras pessoas que eventualmente se aproximam. Esse hábito ocorre mais no período das manhãs, parece ser resultado de suas próprias estratégias de vida desenvolvidas desde o tempo em que a vida naquele lugar aproximava-se mais da vida no campo do que da vida urbana.

No início da década de 80, ainda não havia chegado água aqui em Bancários, era preciso a gente botar a roupa no carro ir lavar no Timbó, a água do rio era muito limpinha. Muita gente fazia isso. Levava as bacias, umas tábuas e lavava lá. Aqui também não tinha nem estrada porque logo quando cheguei não passava carro pra cá, tinha somente um canteiro, um caminho pra gente fazer de pés e ir até a principal. O que tinha muito era mato. Os meninos brincavam muito, o perigo que fazia era de algum bicho, cobra essas coisas. Mas agente se ajudava muito aqui, eu olhava os meninos quando **Vera**³⁵ saía pra trabalhar, ela chorava tanto, porque a vida aqui era um pouco difícil quando agente chegou. Mas com o tempo, as coisas foram melhorando, abriram a rua, depois calçaram, e hoje você veja como tá. Isso aqui não existia minha filha. Hoje o medo que faz é de um carro desse passar e atropelar alguém. Eu mesmo fecho o cadeado no portão pra justamente evitar que meu neto corra pra rua, porque ele brinca de bola por aqui, mas ele é pequeno ainda. (Mada, moradora de Bancários, vizinha de Vera).

As narrativas de Vera envolvem dona Mada inúmeras vezes, durante muitas fases e eventos de sua vida, sua vizinha se fez como personagem fundamental principalmente quando refletia sobre as estratégias empreendidas ao longo do tempo para cuidar dos filhos pequenos, para resolver problemas conjugais, para dar conta dos afazeres domésticos, para lidar com alguma enfermidade, e principalmente para conciliar tudo isso com o trabalho. Essa parceria de anos associada à proximidade de suas residências pareceram os aspectos mais relevantes para que estas mulheres nutram ainda hoje tamanha amizade e confiança e invistam no hábito do encontro diário. Incorporando dessa forma cotidianamente o encontro com a vizinha, geralmente no portão de suas casas.

O relato anterior traz a discussão sobre as transformações do ambiente urbano, e seus reflexos sobre o modo de vida e o cotidiano das pessoas. Chamo

³⁵ Nome verdadeiro foi substituído pelo utilizado na tese.

atenção neste sentido para a presença do medo no discurso da senhora. O medo se aplica a coisas diferentes com o decorrer do tempo. Antes, estava relacionado aos problemas que poderiam ser adquiridos devido a algum animal nocivo, trata-se de um medo “tradicional”, ou um medo de tempos antigos, mais ligado a vida no campo. O medo atual liga-se contrariamente as condições urbanas, é o medo da violência do trânsito na cidade. As melhorias urbanas, no relato da senhora, são acompanhadas por sentimentos antagônicos. O medo a acompanha e a faz adquirir hábitos diferentes, interferindo diretamente no seu modo de vida. De modo que fica evidente que os habitantes e moradores das cidades contemporâneas, e entre elas João Pessoa, vivenciaram e vivenciam o cotidiano acompanhando seu processo de desenvolvimento urbano e crescimento, que cada vez mais se pautam em uma cultura do medo, onde a violência e a vitimização pessoal aparecem marcadamente como algo inevitável à vida social. (KOURY, 2002, 2005).

Também na pesquisa exploratória, pude coletar relatos de mulheres idosas, que demonstraram menos interesse pela vida extra muros. O medo da violência urbana mais uma vez surgiu como principal justificativa apontada por elas para o recuo da vida pública. Associada as questões da cultura do medo, entre as moradoras de Bancários estão as reflexões acerca da emergência de novas formas de sociabilidade, as sociabilidades virtuais. Segundo uma delas, Dona Aparecida, as pessoas tem cada vez mais substituído a relação presencial com familiares, amigos e vizinhos pela relação virtual. O processo de modernização que penetrou no cotidiano da sociedade brasileira criou formas de sociabilidades mais individualizadas. E isto é sentido negativamente pelas mulheres participantes da pesquisa, pois elas não possuem nenhuma intimidade com computadores - salvo uma delas, dona Ana - apesar de possuírem em casa. As senhoras sentem-se excluídas duplamente por esses novos mecanismos de relacionamentos. Primeiro porque como já comentei não sabem utilizar os computadores, são então excluídas das redes de relacionamentos virtuais, e por outro lado são segundo elas, abandonadas por seus familiares e amigos, que empregam todo tempo livre em sites de relacionamentos. O trecho de uma conversa informal demonstra tal avaliação.

Cristiane: A senhora tem amigos aqui em sua rua?

Dona Aparecida: Não amigos não, porque nem todo mundo é pra ser amigo, né? Eu conheço muita gente aqui, falo assim com todos. Mas amigos eu não tenho nenhum. Eu tenho mais assim minha

família que mora em Mangabeira, e algumas pessoas do Cristo. A gente cumprimenta por educação, sabe como é?

Cristiane: Sei, a senhora costuma encontrar com seus vizinhos e conversar com eles?

Dona Aparecida: Encontrar a gente encontra né assim quando um chega ou sai, e agente tá por aí por fora. Mas pra chegar assim ficar conversando na casa de um, pelas portas, não. Até porque, todo mundo é muito ocupado. Sai de manhã e só chega de noite. E quando chega é direto pro computador, não tem mãe, não tem vizinho. Hoje em dia, ninguém senta pra conversar com ninguém não, feito antigamente. Quando eu morava na Torre, a gente tinha mais oportunidade de conversar, aqui não tem isso não, o povo daqui, é... não tem isso não. Eu conversava mais com Wilma, uma vizinha minha daí, mas ela foi morar em Mangabeira. Agora assim eu cumprimento, se vier na minha casa eu recebo com muito prazer.

Vê-se que os processos de modernização, exemplificados na fala da senhora pela ritmo de trabalho das pessoas, assim como pela referência as novas formas de relacionamento virtuais, são questionadas pela perspectiva relacional da sociedade brasileira proposta por DaMatta(1991). A senhora fala das lembranças do tempo em que as relações na família e na vizinhança eram mais próximas, nas quais as pessoas tinham mais tempo para conversar umas com as outras.

As relações de vizinhança empreendidas pelas mulheres dos segmentos médios de Bancários parecem ser construídas em meio as contradições das experiências do passado, dos hábitos adquiridos anteriormente, e as formas mais recentes de socialização no meio urbano. Já entre as senhoras do Timbó, as relações de vizinhança se demonstraram mais expressivas do que em Bancários. A prática de sentar-se nas calçadas, conversar nas portas das casas, especialmente nos finais de tarde, é muito comum entre os idosos que ali residem. Não há no Timbó um ponto de encontro, como a Praça da Paz em Bancários, mas as ruas se constituem em espaços de interação e de reconhecimento mútuo. No cotidiano do Timbó, a casa e a rua são complementares, tal como apontou DaMatta(1991) em seu esquema conectado, relacional e complementar: *A casa & a rua*. Dona Val, por exemplo, costuma sentar-se todas as tardes em frente de sua casa, “para ver o movimento da rua, para conversar com quem passa, para fumar seu cachimbo e bordar seus tapetes”³⁶. Assim como ela, dona Cida, dona Ceci e dona Geralda também demonstraram fortes relações de afetividade com seus vizinhos,

³⁶ Ver apêndice 6.

especialmente com aqueles mais antigos na comunidade, são “comadres” de inúmeras outras mulheres, e com elas costumam dividir parte do cotidiano.

3.3 A estilização da vida doméstica: os espaços e rotinas domésticas das idosas de Bancários

“A sociedade estava “em transição”. O mesmo acontecia com as maneiras”. (Elias, 1994 b, p.83). Neste trecho de seu *Processo Civilizador* Elias no informa sobre um dos aspectos de mudança da transição da vida tradicional para a moderna, trata-se das mudanças nos “modos de ser e de se expressar das pessoas”. A complexidade das sociedades modernas impulsionou os processos de diferenciação social, e fomentou a pluralidade de gostos e preferências e dos estilos de vida. Vários autores já destacados anteriormente neste trabalho, entre eles Giddens (1995, 2002), Beck (2010), Mike Featherstone(1995), por exemplo, tem analisado as práticas sociais que revelam as distinções entre as pessoas, grupos, segmentos, enquanto estilos de vida, levando em consideração tanto fatores de ordem econômica quanto elementos de ordem simbólica. Featherstone (1995) elabora uma reflexão sobre estilos de vida no âmbito das sociedades de consumo. Beck e Beck-Gernsheim(2003) analisam a adoção de determinado estilo de vida no processo de individualização e diferenciação definido, em última instância, pelas regras da sociedade de risco.

Em alguma medida estes autores dialogam com as perspectivas de Bourdieu(2003), quando este autor define estilo de vida, como “retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (BOURDIEU, 2003.p.90). Segundo Bourdieu, através das condições de existência, não somente econômicas e materiais, mas também através das especificidades dos gostos e das preferências por determinados bens culturais é possível evidenciar as diferentes posições ocupadas pelos indivíduos nos espaços sociais. O sistema de gostos e preferências de cada indivíduo, de acordo com Bourdieu, compõe o *habitus*, “sistema de esquemas inconscientes ou profundamente internalizados” (BOURDIEU, 2001, p.346). Que por sua vez variam continuamente e especialmente entre os diferentes segmentos sociais.

Nesta sessão procuro elaborar uma descrição das condições materiais das senhoras participantes da pesquisa, mas ao mesmo tempo também procuro destacar elementos, expressões de ordem simbólica, ou como diria Bourdieu(1974), marcas de distinção que designam gostos, preferências e estilos de vida específicos. Esta sessão foi construída a partir das observações realizadas nas residências de minhas interlocutoras não somente quando ia realizar as entrevistas mas especialmente quando “me convidava” ou era convidada a visitá-las.

Tendo em vista as considerações de Featherstone (1995), para quem numa sociedade de consumo, as mercadorias ou bens culturais consumidos correspondem não somente a valores de utilidade, mas especialmente a instrumentos de comunicação, de signos, que designam estilos de vida, ou como ele mesmo observa:

Conota individualidade, auto expressão, e uma consciência de si estilizada. O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e de bebida, a casa, o carro, a opção de férias etc., de uma pessoa são vistos como indicadores de uma individualidade, do gosto e de seu estilo do proprietário/consumidor (FEATHERSTONE,1995.p.119)

Procurei, no universo doméstico das senhoras participantes, ensaiar uma etnografia de suas residências, de seus hábitos domésticos, destacando suas particularidades de gostos e estilos. Compreendendo também conforme nos informa Douglas (2006, p. 114) que “os bens são a parte visível da cultura”.

O tipo de habitação mais comum das mulheres do bairro de Bancários é o de apartamento, com tamanho médio de 90 m², com divisões bem aproximadas: três quartos, sendo uma suíte, sala para dois ambientes (estar e jantar), cozinha e área de serviços, banheiro social e varanda. Apenas duas senhoras, do bairro de Bancários propriamente dito, dona Vera e dona Rosa, residem em casa. Suas residências possuem, além dos cômodos citados acima, jardins, terraço, que também funciona como garagem, e um amplo quintal. Que no caso da casa de dona Rosa, se constitui num verdadeiro pomar, ao qual ela dedica suas primeiras horas do dia à limpeza e à irrigação de diversas espécies.

Observei que no geral dessas residências a suíte, o melhor quarto, é ocupado pelas senhoras, salvo no caso de Rita, que utiliza o quarto reversível do

seu apartamento. Segundo ela, ocupar aquele quarto foi uma opção sua, tendo em vista que seus filhos costumam receber as namoradas em casa e por isso precisam de maior privacidade. Já dona Selma, assim como dona Maria, Penha e Ana, que também moram com filhos adultos e são solteiras, a escolha pela suíte, se relaciona especialmente com a questão de privilegiar para si, dentro de “suas casas”, maior conforto e privacidade.

A mobília em geral das residências em Bancários é formada por móveis novos, alguns deles projetados, ou seja, elaborados de forma personalizada, segundo os gostos, o conceito do ambiente que se pretende organizar. Somente nas casas de dona Vera e dona Rosa, os móveis das salas e da cozinha são antigos e segundo elas foram comprados há mais de trinta anos. São móveis mais tradicionais, e segundo dona Vera, mais imponentes. Por serem de “madeira de lei”, se distinguem enfaticamente dos móveis populares.

Nestas residências as salas contêm sofás de três e dois lugares, estantes ou móveis menores onde são dispostos equipamentos eletrônicos, como TV, DVD, Som, e alguns objetos de decoração e fotografias. Na casa de Selma, no entanto, essa organização não é verificada, os sofás dividem espaço com os brinquedos de seu neto, ali todo o ambiente é inclusive organizado com a intenção de criar espaço para suas brincadeiras. No caso das residências de dona Vera, Penha e dona Rosa, a distribuição dos cômodos prevê ainda um espaço para os netos, ou outros familiares que costuma visitá-las com frequência.

No caso de dona Rosa e dona Maria chama atenção a quantidade de objetos religiosos de decoração, são porcelanas pintadas com imagens, santos, quadros com dizeres bíblicos, bibelôs e objetos de artes sacra comprados em outras regiões do país e do exterior³⁷. As fotografias também se constituem em ornamentos privilegiados nas residências das mulheres de Bancários, fotografias dos filhos, e netos são dispostos em vários ambientes das casas, e são usados, como também observou Lins de Barros (1986), para valorizar a família.

As cozinhas parecem ser um dos lugares mais utilizados das residências. Em todas as minhas visitas a estas senhoras sempre precisei me direcionar à cozinha, fosse para tomar um café, ou para acompanhá-las em suas tarefas domésticas. Entre todas as senhoras de Bancários apenas dona Maria não costuma

³⁷ Ver apêndice 7

cozinhar diariamente, ela possui uma empregada doméstica que realiza todas as tarefas da casa. As demais contratam eventualmente os serviços de faxineiras. Segundo essas mulheres as atividades com a casa e em especial com as refeições da família, são consideradas bons passatempos. Pude observar que as senhoras preferem não contratar nenhum serviço doméstico diário, não somente por questões de economia financeira, mas também para que elas possam ter “o que fazer”, e com isso se manterem também ativas dentro de casa.

Dona Vera: Eu até que poderia colocar alguém que me ajudasse, mas se eu fizer isso, ou não vou ter nada pra fazer em casa. É bom ter o que fazer em casa, não assim o dia todo, com aquela loucura de horários e tal. Mas pra mim é tranquilo, concilio tudo o que eu quero fazer fora de casa com minhas coisas aqui.

Dona Ana: Aqui todo mundo ajuda, eu fico com a cozinha, eu gosto de cozinhar. Todo dia faço uma coisa. Quando eu não tô afim, não faço. Mas isso é raro, quando tenho algum passeio, alguma coisa pra resolver, ou as meninas assumem, ou elas pedem marmita.

Quanto a presença de animais domésticos de estimação, dona Ana e dona Vera possuem cachorros. Dona Ana possui dois animais de pequeno porte, e os trata como as “crianças da casa”. Costuma banhá-los em dias alternados, leva-os para passear na praça diariamente, e refere-se a eles como bons companheiros. Já dona Vera possui um único cão, a intenção de possuí-lo relaciona-se mais com questões de segurança.

Quanto as atividades cotidianas dessas senhoras, pude constatar algumas variações. Dona Ana e Rita costumam sair de casa as cinco da manhã para fazerem suas caminhadas e retornam aproximadamente as oito horas. Penha sai para trabalhar as sete horas e retorna as onze horas. Salvo para Penha entre as mulheres de Bancários as manhãs dos dias da semana são prioritariamente dedicadas aos serviços da casa. Eventualmente saem nesses horários. Isso ocorre especialmente em dias de médicos, ou de feira, ou para ir ao comércio. Aos sábados organizam passeios e visitas aos familiares ou a amigos. E aos domingos costumam ir às igrejas. Suas tardes da semana geralmente são ocupadas com reuniões das igrejas, cursos de pintura e costura, artesanatos, assistência a familiares - no caso de Vera especialmente que é responsável pelo transporte dos netos, para cursos e atividades esportivas. Também costumam ir aos médicos, dentistas, fazer compras e ir a salões de beleza nesses horários.

Nos horários noturnos em dias de semana geralmente estão em casa, a leitura, os filmes e em menor proporção as novelas são os passatempos preferidos nesses horários. Rita e Penha costumam ainda praticar Pilates à noite. Trata-se de uma recente modalidade de fisioterapia, que contribui para o fortalecimento muscular e melhora da postura. Constitui-se numa despesa extra no orçamento dessas senhoras, pois não possui cobertura nos planos de saúde. Entre as senhoras de Bancários saídas à noite para fins de lazer ocorre geralmente em companhia de familiares e de amigos próximos. Isso somente foi verificado em datas comemorativas geralmente nas igrejas, em épocas de confraternizações ou quando são convidadas a aniversários ou casamentos.

Nas oportunidades de observação o consumo de alimentos, roupas, acessórios, assim como artigos de beleza como maquiagens, cremes entre outros também mereceu atenção. Entre as mulheres de Bancários ficou evidente um cuidado especial com os alimentos. Além dos alimentos comumente utilizados na mesa brasileira, parte significativa de suas rendas é direcionada para o investimento em “alimentação saudável”. São comuns em suas cestas alimentícias os alimentos orgânicos, *diet* e *light*, além das famosas farinhas de “grãos e sementes nobres” como: Linhaça e Quinoa e de peixes ricos em ômega 3 como Atum e Salmão.

O cuidado com a casa depende também neste grupo considerável investimento ao longo do ano. A pintura da casa, a reposição de objetos danificados, a compra de novos equipamentos como máquinas de lavar roupa, máquinas de lavar louças, assim como de eletro eletrônicos como Tvs, micro-ondas, entre outros fazem parte recorrentemente das programações do gastos nos orçamentos deste grupo.

Quanto as suas roupas para uso cotidiano, geralmente costumam comprá-las em lojas de departamentos. No entanto, também investem, com menos regularidade em “roupas de marca”. Os produtos de beleza não são artigos consumidos com regularidade por todas as senhoras, apenas dona Ana, Terezinha e Rita, costumam utilizá-los diariamente. Mas entre elas não faltaram os bloqueadores solares, e cremes anti envelhecimento e maquiagens.

Parte do orçamento doméstico de algumas mulheres também é reservado para viagens e passeios. Dona Rosa, por exemplo, viaja anualmente para os Estados Unidos, dona Ana também costuma viajar nas férias para visitar seus filhos em Roraima, Penha costuma visitar seus familiares no interior da Paraíba, assim

como também dona Vera, geralmente nos períodos dos festivos juninos. Rita viaja para Fortaleza, para fazer compras nos finais de ano e aproveita para visitar familiares.

Tais hábitos de consumo podem ser aqui tomados como indicadores do pertencimento dessas mulheres aos segmentos médios, pois demandam um nível de renda superior aos de camadas populares e representam categorias de produtos envolvidos por um conjunto de aspectos simbólicos que se associam aqueles segmentos. (VELHO, 2008).

As participantes da pesquisa residentes no Timbó habitam em casas. Nestas a distribuição dos cômodos e organização interna assim como as condições materiais dos objetos variaram bastante. Enquanto na casa de dona Cida, dona Geralda e dona Nevinha há três quartos, uma sala, uma cozinha com copa, e um banheiro interno. Na casa de Elza e de dona Val há uma sala, dois quartos uma cozinha e um banheiro interno, e na casa de dona Ciça essa disposição é alterada pois há apenas a sala e a cozinha, que também funciona como quarto e o banheiro é exterior a casa.

As casas de dona Cida, dona Geralda e dona Nevinha possuem piso de cerâmica e revestimentos nos banheiros, e na cozinha, os quartos possuem portas. As mobílias dessas casas se aproximaram bastante, nas salas há sofás, TV, e som, na copa há uma mesa de jantar, assim como os utensílios de cozinha. Nos quartos de dona Cida e dona Geralda há uma cama de casal, um armário grande. Além disso, dona Cida possui em seu quarto uma TV, e um som.

Assim como nas residências das mulheres de Bancários, no Timbó também pude observar em menor quantidade a presença de fotografias de familiares como objetos de decoração. Alguns bibelôs, vasos de flores artificiais são utilizados como decoração especialmente nas casas de dona Geralda, dona Cida, Elza e dona Nevinha.

Já na casa de dona Ciça não há quartos propriamente ditos, seus netos e sua filha dormem na sala e ela na cozinha. Apesar do pouco espaço existente tudo ali me pareceu organizado. Tal impressão não aconteceu na casa de dona Val, a falta de estrutura em sua casa me pareceu maior. As refeições são muitas vezes cozidas a fogão de lenha, no chão de barro da cozinha. No banheiro não há descarga, e uma fossa a céu aberto se acumula na porta dos fundos da casa, provocando acúmulo de insetos e muito mau cheiro. A casa também funciona como

galpão para materiais de coleta de recicláveis, esses materiais se espalham por toda casa.

Entre as senhoras do Timbó apenas Elza e Nevinha são casadas. Além de seus esposos estas senhoras dividem os espaços de suas casas com mais dois filhos e dois netos. Dona Geralda mora sozinha. Dona Maria, mora junto com uma de suas filhas que é casada e dois netos. Dona Ciça e Val também residem juntamente com seus filhos e netos.

No Timbó são as senhoras as pessoas responsáveis pela administração de suas casas. Dona Cida costuma levantar cedo para fazer almoço e “cuidar da casa”. Dona Geralda conta com a ajuda de uma de suas vizinhas, “criada por ela”, nos afazeres domésticos. Dona Ciça, além de cuidar das refeições e da casa, todos os dias toma conta de seus netos e os leva ao colégio, assim como também ocorre com Elza. Dona Nevinha costuma realizar “suas obrigações de casa” pela manhã, pois costuma ir à igreja todas as tardes.

Quando não há nenhuma atividade programada, é comum entre as mulheres do Timbó a reserva de um momento de descanso após o almoço. Costumam dormir até as 15 horas. Após as 16 horas costumam sentar-se nas portas de casa para conversar com a vizinhança. Nos horários da noite, apenas dona Geralda e dona Cida saem de casa para ir à escola. Ambas estão em processo de alfabetização acompanhadas por uma equipe de educadores de uma das escolas municipais localizada no bairro que instalou um anexo na comunidade para atender preferencialmente aos idosos, tendo em vista a dificuldade de locomoção dessa população naquele espaço pouco urbanizado. As novelas ocupam prioritariamente as noites das senhoras do Timbó, seus capítulos se constituem em assuntos privilegiados nas rodas de conversa da vizinhança.

Nas terças feiras e quintas feiras à tarde dona Geralda frequenta as reuniões de um grupo de idosos organizadas por uma das faculdades de saúde da cidade. Lá ela assiste a filmes, a palestras, faz exercícios, participa de jogos e de atividades lúdicas.

Nos finais de semana, dona Cida e dona Geralda costumam visitar seus familiares em cidades próximas a João Pessoa. Dona Ciça frequenta a casa de suas ex patroas geralmente aos domingos. A prática das visitas como bem mostrou Cabral, “corresponde às antigas tradições, cultivadas desde a época colonial, e é preservada no meio rural e nas classes populares. É o momento ritual do encontro,

da troca de notícias, das aberturas para os problemas, para demonstração de amizade e consideração.” (CABRAL, 2002, p.109).

Dona Nevinha e Elza dividem o tempo dos finais de semana entre suas atividades domésticas e as organizadas pelas igrejas que frequentam. Dona Val quase nunca sai de casa, seu lazer é resumido as conversas com na calçada de casa e aos trabalhos artesanais com plásticos reciclados.

Com relação ao consumo entre as mulheres do Timbó pude observar que todas elas em menor ou maior grau disponibilizam parte de suas rendas para o consumo próprio. Ou seja, nem tudo o que é recebido é direcionado para a manutenção da família. Dona Ciça e dona Val, apesar de possuir maior responsabilidade com a manutenção financeira da casa - o que se concentra fundamentalmente nas despesas de alimentação, gás, água e luz - também reservam parte de seus recursos para comprar “coisinhas” como brincos, batom, esmaltes, entre outros produtos de baixos custos associados ao segmento feminino. Neste grupo Dona Cida apresentou maior poder aquisitivo e disposição para o consumo próprio. Em todos os meses que a acompanhei parte de sua renda foi direcionada, segundo ela, para compra de roupas, sapatos, acessórios, assim como para a reposição de produtos de higiene voltados ao mercado feminino como tintura para os cabelos, shampoo e condicionador, desodorantes corporais, cremes hidratantes para os cabelos e para o corpo.

Tais observações em campo foram tomadas neste trabalho como observações de práticas rotinizadas incorporadas nos hábitos de cada senhora e se demonstraram como potencialmente variáveis pois se desenvolvem em função da ação reflexiva de cada uma delas, podendo ser influenciadas tanto pelas interações que as mulheres estabelecem com seus outros significativos e demais pessoas como pela mídia. Estas práticas expressam decisões e escolhas diárias que podem ser elaboradas a partir de campos de possibilidades circunscritos histórico e culturalmente (VELHO,1999). Segundo este autor, os indivíduos das camadas médias urbanas possuem mais condições materiais e simbólicas de realizar escolhas, porque possuem um campo de manobra mais amplo. Esta perspectiva também foi observada na pesquisa de campo, no entanto, isso não significa que as mulheres do segmento popular não possuem possibilidades de escolhas, antes verificou-se que elas inventam passatempos e estratégias diárias de vida que

também se apresentam como opções próprias, designadas pelo eu e baseadas na auto realização.

Capítulo 4

TRAJETÓRIAS DE VIDA E DE INDIVIDUALIZAÇÃO: ENTRE VIVER PARA SI E VIVER PARA O OUTRO.

As narrativas aqui apresentadas foram reconstituídas com base nos relatos de vida coletados entre as senhoras participantes da pesquisa por meio de entrevistas individuais. O objetivo deste capítulo é apresentar cada biografia de forma particular procurando destacar as singularidades e os eventos que marcam os processos de individualização entre as mulheres, selecionando os aspectos mais relevantes para os processos de individualização, tanto aqueles que contribuem favoravelmente para sua evolução como aqueles que interferem contrariamente ao seu desenvolvimento. Destaco as transformações nos processos de socialização das mulheres ao longo de suas vidas, as rupturas familiares e suas reconfigurações, enfatizo suas trajetórias escolares, profissionais, afetivas, familiares e habitacionais.

Ecléa Bosi (1994), em seu trabalho *Memória e sociedade: Lembrança de Velhos* mostra depoimentos de senhores e senhoras idosas que evocam fatos históricos, datas, e, sobretudo os acontecimentos pessoais, os quais remetem a infância, as brincadeiras, as amizades, a vida familiar, expressados pelo cotidiano, cujos relatos descrevem os costumes, as festas, as regras de comportamento, o âmbito da casa e do trabalho. Vivências que ao longo da vida foram marcadas por realizações, alegrias, conflitos e frustrações. Segundo esta autora, os idosos relacionam as imagens passadas com sua vida atual, recompõem não somente suas biografias, mas especialmente a de seus grupos de referência, em especial a família.

As entrevistas biográficas foram realizadas com treze senhoras pertencentes aos dois segmentos sociais, sete dos segmentos médios e seis dos segmentos populares. A ideia de trazer mais detalhadamente as narrativas de Dona Ana, Dona Vera, Rita, Dona Rosa, Penha, Selma, dona Val, dona Ciça, dona Geralda e Dona Cida, foi de justamente dar um breve panorama da diversidade de formas de individualização nas trajetórias dessas senhoras, apresentando os principais aspectos mais singulares presentes nas narrativas coletadas. Vivendo atualmente num contexto de inúmeras mudanças sociais, especialmente no que diz respeito as tendências envolvidas no processo de construção do envelhecimento, essas idosas, com seus olhares retrospectivos, indicam possíveis percursos

históricos de transformações sociais ao confrontar padrões sócio culturais distintos por elas percebidos em suas trajetórias. Trajetórias essas baseadas em narrativas, matizadas pelas categorias de classe, gênero e geração, compreendidas aqui como fundamentais para a compreensão de suas condições de vida, de seus estilos, bem como de alguns processos mais amplos de mudanças e permanências que envolvem a formação dos vínculos sociais no mundo contemporâneo.

Segmento Médio

4.1 Dona Ana - “Minha vida hoje mudou da água pro vinho”

Dona Ana, nasceu no Acre no ano de 1944. Seus pais de origem nordestina, haviam ido aquele Estado “tentar a vida” anos antes de seu nascimento. Ela e seus irmãos cresceram no seringal, trabalhando junto com seus pais para uma família de turcos. A pobreza segundo ela era a característica mais marcante de sua vida naquela época. Dona Ana costumava, ainda quando criança, passar temporadas na casa da família para quem seus pais trabalhavam, lá servia nos serviços domésticos da casa, e lembra que era tratada como filha. Aprendeu a costurar, a cozinhar, a ter boas maneiras, com a esposa e as filhas do Sr. Mamede, o dono do seringal. De acordo com dona Ana o tempo mais proveitoso de sua infância e adolescência era aquele em que ela convivia com a família mencionada. A separação de seus pais, quando ela ainda era bem pequena, por volta dos 8 e 10 anos de idade, é lembrada como um evento muito marcante, pois repercutiu profundamente em sua vida no sentido da perda dos laços de família.

Dona Ana: Cada um foi pra um lado, e eu e meus irmãos ficamos perdidos. Minha sorte era meu irmão mais velho que cuidava de mim, e a família de pai Mamede, que me tratava como uma princesa.

Por volta de seus 14, 15 anos, dona Ana foi morar em Rio Branco, com um de seus irmãos, essa mudança lhe afastou por completo da família de Turcos. Ali começou a trabalhar na roça e a estudar a noite. Dona Ana estudou até a oitava série. Era uma rotina muito cansativa e de pouco proveito para o estudo. Dona Ana lembra que até tirava boas notas mas compreende que o ensino era muito “fraco”. O trabalho pesado da roça, logo foi substituído pelo trabalho em uma fábrica de

guaraná naquela cidade. Nesta fábrica dona Ana trabalhava da seis da manhã às seis da tarde, eram doze horas de trabalho e a remuneração correspondia a apenas as oito horas contratadas. Ali também conheceu um senhor, com quem “fugiu”, aos 19 anos e que pouco depois veio a ser seu esposo. Após o casamento na Bolívia, dona Ana foi morar em Porto Velho, Rondônia, onde seu esposo tinha uma fazenda. Segundo ela, o casamento não foi apoiado pelo irmão com o qual morava, mas ela decidiu casar-se para mudar de vida. O projeto do casamento associava-se segundo ela a um projeto de vida mais tranquila e financeiramente segura. O casamento se apresentava como caminho que traria mudança absoluta em seus padrões sócio econômicos. Seu esposo bem mais maduro que ela, “era um homem de posses”, já organizado financeiramente. Demonstrava ter todos os pré-requisitos para ser um bom marido, segundo ela, ainda que contrariamente aos padrões tradicionais vigentes naquele tempo e naquele lugar. Dona Ana comenta ter sido muito discriminada por se empenhar num relacionamento com um homem desquitado. O casamento na Bolívia se deu porque ele ainda não havia se divorciado. A vida conjugal exigiu que dona Ana renunciasse os estudos e o trabalho, e vivesse exclusivamente para a família. A nova vida em Rondônia lhe afastou de seus irmãos, os únicos parentes com os quais tinha contato desde que saiu do seringal.

O casamento lhe trouxe “uma vida boa”, seu esposo que era, bancário e fazendeiro lhe provia “tudo do bom e do melhor”, mas por outro lado, lhe privava de muita coisa, ela não se sentia livre, devido ao ciúme dele. Segundo ela, o fato de ele ser mais velho do que ela conferia insegurança na relação conjugal. Devido a isso ele regulava sua vida, interferindo em suas roupas, no corte de seus cabelos, coordenando seus passos. Dona Ana observa que sua vida quando casada “era vida de madame”, não preocupava-se com despesas, nem tampouco com questões domésticas, mas era uma vida limitada, sua rotina consistia no cuidado com os filhos. O primeiro filho chegou quando dona Ana ainda tinha 20 anos, antes disso, aos 19 anos, realizou um aborto sob a ordem do marido. Segundo ela isso lhe machucou profundamente, e até hoje se sente culpada por ter cumprido algo que para ela foi uma crueldade. A maternidade marcou profundamente sua vida. Ela se voltou exclusivamente para o cuidado dos quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Apesar de possuir empregados na fazenda, os cuidados com os filhos ela fazia pessoalmente, os banhos, acompanhamentos nas enfermidades, a educação infantil, tudo era acompanhado de perto.

Aproximadamente após oito anos de casada, seu esposo adoeceu e depois de ter lutado mais oito anos, faleceu de câncer. Dona Ana enviuvou aos 36 anos. Segundo ela toda sua “pequena fortuna” – engenho, fazenda, barco, automóveis, dinheiro – fora empregada no tratamento de seu esposo nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, para onde se deslocava junto com ele mensalmente no período do tratamento. A doença e a morte dele “deu um reviravolta” em sua vida. Restando apenas a casa que morava e uma pensão que mal dava para a alimentação da família, dona Ana sentiu-se desamparada. Sua realidade de inexperiência profissional associada a pouca habilidade em gerenciar a própria vida e a vida doméstica passou a ser alvo necessário de transformação. O modelo de mulher “dona de casa”, ainda era segundo ela o modelo padrão para as mulheres de sua idade naquele ambiente social de Rondônia dos anos 1970. Aquele modelo, no entanto, deveria ser superado a partir de então.

Dona Ana: Quando ele morreu eu fiquei sem chão, era ele que resolvia tudo de casa, eu não sabia pagar uma conta no banco. Era totalmente dependente dele, pra tudo! Eu não sabia nada da vida, tive que aprender a viver mesmo daquele dia em diante, por que antes de me casar com ele, eu não tinha os meninos, também era muito nova, não tinha noção de nada não! Eu sabia que dali em diante eu tinha que me virar, sabe? Eu sabia que eu não tinha mais ninguém para tocar a vida pra mim, eu era agora uma mulher sozinha, mãe de quatro filhos, e tinha que decidir o que fazer da vida. Foi a parti daquele momento que eu cresci, que eu realmente passei tomei na mão a minha vida, antes sempre existia alguém que decidisse as coisas por mim.

A experiência da viuvez colocou dona Ana num cenário de incertezas e de fortes propensões de mudança. Podendo assim ser compreendida como uma das conjunturas vitais, nos termos de Johnson-Hanks (2002), que estimulou um processo de tomada “das rédeas da própria vida”. Foi aquele evento que marcou, segundo ela, seu crescimento, sua tomada de consciência da necessidade de uma vida auto gerenciada. O sustento da família e o cuidado dos filhos era a preocupação central de dona Ana naquele período. A saída encontrada por ela para sustentar a família a partir de então foi o trabalho com costura. Começou a trabalhar num ateliê e em seguida foi contratada por uma fábrica da região. Fez um curso de corte e costura e dedicou-se em se aperfeiçoar nessa profissão. Trabalhava como operária da fábrica de segunda a sexta e nos finais de semana costurava por conta

própria. Com o tempo a prática da costura lhe encaminhou para também trabalhar como sacoleira de confecções, dona Ana vendia as peças que ela mesma confeccionava.

Dona Ana: Vou dizer, eu sofri viu, sofri muito, porque eu era boba, era bobona, fiquei um tempão, com os meninos passando dificuldade, e aí meu Deus o que eu vou fazer nessa vida? Foi quando apareceu um concurso de corte e costura, você acredita que eu me inscrevi, e ganhei primeiro lugar? Daí não parei mais, gostava muito do meu trabalho, quando dava sexta, sábado e domingo, eu costurava, dia e noite em casa, fazia de tudo. Aí botava tudo numa mala e ia na Mineradora de ouro que tinha lá. Vendia tudo fiado, no outro mês voltava lá pra receber, foi assim que a gente foi se virando. Tinha o dinheiro certo da pensão, tinha meu salário, e tinha esse dinheiro das vendas. Eu me realizava sabe, eu me divertia também, sofria, trabalhando em cima de uma máquina mas eu gostava muito! Eu sempre gostei muito de sair, de me relacionar com as pessoas, eu sempre gostei muito, sair pra vender pra mim era divertido, aliás era minha diversão porque naquele tempo eu não tinha lazer não, era trabalhando, cuidando dos meninos, da casa, eu me virava em mil!

O trabalho assalariado fora a porta de acesso de dona Ana a esfera pública. A partir do qual desenvolveu novas sociabilidades e novas habilidades, como a de ser vendedora, por exemplo. Dona Ana trabalhou 14 anos costurando em fábricas da cidade e por conta própria. Seus dois filhos mais velhos foram, nessa etapa de sua vida, seus parceiros fundamentais, trabalhavam juntos e dividiam as atividades domésticas.

Após ter superado a perda do esposo, ter se encontrado profissionalmente, dona Ana se envolveu afetivamente com outro homem. Com o qual morou junto 4 anos. Tal relacionamento, no entanto foi interrompido quando ela descobriu que seu companheiro envolvia-se com tráfico de drogas. O fim do relacionamento lhe causou sofrimento, mas sua escolha em separar-se se deu em função da proteção de seus filhos, e de sua própria proteção, tendo em vista os riscos que rodeiam a atividade ilegal empreendida com drogas.

Aos 50 anos, já com os filhos crescidos, casados e encaminhados profissionalmente, dona Ana deixou de costurar e passou a viver unicamente da pensão que recebe de seu ex marido. Nesta fase de sua vida dona Ana se voltou para os cuidados dos netos, para as obrigações domésticas, e para fazer artesanato em casa.

Acompanhando de perto o casamento de sua filha mais velha, tendo sido esta vítima constante de violência de seu ex marido, dona Ana incentivou-a a vir morar na Paraíba, juntamente com uma prima que aqui residia. Ivete abandonou Rondônia, com seus dois filhos, em 2002, quando veio morar em João Pessoa, no bairro do Bessa. No mesmo ano, dona Ana veio morar junto com a filha.

Dona Ana: Foi horrível morar no Bessa, lá eu não tinha liberdade, também não tinha o que se fazer, não tinha amizade, tudo lá era difícil pra mim, era só dentro de casa. Eu ia pra praia, mas era muito assim cada um na sua. Uma senhora que eu conheci lá na praia foi que me falou de Bancários. Ela tava se mudando pra cá porque sabia que a vida aqui era melhor do que lá, e também pra quem é da minha idade. Era Rose o nome dela. Ela dizia: Mulher vai morar em Bancários, lá tem comunidade, aqui não tem nada pra gente fazer. Aí eu disse pra Ivete: Vamos pros Bancários. Ivete disse: Mãe lá é longe, todo mundo diz que lá só tem ladrão! E eu disse: Ladrão tem em todo canto! Foi quando eu vim aqui, conheci, gostei, aluguei um apartamento e trouxe ela e os meninos. [...] Aí quando eu cheguei passamos na praça, fazendo caminhada, e na praça você sabe que tem muita gente, assim como eu, não? Conversando com uma, conversando com outra: Mulher vai lá na igreja tem uma comunidade aí, vai lá.. fui me inscrevi tou lá até agora...Foi a melhor coisa que eu fiz minha filha!

A nova vida no bairro de Bancários é citada inúmeras vezes nos relatos de dona Ana como evento transformador de sua vida. “Maior sensação de liberdade e de prazer em viver” são os elementos fundamentais dessa nova fase, segundo ela. Tais elementos puderam se desenvolver mediante suas condições particulares, a saber: condição de saúde, filhos e netos crescidos, a solteirice, estabilidade financeira. Mas ao mesmo tempo encontrou um campo propício, as sociabilidades, a vida comunitária desenvolvida em Bancários. E aqui endosso a observação de Cabral (2002) , quando ela afirma em seu estudo, que “recriar laços” através das sociabilidades intrageracionais permite aos idosos “novas realizações e um novo lugar no mundo” (CABRAL, 2002, p.137).

Dona Ana: Depois que eu vim pra cá pra Bancários, foi que eu comecei a viver, a desfrutar das coisas boas da vida. A ter minha liberdade. Quando eu tinha marido, não tinha liberdade, quando eu tinha filho e neto pequeno, não tinha liberdade, quando eu vivia dentro de casa, lá no Bessa mesmo, também não tinha, agora é que eu estou tendo, vivo pra mim, pra fazer o que gosto, saio, vou pra onde eu quero, tenho companhia, tenho amigas que gostam das

mesmas coisas que eu gosto, que já viveu muito assim como eu, que me entende. Foi aqui que minha vida mudou da água pro vinho.

O trecho enfatiza a possibilidade de um tempo para si na velhice. De uma vida voltada para a satisfação própria. O que neste trabalho é compreendido como uma das dimensões do processo de individualização. A experiência de vida de dona Ana foi marcada especialmente por uma vida voltada para a família, após ter se casado, sua vida se concentrou nos cuidados com o esposo e filhos e em seguida com os netos. O tempo agora lhe aparece como uma outra possibilidade: a de viver para si. No entanto essa vida para si, não se separa de uma vida social, não diz respeito a uma vida de isolamento, antes ela foi possibilitada com a imersão na comunidade, se realiza no meio social, no grupo de amigas da mesma idade, daquelas que compartilham dos mesmos interesses e gostos.

O ambiente social de Bancários, as práticas ali desenvolvidas, favoreceu para que dona Ana desenvolvesse uma vida não mais voltada exclusivamente para “os outros”, em especial para a família, mas também lhe proporcionou um novo estilo de vida, baseado na realização dos próprios interesses ou como diria Beck e Beck-Gernsheim (2003) baseado na ética da realização pessoal. Isso pode ser verificado quando dona Ana, ao relatar sobre a convivência com suas amigas, fala sobre o que tem aprendido com elas, e o que se modificou após esses novos relacionamentos extra familiares.

Dona Ana: eu era muito tímida, com minhas amigas aprendi a ser mais solta. Eu tinha medo de falar, tinha medo de errar, tinha medo de muita coisa, mas agora não, eu enfrento meus medos, aliás quem é que não tem medo? Eu enfrento, e assumo meus erros numa boa, não é porque você está ficando velha, que você não pode errar, essa coisa de pensar que quem tem experiência sabe tudo não existe! Agente tá aqui é pra aprender, a vida toda, a gente aprende na velhice também. Tem tanta coisa que eu ainda queria aprender, fazer cursos, dança, teatro!

Dona Ana traz em sua fala, uma discussão relativa as representações da velhice. A ideia de que ser velho é ser experiente e detentor do conhecimento da vida, é por ela contestada. Antes dona Ana entende a velhice também como uma fase da vida em que cabe novos aprendizados, novas realizações, ser experiente para ela não significa que não tenha nada a mais para aprender.

Tratando ainda sobre as relações atualmente desenvolvidas na comunidade, dona Ana faz referências as mudanças que isso causou em sua vida pessoal, em seu modo de vida.

Dona Ana: Eu fui a vida toda habituada a ser ... a estar sempre em casa atendendo aos meninos, quando não estava trabalhando né. Antes atendia ao esposo, quando ele era vivo...isso era de mim...eu era uma pessoa presa mesmo...mas era de mim, da minha criação sabe? Com a convivência com minhas amigas aqui da comunidade aprendi a mudar isso. Aqui eu mudei, mudei meu jeito de ser, eu passei a ser mais alegre, mais extrovertida, eu mudei meu jeito de ver as coisas, relaxei mais, e minha vida mudou, hoje faço minhas caminhadas, saio, converso, farro com minhas amigas, não faço nada de errado.

Em seu relato dona Ana evidencia as transformações em seu modo de vida. Tendo sido socializada, e habituada as regras de comportamentos tradicionais - a partir das quais, caberia as mulheres o saber cozinhar, costurar, cuidar da casa e ter boas maneiras – dona Ana demonstra ter investido na adoção de novos hábitos cujos espaços de atuação não se reduzem tão somente ao ambiente doméstico. Tais hábitos desenvolvidos pelo grupo de amigas de dona Ana e por ela em Bancários, ou seja, principalmente através da convivência com a comunidade de idosas do bairro, muito se aproximam com aqueles descritos por Scott (2006), quando ele discute a inversão de gênero – homens de casa, mulheres da rua - entre os idosas pertencentes as camadas populares de Recife.

Tais transformações no modo de viver, e no modo de ser atual de dona Ana podem ser compreendidas como um processo de construção de si. O que confirma a ideia de que a afirmação de si é um processo infundável, também realizável na velhice. Esse processo, no caso de dona Ana, resulta das múltiplas relações de interdependência, das relações afetivas e pessoais, por ela empreendidas, com seus “outros significativos”, especialmente suas amigas da comunidade. (PEIXOTO; SINGLY e CICCHELLI, 2000).

Estas mudanças também podem ser analisadas sob o viés de seus impactos sobre as relações familiares de dona Ana. O trecho a seguir confirma as afirmações de Singly (2001), para quem na atualidade a relação entre pais e filhos, passa a ser baseada cada vez mais na negociação. A educação familiar se transformou, no sentido da depreciação da obediência e na valorização da iniciativa, da criatividade, da autonomia, e satisfação pessoal.

Dona Ana: Em relação aos meus filhos eu ficava presa a eles e tinha que levantar cedo, fazer almoço, passava o dia todo em casa, lavando roupa e etc, etc, etc. sempre moraram comigo, depois que o pai deles morreu, o mais novo dormia comigo. Aí quando a gente veio pra cá e eu comecei a sair com minhas amigas... na comunidade, tem um bocado de gente que é advogada, dentista, psicóloga, pessoas que tem compreensão das coisas né, até o médico mesmo quando eu vou ele diz: Deixa esse filho! Ele já está velho!. Eu fui me abrindo, largando aqui em casa, hoje quando ele chega, ele mesmo vai no fogão frita um ovo, passa manteiga no pão e come, e vai dormir sem falar nada, porque antes eu me levantava, e ia preparar tudo pra ele. Agora todo mundo ajuda aqui, as coisas não são como antigamente mais não, agora todo mundo ajuda! Porque eu achava que tinha que fazer tudo em casa, sozinha...eu abria mão da minha vida pra fazer tudo pra meus filhos...e olhe que muitas vezes ninguém reconhece, hoje não, eu faço primeiro minhas coisas, depois o tempo que sobra eu cuido das coisas de casa.

4.2 Dona Vera – “Eu tenho procurado “descansar no Senhor””

Dona Vera, nasceu na cidade de João Pessoa em 1946, em um dos bairros mais tradicionais dessa cidade, o bairro de Cruz das Armas. Sua família de origem tinha fortes raízes religiosas evangélicas. Segundo seus relatos sua infância e juventude foi marcada pela dedicação aos estudos, e as práticas da igreja Presbiteriana no bairro onde ela morava e onde seu pai era Presbítero. Sua casa naquela época era utilizada como apoio da referida igreja na recepção de pastores e missionários. Segundo dona Vera, sua mãe era uma exímia dona de casa e excelente anfitriã, a família costumava conviver diariamente com pessoas envolvidas na vida religiosa da igreja.

Por incentivo de sua mãe, dona Vera se profissionalizou na carreira de professora polivalente, e aos 17 anos começou sua carreira profissional em uma das escolas particulares de João Pessoa. Após ter concluído o curso de preparação de professores, o pedagógico, dona Vera foi selecionada para prestar serviços no ensino público daquela cidade. Também atuou na secretaria de educação do Estado da Paraíba, no entanto após seu casamento, desligou-se do trabalho ali exercido devido a dificuldade de conciliar os dois empregos e a nova vida doméstica iniciada com o casamento.

Dona Vera casou-se em 1972, na Igreja Presbiteriana localizada no bairro da Torre (outro bairro tradicional da cidade). Seu esposo nesta época acabara de entrar na carreira militar. Naquele ano ambos foram morar na casa dos pais de dona Vera, localizada na Torre, tendo em vista um problema de saúde de sua mãe e a necessidade de acompanhar seu tratamento mais de perto. Após dois anos de casada dona Vera e seu esposo se mudaram para o bairro de Funcionários, um bairro popular localizado na periferia da cidade de João Pessoa. A dificuldade da vida naquele lugar estimulou o casal a mudar para um bairro mais próximo do centro. Em 1979, dona Vera e seu esposo compraram uma casa no conjunto dos militares no bairro dos Bancários onde residem até hoje.

Dona vera possui três filhos. Sua narrativa é fortemente marcada pelo duplo papel acumulado ao longo da vida: ser mãe e profissional. Ou seja, seus relatos são marcados pela habilidade em ter conciliado uma vida profissional, construída com empenho, e a vida familiar, especialmente marcada pela ausência do esposo quando de suas transferências a outras cidades do país no serviço militar.

Dona Vera aponta enfaticamente em seus relatos o privilégio dado a sua própria carreira profissional, em detrimento do não acompanhamento do esposo em sua carreira ligada ao Exército Brasileiro. Destaca também o preço por ter feito tal escolha: assumir sozinha a criação dos filhos quando pequenos e até a adolescência. Suas decisões, segundo ela, eram inúmeras vezes confrontadas com o modelo padrão de mulher de sua época, aquele voltado exclusivamente à família. Dona Vera, no auge de sua “adulter”, elaborou para si um novo modelo de mulher - influenciada por movimentos mais amplos de transformações na condição feminina, não baseado nos referenciais tradicionais de mulher mãe e dona de casa, ou nos referenciais cristãos de sua religião, segundo os quais a mulher deveria ser submissa ao marido, assim como fora sua mãe. A elaboração de uma nova biografia feminina para dona Vera articulava a ética tradicional de mulher cuidadora da família, com uma nova ética, aquela tão bem apresentada por Beck e Beck-Gernsheim (2003), “a ética da realização pessoal”. Isso, no entanto não ocorreu sem constrangimentos. Pelo contrário, em seus relatos também se evidenciaram auto questionamentos. Segundo ela, esse modelo de mulher independente, autônoma, e responsável pela gestão familiar, nem sempre foi visto com bons olhos por suas amigas evangélicas, o que causava mal estar nas relações com estas pessoas.

Dona Vera: Eu sempre fui a ovelha negra da igreja. O pastor sabe disso. Mas minha fé está em Cristo e não no que as pessoas pensam de mim. Já me preocupei muito com esse povo que quer ser santo demais e recriminam as pessoas, eu não julgo ninguém e quem vai me julgar é Deus, os incomodados que se mudem.

Suas decisões também lhe exigiram criatividade e ousadia, para reordenar sua vivência, para elaborar sua própria biografia, tendo em vista suas próprias convicções e desejos pessoais, que em parte se contrapunham com os modelos por ela até então assimilados, já que fora criada dentro de padrões religiosos tradicionais com modelos e papéis femininos bem estabelecidos.

Dona Vera: Eu me questionava muito pelo fato de não ter acompanhado meu esposo na época que ele era transferido daqui pra outra cidade. Minha mãe dizia que lugar da mulher era junto do marido. Minha fé, e os ensinamentos da palavra, dizia que o homem é o cabeça da família, e que a mulher deveria ser submissa ao marido. Tudo aquilo era muito difícil pra mim. Eu fui muitas vezes apontada como rebelde, era a “ovelha rebelde”. Naquele tempo as mulheres acompanhavam os maridos, eu, no entanto, não ia. Eu tinha meu trabalho, eu era concursada, você acha que eu ia perder meu emprego? Eu ia viver dependendo dele? Eu gostava muito do que eu fazia, eu me realizava. Não, de jeito nenhum eu escolhia ficar, assumia os meninos, e continuava trabalhando. Se eu não tivesse feito isso, como eu ia estar hoje? Nem aposentadoria eu tinha. É o que eu vejo por aí um monte de mulher dependente dos maridos, ou vivendo da pensão deles.

A trajetória profissional de dona Vera é fortemente marcada pela ascensão. Tendo iniciado sua carreira como professora polivalente, carreira mais comum entre as mulheres naquela época, dona Vera especializou-se em educação de crianças especiais, e chegou a dirigir uma das escolas do município de João Pessoa. Em seus relatos ela observa que tudo isso foi alcançado com muita dedicação e compromisso. Além disso, destaca que sua capacidade de liderança e de manter bons relacionamentos foram os elementos fundamentais para tal conquista. Dona Vera se aposentou com 49 anos de idade, no ano de 1995. Desde então se voltou com mais empenho para as atividades de casa, e para os cuidados com os netos que começaram a chegar no ano anterior.

Dona Vera ajudou a criar seus cinco netos, três de seu filho mais velho, e dois de sua filha do meio. Hoje o neto mais novo de dona Vera encontra-se com 8 anos e a mais velha com 17 anos. Desde que saíram de casa os filhos de dona Vera, procuraram morar próximo a ela, tendo em vista que sempre contaram e contam atualmente com a participação dela na administração de suas vidas familiares. Dona Vera é responsável pelo transporte dos netos, para o colégio, para os cursos de inglês, para as atividades esportivas, e para outros eventuais compromissos como as idas a médicos e dentistas. Essas são as principais atividades de seu cotidiano. Dona Vera é a de 'cuidadora' dos netos, segundo suas narrativas, e isso lhe deixa profundamente satisfeita, pois é o que lhe mantém ativa e significativa socialmente em meio a família e aos seus grupos de referência.

Dona Vera: As vezes eu tô em casa, sem nada pra fazer, sozinha, aí minha neta liga: Vó me deixa no Basquete. Em cinco minutos eu chego na casa dela e vou com ela. Fico por lá pelo colégio, vou três vezes por semana, conheço as mães de suas colegas a gente fica batendo papo, é uma distração pra mim. O pessoal do colégio já me conhece. O treinador queria até me levar uma vez pra umas das viagens das meninas, quando elas iam jogar, porque eu ia cuidando de todas elas. todas elas gostam de mim, me chama de vó também. Pra mim é bom demais, me tira de casa, me mantém ocupada.

Tais atividades ocorrem durante todos os dias da semana, e nos três turnos, no entanto tudo se concentra no bairro de Bancários, o que contribui para que dona Vera também possa realizar suas próprias atividades domésticas e pessoais. Assim como participar das reuniões e eventos da igreja evangélica que frequenta, próxima a sua casa. E realizar ainda que esporadicamente atividades físicas na Praça da Paz. Ou simplesmente conversar com suas vizinhas, hábito cotidiano desta senhora.

A vida matrimonial de dona Vera, segundo ela, mudou significativamente com a aposentadoria precoce de seu esposo. Aos 45 anos ele resolveu se aposentar, e voltar para casa definitivamente. No entanto a ociosidade, segundo dona Vera, o levou ao alcoolismo. Desde 1986 dona Vera passou a lidar com o cotidiano da bebida do marido. Tal temática foi abordada por ela de forma constrangedora e se revelou como forte elemento de sofrimento em sua vida.

Especialmente com o avanço da idade e com as complicações de saúde que ele tem atravessado nos últimos anos.

Em seus relatos dona Vera deixa entender que a fé lhe auxilia a desenvolver uma espécie de conformismo em relação aos seus problemas familiares. Como pode ser verificado no trecho a seguir, a vida religiosa, segundo esta senhora, tem sido uma prática que tem lhe auxiliado na transformação de suas formas de pensar e de comportar-se.

Dona Vera: Eu antes sofria muito com a bebida dele, mas eu tenho procurado “descansar no Senhor”, eu não posso lutar contra isso, eu já briguei muito, já fiz de tudo pra ele parar de beber, mas ele não quer. Eu já disse a ele que ele ia morrer desse jeito. A única coisa que eu faço agora é orar. Entreguei a Deus, o problema não é mais meu, é dele e de Deus. Você veja, Cristiane, na época que ele enfartou eu não dormia, vivia assustada, com medo que ele amanhecesse morto. Sofri muito. Mas depois eu comecei a ver que quem estava se acabando era eu. Eu estava com problema de pressão, tinha dores de cabeça, todos os dias, devido ao estresse que eu ficava. Minha filha sempre dizia: mainha deixe painho viver a vida dele. Eu não era assim não eu me preocupava muito, ainda me preocupo, também você viver quarenta anos com uma pessoa, você não quer que ele se acabe assim, não é? Mas agora, eu diminuí, agora eu preciso é me preocupar comigo também, preciso me cuidar, fazer meus exames, eu me cuido muito, e outra coisa que eu faço, como sem falta, eu vou pro culto de oração, eu entrego a Deus, toda semana, Deus resolve isso, porque eu não vou me acabar junto com ele não! Já estou ficando velha, preciso me preservar desse tipo de coisa, cada idade da gente nos permite uma coisa, por exemplo, hoje eu estou numa idade de quê? De descansar, de passear, de fazer tudo de bom, de ter uma vida tranquila, hoje eu quero sossego. A fase de me preocupar já passou, quando eu tinha obrigação com os meninos, com as coisas da casa, com trabalho, agora é aproveitar o lucro de tudo o que eu já batalhei, aí, vou me ocupar com bebedeira de marido? Vou não minha filha!

Atualmente dona Vera realiza-se voltando-se para a família e para as sociabilidades em torno dela, desejo que ao longo de sua trajetória não foi possível de se concretizar devido as atividades de trabalho que ocupava seu dia a dia. No entanto, ainda que esse apoio à família tenha lugar central na vida de dona Vera, alguns momentos especiais para ela, como em viagens e festas com amigos ou familiares mais distantes são frequentemente privilegiados.

É interessante notar ainda em seus relatos as aplicações que a fé toma em suas vivências. Na expressão: “Deus resolve isso porque eu não vou me acabar

junto com ele” dona Vera manifesta uma postura na qual a fé e a prática religiosa são tomadas não somente como refúgio, mas principalmente como instrumento de auto preservação.

Atualmente dona Vera cuida de sua saúde com bastante rigor, frequenta médico geriatra regularmente, assim como consulta nutricionista e cardiologista. Diz seguir seus conselhos alimentícios recomendados. Possuindo plano de saúde oferecido pelo ministério do Exército, como dependente de seu esposo, dona Vera faz acompanhamentos médicos pelo menos duas vezes ao ano. Sente-se bem para sua idade. Compara-se com conhecidas suas e conclui ter mais saúde e estar mais em forma do que outras pessoas mais novas que ela. Cuida da pele, na tentativa da manutenção de uma aparência mais jovial, usando cremes dermatológicos manipulados. Diz que reserva parte de seus rendimentos para a compra de tais produtos, segundo ela, “caríssimos”. Ao mesmo tempo em que demonstra se mobilizar para assimilar cuidados e manter práticas e hábitos apontados pelo saber médico, dona Vera também realça algumas práticas terapêuticas associadas aos costumes, referendando em suas narrativas lógicas que escapam a racionalidade médica, apontando com isso valores assimilados culturalmente em sua trajetória. A exemplo disso destaco o trecho:

Dona Vera: Mãe sempre dizia que banho de colônia ajudava a respirar melhor, desde pequena que eu tomo quase todo dia um banho de colônia, agora tem que ser antes da seis da manhã, porque senão, não faz efeito. Fervo as folhas e tomo com água morna numa bacia, minha dor de cabeça passa na hora. Tudo por conta da minha sinusite, a colônia me ajudar a respirar e a dor passa.

Suas narrativas sobre os aprendizados terapêuticos mostram que ainda que haja credibilidade na medicina e que as orientações médicas sejam seguidas, permanece “a autoridade das expectativas baseadas no costume”. (THOMPSON, 1998, p. 22,23).

A finitude da vida também aparece em suas narrativas como algo que parece ser encarado com uma certa naturalidade, conforme seu referencial religioso, o qual parece contribuir para uma aceitação quase que pacífica do declínio corporal, mas mesmo assim, ainda com a ideia presente de que é preciso continuar lutando para sua manutenção mais saudável possível. “Mesmo estando velha, a gente não pode se entregar, quero estar bem velhinha mesmo quando minha hora chegar”.

4.3 Rita - “Eu não fui criada para me separar, mas hoje eu vejo o lado bom da separação”

Rita nasceu numa pequena cidade do interior do Ceará chamada General Sampaio. Seu pai, era funcionário público, trabalhava com piscicultura, sua mãe, dona de casa e costureira. Ambos de origem humilde, tiveram juntos quatorze filhos, seis homens e oito mulheres. Nesta pequena cidade Rita viveu até seus 12 anos. As narrativas de sua infância retratam as dificuldades da vida no interior, a falta da estrutura urbana, a vida na pequena casa da família onde Rita e seus irmãos somente brincavam longe dos olhares paternos, sempre lembrados pela rigorosidade. Sua trajetória escolar iniciada já com a idade avançada deu-se de maneira descontínua em função, dentre outras coisas, das inúmeras mudanças da família para outras cidades, devido as constantes transferências do pai para unidades de trabalhos diferenciadas. Esta descontinuidade também foi justificada, em suas narrativas, pela proibição do pai para quem: “Mulher basta aprender a assinar o nome”.

Para Rita sua infância foi um período marcado pelo medo ao pai - por ela caracterizado pelo machismo, violência e ignorância – por isso, seu comportamento, segundo ela, era e ainda é retraído, o medo adquirido na infância, se reflete ainda hoje em sua capacidade de relacionar-se com outras pessoas. Ela observa que atualmente tem muitas dificuldades em fazer amizades, diferentemente de outras senhoras que ela conhece. Rita comenta que o medo do pai a impedia de participar das brincadeiras, de se integrar na escola junto aos colegas. Ele a obrigava a trabalhar desde os doze anos. E vê que apesar do tempo transcorrido e das inúmeras experiências vividas, ela se comporta como se esse medo ainda existisse.

Rita: Jogar no colégio eu não jogava, ficava retraída lá, murcha num canto, as meninas jogando bola [...] eu não tinha coragem de fazer aquilo que eu tinha medo do meu pai, ele plantou em mim assim, um terror, aquele medo absurdo, aquela barreira assim, de me bloquear as coisas. E eu vejo que ainda hoje eu sou retraída, difícil de me abrir pras pessoas, por conta disso, desse terror [...].

Em relação a sua mãe Rita a descreve como passiva, sem autoridade alguma sobre os filhos nem tampouco sobre as decisões que envolvesse a família.

Rita: a minha mãe era muito passiva, aquela pessoa que vivia só para receber ordem do meu pai, obedecer e chorar.

Rita sempre estudou em escolas públicas, fez parte do ensino fundamental no Ceará, ainda na infância, mas somente aos dezoito anos na cidade de Campina Grande Rita retomou os estudos, cursando o ginásio, que corresponde atualmente a segunda fase do ensino fundamental e o curso técnico em Contabilidade. Foi em função do desejo de retomar os estudos, que começaram os conflitos entre Rita e seu pai. Obstinada a terminar os estudos Rita confrontou a vontade paterna. Ao narrar sua trajetória escolar Rita deixa transparecer os movimentos de conflitos familiares que teve que encarar para realizar seus desejos, para dispor de maior liberdade, de espaços de autonomização em relação a família, para se formar e realizar parte de seus próprios sonhos.

Rita: Aí quando eu fiz dezoito anos, aí eu trabalhava né, e ele [o pai] era quem recebia meu salário, eu não sabia nem quanto eu ganhava, era dele. Aí por conta disso, e por ter meu sonho de me formar, eu cheguei pra ele e disse: Agora eu vou estudar, porque já tô tom dezoito anos, agora eu posso! Ele disse: Você não pode estudar que você trabalha! Aí eu disse: Fique com seu emprego que eu arranjo outro! Eu sei que ele ficou brabo comigo, ficou zangado! Mas eu fui embora pra campina e consegui terminar meus estudos.

Também na juventude Rita associou os estudos ao trabalho. E junto com a possibilidade de estudar Rita passou a receber seu próprio salário, que até então era de propriedade de seu pai. Ter seu próprio dinheiro representou para Rita importante suporte na realização de suas conquistas. Como, por exemplo, fazer um curso superior. Rita fez vestibular na cidade de Campina Grande - para onde foi transferida pelo DNOCS, empresa em que trabalhava desde os doze anos - onde foi morar pela primeira vez sozinha e onde cursou Economia. Assumir a própria vida longe da família foi um desafio para Rita que ela encarou com muita habilidade. A expectativa de liberdade, muitas vezes mencionadas em suas narrativas parecia começar a se concretizar quando foi morar sozinha em Campina Grande. Morar só lhe permitiu viver coisas até então improváveis para ela. Como frequentar boates, bares, dançar, namorar. No entanto, tudo isso foi experimentado, segundo Rita em meio a muitos constrangimentos. Pois tendo sido criada numa família evangélica, a vida social de Rita era muito regrada, e até então se resumia a família, a igreja e ao trabalho.

Apesar da distância de casa os valores apreendidos por Rita em sua infância confrontavam-se com os valores que permeavam suas novas sociabilidades. Morar sozinha, frequentar a Universidade colocou Rita em meio a alteridade, lhe expôs a mundos desconhecidos e a diferentes estilos de vida.

Rita : Nesse tempo eu tinha mais liberdade né, porque não tinha meu pai por perto, pra ver eu sair, eu ir pras festas. Em Campina tinha um Clube universitário, era uma boate! Eu nunca tinha entrado em uma boate, eu nem sabia o que era, aquelas danças na penumbra, aqueles casais dançando agarrados, para mim era um absurdo! Eu ia e tudo, mas era um estilo de vida pra mim que era pecado.[...] Eu fui criada assim, com tanto controle que eu não ficava a vontade. [...] Eu guardei tanto aquele controle dentro de mim, que tinha coisa que eu fazia, dançava, beijava e tudo, e ele[o pai] não sabia, mas eu já me sentia culpada.

Rita casou-se aos 32 anos e foi mãe em seguida. O casamento representava a porta para a realização de um grande sonho: ser mãe. Pois para ela tal evento somente poderia acontecer mediante o casamento, expectativa típica da sociedade tradicional sob cujos valores Rita fora socializada.

Rita: Tinha que me casar porque eu queria ter filho e não tinha coragem de ser mãe solteira [...] eu vivia em função de dar satisfação ao meu pai. Eu não tinha coragem de ter um filho sem me casar, de jeito nenhum.

O casamento segundo ela representou o aumento das responsabilidades domésticas e restringiu sua vida nos espaços públicos os quais somente frequentava acompanhada pelo marido, com exceção do trabalho. Rita retrata o casamento como um momento de muita dedicação a família e de retração dos cuidados com ela própria. Destaca os efeitos do casamento sobre algumas práticas que lhe traziam satisfação. Para ela o casamento trouxe inúmeras mudanças em seu cotidiano, em suas práticas de consumo e lazer e em seu estilo de vida.

Rita: mudou para pior. Foi porque eu fiquei muito assim responsável, sabe? Era casa, filho, tudo muito, sabe?! Tudo era eu que resolvia! [...] A mulher quando casa ela não pode ir aonde quer e quando ela quer! Eu perdi a liberdade que eu havia adquirido.[...] Também quando eu era solteira era diferente, toda semana eu queria uma roupa nova, uma sandália, eu era louca por sandália, eu era muito vaidosa, mas depois de casada eu esqueci que eu existia, eu sinto isso hoje entendeu, eu não saia pra loja pra comprar roupa pra mim,

comprava o necessário entendeu, somente, pra comprar roupa boa, aquela roupa que eu gostava de comprar quando eu era solteira? Não, acabou. Aí assim, por conta disso hoje eu to...eu acho que eu me acomodei sabe, eu não costumo sair pra gastar comigo não. [...] Eu deixei de ir quando eu casei, eu gostava muito de praia, de cinema, mas tudo isso eu, depois desse casamento, eu perdi a vontade, perdi o gosto!

A experiência matrimonial juntamente com a maternidade trouxe para Rita muitas restrições e decepções, especialmente associadas as traições e “farras” cotidianas do ex marido. Rita atualmente está separada, o casamento para ela não foi “um bom negócio”. Segundo ela a separação se deu especialmente devido ao problema de alcoolismo do ex marido, o que por sua vez gerava muitos conflitos na família. As discussões entre o casal eram muito frequentes e a medida que os filhos cresciam iam também se envolvendo nas brigas. Apesar de toda a história do fracasso matrimonial, a recente decisão da separação e sua conseqüente saída de casa, não foi fácil para Rita, segundo ela, “casamento era pra vida toda”, por isso, sair de casa e deixar o marido, apesar de ter lhe trazido alívio e paz, também lhe trouxe sofrimento, pois foi uma decisão que se confrontava com os ensinamentos familiares apreendidos desde criança.

Rita: [...] eu não fui criada para me separar, minha mãe mesmo falava muito que a mulher separada era mal falada! Eu não queria aquilo para mim [...] mas hoje eu consigo viver mais para mim, porque estou separada. Apesar do controle que ainda tenho, porque como falei, sempre fui desse jeito muito quieta, mas vivo mais para mim do que antes, sem filhos pequenos para cuidar, sem marido, liberdade para frequentar os espaços que sinto desejo, administrar meu dinheiro [..].

Apesar de tudo Rita diz sentir-se mais livre com a separação, ainda que esta não tenha sido judicial. No entanto, ainda que o discurso da liberdade tenha surgido associado ao evento da separação, em suas narrativas Rita deixa claro que esta não se desenvolveu plenamente especialmente pelo fato dela mesma identificar-se com o comportamento de mulher tradicional ligada ao ambiente doméstico e a família.

Rita: Até meu menino manda eu viajar, passear, manda eu me juntar com o grupo da terceira idade. Mas eu acho que, eu acho não, eu tenho certeza, que devido eu ter sido criada assim, muito em casa,

ter crescido assim, e ter casado assim, muito responsável, muito preocupada com a família é muito difícil de mudar [...]gostaria de me sentir um pássaro voando mas não me sinto livre não, de jeito nenhum. [...] Tem gente que é hippie a vida toda, eu sou diferente eu assumo minhas responsabilidades. [...] E pra você vê minha filha pra você se desligar dessas responsabilidades, eu acho que eu nunca vou conseguir isso, só quando eu morrer mesmo.

Hoje Rita mora em um apartamento no bairro de Bancários com seus dois filhos solteiros. É com eles que divide o dia a dia e planeja o futuro. Em suas narrativas fica evidente que apesar de ser uma mulher independente financeiramente e de ter boas condições de saúde, Rita - diferentemente de muitas outras mulheres de sua condição social que investem em viagens e na participação em grupos de terceira idade - investe seu tempo, seu dinheiro e suas habilidades principalmente na família. Seu cotidiano é praticamente restrito ao âmbito doméstico e ao convívio com seus filhos.

Através das observações diretas na casa de Rita atentando especialmente para as negociações do espaço doméstico e para as divisões de atividades do lar entre ela e seus filhos, ficou evidente que eles, jovens adultos, reconhecem a prioridade de sua mãe na gestão da casa e nas decisões do orçamento doméstico. Mas ainda que isso seja verificado, Rita procura “equilibrar as regras” atentando para “o bem estar dos filhos” diante da “complicada” realidade de serem adultos e morarem com a mãe. O quarto de casal, por exemplo, a única suíte da casa, que geralmente é utilizado pelo chefe da família, foi por ela mesma direcionado para uso do filho mais velho, que semanalmente recebe a visita da noiva. Esse é um nítido exemplo da mudança no convívio e nas relações intergeracionais da família brasileira. Analisando o caso de Rita especificamente, vê-se as inovações e as mudanças que a conduziram a manter com seus filhos relações de negociações, diferentemente do modo como ela própria se relacionava com seus pais.

Aposentada desde os 42 anos, Rita é quem financia as principais despesas da casa. Sua preocupação central atualmente são as incertezas que rondam a vida profissional e financeira dos filhos. As dificuldades do mercado de trabalho para os jovens brasileiros dos segmentos médios, que desejam não somente um emprego formalizado, mas também a inserção em atividades de reconhecimento social e com bons salários, aparecem em suas narrativas de modo

associado a projetos de vida que dizem respeito não somente aos seus filhos, mas inclui toda a família, visando a manutenção coletiva dos padrões de consumo e estilo de vida.

Rita: Eu já estou pensando em vender esse apartamento e comprar terrenos em áreas populares pra eles construírem e ganharem o dinheiro deles e eu compro outro pra mim. Já disse a eles, sempre investi na educação deles pra que se formassem, agora eles precisam de um empurrão para trabalhar, mas em quê? Porque a maioria dos empregos ganham pouco demais, trabalham muito e ganham pouco, tem coisa que não vale a pena trabalhar pra ganhar micharia, é melhor investir em outra coisa. Construir dá dinheiro, para manter a vida que eles sempre tiveram não é fácil hoje em dia, eles precisam partir pra algo assim que seja lucrativo. Eu tenho certeza que entrar no ramo da construção civil é o melhor caminho pra gente, pra eles né, ganhar dinheiro.

Segundo Rita as contradições da nossa sociedade - em sua fala em destaque: “trabalha muito e ganha pouco” – podem ser dribladas mediante projetos e ações particulares e individualizadas, sua maneira de pensar aproxima-se ao que Beck observa sobre os modos de vida na sociedade de risco, para quem: “a maneira como se vive torna-se soluções biográficas das contradições sistêmicas” (BECK, 2010, p.137).

Atualmente Rita organiza seu tempo no dia a dia desenvolvendo atividades domésticas, e fazendo atividades físicas, como caminhadas matinais, participando de grupos de oração na igreja que congrega, realizando trabalhos manuais, como pintura e bordados e dedicando a leitura, prática que revela ter um gosto preferencial. Além de acompanhar os filhos nos projetos empreendedores ligados a construção civil que vem desenvolvendo. Rita também cuida da saúde com regularidade, vai a médicos e fisioterapeutas com frequência, viaja para visitar a filha e outros familiares sempre que pode.

Com relação a administração do seu dinheiro, Rita comenta que atribuiu ao filho mais velho a função de secretário. Ele é quem realiza o pagamento das contas domésticas, no entanto, ficou evidente que a administração do dinheiro é feita por ela mesma.

Rita: Meu dinheiro é no banco, meu salário é no banco, eu vou pagando minhas contas, hoje é o Rômulo né que vai pagando, e vai tirando somente o que for necessário, eu sou muito controlada, não

sou gastadeira não, sempre tive uma reserva, aí também faço o que eu quero com meu dinheiro, filho não manda em meu dinheiro não. [...] Comigo eu gasto o necessário, graças a Deus nem remédio eu tomo, de jeito nenhum. O resto é com eles mesmo. É isso mesmo, você tem gastar com seus filhos, seus netos, tem os netos também que aqui acolá você tem que agradar né, mas graças a Deus que nunca me faltou.

Entre suas despesas principais estão as faculdades dos filhos, as despesas com planos de saúde e a alimentação da família. Rita deixa evidente em suas narrativas que o destino de seu dinheiro é prioritariamente a família, investe em cursos de especialização para os filhos, em consórcios de automóveis e na saúde, assim como nos “agrados” para os netos. Não costuma comprar com muita frequência artigos para ela mesma, como maquiagens, vestuários, entre outros produtos, nem tampouco, investe em viagens, ainda que os próprios filhos recomendem com frequência. Mas revela gostar de frequentar salões de beleza e cuidar dos cabelos, unhas e da pele. Também investe em livros especialmente os de História, que demonstra um gosto especial. Rita não se integra ativamente em nenhum grupo de convivência extra familiar, apesar de frequentar o Projeto Vida Saudável diariamente, revela que seu interesse no grupo são as atividades físicas, de modo que suas sociabilidades estão praticamente reduzidas a estes momentos na Praça e principalmente aos filhos e noras.

Rita: [...] eles reclamam que eu podia viajar, fazer um turismo, porque eu gosto muito de viagem, mas eu acho tão ruim ir só, quando você vai com sua família é uma coisa, quando você vai sozinha com estranho, estranho assim, que não é seu parente, eu não tenho vontade, eu digo a eles, quando vocês forem com as meninas[as namoradas] eu vou também. Uma coisa que eu gosto é de ir pra o salão, assim pintar meus cabelos, fazer minhas unhas, isso eu sempre gostei.

Seus projetos de futuro também apresentam forte peso relacional, envolvem a missão materna de cuidar e ajudar aos filhos à realização pessoal, à definição profissional e à superação das incertezas e inseguranças especialmente do mundo do trabalho, próprias da sociedade de risco. Assim como comenta Singly (2001; 2007), para Rita, o espaço privado da família deve estar sempre a serviço dos indivíduos que a compõe.

Rita: [...] porque o sonho da gente depois que os filhos crescem é ver os filhos realizados, meu sonho maior é esse entendeu, até mais do que viajar, nem se compara, eu luto para isso para ver o sucesso dos meus filhos, os desejos deles são meus também.

O evento da aposentadoria foi para Rita um período marcante, de início cheio de expectativas e projetos de mudança de vida e do cotidiano, no entanto, a medida que o tempo passava, essas expectativas de descanso e de múltiplas opções de afazeres foram sendo substituídas por sentimentos como inutilidade e solidão na medida em que ela foi se sentindo improdutiva, isolada e sem reconhecimento social por seu novo status de aposentada, passando a se restringir ao espaço doméstico, dedicando-se as atividades do lar.

Rita: No início achava bom não ter que acordar cedo, poderia fazer outras coisas, podia ver alguns amigos, família, viajar, era uma sensação de férias, planejava fazer tanta coisa, vender roupas, viver viajando, mas depois aquela empolgação toda vai se acabando, a gente vai se sentindo quase uma inútil, e eu fui, em meu caso foi isso, eu me voltei totalmente pra casa entendeu, porque quando você está trabalhando você sai, você tem outras oportunidades de conversar com outras pessoas e eu fiquei muito isolada, assim sabe... Muito dentro de casa, sem nada pra fazer de produtivo, e que as pessoas valorizam, porque serviço doméstico, apesar que para mim seja importante ninguém valoriza. Eu tinha dias ou várias vezes eu não tinha nem com quem conversar, você quer conversar e não tinha com quem, só de eu ter me tornado uma pessoa muito dentro de casa, muito doméstica, eu não gostei de jeito nenhum, me aposentei porque primeiro porque teve uma vira volta muito grande, naquela época de Collor né, que botava muita gente de disponibilidade, ai botaram com disponibilidade, agora eu já tinha meu tempo de aposentadoria entendeu, eu não sei, só sei que na época eu sofri muito, chorei muito porque eu não queria me aposentar da maneira que eu me aposentei.

A partir da experiência de Rita - para quem a obrigatoriedade da aposentadoria proporcionou sentimentos de apatia e impotência, lhe trazendo a impressão de que a autonomia e dinamicidade da vida conquistada em anos e anos de trabalho se esvaía - fica evidente que nem sempre para as mulheres dos segmentos médios a aposentadoria representa um tempo da vida de “férias permanentes”, ou seja, de aproveitamento do tempo com coisas que antes não podia fazer como lazer, viagens, cuidado com a saúde. A motivação da aposentadoria para Rita se deu pela conjuntura política da época, pelas incertezas e

pelo medo de ter que atravessar “tempos de arrocho econômico” que configuravam o cenário sócio político e econômico dos anos 1990.

Segundo as narrativas de Rita vê-se que não basta ter tempo livre e dinheiro para experimentar uma aposentadoria ativa, outros elementos como, por exemplo, um estilo de vida individualizado também se faz necessário para isso. Nas narrativas de vida de Rita observou-se que o paradigma relacional, por ela internalizado desde a infância e adolescência continua sendo preponderante em seu modo de pensar e em suas práticas cotidianas. Seu *habitus*, nos termos de Pierre Bourdieu (1972) - que envolve a ideia de ‘sistemas de disposições’ e que dá sobretudo um indicativo de que o processo de socialização predispõe os indivíduos a agirem de acordo com as experiências internalizadas no passado – é caracteristicamente formado pelo convívio familiar e pelas práticas domésticas tradicionais. De sorte que ainda que Rita tenha o perfil sócio econômico de mulheres contemporâneas a ela que aderiram à ideologia da terceira idade, seu conjunto de disposições para agir, pensar e perceber, não lhe associa totalmente a tal ideologia e estilo de vida, a ideia de juvenilização da velhice é por ela rejeitada.

Rita: Essa coisa de dizer que a pessoa pode ser jovem na minha idade acho muito estranho, não dá pra mim não, o pessoal da terceira idade tem isso né? Tudo bem que você seja um idoso saudável, com ânimo pra viver pra tocar a vida, mas querer dá uma de cocotinha nessa idade é chegar ao ridículo, eu não me passo pelo ridículo, acho que cada um tem que ser o que é, assumir o que é. A adolescência já passou, pronto passou, vamos viver o que temos, quero viver a minha idade e não o que passou, quero ser uma mulher forte, ajudar meus filhos, meus netos, cuidar da minha casa e de mim, ter paz, pra mim tá bom demais.

A análise das trajetórias educacionais, familiar, as escolhas, práticas atuais, costumes e projetos para o futuro de Rita deixam perceber uma variação de valores que ora mais se aproximam aos ideários tradicionais ora aos modernos. Tudo isso também indica que por mais que em alguns casos o curso da vida pareça linear, como no caso desta senhora, as constantes adaptações às circunstâncias da vida presentes nas narrativas de suas trajetórias, como por exemplo, a retomada dos estudos mediante o confronto com os pais, ou a opção pela separação, ainda que a ideia de casamento seja para toda a vida, deixa transparecer que o curso da vida não é linear. Assim como também não são os processos de individualização.

Antes, tal como comenta Pais (2001) ao tratar sobre curso da vida de jovens trabalhadores, os processos de individualização também podem se apresentar como estruturas labirínticas.

4.4 Dona Rosa: “A coisa que mais tinha medo era de ficar só, eu não gosto de ficar só”

Dona Rosa nasceu na zona rural da cidade de Guarabira/PB e lá morou até aos seis anos com os pais. No entanto, desde esta fase de sua vida dona Rosa tinha mais convivência com sua avó paterna que morava perto da família. Segundo ela, todos os dias costumava ir logo cedo para a casa da avó para fazer doces, biscoitos e outras guloseimas que produziam para vender na mercearia da família. Por volta dos sete anos de idade dona Rosa foi morar em Recife acompanhando sua avó e seus tios solteiros, que passariam uma temporada de dois anos naquela cidade. Lá dona Rosa começou a estudar. Tendo passado os dois anos voltaram todos para a Paraíba e foram morar na cidade de Santa Rita, onde residiram mais dois anos até se estabelecerem no bairro de Cruz das armas na cidade de João Pessoa, onde dona Rosa viveu até casar-se.

Segundo esta senhora foi com sua avó, uma mulher diferente de sua mãe, principalmente porque tinha autonomia e independência para tocar a própria vida que ela tanto aprendeu as “prezadas domésticas” tais como: bordar, costurar, fazer crochê, pintar, cozinhar, engomar quanto a ser dinâmica e independente. Esse aprendizado servia não somente para as tarefas do lar, que ela costumeiramente realizava apesar da pouca idade, mas também se revertia em meio de vida, pois era com a produção e a venda desses doces e biscoitos, dos sapatinhos de lã confeccionados, das costuras e bordados, que a família se mantinha financeiramente.

Dona Rosa: Quando eu chegava do colégio eu fazia minhas tarefas cedo e passava a noite com ela. Minha avó me ensinou muita coisa, tricô, bordado, costura, de noite ela fazia muito tudo isso e eu peguei o hábito dela. [...] Eu lembro que ela dizia, aprenda pra você ter seu dinheiro, porque você já ajuda seus pais e também pra um dia quando você se casar, você saber tudo isso, saber educar seus filhos.

Nas narrativas de dona Rosa o trabalho tem grande relevância, aparece desde a infância e atravessa toda a juventude e demais fases da vida. Inicia-se ainda no âmbito doméstico pelo incentivo da avó e ganha o espaço público por intermédio de seu padrinho. A partir dos seus quinze anos de idade dona Rosa começou a trabalhar em um tradicional hospital da cidade de João Pessoa, atuando em diversas funções, tanto no atendimento aos pacientes como na administração do hospital. Neste hospital dona Rosa atuou por trinta e cinco anos. Segundo ela a experiência do primeiro emprego foi muito difícil, pelo fato de ter entrado no mercado de trabalho sem nenhum tipo de preparo profissional prévio, problema recorrente para os jovens de sua época segundo dona Rosa.

Dona Rosa: Meu primeiro emprego foi no hospital João soares que meu padrinho me botou, tava faltando gente lá e ele arrumou pra mim. Quando eu cheguei lá eu não sabia nada, nada, nada, eu era um bicho, tinha medo dos médicos, menina pelo amor de Deus! Chorei a noite todinha, eu dava plantão de noite e de dia aprendia a aplicar injeção, e as outras coisas, aprendi tudo com Doutor João Soares, ele tinha muita paciência pra ensinar e quando era de tarde eu ia pra casa pra dormir.[...] Então eu sofri muito no início, primeiro porque não sabia fazer nada, depois porque era cansativo, ficar a noite acordada, e tendo que cumprir com as obrigações do serviço sem saber era complicado, minha avó dizia: Não desista você vai aprender, você vai conseguir[...] aprendi tudo na prática, aí depois foi que eu fiz meu curso mesmo. Mas tudo isso valia a pena porque passei a ter meu próprio salário, podia ajudar em casa e comprar minhas coisinhas, que eu já era uma mocinha e precisava. Então desde muito cedo eu aprendi a me sustentar, sempre trabalhei, sempre fiz minhas economias, e aprendi a lidar com dinheiro, que não era lá essas coisas, mas era meu, eu sempre quis trabalhar pra ter meu dinheiro.

Trabalhar fora de casa e ter o próprio dinheiro desde cedo contribuiu para que dona Rosa desenvolvesse, ainda na juventude, um espírito independente. No entanto, vale destacar a influencia de sua avó em sua forma de pensar, em seus valores, em seus projetos, principalmente quando diz: “sempre quis trabalhar e ter meu dinheiro”. As escolhas de dona Rosa apontava para projetos de vida que envolvesse independência financeira e autonomia, elementos essenciais para uma vida individualizada, conforme nos recorda Beck e Beck-Gernsheim (2003).

Até aos trinta anos dona Rosa havia estudado somente o ensino fundamental. O ritmo de trabalho fora, segundo ela, um dos principais impedimentos para a continuidade nos estudos. A atuação no hospital e no antigo INPS ocupou

seu cotidiano por mais de trinta anos. O casamento também influenciou negativamente no seguimento de sua trajetória educacional. De acordo com dona Rosa

Dona Rosa: Ele estudou [o esposo], terminou Direito, ele fez cursinho, passou no vestibular e fez faculdade e eu não tinha direito de estudar, eu só tinha terminado o ginásio, e muito mal. Quando eu dizia que ia estudar ele dizia que eu ia arrumar homem na rua, ele era louco, era esquizofrênico. Eu também tinha vergonha, porque eu era mais velha, tinha trinta e tantos anos já, aí fui estudar em casa o supletivo, foi isso fiz o supletivo todinho estudando em casa. Mas foi muito difícil.

Seu esposo a impedia severamente de estudar, ambos discutiam cotidianamente por isso e por outros motivos. Somente após a separação do primeiro casamento dona Rosa retomou os estudos do ensino médio, antigo segundo grau, e conseguiu entrar na faculdade de enfermagem Santa Emília de Rodat, onde se formou em 1989.

A experiência matrimonial de dona Rosa iniciou-se em 1968, quando ela possuía vinte e oito anos. Esse relacionamento durou seis anos e se deu com um homem quinze anos mais velho que ela, e conforme nos conta, bastante ciumento e violento. Dona Rosa teve sua primeira filha aos vinte e nove anos e o segundo aproximadamente dois anos depois. Seu relacionamento com o pai de seus filhos foi marcado por desentendimentos constantes. E muitos eventos nos quais dona Rosa e seus dois filhos ainda pequenos experimentaram risco de vida.

Dona Rosa: Aí botava coisa na cabeça, chegava dentro de casa, tinha noite que ele chegava, pegava, tirava a roupa tocava fogo em tudinho. Eu saía de casa, passava quinze dias na casa da minha mãe e voltava por causa do meu filho né, aí no fim eu não aguentei mais, que ele chegou a botar arma em cima de mim, arma mesmo assim, armada, com bala com tudo, e nesse dia eu não aguentei mais, porque eu disse: “Vai morrer tudinho aqui”, aí eu corri pra ele, disse: “Olhe, se tu for um covarde tu me mata, se for covarde tu me mata, agora se você me matar, não vai ficar um farrapo seu, nenhuma família sua não vai, não vai ficar vivo não”, aí “Meu Jesus, meu Jesus, como é que eu faço? Me oriente, me ilumine”, e os dois meninos do meu lado sabe, os bixinhos tremia, aí nessa hora ele assim com arma, tremia a mão assim, aí eu peguei a mesa, virei por cima dele, virei mesmo, quando eu virei por cima dele, ele caiu, a arma caiu distante, deu tempo eu correr pro corredor né, aí entrei na casa da minha cunhada... “Não dá mais, meus filhos vão ficar

prejudicado, com trauma, não dá mais pra viver com ele, eu vejo a hora amanhecer o dia torrada aqui...”.

Parte dos desentendimentos do casal relacionava-se com o trabalho desenvolvido por dona Rosa fora de casa. Segundo ela seu primeiro esposo esperava que seu comportamento fosse de mulher, dona de casa, voltada exclusivamente para os filhos e para a casa, no entanto, seu o comportamento não seguia esse padrão de mulher. Dona Rosa apesar de dedicar parte de seu tempo à família e aos cuidados domésticos, desdobrava-se também com as preocupações no trabalho e na manutenção de sua profissão e de sua independência financeira. A luta de dona Rosa não se dava tão somente em relação ao esposo, ciumento e tradicional, mas especialmente contra valores até então dominantes em nossa sociedade. Foi em função de uma condição feminina mais igualitária que dona Rosa lutou durante anos e isso se refletiu em sua vida matrimonial levando ao fim do casamento.

Dona Rosa: Eu vivia feito uma louca trabalhando, estudando, cuidando de casa de menino, era realmente muito difícil de conciliar tudo, era muito estressante, eu vivia esgotada. Ele brigava comigo direto porque queria que eu deixasse meu emprego, queria que eu fosse manobrada por ele totalmente, mas eu nunca deixei, ele queria que eu deixasse, mas eu nunca deixei, se eu deixasse eu morria. Ele só me dava o suficiente e depois disso ele deixou de me dar. Não ganhava bem, se eu deixasse eu não tinha nada, porque tudo era meu, eu que ia pagando. Se eu deixasse ia ser uma escrava dele. Dependente dele pra tudo. Ele queria uma escrava, não uma esposa. Nunca deixei de trabalhar por causa de marido e nem por causa de filhos. Ou ele me aceitava ou a gente se deixava, foi o que aconteceu. Logo ele era mais velho que eu e era inseguro, achava que eu era leviana por que tinha uma vida pública. Para os homens do tempo dele mulher que trabalhasse fora de casa era leviana, era prostituta.

O evento da separação, ainda que não legalizada, foi registrado nas narrativas de dona Rosa como um momento de superação de muitos problemas e demarcou o início de uma vida de mais liberdade e dedicação para si, pois pode desenvolver atividades que ela valorizava, como prosseguir nos estudos, vindo a estudar em cursinhos, terminar o supletivo e posteriormente o curso de enfermagem

e especialização em saúde pública, como programar vários momentos de lazer e viagens com os filhos.

A condição civil de dona Rosa de casada passou a de viúva com o falecimento de seu ex-marido anos depois da “separação de corpos”. Tornando-se legalmente viúva dona Rosa passou a receber a pensão do falecido. Renda que até hoje compõe sua receita. Atualmente dona Rosa é aposentada do Ministério da Saúde. No entanto, nunca “ficou parada de vez” hoje ela faz curso de pintura e vende os quadros que produz, também costura enxovais de bebês que são doados a instituições de caridade.

Em sua casa dona Rosa mantém um pequeno pomar no quintal de casa e um jardim na parte da frente onde ela trabalha parte de suas manhãs, cuidando das plantações de diversas frutas e dos animais que cria. Nestes horários dona Rosa também cuida dos serviços domésticos. A tarde ela costuma frequentar a igreja, ir a médicos, fazer compras, visitar amigos, ir as aulas de pintura no SESC e fazer orações em seu oratório doméstico. A noite ela gosta de ler, mas frequentemente é nesse horário que dona Rosa costuma costurar. Ao narrar seu dia a dia e refletir sobre todas as suas práticas dona Rosa notou que seu cotidiano parecia reproduzir de certa forma a vida que experimentou no interior quando pequena em companhia de sua avó. Observou que os hábitos da vida no campo, “as prendas domésticas” aprendidas com sua avó se conservam até hoje em seu cotidiano.

Atualmente dona Rosa mora com seu companheiro, um senhor de 79 anos, também aposentado pelo ministério da Saúde. Essa sua segunda união se deu há 20 anos quando dona Rosa estava com 52 anos e aposentada há um ano. Ao tratar sobre o início desse novo relacionamento dona Rosa enfatiza: “A coisa que mais tinha medo era de ficar só, eu não gosto de ficar só”. Tendo os filhos crescidos e empenhados com suas próprias vidas e estando viúva há três anos, dona Rosa privilegiou sua demanda de companhia e resolveu casar-se novamente. No entanto assumir um segundo casamento, ainda que este não tenha sido realizado no civil, foi para ela uma decisão muito difícil pois seus filhos não aprovaram o casamento e a ameaçaram saírem de casa. Em meio a esse conflito, entre os filhos e o novo companheiro, dona Rosa, apesar de muito consternada decidiu viver a nova experiência conjugal e alugou um apartamento para seus filhos em outro bairro.

Segundo dona Rosa, este casamento representou um duro distanciamento entre ela e seus filhos, ela comenta ter sofrido muito inicialmente,

mas diz ter se “acostumado e aprendido a viver sem eles”. Segundo dona Rosa esta separação apesar de sofrida lhe trouxe benefícios assim também como para seus filhos, pois ambos aprenderam a “se virar”, ou seja, desenvolveram aprendizados baseados na autonomia, ainda que apoiados por ela financeiramente. Ela por sua vez pode começar um novo relacionamento sem ter que se preocupar com conflitos em casa, pois seus filhos e seu segundo companheiro não possuem bons relacionamentos. Esta separação representou também uma nova etapa em sua vida baseada na ética da valorização pessoal e no aproveitamento do tempo com atividades como viagens, cursos, assim como na participação em atividades religiosas e de caridade. Mas tudo isso não se deu sem impedimentos. Segundo dona Rosa seu esposo e ela passaram a se desentender recorrentemente quando ela resolvia viajar com grupos da terceira idade.

Dona Rosa: No começo ele me enfrentou muito e brigou comigo, muito, gritava, xingava, dizendo: “Eu não sabia que você era assim desse jeito, se eu soubesse eu não tinha casado”, eu dizia: “Você sabia, eu avisei a você, é meu tempo de aproveitar a minha vida porque quando eu tinha meus filhos e trabalhava eu não saía de casa, casei com você sabendo quem você era e você não se faça de vítima porque sabe de minha vida e sabe que eu quero fazer o que gosto agora.

Nos planos de dona Rosa o período da aposentadoria seria para ela realizar vários projetos que ainda não havia tido condições como fazer um curso de pintura e conhecer todo o Brasil. Atualmente ela é membro do Grupo da maior idade do SENAC, lá faz ginástica, e cursos de pintura. Dona Rosa também investe parte de sua renda em turismo com grupos religiosos, entre esses passeios já visitou: Jerusalém, a Europa, São Paulo, Estados Unidos, Campos do Jordão, Aparecida, Goiânia, Manaus, Fortaleza, Maceió, Maranhão, Bahia, entre outras cidades. Pelo menos duas vezes por ano ela realiza algum passeio turístico com suas amigas da terceira idade frequentadoras de uma das Igrejas Católicas de Bancários.

Em uma das entrevistas realizadas seu esposo interferiu em seu relato e o seguinte debate surgiu:

Esposo: Meu Deus, essa mulher tá ficando doida, essa mulher tá ficando doida, tu já aposentada...para no lugar... tá vendo essa daí

Cristiane? Só quer viver no mundo gasta o dinheiro dela todinho com hospedagem e viagem.

Dona Rosa: E tu acha que eu me aposentei, eu vou ficar parada, parálitica dentro de casa? Vou não Matias, eu tenho que entrar numa atividade rapaz, eu tenho que procurar grupo de oração, tenho que procurar grupo de trabalho de fazer alguma coisa, de “trabalhar”, aí inventei mil coisas Cristiane que eu achei que eu não sabia fazer direito, me aperfeiçoar, pintura, aquela fazer flores, aqueles cursos lá no Astréa sabe, eu fiz, cursos de desenho, de pintura de desenho, tudo isso eu tirei, curso de flores de goma, saí procurando tudo pra fazer, pra ocupar meu tempo. E viajar eu viajo sempre, não deixo de ir de jeito nenhum...você não gosta Matias mais eu gosto, viajar me faz bem demais eu invisto meu dinheiro em viagens por isso, o dinheiro não é meu? Eu faço o que eu bem entender.

Em sua fala dona Rosa deixa entender que a condição fundamental de ter hoje oportunidade de viajar e experimentar coisas prazerosas da vida, que a faz bem, é sua independência financeira. Quando retrata o período da aposentadoria, dona Rosa relaciona tal período com a conquista da liberdade tão esperada e desejada em outras fases da vida. Para ela a liberdade somente é conquistada na fase da vida em que se encontra, pois nela “todas as suas obrigações já devem ter sido cumpridas” filhos, casa, trabalho, sua profissionalização, tudo isso, segundo dona Rosa, limita a sensação de liberdade no indivíduo. Para as mulheres, é somente, segundo ela, com filhos crescidos, com a aposentadoria, com condições financeiras e com saúde que se pode experimentar a verdadeira liberdade.

Dona Rosa: Na fase da minha vida agora eu sei o que é liberdade, nas outras fases a gente pensa que tem liberdade, mas não tem, pode perguntar pra qualquer pessoa da minha idade, que ela vai dizer isso, a gente mesmo do grupo tava conversando isso um dia. Porque pelo menos na minha geração, quando era criança e adolescente, tem que dar satisfação aos pais, quando era jovem também, e tinha que trabalhar, tinha que estudar, tinha obrigações a fazer, quando a gente fica adulto, casa, tem filhos, aí é que perde a liberdade mesmo, que a gente pensava que tinha. Somente depois que você encerra cumpre suas obrigações de trabalho, de estudo, de cuidar de filhos, de marido, você sabe o que é ser livre. Aí realmente você vai fazer o que você quer, o que gosta, isso se tiver saúde e dinheiro né! Mas se espera que tenha porque deve ter se preparado pra isso. Você mesma, Cristiane, só vai saber o que ser livre quando você tiver da minha idade. Tem coisa que é assim só vem na velhice.

Para dona Rosa na velhice também cabe a elaboração de novos projetos. Esta fase para ela é apresentada como uma fase de muitos ganhos, não somente da conquista da liberdade, mas também de condições para a realização de projetos construídos em outras fases da vida, projetos estes que tanto se associam a realizações pessoais, como realizar cursos, viajar, participar de grupos de oração, e outros que também envolvem a família, como participar da criação dos netos e vê-los crescer. Apesar de todos os ganhos, a sensação de limites em função principalmente do corpo não se excluem em suas narrativas. É especialmente quando retrata suas dificuldades corporais: o problema do inchaço nas pernas, a dificuldade de estudar uma nova língua tendo em vista a redução da memória, que dona Rosa se identifica com a velhice, não somente por questões da idade em si, mas principalmente em relações aos limites que o corpo lhe apresenta.

Dona Rosa: Eu mesmo só penso em velhice quando dói alguma coisa, aí aí tô ficando velha! Mas se não fosse isso[...] ou quando eu esqueço das coisa, eu digo logo, pronto tô com Alzheimer, coisa de velho mesmo! Mas vou dizer viu ainda tenho pique pra muita coisa, não é toda mulher que eu conheço que faz o que eu faço não. Conheço mulheres mais novas que eu que só vivem doentes, eu ainda tenho saúde, faço muita coisa em casa, tenho ânimo pra sair, eu estou bem, sou uma idosa saudável e disposta. Tenho minhas dificuldades, principalmente por conta de minhas pernas. [...] se saio de manhã de tarde boto as pernas pra cima, pronto é só isso, aí me cuido, tomo meu suco logo cedo de manhã, me alimento nas horas certas. Pronto tá tudo bem. Faço minhas orações, peço a Deus saúde, força pra continuar vivendo bem e ele me dá, fica tudo bem mesmo! A gente só vive até o dia que Deus quer!

Observa-se em suas narrativas que a avaliação que faz sobre si mesma, toma como parâmetro a condição do outro, outras mulheres de sua idade, de seu círculo de amizades. É a partir desse olhar sobre o outro que ela consegue determinar quem ela é, como ela se apresenta nesta fase da vida, identificando quais são suas limitações e ganhos. Para dona Rosa a velhice somente se apresenta como problema quando relacionada à doença. A velhice para esta senhora é equiparada à doença e a ausência de movimento ou de ação. A responsabilidade de continuar vivendo bem, segundo ela, encontra-se nos cuidados com a saúde, na alimentação, em saber lidar com os limites do próprio corpo, e ao mesmo tempo envolve a fé, e práticas religiosas que trazem, segundo ela, força e vitalidade.

Além da companhia do esposo, dona Rosa tem também a companhia frequente de sua filha mais velha, casada, que mora no mesmo bairro que ela e que possui dois filhos ainda crianças. É com sua filha que dona Rosa costuma ir a igreja pelo menos três vezes na semana. Ambas participam assiduamente das missas nos finais de semana e de grupos de oração que funcionam nas tardes das terças e quintas feiras. Segundo dona Rosa, apesar de sua filha não frequentar sua casa com regularidade, elas se encontram quase sempre para fazer compras, para ir a médicos, para visitar amigos entre outras atividades. O círculo de amizades de dona Rosa é muito fortemente constituído por senhoras de seu grupo de orações da Igreja Católica que frequenta em Bancários, assim como dos amigos de outras comunidades Católicas de João Pessoa, como da Torre e de Jaguaribe e até mesmo de outras cidades do interior da Paraíba. Segundo dona Rosa tais grupos também são envolvidos com atividades da terceira idade como festas comemorativas, viagens turísticas de caráter religioso. A participação em tais grupos segundo ela é fundamental para a manutenção de relações sociais “saudáveis” e de atividades de interesse que ocupe seu cotidiano. Muito religiosa, dona Rosa investe parte de seu tempo em atividades como oração, estudos Bíblicos, atividades de caridade, participação em congressos e retiros espirituais além de viagens religiosas. Observa que são as mulheres idosas a maioria das participantes da comunidade, que como ela encontraram na vida religiosa, práticas que não somente “fazem bem a alma”, mas também que preenchem seu tempo prazerosamente e lhe beneficia com um círculo de amigos de interesses e gostos comuns.

Em suas narrativas também ficou evidente que essa tendência de individualização não eliminou, no entanto, a importância do espaço familiar, do espaço relacional (DAMATTA,1991) ainda forte no Brasil. Antes, os interesses em manter a união familiar, a felicidade e realização de todos demonstrou-se uma preocupação fundamental, centrada agora na negociação, no mútuo respeito e não mais na renúncia dos próprios desejos.

Dona Rosa: Minha vida toda eu abri mão de muita coisa, quando a gente é mãe é assim. É uma roupa que você deixa de comprar pra você pra poder a filha andar arrumada. É uma viagem que você deixa de ir porque seu marido não gosta de sair pra lugar nenhum. É uma faculdade que você não frequenta, porque naquele tempo, lugar de mulher era em casa, mulher que fosse pra faculdade ia pra vadiar. Já abri mão de muita coisa, pros meus filhos, e ainda abro. Agora menos.

Pronto agora mesmo eu vou ajeitar minha casa, vou fazer uma reforma. Organizar meu quarto, que eu quero fazer tudo projetado, aí Júnior ligou dizendo que estava precisando de dinheiro para regularizar a documentação dele nos Estados Unidos, 15mil. Se fosse antes eu tinha mandado o dinheiro todo, fazia empréstimo, o que fosse e mandava, mas o que foi que eu fiz? Mandei 5 mil, ele deu entrada lá no que era de início, prometi a ele mandar mais 2 mil no final do ano, quando eu receber o décimo, e o resto eu disse a ele que se virasse. Ajudei a ele no que eu podia, porque mais do que isso eu não podia, já tinha me programado com as coisas daqui de casa, e ele também tem que ter a responsabilidade dele. Não foi ele quem quis ir morar lá? Ele sabe que eu tenho meus compromissos, minhas viagens que eu faço sempre, então ele entende também. As vezes eu fico preocupada, aí eu fico: meu Deus será que Júnior tá passando apertado lá? Depois eu fico: Não ele tá bem, tá trabalhando ele já é adulto, ele se vira.

Algumas questões na fala de dona Rosa podem ser associadas as proposições de Beck e Beck-Gernsheim (2003) quando eles trabalham a temática da individualização tendo como pano de fundo a ambiência cultural da alta modernidade, a sociedade do risco. Segundo Beck (2010), a relação indivíduo/sociedade atualmente repousa sob um sistema de valores na qual desponta uma nova ética, a ética frente ao risco. Ao tratar da ida de seu filho para os Estados Unidos, ou seja, de seu afastamento do grupo familiar, dona Rosa elabora a frase: “não foi ele quem quis ir morar lá?” Deixando claro sua ideia de que ele mesmo tinha de se auto gerenciar e auto prover, já que fizera uma escolha própria. A ideia de dona Rosa sobre a responsabilidade do filho para com ele tem afinidades com aquilo que Beck (2010) chama de ética frente ao risco, uma ética baseada na ideia dos deveres para consigo mesmo. Mas por outro lado, ela também demonstra alguns cuidados, preocupações e desejos em torno do filho que mais se aproximam de ética tradicional, aquela cujos deveres expressam uma lógica eminentemente social com vistas à harmonização do indivíduo com o todo, com a família. A partir dessa discussão fica evidente que apesar da disseminação dos ideários individualistas no Brasil, especialmente nos espaços urbanos, ainda é possível se observar, mesmos nos grupos mais individualizados, como os segmentos médios (VELHO, 2008), elementos que comprovam a permanência de aspectos próprios do caráter relacional da sociedade brasileira (DAMATTA, 1991).

4.5 Penha – “aqui sempre foi o contrário, eu sempre fui a provedora da casa”

De um modo geral foi comum nas narrativas das senhoras as lembranças da severidade e autoritarismo paterno. No caso de Penha, no entanto, esse autoritarismo é lembrado através da figura de sua mãe adotiva. Também de origem rural, Penha foi adotada por uma família de fazendeiros e políticos do interior da Paraíba. Segundo esta senhora a estrutura de sua família de origem não se restringia ao grupo formado pelos irmãos e pais adotivos, ou como se convencionava denominar família conjugal, mas tratava-se de uma família extensa, formada não somente pelo casal e filhos, mas constituída por outras pessoas como avós, tios, parentes mais distantes, padrinhos e afilhados, modelo familiar aproximado ao que nos apresenta Freyre (2006) quando retrata a vida privada nas casas grandes nordestinas.

O grupo familiar atual de Penha é constituído pelo esposo e uma filha adulta. Penha possui um filho, casado recentemente, e uma neta de aproximadamente quatro anos. Percebem-se em suas narrativas interessantes mudanças nas estruturas familiares já discutidas na literatura sobre famílias brasileiras. (LINS DE BARROS,1987; CORREIA,1982a,1982b). Penha possui bons relacionamentos com seus filhos, fala do prazer que tem em poder participar de suas vidas de forma mais intensa, pois possui mais tempo do que em outras fases de sua vida, quando especialmente o trabalho ocupava a maior parte de seu cotidiano. O apartamento no qual o filho reside atualmente foi presente dado por Penha a ele para lhe poupar de pagar aluguel, tendo em vista sua instabilidade salarial e empregatícia como prestador de serviço da prefeitura municipal de João Pessoa. Penha também ajuda em algumas de suas despesas, como por exemplo, pagando a escola de sua filha.

Nas narrativas de Penha sobre infância e adolescência, o ambiente mais retratado foi o doméstico, a vida nas fazendas do pai, Penha destaca sua origem de família rica, as regras e as práticas sob as quais fora socializada na infância.

Penha: A fazenda era muito grande, tinha muitos moradores. Tinha muitos empregados e, por exemplo, eu casei e nunca tinha feito um almoço, mamãe naquele tempo não queria a gente misturado com os empregados, é tanto que eu casei e não sabia fazer nada, porque ela não queria a gente em cozinha, dizia que cozinha era lugar de empregada. Ela era muito preconceituosa, já papai tinha uma situação financeira muito boa, foi prefeito da cidade várias vezes,

tinha três fazendas, mas sempre humilde. Lá em casa tinha muita fartura, a casa só vivia cheia de políticos de alta escala.

Inclusive seus estudos primários foram realizados na própria fazenda onde morava. Penha retrata a escola que estudou nos mesmos moldes em que nos apresenta Anísio Teixeira (1957) quando trata sobre a educação escolar no Brasil e destaca seu caráter seletivo e elitista. O acesso à educação, segundo Penha em sua cidade era privilégio de poucos, geralmente eram dos filhos dos fazendeiros. A continuidade nos estudos exigia mudança de vida das regiões rurais para a vida urbana. A adolescência de Penha foi marcada por essa mudança, pelo ingresso no curso normal num internato na cidade de Santa Luzia e pelas novas sociabilidades empreendidas naquela cidade.

Penha: A gente estudava na fazenda mesmo tinha sala de aula montada e tudo. Quando terminasse a quarta série ia pra cidade, que papai tinha casa lá também, então a gente ia e eu passei no teste de admissão. Passei e fui estudar no internato, isso durou uns quatro anos. [...] Eu amava o internato apesar da rigidez das freiras, nas horas de intervalo a gente podia brincar. A minha mãe era muito rígida não deixava a gente brincar. E lá eu estava longe do olhar reprovador dela. Quando ela olhava assim pra mim eu gelava! E eu era muito submissa a ela. Era aquela mulher autoritária, que passava por cima do marido, e papai era um homem muito bom. Se a gente risse ela fazia: Tá rindo de que? Antes a gente não tinha nem vizinho, porque na fazenda não tem isso, é um sítio aqui, outro lá longe...pra gente ver alguém diferente é uma duas semanas, na missa, na feira, e olhe lá! Na cidade não é assim, a gente tinha a praça, para passear, pra ver quem passa, então pra mim era muita novidade, a vida na cidade, era um deslumbramento mesmo! Conhecia gente nova, começaram os flertes, nossa, era muito bom! Mas tudo escondido de mamãe!

Nesta fase surgem com mais força nas narrativas de Penha os conflitos familiares, principalmente em relação a sua mãe e as duras restrições de exercer uma sociabilidade extra familiar. Em suas narrativas sobre a adolescência foram circulares as histórias sobre as fugas para o passeio nas praças, para paqueras em escondido, longe dos olhares controladores dos pais e irmãos mais velhos. Segundo Penha a mudança para a cidade trouxe maior sensação de liberdade, diminuiu o controle dos pais, ampliou o universo de pessoas conhecidas e as atividades para o dia a dia, incluindo a prática de esportes e do estudos de música.

Após ter concluído o curso normal, Penha ingressou no Curso pedagógico também em Santa Luzia. Neste mesmo período ela começou a trabalhar na prefeitura de Junco do Seridó, onde seu pai era prefeito. Atuou por quatro anos na área administrativa da prefeitura, onde diz ter aprendido práticas de contabilidade. Nesse período Penha fez um curso de datilografia e se tornou “uma exímia datilógrafa”. Com o fim do mandato do pai e o encerramento de sua carreira política naquela cidade Penha perde seu emprego na prefeitura e foi juntamente com quatro irmãos morar em Campina Grande. A experiência em administração e em contabilidade, além do curso de datilografia contribuiu para que ela conseguisse um novo emprego na Faculdade de Medicina naquela cidade.

Aos vinte e um anos morando em uma casa alugada por seus pais em Campina Grande, Penha diz ter começado a experimentar um pouco mais de liberdade. A maior distância do controle materno, segundo Penha contribuiu para seu amadurecimento e para que pudesse fazer suas próprias escolhas. O trabalho na Faculdade e sua independência financeira também foi importante instrumento para a conquista de maior autonomia em relação à família.

Penha: Comecei a adquirir minha independência financeira e minha liberdade, mas ainda assim eu ainda era vigiada, era maior de idade, mas parecia uma adolescente, era difícil lidar com ela. Comecei a tirar aquele domínio dela [da mãe] sobre mim, comecei a me rebelar um pouco, a crescer vamos dizer assim. Até as minhas roupas quem escolhia era ela, eu era um robô não tinha escolhas próprias, ela não deixava a gente ser a gente mesmo sabe, era um controle horroroso que tolhia nosso caráter, que tolhia nossas vontades, somente permaneciam os sonhos, porque nisso ela não poderia interferir. Em Campina as coisa começaram a mudar, porque ela foi perdendo o controle sobre a gente, longe da gente ela não tinha mais aquele domínio todo. Mas você acredita que ela obrigava a gente ir pra fazenda no fim de semana?

De acordo com Penha o controle que sua mãe exercia sobre ela a impedia não somente de fazer o que ela queria, de fazer suas próprias escolhas, de ir para onde ela desejasse, mas a impedia de ser também quem ela queria, interferia em sua identidade.

Ainda que contra a vontade de sua mãe, que havia lhe “arrumado um noivo no interior”, e por isso lhe orientava a continuar morando lá, Penha começou a

trabalhar em Campina Grande e a se programar para fazer um curso superior, algo muito desejado por ela, mas até então não realizado. A fixação da residência em Campina lhe favoreceu na entrada no curso em Comunicação Social e contribuiu para o fim do relacionamento que sua mãe arrumara.

Ainda nos primeiros anos de Faculdade e trabalhando os dois expedientes, Penha conheceu um músico e começou a namorá-lo, mesmo contra a vontade de sua mãe. O rapaz tinha um estilo de vida diferente do seu, era segundo ela despojado e aceitava tudo com muita tranquilidade. Gostava de música, tinha uma banda e pensava em seguir carreira musical de modo que não investia muito em outras atividades como estudar e não se preocupava muito em trabalhar nem com coisas materiais.

Penha: [...] ela(a mãe) achava ele sem futuro, andava com um violão debaixo do braço, usava bermuda de dia e de noite, Ela dizia que eu tinha sido criada com tudo do bom e do melhor , e ele não tinha como me dar nada. [...] Mas pra me libertar mesmo eu arregacei as mangas fui em frente e casei com ele. [...] eu digo que meu casamento foi mais em torno de eu adquirir minha liberdade, minha autonomia, no fundo eu sempre tive esse espírito de autonomia e ainda tenho, mas era contido, era retraído por causa do controle que ela exercia sobre mim.

De acordo com Penha sua decisão pelo casamento levou em consideração o desejo pela liberdade em relação à mãe. Em sua narrativa Penha aponta um desejo de se destacar, de se livrar do controle materno, de andar com os próprios pés. Trata-se de um posicionamento de vida em busca, aos seus próprios olhos, de sua identidade de indivíduo (ELIAS, 1994). E como também ficou evidente, isso “não é simplesmente parte de sua natureza. É algo que se desenvolve através da aprendizagem social”. (ELIAS, 1994, p. 118). Neste sentido Penha observa recorrentemente em suas narrativas ter recebido conselhos e apoio de amigos para fazer vestibular, para estudar, trabalhar, ou seja, para trilhar caminhos com fins a autonomização pessoal.

Apaixonada, e decidida pelo casamento, as dificuldades que encontraria adiante, pela falta de estabilidade financeira, era o que menos importava. Segundo Penha o perfil de seu namorado se alinhava com seus interesses de casar-se com um homem “liberal” que não lhe “castrasse” após o casamento. Aos vinte e nove

anos Penha casou-se. Segundo ela a vida a dois, sempre mereceu atenção, a valorização do outro, ainda que seus defeitos venham a ser revelados com o cotidiano, era segundo ela fundamental para que ambos estivessem sempre satisfeitos com o relacionamento. Penha fala de alguns desentendimentos em seu relacionamento conjugal e expressou recorrentemente a preocupação em “fazer as pazes” para a preservação de uma vida conjugal equilibrada, alertando que entre o casal, ambos devem “ceder”, revelando com isso que as negociações devem basear-se em consensos igualitários em que os interesses dos cônjuges sejam equilibrados.

Penha: As vezes a gente brigava porque eu queria fazer uma coisa e ele não queria que eu fosse, pronto quando eu resolvi fazer outro curso na Universidade, a noite e ele achava ruim porque terminava tarde. Ele relutou muito pra que eu desistisse, mas eu tinha muita vontade, então eu dizia a ele : olhe você não gosta de dar suas saidinhas, fazer suas músicas e estar por aí com seu violão? Eu gosto de estudar, mas eu trabalho durante o dia e a noite é melhor pra mim, pra eu realizar esse sonho de cursar Letras, aí eu fui mostrando a ele, que eu não fazia questão que ele fosse para os studios tocar as músicas dele, e ele também não poderia me impedir algo que era importante para mim. Eu sei que desse jeito ele aceitou.

Um ano após foi trabalhar em uma empresa multinacional recebendo salário bem superior. Segundo ela durante os dez primeiros anos de casada fora ela quem sustentou a família, pois seu esposo “não parava num emprego”. Dois anos após ter se casado Penha teve seu primeiro filho, no mesmo ano em que se formou em Comunicação.

Apesar da “falta de responsabilidade” do esposo em relação ao trabalho, Penha observa que ele sempre foi muito comprometido com os serviços domésticos e com a criação dos filhos, assumindo inclusive atribuições tradicionalmente femininas, mas que ela não possuía aptidões para realiza-las.

Penha: Mas Mardônio menina era um problema porque não parava num emprego. E eu tinha que ficar calada pra ninguém lá de casa saber. Aqui era o contrário eu sempre fui a provedora aqui, até hoje a barra pesa mais pra mim. Por outro lado sempre me ajudou muito em casa, coisa que eu não sabia, nem fazia ele fazia, tudo de dentro de casa. Cuidava dos meninos. Ele me ajudou nesse sentido. Acho bom por um lado porque ele não me regula. Tudo pra ele tá bom.

Refletindo sobre seu próprio papel e o papel de seu esposo em casa Penha aponta para uma inversão de papéis. Identifica-se como a “provedora” da família enquanto que seu esposo se responsabiliza muito mais pelos cuidados domésticos. Do ponto de vista dessa ideologia, o tipo de “família normal” corresponde aos imperativos biológicos, além de assumir papéis indispensáveis com relação à sobrevivência da espécie humana “como a regulação da sexualidade, a reprodução, a socialização das crianças, a divisão do trabalho e a cooperação entre os sexos” (DEBERT; SIMÕES, 2006, p.1367). Apesar da existência de uma ordenação da vida doméstica, a flexibilidade faz-se presente, a divisão sexual do trabalho e as relações familiares fundamentadas na hierarquia, podem ser sempre revisitadas e reformuladas pelos próprios agentes sociais.

Segundo Penha, por exemplo, essa “inversão”, ocorreu, segundo ela, sem grandes problemas, pois sua falta de habilidade para os serviços de casa foi muito bem resolvida por seu esposo que cumpre todas estas atividades. Penha diferentemente das demais mulheres desta pesquisa, não precisou se desdobrar entre trabalho fora e o trabalho doméstico. E isso lhe garantia tempo para outras atividades, como estudar por exemplo. Mesmo trabalhando dois expedientes ao longo de toda sua trajetória, aos cinquenta e sete anos de idade Penha formou-se em Letras na UFPB. Enquanto a maioria das mulheres diz ter se voltado mais para o ambiente doméstico após o casamento, Penha revela que sua relação matrimonial contribuiu para que ela tivesse uma vida mais individualizada, voltada para a progressão do trabalho, para a realização de outros cursos e concursos que desejava fazer e para a expansão de relações extra familiares. Ela observa também que foi muito privilegiada com o caráter tranquilo, e com o estilo de vida de seu esposo, segundo ela, diferente da maioria dos homens de sua geração tendentes ao machismo, Penha diz que sempre teve uma relação igualitária ao lado do companheiro.

No entanto, segundo Penha, ainda que a sensação de liberdade viesse associada ao casamento, outras circunstâncias presentes naquela fase da vida lhe traziam a sensação de “aprisionamento”. O trabalho, por exemplo, foi por ela apresentado como uma atividade que apesar de ter seu lado gratificante, pela realização profissional e pelos benefícios que passou a ter através dele, também a impediu de experimentar o lado “família da vida”.

Penha: Quanto mais a gente trabalha mais falta tempo pra outras coisas não é? isso é normal. Trabalhar fora me privou de outras coisas, não me permitiu ser mais família. Mas talvez se não fosse assim eu não teria conseguido oferecer para os meus filhos, o que eu ofereci, eu tinha que optar, ou eu ficava com ele e deixava faltar as coisas, ou teria que trabalhar bastante para garantir o sustento deles, isso tudo termina fazendo com que você se aprisione em seus afazeres.

Observa-se na narrativa que Penha privilegiou suas atividades profissionais não somente por questões de realização pessoal, mas aponta para as necessidades da família, e do desejo de oferecer aos filhos uma boa estrutura de vida. O que nos leva a compreender que ainda que o trabalho tomasse a maior parte de seu cotidiano naquela fase de trabalho em dois turnos, faculdade a noite e filho pequeno, para Penha a família ocupava importante lugar em sua vida, todas as atividades envolviam a família, ainda que a perspectiva da realização pessoal também se expressasse.

Devido alguns problemas de saúde do esposo, e tendo perdido o emprego na empresa em que trabalhava Penha e sua família saíram de Campina e fixaram residência em João Pessoa contando com apoio de familiares. O objetivo central da mudança era o tratamento médico necessário ao seu marido. Foi uma fase difícil para o casal, que ficou sob a dependência financeira de familiares.

Penha: Ficamos aqui na dependência do irmão dele, era uma humilhação um mês e nada desse homem melhorar, daí conversando com uma cunhada soube de um emprego numa construtora chamada Plancol, na hora eu disse que ia lá e terminei ficando com o trabalho, foi um alívio, porque estávamos sem nada, eu e ele sem emprego. Ficamos ainda dois meses na casa de meu cunhado e depois alugamos uma casa aqui em Anatólia.

O novo emprego de Penha na construtora contribuiu para que a família começasse a se reerguer e se organizar na nova cidade. Em tal construtora Penha trabalhou como tesoureira, foi principalmente através de sua atuação que ela conseguiu comprar sua casa própria, em meados da década de 1980, no bairro de Bancários onde reside até hoje. Tempos depois Penha passou num concurso para professora do estado e passou a acumular as funções de professora de ensino fundamental com a tesouraria da construtora. Aos sessenta anos Penha aposentou-se pelo INSS, mas continua lecionando no Estado em uma escola próximo a sua

casa nos períodos das manhãs. Segundo ela tal atividade é fundamental em seu cotidiano, pois a mantêm ocupada pelo menos meio expediente. É importante também porque lhe oferece um círculo de convivência diária.

Atualmente Penha trabalha nos horários da manhã à tarde vai a médicos, sai para fazer compras, descansa e cuida da casa. Sua filha é sua companheira nas horas vagas do dia. É com ela que Penha costuma sair para se divertir. Gosta de ir à praia, ao shopping, visitar familiares. Considera-se amiga da filha, e relata as transformações nas relações entre pais e filhos, comparando sua relação quando jovem com sua mãe, e a que hoje possui com sua filha adulta que com ela mora.

Penha: Deus me livre ser autoritária como mamãe, ela era estúpida demais. Graças a Deus que tenho boas relações com meus filhos, temos nossos desentendimentos normalmente, mas sempre chegamos num denominador comum. Me sinto uma mãe moderna, que conversa, que aconselha, mas que respeita as vontades deles, coisa que eu não tinha, minhas vontades respeitadas. Eles já são adultos, não vou ficar tratando-os como crianças, seria muita idiotice de minha parte. Eles tem os projetos deles e me cabe tão somente apoiá-los. Converso muito faço eles pensarem antes de tomar decisões importantes, mas não fico dizendo faça isso faça aquilo, como minha mãe fazia comigo e que eu achava horrível.

Penha diz ter boa saúde e “pique” para muita coisa. Refere-se a si mesma como uma jovem senhora idosa. Não se identifica com a velhice e observa está de bem com seu corpo. Observa alguns cuidados para a manutenção da aparência jovial do corpo, como uma alimentação saudável e alguns outros cuidados médicos.

Penha: Acho que velhice é coisa de cada um, ter mais de 60 anos não significa ser velho, eu me sinto jovem. Inclusive meu corpo eu me acho bem. Minha pele é boa! Tem pessoas que dizem pinta teu cabelo, eu digo: olhe eu acho que a pessoa só deve mudar aquilo que está incomodando. Eu vou para o espelho, penteio meus cabelos, eu acho eles estão bonitos, meu cabelos brancos não me incomodam, pelo contrário eu gosto. Tinha uma coisa que me incomodava muito quando eu era mais nova que eu tinha um nariz grande. [...] Fiz plástica, achava que era muito dinheiro, mas nem foi isso tudo, e ficou ótimo. Hoje eu me cuido para manter minha pele viçosa, como é, me hidrato, me alimento de forma saudável, como verduras, frutas, peixes, não fumo, não bebo, sou muito disciplinada mesmo, mas sempre fui assim, minha genética é muito boa, me ajuda muito, ninguém acerta a idade que eu tenho, sempre me dão menos.

Penha observa que os sonhos do passado foram, apesar das muitas dificuldades que atravessou todos realizados: ter uma família, ter sua própria casa, ter uma formação profissional, uma boa condição financeira. Ressalta, no entanto, que quando imaginava sua vida após o casamento não contava com problemas, conflitos e desilusões pelos quais atravessou e que vieram a interferir em sua trajetória, “a dureza da vida a gente só percebe com o tempo e aí tudo vai mudando em nossa cabeça”. Tais dificuldades interferiram consideravelmente em seus “horizontes de futuro”, sobre o quais nos fala Johnson-Hanks (2002) e mudaram suas perspectivas de vida por muitas vezes. Segundo ela, por exemplo, nunca houve planos para morar em João Pessoa, mas dois eventos não planejados, o desemprego do casal e a doença de seu esposo mudaram suas trajetórias e eles tiveram que se reorganizar e se adaptar as novas circunstâncias. Tal perspectiva mostra que no curso da vida contemporânea os indivíduos devem estar aptos as novas adaptações. E como observa Elias (1994) a abundância de novas possibilidades de vida nas sociedades contemporâneas é equiparável a abundantes possibilidades de fracasso. “Viver a própria vida” envolve saber lidar com acontecimentos não previstos. E como observa Bauman (1999) se de um lado uma vida própria significa liberdade, autonomia, de outro, diz respeito a maior exposição ao risco. Estes por sua vez exige de cada um capacidade de driblar as dificuldades, exige criatividade, ou seja, os indivíduos tornam-se responsáveis por suas próprias histórias.

4.6 Selma – “Cuido do meu neto muito mais do que cuidei dos meus filhos”

Quando foi entrevistada Selma estava aposentada e com 65 anos de idade. Morava com seu filho e neto em um apartamento próprio de três quartos no bairro de Bancários. O evento biográfico ocorrido mais recente e mais destacado em sua fala foi o nascimento de seu neto. Para Selma após ter se aposentado, os planos de fazer hidroginástica, de viajar, de “curtir a terceira idade” com amigos, foram profundamente alterados com o nascimento do neto, inesperadamente, e com sua vinda de forma definitiva para sua casa. Assumir os cuidados com neto de forma integral foi para Selma um acontecimento que interrompeu seus planos pós aposentadoria de forma imprevista. Mas ainda assim em sua fala ela sustenta que

não abria mão da criança. Atualmente a maior parte do tempo de Selma é dedicado aos cuidados com seu neto, uma criança de 5 anos, filho de seu filho.

Nas primeiras horas da manhã ela arruma o café da família, dá banho no neto e o leva a escola a pé. Volta para casa para realizar os serviços domésticos, e ao meio dia retorna a escola para busca-lo. À tarde Selma costuma dormir junto com o neto, e ensinar suas atividades escolares. Também o leva para brincar na praça ou na área de lazer do edifício em que mora. A noite costuma conversar com algumas vizinhas ou visitar familiares também na companhia da criança. Segundo Selma seu cotidiano está majoritariamente envolvido com os cuidados com a casa e com o neto. Eventualmente ela vai ao médico, ou sai para pagar suas contas, tudo isso nos horários da manhã aproveitando a ausência da criança em casa.

Refletindo sobre seu cotidiano no momento da entrevista, Selma observa que dedica-se muito mais ao neto, do que aos filhos quando crianças. Observa que levava uma vida prioritariamente voltada para o trabalho, na fase em que seus filhos eram pequenos. Foi com o trabalho como professora de português, na prefeitura e no estado, que Selma ocupou-se maior parte de sua vida.

Selma: Durante 25 anos de minha vida era de escola em escola, saia de uma ia direto pra outra, comia nas escolas, somente vinha pra casa para dormir. E quando chegava em casa tinha que preparar aula, tinha que corrigir prova, ou seja, continuava a trabalhar [...] separada, tinha que trabalhar triplicado, era manhã, tarde e noite. Os meninos cresceram comigo nesse ritmo. Vivia feito uma louca correndo. Eu até me arrependo um pouco de tudo isso, porque a gente corre tanto e ninguém enriquece. Minha filha é quem diz, de vez em quando, mainha cuide de Vitinho, porque a senhora nunca cuidou direito da gente, e eu vejo que ela tem razão, por isso eu cuido dele. Criei meus filhos trabalhando muito sempre. Não dei a devida atenção a eles, mas não tinha jeito, tinha que ser assim mesmo.

No trecho acima se observa que Selma fala em tom de compensação, no sentido de fazer pelo neto o que deixou de fazer pelos filhos no passado, como acompanha-los nas brincadeiras, nas atividades escolares de casa. Observa que tendo separado de seu esposo, quando os filhos ainda eram crianças, e necessitando dedicar-se ao trabalho em triplo expediente para manter financeiramente as despesas, não lhe sobrava tempo para acompanhar o

crescimento dos próprios filhos. Ao elaborar tais observações Selma analisa seu próprio papel de mãe por ela exercido no passado e observa negativamente sua ausência junto à família em detrimento do trabalho realizado ao longo da vida. É especialmente em função disso que hoje Selma se volta prioritariamente para a família.

Quanto a separação conjugal, Selma diz ter enfrentado muitos problemas, especialmente porque seu ex marido assumiu compromisso com outra mulher e com ela também constituiu família. Selma relata tê-los flagrado juntos em sua própria casa. Sofrida com a traição decidiu abandonar sua casa, e saiu levando consigo os filhos e todas as mobílias. Retornou a casa de sua mãe, onde morou por aproximadamente seis meses até comprar uma outra casa, e com a ajuda da família reconstruiu sua vida voltando-se prioritariamente para o trabalho e para o cuidado com os filhos.

Associadamente a reflexão que elabora sobre seu papel como mãe, Selma traz também algumas reflexões sobre sua própria mãe, sobre sua personalidade, e práticas, assim como sobre sua relação com ela e com os demais membros da família. Ao mesmo tempo observa que “ser mãe há trinta anos é muito diferente de ser mãe hoje em dia”. Selma ressalta as mudanças ocorridas nos padrões familiares e nas relações entre pais e filhos.

Selma: Eu lembro que no meu tempo, quando eu estava fazendo o pedagógico e eu comecei a trabalhar, minha vontade era ajudar minha família, via uma coisa faltando em casa, eu ia lá e comprava, sempre me preocupei com todo mundo, meus irmãos do mesmo jeito, minha mãe sempre gostou de fartura, sempre cuidou da gente com muito empenho, lá em casa quem chegasse sempre foi bem acolhido, éramos pobres, mas tínhamos casa, tínhamos nosso alimento, tínhamos educação. A vida pra nossa família começou a mudar quando veio todo mundo pra cidade, no interior era tudo mais fácil, meu pai tinha comércio, então não faltava nada. Chegando na cidade, a gente sentiu muito. Mas foi o tempo de todo mundo começar a trabalhar e ajudar em casa, todo mundo ajudava todo mundo. Eu fui criada assim. Hoje em dia a gente não vê mais isso, a gente cria os filhos, minha filha não, ela é uma exceção, que ajuda sempre, mas o pai dele[o filho mais novo dela] e muitos por aí que eu vejo, eu tenho que bater boca, pra ele ajudar em alguma coisa. Só se preocupa com ele mesmo, é vaidoso, egocêntrico e individualista.

Em sua fala Selma chama atenção para as transformações sociais no sentido da individualização na família. Ressalta que “em seu tempo” e segundo os

valores que fora criada, as normas de comportamento baseavam-se primordialmente sob o ponto de vista do “nós”, da solidariedade familiar. A questão do individualismo, na perspectiva de Selma aparece recorrentemente, sob o ponto de vista do egoísmo do filho, para ela, ele não valoriza a dimensão do nós. Ao observar o comportamento individualizado do filho, Selma o associa a irresponsabilidade da juventude, pois para ela um dos marcadores da vida adulta, seria uma vida mais centrada na família e responsável através da paternidade. No entanto, de acordo com Selma, nem mesmo a paternidade trouxe ao filho maior cuidado e envolvimento com a família.

Selma: Para essa juventude de hoje, a família vem em último plano, somente quando precisa, quando tá doente, quando tá sem dinheiro, aí a gente é lembrado. Hoje é muito diferente de antigamente, que a gente fazia questão de tá com todo mundo junto. Eu por exemplo, meu sonho era que eu queria morar numa casa grande, pra receber todo mundo, pra Vitinho ter espaço para brincar. Mas depois pra quê? Se nem meu filho vive em casa? É um vazio em casa, eu sou sozinha pra tudo, resolvo tudo de casa, cuido da minha vida, e do menino, pago minhas contas, sou independente, mas já me vi aqui em situação difícil, com Vitinho doente e eu doente, sem ter quem me ajudasse em nada, graças a Deus pelas vizinhas, porque se eu fosse contar com ele[o filho] tava perdida. Ele não tá nem aí pra família, eu não sei como é uma coisa dessa. Os amigos dele, amigos não, colegas, que ele não tem amigos de verdade, tem mais valor do que a família, do que eu, do que o filho dele. Ele puxou ao pai dele, só queria saber do próprio umbigo.

Um dos sonhos de Selma, “morar em uma casa grande” diz respeito a um projeto individual que faz referência ao outro, em especial ao seu grupo social familiar. Tal sonho pode ser pensado como elaborado em função de suas experiências sócio culturais construídas ao longo de sua vida, desde o tempo de sua vida no interior da Paraíba, quando morava em uma casa grande em companhia de seu pai, mãe e seus 10 irmãos, que Selma descreve como sendo um tempo de vida muito bom, em que “havia mais solidariedade na família”.

Selma: Naquele tempo era muito bom, a casa era grande, é tanto que tinha espaço pra tudo, a gente tinha inclusive uma sala de aula dentro de casa, porque naquele tempo não tinha escola, e a gente estudava em casa com uma professora contratada por papai. Todos os dias ela vinha nos dar aula, era nossa única obrigação, mas era assim muito rigoroso e era o dia todo. E vinham também outras crianças, filhos dos amigos de papai. A gente estudava juntos, todo mundo ajudava, mamãe nos ensinava a bordar, os meninos

aprendiam com papai as coisas do comércio. A família ficava junta a maior parte do tempo.

No entanto, como observa Velho (2008), “o mundo dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores tem uma biografia [...] e estão sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio históricas”. (VELHO, 2008, p. 29). É nesta perspectiva, que Selma analisa sua vida familiar atual e questiona: “para que morar em uma casa grande, se nem meu filho vive em casa?” A configuração familiar de Selma mudou extremamente, se antes era formada por doze pessoas, pai, mãe e irmãos, agora por apenas três, e em lugar da solidariedade, ela frisa o vazio e a falta de ter com quem contar nas emergências. Por outro lado, destaca a solidariedade atribuída nas relações de vizinhança.

Selma: Aqui eu conto mesmo é com essa minha vizinha. É quem me acude numa precisão. A gente conversa muito, uma faz companhia pra outra.

Destaca-se na fala de Selma, quando ela diz: “eu sou sozinha pra tudo...” um aspecto duplo da individualização. Isso se dá na medida em que através da frase é possível entender que Selma apesar de se considerar uma mulher independente e individualizada, que resolve sua vida por si, não está livre de situações comumente consideradas como negativas como a solidão. Apesar de manter boas relações de vizinhança em alguns momentos ela diz sentir-se sozinha e sem apoio para lidar com os afazeres do dia a dia. No caso de Selma, o caráter positivo da independência financeira, da autonomia para gerir sua própria vida, não lhe impede de experimentar aspectos da vida geralmente identificados como negativos tal como a solidão e a falta de solidariedade na família.

Em suas narrativas Selma se queixa que seu cotidiano é muito restrito a casa e ao neto. Recorrentemente se identifica como ‘cuidadora’ do neto. Selma confessa que isso lhe incomoda porque sente-se ativa e disposta para fazer inúmeras outras coisas e para relacionar-se com outras pessoas. No entanto, observa que o comportamento “descomprometido” do filho em relação ao seu neto lhe impede de ter uma vida social mais dinâmica. Chama atenção para as “atitudes inconsequentes” do filho jovem, e queixa-se de sua “falta de responsabilidade”.

Revelando a existência de conflitos especialmente resultante da ausência de negociações e consensos em sua relação com o filho adulto.

Selma: Ele engravidou uma moça irresponsável igual a ele, e não tá nem aí pra o menino. As vezes eu penso assim, esse final de semana eu vou desaparecer e deixar ele sozinho com Vitinho, parece que ele adivinha, ao invés de vir pra casa depois do trabalho vai direto pra farra. As vezes eu digo: Chegue cedo! Chega nada mulher, ele é igual ao pai dele, aí pronto sobra pra mim mesmo, minha filha diz que a culpa é minha, e em parte eu acho que é mesmo, Cíntia de vez em quando diz: Mainha, o problema é que a senhora nunca deu responsabilidade a ele, ela acha que eu o protegi muito, e eu acho que foi isso mesmo, hoje eu pago o pato [...] Eu tenho que discutir com ele, pra ele comprar o leite, tenho que estar lembrando pra ele pagar o colégio, as vezes eu digo: leve seu filho ao colégio rapaz, você é o pai dele! Mas ele as vezes vai, as vezes faz que não me escuta, fico arrasada, porque eu sei que o menino é doido por ele, e ele é tanto faz como tanto fez! Não brinca com o menino, sai chega noutro dia nas farras e nem lembra que tem um filho! Ele trabalha, mas não ajuda quase em nada em casa, eu tenho que assumir praticamente tudo. Ele só paga a escola do menino e com muito sacrifício.

Ainda que muito comprometida com a criação de seu neto e com a manutenção dos laços familiares. Selma também apresenta interesses por práticas que lhe trazem benefício próprio, como hidroginástica e Yoga. Diz estar se articulando juntamente ao centro de atenção ao idoso localizado no bairro de Altiplano em João Pessoa, para praticar de tais atividades e outras que ativem a mente. Seu interesse é conciliar suas atividades domésticas com outras que lhe traga maior movimento do corpo, da mente e maior sociabilidade.

Cristiane: Tem todos os dias?

Selma: Tem. Ainda que eu fique feito uma barata tonta, pra lá e pra cá, de ônibus eu vou começar a participar das coisas lá do centro do idoso. Eu acordo cedo mesmo, porque tenho que dar banho em Vitinho, aí aproveito e me arrumo. Vou de manhã, deixo Vitinho e vou pra lá, todo dia tem uma coisa, hidroginástica, Yoga, e outras coisas, até psicólogo, é bom né? Pronto vou de todo jeito, e de dez horas termina, chego em casa dez e meia, onze horas e depois vou buscar ele.

Cristiane: E quando você começa?

Selma: Por mim já tinha começado, tô doidinha pra ir logo menina, pra espairer, me mexer mais, pra participar das brincadeiras dos grupos de idosos, conversar com as pessoas, me entrosar, é bom demais. Mas tenho que terminar de fazer os exames que os médicos

mandaram. Pra hidroginástica tem que levar um bocado de exames. Tô boazinha, mas tem que fazer.

Ao tratar sobre tais atividades evidencia-se em suas narrativas que seu maior interesse está nas sociabilidades que elas promovem. Seu maior projeto é fomentar suas relações interpessoais, encontrar tempo para uma vida socialmente ativa. Tudo isso pode indicar também uma certa libertação da exclusiva função de cuidadora. Selma deseja ter um tempo para si, um tempo para realizar-se como uma senhora pertencente a terceira idade, relacionando-se com grupos de sua geração, em meio a atividades voltadas para sua própria satisfação. É neste sentido que são construídos seus projetos, baseados em sonhos, que por muito tempo foram “deixados de lado”.

As questões dos cuidados corporais em si surgem nas narrativas de Selma associadas a maiores possibilidades de socialização. Apesar de falar dos sinais do tempo em seu corpo, as rugas, os cabelos brancos, as dores nas pernas, o envelhecimento não se apresenta como objeto de preocupação. Selma não se identifica com a velhice. Porque para ela velhice está associada a doença, e por ser, segundo ela, muito saudável, não se sente ou não se considera velha. Os cuidados com o corpo surgem em suas narrativas motivadas pelas sociabilidades, o corpo segundo ela é um instrumento relacional, e por isso precisa ser disposto.

Segmento popular

4.7 Dona Val - “Aqui eu sou homem, sou mulher, sou mil e uma coisa”

Quando foi entrevistada dona Val tinha sessenta e cinco anos e acabara de se aposentar. Tal evento foi narrado com muito entusiasmo pois representava o fim de uma longa trajetória de trabalho duro, que se iniciou em sua vida ainda na infância no roçado da família quando dona Val ainda residia em Nova Cruz, uma pequena cidade do interior do Rio grande do Norte. Em suas narrativas esta senhora dá centralidade ao trabalho especialmente porque ele se configura como único meio de garantia de sobrevivência. E porque para ela o trabalho “é o que dignifica o homem”. Em toda sua narrativa ela se refere ao trabalho como sendo praticamente atividade de toda a sua vida. Ao analisar a falta de trabalho entre os jovens de sua

casa e de sua comunidade, dona Val aborda a questão da marginalidade e observa que é a falta de trabalho o problema do envolvimento dos jovens com “o que não presta”.

Dona Val: Eu nasci e me criei trabalhando, trabalhando duro, nunca deixei de trabalhar, minha vida até hoje foi só trabalho dia e noite. [...] ainda nem amanhecia o dia a gente tudo ia pro roçado, voltava depois do entardecer. [...] Nunca fui numa escola, meu pai dizia que não carecia aprender a ler para não escrever carta para namorado. [...] Quando cheguei em João Pessoa fui trabalhar em Jaguaribe em casa de família, trabalhei quatorze anos nessa mesma casa, começava cedo também e só parava de noite, era sábado, domingo e feriado. Somente tinha uma folguinha em tempo de festa: São João, Natal e Ano. Morava na casa da patroa, aí já viu, era obrigada a tá no serviço direto. Nem estudar eu podia, que eu sonhava muito.

Cristiane: E o que a senhora ganhava naquele tempo dava para a senhora pagar um aluguel e se manter sem precisar morar nas residências onde trabalhava?

Dona Val: Dava não, eu queria muito, mas além de ficar longe do trabalho, era pouco demais. Eu nem me lembro quanto era, eu só sei que não dava pra nada.

Cristiane: E a senhora ainda trabalha fora de casa?

Dona Val: Agora mais não, agora tô aposentada. Mas não é nem por isso, é porque realmente não tenho mais o pique que tinha na minha juventude, se não fosse isso ainda trabalhava fora. [...] Esse pessoal aí é quem tem que trabalhar agora. Emprego aparece mulher, mas eu penso que é ela [a neta] que tem preguiça de trabalhar e as patroas dela se abusam. Só pode! Porque em cada mês ela vai pra uma casa, sai vai pra outra, não para num emprego. O problema não é falta de emprego não! É falta de coragem para trabalhar que esses jovens não tem, olhe alí na esquina, preferem tá no meio do mundo fazendo o que não presta do que pegar no pesado. Eu trabalhei a minha vida toda, com dignidade, hoje tô aposentada.

Em suas narrativas dona Val denuncia as dificuldades das condições do trabalho doméstico que teve que se submeter para garantir sobrevivência na cidade. Observa que o trabalho lhe privava de uma vida social mais ampla, lhe impedia de realizar outras coisas como, por exemplo, estudar, um de seus sonhos que nunca se realizou. Mas ao mesmo tempo que analisa os aspectos negativos da atividade laboral por ela realizado ao longo da vida, também ressalta positivamente o direito a aposentadoria. Para esta senhora a aposentadoria se constitui em um prêmio por todo esforço dedicado ao trabalho ao longo da vida.

A renda de um salário mínimo da aposentadoria representa em sua casa a única receita certa, pois tanto sua filha como seus netos estão desempregados e vivem de “bicos”. Essa é uma realidade que segundo o IBGE (2010) é vivida em aproximadamente 60% das residências onde habitam idosos no Brasil. Segundo a síntese dos indicadores sociais, nessas residências, os idosos são responsáveis por aproximadamente 90% das despesas domésticas.

Ao discorrer sobre que direcionamento dá ao seu salário, dona Val observa que todo ele praticamente tem sido destinado a alimentação e as despesas com água e energia da casa. Também observa que ela mesma é quem faz todos os pagamentos e compras domésticas. Assim como quem organiza os espaços da casa, sua mobília e demais objetos, destinando a cada membro da família o cômodo, segundo ela, mais adequado. Ecléa Bosi (1994) ao citar Morin (1969), observa a importância para o idoso em controlar suas posses, tal como dona Val, que procura controlar sua casa. Segundo essa autora, esse comportamento demonstra a perspectiva de manutenção, por parte do idoso, da integridade de seu eu. Na concepção de Morin (1969), os objetos da casa, pessoais, são considerados “objetos biográficos”, pois envelhecem com seus donos e incorporam-se a sua vida. Isso explica a resistência de dona Val em se mudar de sua casa, bastante precária e com risco de desabamento. Dona Val foi uma das moradoras do Timbó a receber uma casa nova da prefeitura municipal na mesma comunidade, devido ao risco que sua casa sofre. No entanto se recusa a mudar-se, e observa:

Dona Val: Eu construí essa casa com muito sacrifício, se ela for demolida, eu vou junto com ela.

Em relação a família dona Val define-se como chefe, não somente porque se vê responsável pelas despesas domésticas, mas por ser a dona da casa em que todos moram e por determinar as regras de convivência.

Dona Val: Nessa casa quem manda sou eu, aqui eu sou homem, sou mulher, sou mil e uma coisa. Sou eu quem cuido da comida, faço as compras, cuido da casa, e dessa menina pequena [a bisneta de 2 anos]. Eu digo direto a eles, tem que ser assim quem achar ruim que vá embora. Pegue seu rumo.

Peixoto e Luz (2007) ao interpretarem o aumento da expectativa de vida no Brasil, observa que esse fenômeno avança associadamente a ampliação do

número de famílias nas quais se configura a coexistência de três a quatro gerações. As taxas de desemprego e subemprego da população jovem e adulta e o divórcio influenciam na permanência de filhos e netos nas casas de pessoas com mais de sessenta anos de idade. Isso é o que ocorre na casa de dona Val, que recebeu a filha separada, os netos desempregados e a bisneta ainda bebê. Tal configuração familiar, no entanto, é para ela, assim como comenta Camarano(2004), trata-se de uma “solidariedade imposta”, pois não reflete sua preferência, antes é fruto de problemas sócio econômicas que afetam toda a família, restando aos mais velhos prestar o apoio material aos parentes dependentes.

A convivência intergeracional entre os membros da família segundo dona Val caracteriza-se por “altos e baixos”, ou seja, é permeada por movimentos de harmonia e de conflitos. Estes últimos geralmente resultantes das diferenças de valores, hábitos e interesses dos diferentes membros da família.

Dona Val: Tem dia que aqui tá uma paz, mas tem dia que esse povo se manifesta. Não respeita nem a mim que já sou de idade. É um povo que parece que não tem educação, é tudo, com cachorrada, quer saber se tá com dinheiro é pra gastar com essas coisas ruim no meio do mundo, é farra, é de noitada. Parece que nem tem uma filha pequena pra criar. Me acostumo com isso não, nunca deixei filho meu na mão dos outros pra ir pras festas, reclamo mesmo e quem quiser que ache ruim. Olha como ela [a neta], tá gorda, isso é de tomar remédio pra evitar menino, coisa de mulher safada mesmo.

Chama a atenção em suas narrativas a questão das mudanças dos papéis de gênero na família. Suas falas são marcadas pela condição de ser “chefe de família”, papel que, segundo ela, foi de seu companheiro, o provedor da casa e seu “protetor” durante os trinta e dois anos de convivência. Tendo sido criada sob condições tradicionais de demarcação de funções entre homens e mulheres, a chefia da casa, papel assumido desde a morte de seu companheiro, é interpretado por dona Val como uma inversão, pois para ela os papéis de gênero devem ser bem separados, cabendo aos homens a responsabilidade da provisão e as mulheres os cuidados com a casa e com a família.

Dona Val: Aqui eu sou homem, sou mulher, sou mil e uma coisa. Desde que meu velho morreu, eu assumi tudo, as contas daqui sou eu quem pago, sou eu que cuido da casa, sou eu quem concerto alguma coisa, sou eu quem faço a feira, sou eu quem dou as ordens aqui, ficam tudo esperando por mim. Sou eu quem carrego água pra dentro de casa, faço tudo mesmo. Eu não queria que fosse assim,

porque eu sou mulher, e tenho que fazer serviço de homem, eu tenho tanto desgosto disso, mas a gente tem que viver desse jeito né.

Dona Val é muito caseira, organiza seu dia a dia cuidando da casa, das refeições da família e fazendo trabalhos manuais. Eventualmente é procurada para 'rezar' pessoas doentes ou com 'mau olhado'. Reconhecida como rezadeira da comunidade, quase sempre ela recebe alguma contribuição em dinheiro das pessoas que a procuram para esses atendimentos. Diz que aprendeu a rezar ainda criança com sua avó no interior. Ao discorrer sobre essa prática, dona Val elabora algumas lembranças do passado, e por muitas vezes, silencia e chora. O longo silêncio sobre o passado, longe de ser um lapso de memória, traduz-se numa resistência, evitando-se trazer à tona lembranças dolorosas e conflitantes. (POLLACK,1989).

Instigada a "desabafar" dona Val, se refere às rupturas familiares pelas quais atravessou ao longo da vida. Nos primeiros anos da adolescência, dona Val "fugiu" com um rapaz, de sua idade, e com ele teve seu primeiro filho, aos quatorze anos. Esse relacionamento durou dois anos, ambos moravam na casa de sua sogra, em Nova Cruz. Após a separação dona Val voltou para a casa de seus pais, e trabalhou até aos dezenove anos em uma fábrica de Agave da região. A difícil situação de sobrevivência a partir de tal trabalho lhe motivou a procurar melhores condições de vida em João Pessoa acompanhando conterrâneos que para aqui já haviam imigrado. A decisão de vir para a "cidade grande" trouxe inúmeros conflitos para dona Val, entre eles, deixar o filho de cinco anos aos cuidados da mãe, aventurar-se a morar sozinha e cuidar de si mesma longe dos parentes.

Dona Val: Eu era muito boba naquele tempo, nunca tinha saído de casa, eu lembro que eu chorava, no serviço com saudade de minha mãe e de meu filho. Cada dia eu ia menos em casa para[silencia]. Era muito sofrimento pra mim. A gente vai se acostumando. Terminou que ele foi criado por mãe, e quando cresceu foi morar em Natal, acho que faz uns quarenta anos que eu não vejo ele. Se eu encontrar com ele eu acho que nem reconheço. [...] Vim pra cá só com a passagem na mão, fiquei no Varjão na casa de um pessoal de Nova Cruz, arrumei um serviço, e fui trabalhar. A partir daí eu não sei mais o que foi ter pai e mãe, eu não tinha ninguém por mim. Sofri o pão que o diabo amassou, trabalhei feito escrava, mas sobrevivi, nunca passei fome.

As perspectivas de vida no interior representava um campo de possibilidades bastante resumido e desvantajoso. “Daí a alternativa do afastamento, do rompimento ou da renúncia a um mundo que se torna opressivo e indesejável. A opção pode ser permanecer no seu grupo original com pouca gratificação, frustração e escasso prestígio ou sair em busca de novos espaços físicos e sociais.” (VELHO, 2008, p. 48). Dona Val escolheu deixar a família de origem em detrimento de novas perspectivas de futuro, isso representava um projeto de vida, segundo ela, “corajoso” e solitário e porque não dizer individualizado.

Segundo dona Val, sair da casa dos pais lhe trouxe muito sofrimento, mas muitos ensinamentos também. Cada experiência de trabalho na cidade, não somente como doméstica e lavadeira de roupas, mas nas vezes que precisou “limpar mato para ganhar uns trocados”. Cada decepção amorosa, cada filho perdido nos doze abortos que sofreu, “cada luta, cada sofrimento”, é por ela hoje lembrados como eventos positivos, pois lhe trouxeram “sabedoria” e aprendizados para saber driblar muitas outras dificuldades que atravessou ao longo da vida, como a falta de trabalho, de alimentação e de moradia. A sabedoria acumulada em suas trajetórias é por dona Val apontada como um dos ganhos do processo de envelhecimento e é aqui também compreendida com relevância para à construção de sua própria experiência, pois como observa Eduard Thompson (1981, p. 189).

As pessoas não experimentam sua própria existência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos[...] elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, na forma de normas, obrigações familiares e de parentesco, e de reciprocidade, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas.

A categoria experiência para este autor é fundamental na compreensão de que homens e mulheres são também sujeitos da história. Ao reconhecer que a experiência vivida, além de pensada é também sentida pelos sujeitos, o autor dá importância ao que se é experimentado por esses sujeitos na medida em que suas experiências acumuladas transformam-se em conhecimento e influenciam suas ações futuras. Tal como nos revela dona Val, quando confere aos sofrimentos de sua vida, as suas más experiências, valor positivo, na medida em que se

constituíram em aprendizados para formular estratégias de vida que lhe ajudasse a driblar novas situações difíceis.

A fim de driblar tais dificuldades dona Val planejava encontrar um companheiro que lhe “colocasse dentro de uma casa” e lhe garantisse uma vida menos sofrida. Foi com essa perspectiva que ela entrou num relacionamento consensual com um senhor que veio a ser seu companheiro por mais de trinta anos. Ela relata que sua vida melhorou muito depois de tê-lo encontrado, no entanto, também destaca as dificuldades da convivência conjugal, expressando os conflitos motivados, segundo ela, por ciúmes e pelo “desejo de controle” que seu companheiro rotineiramente manifestava. Sentindo-se subordinada a autoridade do companheiro dona Val diz que sempre aguentou suas “brabezas” porque “ele também tinha seu lado bom” e era um bom pai para seus filhos. Segundo ela, ele era também quem “assumia tudo dentro de casa”, além de ser bom pai, era bom dono de casa, pois lhe poupava de preocupação com as contas de casa, além dos serviços de manutenção com a casa.

De acordo com dona Val, o avanço da idade e o declínio do corpo, trouxeram consequências negativas em sua capacidade de trabalho. E isso a entristeceu profundamente, pois para ela “o trabalho era tudo”. Aos cinquenta e cinco anos, ela não “aguentava” cumprir seus compromissos como doméstica em casa de família e isso repercutiu em sua vida material de forma determinante, trazendo maiores privações. Sua estratégia foi procurar auxílio em comunidades religiosas que realizavam trabalhos de apoio social, distribuindo sopões e cestas básicas. Assim como também inserir-se em diversos programas sociais federais e estaduais, como o programa “pão e leite” do governo do estado, do qual ainda é beneficiária e do programa bolsa família, de onde recebia o cartão alimentação e o vale gás. Também procurou trabalhar mesmo em casa, desencapando fios para vender em depósitos de recicláveis, cuidando de crianças da vizinhança, enquanto seus pais saíam para trabalhar.

Dona Val: Chegou um tempo que eu não aguentava ir mais para o serviço, ia a pé e voltava a pé, era chão, e minhas pernas já cansadas não aguentavam. Vixe, meu Deus era uma luta sem fim, porque eu era quem botava dinheiro dentro de casa. Aí tinha que trabalhar, só que as patroas achavam ruim porque eu ia um dia, passava dois de cama em casa, velha, sem poder trabalhar, eu tinha

cinquenta e cinco anos quando saí da casa de dona Vanda, foi meu último serviço foi lá. Aí fiquei sem ter o que fazer, fui procurar ajuda nas igrejas, fiquei recebendo o auxílio do governo, que nem isso agora eu recebo mais que foi cortado, porque minha neta fez dezoito anos. Mas eu me virei até hoje, ia atrás de uma coisa, cuidava de menino dos outros, fiquei parada não, nem me entreguei também não, me virava. Sempre dei jeito pra tudo! Ficando velha, e ainda dando duro em casa mesmo, com reciclados, com tudo que aparecia.

Ao utilizar a expressão: “nem me entreguei” dona Val procura revelar que ainda que o corpo tivesse apresentando os seus limites, seu espírito de luta, sua garra para sobreviver em meio as adversidades permaneciam vivos e fortes, tal como em outras etapas de sua vida. Analisando a perspectiva do envelhecimento do corpo e sua repercussão na vida das pessoas, Norbert Elias (2001), comenta que a relação com o envelhecimento é uma experiência pessoal.

A maneira como as pessoas dão conta, quando envelhecem, de sua maior dependência dos outros, da diminuição de sua força potencial, difere amplamente de uma para outra. Depende de todo o curso de suas vidas e, portanto, da estrutura de sua personalidade Mas talvez seja útil lembrar que algumas das coisas que os velhos fazem, em particular as coisas estranhas, estão relacionadas ao seu medo de perder a força e a independência e especialmente de perder o controle de si mesmo. (ELIAS, 2001, p.82)

Atualmente dona Val elabora um novo tempo em sua vida. Uma de suas atividades preferidas é produzir tapetes em crochê com sacolas utilizando materiais reciclados. Todas as tardes ela senta-se em frente a sua casa e intercala a conversa com vizinhos com o entrelace das agulhas. Segundo ela, tal atividade é muito “prazerosa”, corresponde a uma atividade que lhe traz satisfação. Ao discorrer sobre como divide seu tempo, no dia a dia, dona Val revela que procura de uma forma ou de outra reservar um tempo para si, para fazer o que gosta: fazer crochê e conversar com as pessoas na rua. Inventando novas ordens racionais na sucessão de suas tarefas a fim de perder menos tempo na realização dos afazeres da casa para “sobrar mais tempo” para seu crochê. O emprego do tempo é, então, determinado por uma lógica em que a escolha pelo prazer ganha centralidade em detrimento as obrigações. As vivências de dona Val e suas atividades diárias deixam evidentes que assim como entre as outras senhoras ela também investe no processo de individualização, ainda que não se envolva com grupos de terceira idade, ou que não frequente praças e outros ambientes sociais. A partir de sua perspectiva a

individualização é, sobretudo revelada, como um processo de conquista de um tempo para se fazer o que gosta, um tempo unicamente para si, de manter sua autonomia e o controle sobre os bens conquistados ao longo da vida.

4.8 Dona Ciça – “Em dia de domingo a gente escapole de casa”

Assim como as demais mulheres participantes desta pesquisa, dona Ciça é de origem de uma pequena cidade do interior do nordeste. Quando entrevistada possuía 67 anos e estava “encostada” pelo INSS de onde recebia uma renda mensal de um salário mínimo. Em suas narrativas dona Ciça se reporta a sua infância ainda na cidade de Araruna, no brejo paraibano. Lembra que uma epidemia de esquistossomose atingiu essa cidade, devido a “sujeira do rio” do qual a maior parte dos habitantes retirava água para consumo doméstico. Tal problema motivou seu pai entre outros moradores daquela região a mudar-se para outra cidade próxima, no interior do Rio grande do Norte. Seu pai era agricultor e barbeiro e sua mãe dona de casa. Somente aos dez anos, dona Ciça entrou na escola. Segundo ela, sua infância foi de muita pobreza, mas de muita segurança, sob a proteção da família e da comunidade onde morava.

Dona Ciça: Minha mãe era uma mulher muito boa, e meu pai também, mas eles não sabiam nada da vida não, era tudo assim leigo das coisas, sem estudo, e gente assim do interior, de cidade pequena não é muito bem desenvolvido. Meu pai trabalhou muito na vida, mas a gente vivia numa pobreza que, meu Deus, era difícil viu, mas a comida tinha, não tinha assim casa boa, nem as coisas que a gente tem hoje, televisão, geladeira. Mas sabia que lá a gente vivia em paz? Ninguém via essa violência não, de uns tempo pra cá, foi que esses negócio de droga, de gang veio aparecer. No interior a gente tinha uma vida simples, mas de muita paz dentro de casa. Diferente do tempo de hoje, que é filho desobedecendo aos pais, a falta de respeito, a violência solta no meio do mundo, é pai prendendo filho e matando filho, filho batendo em pai e mãe, não é? Isso é muito triste minha filha, mas é a realidade, é só o que a gente vê aí na rua e na televisão também.

Ao narrar sua vida familiar na infância dona Ciça faz comparações entre a realidade no interior junto pequena comunidade com o “tempo de hoje” na cidade grande. Observa as mudanças sócio espaciais especialmente no que diz respeito ao

avanço da violência nos centros urbanos e aos problemas ligados as drogas e suas repercussões na realidade social dentro e fora do ambiente doméstico. Dona Ciça chama atenção para os problemas intergeracionais na família, e relaciona-os com a “falta de respeito”, na tentativa de apresentar a desestruturação das hierarquias sociais, abalando o sistema de autoridade da família, modificando os padrões morais que deveriam orientar os comportamentos de seus membros e abrindo espaço para a violência.

Aos dezoito anos conheceu seu primeiro companheiro, e com ele teve seu primeiro filho aos vinte anos. Saindo da casa dos pais, nesse período de sua vida dona Ciça passou a viver com maiores privações materiais chegando a passar fome. As dificuldades financeiras terminaram afetando seu relacionamento, pois seu companheiro partiu para São Paulo em busca de trabalho e nunca mais retornou. Dona Ciça voltou para a casa dos pais com sua filha. Que após alguns anos deu para um casal sem filhos que moravam em Natal. Aos trinta anos dona Ciça conheceu um senhor dezoito anos mais velho que ela e com ele foi “viver junto” em Solânea. Suas condições materiais melhorou expressivamente pois esse senhor possuía melhores condições econômicas.

Dona Ciça: Arrumei esse velho, e fui morar mais ele em Solânea. Ele era até mais ou menos, tinha casa alugada no centro, tinha umas terrinhas e gado, a gente vivia bem, não faltava nada. Com ele eu tive Josi e esse galego, vivia dentro de casa. Não podia sair de jeito nenhum que ele não deixava. Era uma prisioneira dele, não botava nem a cara na rua.

No entanto, apesar da considerável melhora de suas condições de habitação, alimentação e cuidados com os dois filhos que com ele veio a ter, sua liberdade foi reprimida ao ponto dela sentir-se prisioneira do companheiro. Tal convivência durou oito anos, tempo este em que dona Ciça foi vítima de muita violência física assim como seus filhos.

Dona Ciça: Vivi mais ele oito anos, mas minha filha foram oito anos de pau que eu levava dele, apanhei muito, sofri demais na mão desse homem, porque ele arrumava homem pra mim. Não podia me ver nem varrendo a calçada que ele reclamava, era um ciúme doente que ele tinha. Eu sei que eu fugi pra não morrer, porque ele puxou uma faca pra cima de mim, quase que me mata, o filho dele foi quem me defendeu. Eu sei que um dia ele viajou, eu arrumei dinheiro emprestado e vim embora pra Araruna mais os meninos, voltei pra

casa de mãe de novo. Parecendo uma esmolé, somente com a roupa do couro e os meninos.

Ao chegar em Araruna dona Ciça deixou seus filhos aos cuidados de sua mãe e na companhia de uma comadre, dona Maria, conterrânea sua, veio para João Pessoa para trabalhar em “casa de família”. Ainda no primeiro ano de trabalho como doméstica nesta cidade, dona Ciça “perdeu” sua mãe. De tal forma, precisou retornar a sua cidade de origem para buscar os filhos que haviam ficado sozinhos. Trazendo-os para João Pessoa, dona Ciça deixou-os aos cuidados de sua comadre, que neste tempo tinha ido morar no Timbó, em “terreno invadido”, ela também participou da invasão e fez uma casa de taipa, com a ajuda de seu compadre, seu Miguel. Foi trabalhando como faxineira e lavadeira que dona Ciça conseguiu comprar os materiais para sua casa de alvenaria, contando também com a solidariedade dos moradores daquela comunidade para sua construção.

Desde então dona Ciça se voltou para o trabalho e para a criação dos filhos, também criou elos importantes com suas ex patroas mantidos até hoje. Seus domingos ela “curte” nas casas onde trabalhou por muitos anos em Bancários. Gosta de sair para visitar suas ex patroas e para “jogar conversa fora”. Durante os dias da semana dona Ciça cuida de seus netos para que sua filha consiga trabalhar e estudar. Ela é quem leva e traz as crianças ao colégio, arruma as refeições e faz todos os serviços de casa. Em seu dia a dia, volta-se a tais atividades, mas nos finais de semana, antes que sua filha “invente de sair” ela diz que sai primeiro.

Dona Ciça: Quando chega domingo de manhã bem cedinho, eu me arrumo, bem caladinha, e ganho o mundo, saí de casa e deixo todo mundo dormindo, vou pra missa, depois vou pra casa de minhas ex patroas, num domingo vou em uma, noutro domingo vou pra casa da outra, gosto demais, porque elas saem e me levam junto. Elas tudinho gostam de mim e gosto muito delas também. [...] Só tenho o domingo pra sair, e saio logo cedo, porque senão um menino acorda, aí tem que fazer mamadeira, tem os serviços de casa, termina o dia e não falta serviço, eu digo a Jose domingo a casa é sua, porque em dia de domingo, eu quero sair, aí a gente escapole de casa. E mesmo que eu fique em casa ela é quem cuida das coisas, não faço não, tenho que ter um dia pra descansar. Fico a semana toda pra ela estudar e trabalhar, ela tem que ficar ao menos no domingo.

A partir de tal narrativa observa-se que entre as regras domésticas na casa de dona Ciça estão as que dizem respeito as de convivência de coabitação

entre as gerações da família. A negociação entre ela e sua filha se faz de maneira amigável, baseando-se na mútua solidariedade e no mútuo benefício.

Dona Ciça: Olhe eu vou lhe dizer uma coisa, imagine se não fosse essa minha filha, como eu não estaria, quem ia querer uma velha aleijada como eu pra trabalhar? Quem ia cuidar de mim quando eu precisar? Ela cuida de mim, ela me leva no médico, quando eu fico doente, ela compra meus remédios, ela cuida de mim, é por isso que eu cuido dela e dos meninos dela. Ela me ajuda e eu ajudo ela, ela precisa muito de mim, se não fosse eu que ficasse com os meninos pra ela trabalhar e estudar ela ia fazer como? Ela sabe que ela precisa de mim. Sou velha, mas sou eu quem seguro as pontas aqui da casa. Levo os meninos pro colégio, vou para as reuniões quando tem, levo eles no posto, quando adoecem, tudo isso é comigo. Faço as compras de casa, meu rojão é grande.

A solidariedade prestada por dona Ciça a filha, que com ela habita, não somente se reduz a perspectiva do benefício do cuidado que dela recebe. Mas também relaciona-se profundamente ao sonho de que a jovem consiga realizar os projetos que ela mesma não alcançou. De acordo com Lahire (2004, p. 42) “os sonhos acordados são oportunidades de expressar crenças (modelos, valores, normas) cujas disposições correspondentes ainda não se constituíram, ou de atualizar disposições incorporadas que já não encontraram contextos favoráveis à sua atualização”. No caso de dona Ciça tais sonhos foram construídos com base em processos reflexivos, influenciados pelos referenciais de suas relações sociais com suas ex patroas da classe média, processo estes que levam a reformulação de projetos e no redirecionamento se não de sua própria trajetória, vista como limitada pela velhice, mas ao menos na de sua filha, uma jovem mãe de quatro filhos, que como ela, trabalha em “casa de família” para se manter.

Como se verá nos trechos a seguir dona Ciça atenta para a capacidade da filha em trabalhar e estudar simultaneamente. Destaca não somente as diferenças sociais de seu tempo de juventude em que às mulheres caberia tão somente a vida doméstica e o tempo atual em que as trajetórias femininas são mais flexíveis. Mas também as perspectivas de mudanças de vida de toda a família, a partir da ascensão profissional da filha, que pretende deixar de fazer faxinas, para trabalhar como enfermeira, expressa fortemente a tônica do investimento na realização profissional da filha, evidenciando a solidariedade intergeracional como elemento para ascensão profissional e de individualização feminina.

No imaginário de dona Ciça a ideia de “melhora de vida” está muito associada a maiores condições de consumo de bens do tipo, boa alimentação, eletrodomésticos, melhorias nas condições de habitação. Apesar de receber um salário mínimo, ela organiza suas despesas a fim de sempre possuir uma reserva. Dona Ciça nos revela que sua lógica de consumo não é a do descarte tão comum na realidade contemporânea. Ao contrário ela sabe que sua estratégia é fundamental para sua sobrevivência material e para a reprodução de seu grupo. Ainda que dentro de um espectro de consumo bem limitado, e controlado estrategicamente, é possível identificar nas escolhas desta senhora, um espaço para o consumo próprio, para aquilo que identifica como “minhas coisinhas”. Revelando que apesar das privações e que moralmente a família tenha lugar de destaque, inclusive nos auxílios financeiros, é relevante se preservar um espaço para o consumo consigo mesmo, apresentando o consumo não somente como meio de suprir necessidades gerais, mas também de suprir vontades próprias.

Dona Ciça: Quando a gente vai ficando velha tem muita coisa que a gente deixa de se preocupar, vou tá comprando roupa, calçado direto pra quê? Compro só assim de vez em quando, não mais como antigamente que eu me arrumava principalmente nas festas de Natal, de ano, de São João, hoje não tenho isso mais não, gasto pouco comigo, é mais assim um remédio, quando não tem no posto. Ou quando me programo pra viajar, quando vou pro interior visitar meus parentes, que eu vou pelo menos uma vez no ano não sabe? Mas coisa assim de tá me enfeitando mais não, porque não tenho mais nem o que esconder, é isso mesmo que você tá vendo a velhice chega pra todo mundo e eu vou esconder isso é? Como? Tem como não. A primeira coisa que acontece é que você não aguenta mais o rojão de trabalhar, de tá pra lá e pra cá, e depois que as pessoas mesmo já dizem logo tá ficando velha. Aí é melhor você se aquietar, e procurar fazer o que está ao seu alcance. Eu cuido dos meus netos, ensino a eles a respeitarem as pessoas, a ser educados, a ser homens que saibam respeitar as mulheres, que hoje em dia as pessoas não tem mais isso, os homens e as mulheres perderam o respeito é tudo de cabeça pra baixo.

Segundo dona Ciça a velhice representa o declínio do corpo, a convivência com problemas de saúde, a falta de vitalidade. Ela define-se como velha principalmente por que sente chagado um tempo em que o corpo fragilizado a impede de desenvolver um trabalho remunerado fora de casa e por sentir-se dependente em alguma medida dos cuidados de terceiros. Ressalta alguns atributos negativos: a pele enrugada, a deformação do corpo, a limitação dos esforços, mas

ao mesmo tempo salienta alguns atributos positivos que, segundo ela, somente a velhice pode trazer, principalmente os anos vividos a experiência acumulada e a possibilidade de compartilhá-la com as demais gerações de sua família. Além de alguns direitos adquiridos, como acesso ao transporte urbano gratuito, direito ao benefício do INSS, entre outros.

4.9 Dona Geralda - “Depois do grupo da terceira idade eu sou outra pessoa”

Quando entrevistada dona Geralda possuía 69 anos, era viúva e morava sozinha em uma casa no Timbó. Nascida em Brejo de Areia, interior da Paraíba, dona Geralda era filha de um casal de agricultores “sem estudo”. Ficando órfã de mãe aos treze anos, e tendo seu pai assumido outro relacionamento que não lhe agradava, dona Geralda resolveu fugir de casa por volta dos dezessete anos, em 1959, na companhia de uma prima sua que trabalhava em João Pessoa. A pobreza vivida no interior, as difíceis condições de trabalho, “alugado para os senhores de engenho”, ou seja, por contrato diário no corte da cana, e o mau relacionamento com a madrasta foram as principais motivações para tal decisão. Confrontando a vontade do pai, que somente lhe garantia o alimento e habitação, dona Geralda organizou-se para viajar no “bacurau” da madrugada, na tentativa de atender a um pedido de uma senhora, residente em João Pessoa, que havia mandado um valor em dinheiro, por sua prima, relativo ao preço da passagem, para que ela levasse uma pessoa de confiança para tomar conta de criança.

Dona Geralda: Minha filha a gente passava muito aporreio no interior, por falta de ter o que comer, era uma pobreza muito grande. Meu pai não ia me dar roupa, nem calçado, faltando comida dentro de casa ia? Eu queria muito ir me embora dali, sair daquela pobreza[...] Eu sei que minha prima chegou na quinta feira, aí disse que a mulher tinha mandado um dinheiro que era pra ela levar uma pessoa pra trabalhar tomando conta de menino na casa dela, aí eu disse eu vou [...] Mas pai não podia saber senão ele não ia deixar eu ir. Quando foi no domingo de madrugada, antes de quatro horas a gente foi pra estrada para pegar o bacurau das quatro e trinta. Era Chuva... a estrada chega era pesada de barro. Aí o carro ficava atolado. Aí quando eu cheguei lá, sei que mandaram uma carta pra mim dizendo que meu pai tinha ficado muito revoltado, que eu tinha

fugido de casa e se me encontrasse me trazia debaixo de peia. Mas ele nunca foi lá não, aí eu fiquei na casa dessa mulher tomando conta dos meninos. Nessa casa tinha uma cozinheira, tinha uma lavadeira e tinha eu que era a babá, era três pessoas nessa casa, duas, comigo três.

O primeiro trabalho de dona Geralda em João pessoa foi no bairro de Jaguaribe, onde morou e trabalhou por volta de oito anos. Em seguida dona Geralda foi trabalhar no bairro de Miramar, como doméstica em casa de outra família. Neste novo trabalho, após alguns anos de dedicação à família, dona Geralda recebeu o convite para juntos com os patrões mudar para a Bahia, no entanto, ela resolveu permanecer na Paraíba. Sua escolha, hoje é lembrada e analisada como “uma besteira”. Pois segundo ela, talvez tivesse experimentado melhores condições de vida no outro estado e na companhia dos antigos “patrões ricos”.

Dona Geralda: Aí de lá que iam embora para Bahia, queriam me levar, de besta que eu não fui, só levava eu não levava mais ninguém. Dr Ary falou que os meninos eram muito apegados comigo, e por isso ele queria me levar. Mas eu não queria ficar longe demais da minha família aí saí de lá e fui trabalhar numa casa lá perto do mercado Central. Também tive a chance de ir pra o Rio, e não fui, terminei ficando aqui na Paraíba, a menina disse menina tu fosse burra não foi? Eu disse fui, mas meu destino não era ir pra longe né! Aí fiquei batalhando. Mas aí era ruim porque terminava de arrumar a cozinha e ficava na casa né, aí tinha que fazer os serviços tudinho. De noite não tinha sossego, porque as vezes o patrão chamava, eu ia dizer que não? Tinha que atender. Era ruim isso, porque a gente ficava como assim numa prisão. Tinha que fazer tudo que eles pediam. Aí quando eu comecei a saber das coisas, saber andar pelos canto aqui, aí arrumei um quarto e fui morar sozinha. Aí dona Maria não queria que eu fosse, mas aí eu disse dona Maria eu vou, eu vou ficar somente dependente de mim, porque a pessoa ser independente e morar na casa dos outros é diferente de estar no seu canto. Aí aluguei um quarto em Cruz das Armas, morei lá muito tempo, aí depois de lá eu morei no Rangel, aí foi lá que eu arrumei meu marido.

Ao narrar suas trajetórias habitacionais nos primeiros anos na cidade de João Pessoa, percorrendo sobre as sucessões de bairros da cidade onde morou, dona Geralda insere a questão do desejo pela independência, e para tanto um lugar próprio, um espaço seu, era fundamental. Daí a decisão de deixar de residir no emprego e alugar um espaço para morar sozinha, onde teria suas próprias coisas. Foi nesse lugar que dona Geralda conheceu seu companheiro. E apesar dos muitos

conselhos contrários de amigos, e da ex patroa, foi morar com ele em Jacarapé e em seguida no Timbó, onde juntos construíram a casa em que ela mora até hoje.

Dona Geralda: [...] aí as meninas, mulher não vai não, aqui tu tem teu conforto, eu dizia: Tenho conforto porque trabalho, porque se não trabalhasse não tinha, mais aí eu vou, eu não tenho mais nada a perder, já perdi mãe, já perdi pai, eu só tenho a minha vida pra perder, eu vou se não der certo eu volto. Mas lá era o fim do mundo, só era mato e coqueiro. A casa mais perto era como daqui lá nas três ruas. Casinha de palha. Aí depois de 13 anos, aí de lá foi que viemos pra essa casinha aqui. Era pequenininha essa casa, era metade, aí depois nos fomos levantando, aumentando ela. Meu marido era bom pra mim, nunca bateu em mim, ele trabalhava no estado, batalhava pra um lado e eu batalhava pra outro, a gente foi juntando. Ele morreu em 2001, todo mundo aqui gostava dele, todo mundo gostava de meu marido, as crianças aqui era tudo doida por ele.

A vida em Jacarapé foi muito atribulada devido à falta de acessibilidade a água e a energia e a distância de postos de consumo e de serviços em geral. Naquele lugar dona Geralda precisava comprar água em carro pipa e armazenava em cacimbas. Segundo ela naquele período o trabalho doméstico era precário e a higiene também. Para iluminação noturna usavam candeeiro. A mudança para o Timbó melhorou extremamente as condições de vida de dona Geralda e de seu esposo, facilitando não somente o cotidiano doméstico, mas também o acesso ao trabalho. Neste período de sua vida dona Geralda saía de casa às cinco da manhã, caminhando, ia ao trabalho, geralmente localizados em “bairros nobres da cidade: Cabo Branco, Tambaú, Tambauzinho, Bairro dos Estados”. Retornava apenas nos finais da tarde e muitas vezes após o jantar de seus patrões. Ao chegar em casa, dona Geralda ia “cuidar” de sua própria casa, fazer almoço para o esposo levar para o trabalho no dia seguinte, lavar roupa, engomar. Esse foi seu cotidiano por muitos anos, inclusive em finais de semana e feriados. Segundo dona Geralda, naquele tempo praticamente não tinha lazer, reconhece que o trabalho como doméstica “era praticamente um trabalho escravo”, pois diferentemente de hoje, as “domésticas não tinham direito a nada”.

Dona Geralda: Naquele tempo a gente trabalhava pra famílias e a gente se sentia como parte da família, em toda casa que eu trabalhei, em Tambaú na casa de dona Marlene, em Cabo branco, no bairro dos estados na casa de dona Lurdinha, eu era muito querida,

os filhos de meus patrões era tudo doido por mim, saía as vezes por conta de briga com outras empregadas, ou porque a família ia se mudar como na casa de dr. Ary, nunca saí com problema, a vezes ficava desgostosa por alguma coisa que diziam comigo e ia me embora. Então assim a gente trabalhava com muito amor, se apegava a família, que era difícil quando a gente deixava. As vezes eu saía, quando dava fé chegava uma ex patroa na minha porta, aqui na frente, vim lhe levar de volta! Eu dizia vou não dona Vanda, eu tô em outra casa que o pessoal também é muito bom pra mim. Mas por outro lado, a gente não tinha carteira assinada, trabalhava, sábado ,domingo feriado, naquele tempo era praticamente trabalho escravo, a gente ganhava pouco e não tinha direito nenhum, as domésticas de antigamente não tinham direito de nada.

A convivência com o ex companheiro, era muito tranquila, ele era um homem muito bom, trabalhador e querido de todos. Neste relacionamento, dona Geralda chegou a engravidar duas vezes, mas não conseguiu dar a luz a nenhum dos dois filhos. Segundo ela um problema no útero identificado ainda na juventude e sem tratamento pelo sistema público de saúde foi a causa de nunca ter tido filhos. O vazio que sempre sentiu com a ausência de filhos próprios foi ao longo da vida suprido pela aproximação com os sobrinhos, que constantemente vinham do interior passar temporadas em sua casa, para trabalhar, para estudar e com os diversos afilhados, filhos de suas amigas e comadres da comunidade, que viu crescer nesses trinta anos de residência no Timbó.

A morte do esposo foi uma perda irreparável, ele era mais que um companheiro, era um amigo para todas as horas. Com sua partida dona Geralda diz ter conhecido de perto a solidão, pois desde então parou de trabalhar, perdeu o ânimo de sair de casa e de cuidar da casa, coisa que sempre gostou de fazer. Diz ter sempre tido apoio da comunidade, segundo ela suas vizinhas nunca a deixaram “de mão”, ou seja, sempre lhe prestavam assistência e lhe fizeram companhia. Após alguns meses do falecimento de seu esposo, dona Geralda passou um tempo em casa de familiares no interior, procurando “espairecer” e se acostumar com sua nova condição de viúva. No entanto sentiu que a vida no brejo não lhe “pertencia” mais, sentiu muita falta de casa, das suas comadres e demais vizinhas, assim como dos seus afazeres. Retornando para casa começou a criar animais, galinhas, porcos e a comercializar suas carnes, sua intenção era manter-se ocupada e obter outras fontes de renda. No entanto, tal atividade, apesar de muito prazerosa, passou a ser problemática devido as inspeções sanitárias dos agentes de saúde na comunidade

que proibia criação de porcos em áreas urbanizadas. Devido a isso dona Geralda passou a criar e comercializar somente aves.

Além da renda que retira da venda de frangos, dona Geralda se sustenta financeiramente com a pensão que recebe de seu ex marido. É com um salário de R\$ 510,00 que ela paga sua energia e água e faz feira. Ressalta que entre os benefícios que recebe o livre acesso ao transporte público é um ganho extraordinário para sua movimentação na cidade, para ir a médicos, para visitar familiares, para frequentar o grupo de idosos do qual faz parte. No entanto, a “falta de respeito das pessoas com os idosos” tornam-se cada vez mais evidentes com a maior circulação dessa população nas ruas. Segundo os comentários desta senhora a intolerância, a falta de compreensão dos problemas de limitações de mobilidade dos mais velhos pelas gerações mais novas da cidade dificulta e inibe a livre circulação dos velhos nos espaços públicos.

Dona Geralda: Olhe uma coisa que a gente tem direito que é muito bom mesmo é andar de ônibus de graça. Eu vou pra médico, vou pro conde pra casa de minha cunhada, vou pra Facene, ando pra lá e pra cá sem gastar um tostão. O ruim é que os motoristas não respeitam a gente não é uma velocidade, não esperam a gente descer dos ônibus, eu já arrisquei cair não sei quantas vezes por isso. O pessoal senta nas cadeiras dos velhos, não dão lugar, é assim uma falta de respeito das pessoas com os idosos, que a gente tem direito de usar o ônibus mas a gente tem medo, a gente evita sair por isso, o pessoal lá da Facene mesmo reclama tudinho, tem delas que tem que andar acompanhada com alguém para não sofrer acidente.

Aproximadamente dois meses antes das entrevistas dona Geralda começou a frequentar um grupo de terceira idade promovido por uma faculdade particular em João Pessoa. Nesse grupo ela faz aula de dança, exercícios físicos, terapia de grupo, participa de festejos de datas comemorativas, realiza passeios coletivos pela cidade, assiste palestras sobre como lidar com os “problemas da velhice”, onde “aprende a viver melhor”, “cuidar da saúde”. Este grupo concede mensalmente uma cesta básica a todos os idosos que dele participa. Segundo dona Geralda é um grupo muito divertido e importante para ela, se constitui atualmente em atividade primordial, pois todas as outras coisas que precisa fazer são organizadas em função das atividades promovidas pelo grupo. Por exemplo, como

as reuniões do grupo funcionam nas terças e quintas, ela frequenta médicos apenas nas segundas, quartas e sextas, quando também faz suas compras, ou sai para pagar suas contas. Seu dia a dia ganhou maior dinamicidade com as programações do grupo, pois frequentemente traz atividades pra casa, como fazer cartazes, confeccionar bordados, assistir a filmes para discutir no grupo posteriormente, comprar roupas para festas, entre outras tantas coisas que movimentam seu cotidiano de forma prazerosa. Foi nas palestras do grupo que dona Geralda diz ter aprendido a ser uma “idosa mais saudável”, alimentando-se bem, procurando desenvolver uma vida ativa, “fugir das tristezas e da solidão”. Até então seu cotidiano era restrito a comunidade e ao ambiente doméstico, o grupo trouxe uma renovação não somente físico, mas também do espírito ampliando suas sociabilidades e vontade de continuar vivendo.

Dona Geralda: Depois que eu comecei a ir pra esse grupo, eu sou outra pessoa, eu era muito triste, sem vontade de viver, era muito sozinha, paradona, triste. Agora não eu passo a semana toda me organizando para ir para o grupo, tenho muitas amigas lá, as doutoras gostam da gente, ensinam coisas importantes para os idosos viver mais e melhor, isso é importante não é? Eu acho importante demais pros idosos, tanto pras mulheres quanto pros homens, todo mundo lá diz que foi a coisa mais maravilhosa da vida foi ter encontrado esse grupo, eu mesma não deixo de ir não. Lá eu aprendi muitas coisas e quero continuar aprendendo, a gente pensa que ser velho é morrer pra vida, não é não.

Para dona Geralda a convivência com o grupo trouxe redefinições sobre suas representações da velhice, antes entendida como tempo de solidão, de reclusão, de não aceitação na sociedade, agora por sua vez, começa a entender que essa etapa da vida pode ser vista e experimentada de forma diferente: mais alegre produtiva intelectualmente e socialmente, cheia de companheirismo e de satisfação.

4.10 Dona Cida – “Esse é o melhor tempo da minha vida”

Dona Cida foi entrevistada em Fevereiro de 2011, quando tinha 65 anos. Na época estava estudando numa escola para idosos localizada próxima a sua casa, organizada como anexo de uma escola municipal do bairro. Seu sonho era aprender escrever seu nome sem copiar. Seu interesse pela escola também dizia respeito as atividades lá desenvolvidas, aprender a fazer artesanato de papel, as

danças de roda, o encontro com outras pessoas de sua idade. Todas as noites dona Cida saía de casa para ir a escola, e para tanto se arrumava, se maquiava e isso lhe conferia profundo bem estar. Muito vaidosa dona Cida, comprava mensalmente produtos de beleza, roupas, sapatos para sempre se apresentar bem. Costumava frequentar um salão de beleza da comunidade onde semanalmente fazia suas unhas e retocava a tintura que usava nos cabelos. Tudo isso lhe trazia muita motivação, sair de casa, conversar com pessoas, ter atenção da professora e dos amigos de classe, para ela era sempre muito gratificante.

Esse período de sua vida foi por ela reconhecido como o melhor tempo, se comparado com as demais fases, pois sente-se saudável, disposta, e principalmente livre para fazer o que gosta e o que deseja.

Recorrentemente em suas narrativas dona Cida tem valorizado o tempo livre em sua vida, que segundo ela “lhe pertence”. De modo que podemos salientar que para ela a existência de um universo de implicações e dependências cerceando seu tempo, na maioria das vezes, dedicado aos outros, em especial aos filhos e ao ex companheiro, leva-a a descobrir, com o envelhecimento, que ela nunca teve tempo para si própria. O que ela chama de libertação, é, sobretudo, a conquista de um tempo de viver para si. Tanta satisfação ganha mais sentido quando dona Cida passa a narrar suas trajetórias de vida, especialmente quando menciona o relacionamento com seu ex companheiro, com que viveu 36 anos.

Dona Cida nasceu em Alagoa grande interior da Paraíba e ainda com três anos de idade veio para Santa Rita, cidade da região metropolitana de João Pessoa, na companhia de seus pais. Pertencia a uma família muito humilde, que sobrevivia da pesca de caranguejos em manguezais e do plantio de verduras e raízes da terra. Segundo dona Cida o trabalho no roçado começava às cinco horas da manhã e se estendia até por volta das dez horas quando a família tomava café e ia apanhar caranguejos. Era um trabalho muito pesado, mas muito digno e que reunia toda sua família. Aos treze anos dona Cida conheceu um rapaz e ele passou a lhe “dar as coisas” devido a isso ela parou de acompanhar a família no trabalho e foi “viver com ele”, contra a vontade de sua mãe. Esse rapaz trabalhava em uma olaria também em Santa Rita onde dona Cida continuou residindo. Aos treze anos dona Cida teve seu primeiro filho. Aos trinta e dois anos dona Cida era mãe de dez filhos, seis mulheres e quatro homens. Após quinze anos morando em Santa Rita, onde constituiu sua família e a ela dedicou-se exclusivamente, dona Cida mudou-se para

o Timbó, onde seu companheiro havia comprado uma casa. A mudança se deu fundamentalmente porque ele havia sido contratado para trabalhar como vigilante da universidade que estava em construção no bairro de Castelo Branco e precisava morar próximo ao trabalho.

Após essa união dona Cida deixou de trabalhar e se voltou até hoje aos serviços de casa e aos cuidados com a família. Após a mudança para o Timbó, dona Cida recorda que sua vida “virou de cabeça para baixo”, seu companheiro, que trabalhava todas as noites fora, começou a beber e a “arrumar outras mulheres”. Segundo ela a partir de então “ele deixou de ser que ele era antes, passou a ser um péssimo marido”. Dependendo financeiramente do esposo, dona Cida, não possuía meios para se sustentar nem tampouco aos filhos. Viveu momentos de “necessidades”. Tinha dificuldade de sair de casa, pois não tinha com quem deixar os filhos para trabalhar, sua rotina era exclusivamente voltada as crianças. Desse modo se via submetida ao esposo, pois “dependia dele para tudo, até pra ter o que comer”.

Dona Cida : Ele começou a beber demais, espancava eu né, arrumava mulher por aí, me maltratava muito. Eu com oito dias de resguardo ele me deu uma pisa que quase que me matava. Aí também batia nos meninos, era um inferno, minha vida virou. Mas eu ia fazer o que se tinha ele era quem sustentava tudo? Ai de mim se dissesse tanto assim, que ele ficava brabo, tinha que aguentar, dependia dele. Foi quando ele arranhou uma dona e saiu de casa. Foi viver mais ela, me abandonou de tudo, nem feira mais ele queria me dar. Aí eu vivia doía minha filha, sem trabalhar, e cheia de menino pra dar de comer, eu fui e botei ele no juiz. Sofri tanto, hoje conheci a vitória. Tô livre dele!

Em seus relatos Rita revela ter sofrido violência do ex companheiro, mas apesar disso sentia-se aprisionada a ele pois estava em sua dependência financeira. Aos quarenta e nove anos, tendo sido “abandonada” pelo ex companheiro dona Cida recorreu a justiça para “procurar seus direitos”. Ao narrar sua “briga” na justiça com o ex marido para dele receber uma pensão dona Cida aparece também através da figura de cidadã apontando o direito como fonte de reconhecimento social, de cidadania. A evocação que faz da lei surge como lógica de distribuição igualitária de direitos pois segundo ela, após ter assumido o relacionamento afetivo com seu ex companheiro nunca teve a oportunidade de trabalhar porque ele não permitia, dizia que: “mulher minha não trabalha fora de casa”. Sentindo-se prejudicada por não ter

desenvolvido nenhuma habilidade profissional, dona Cida recorreu à justiça na situação de conflito, para garantir o recebimento da pensão alimentícia, fundamental para sua manutenção.

Dona Cida: Ele botou um advogado para tomar meu dinheiro, ele me dá R\$ 400,00 olhe aqui meu cartão. Nós fomos para o fórum de Mangabeira, eu só falei arrancar o pescoço do advogado dele, um grandão da universidade que ele arranhou pra me roubar, ele pensa que eu não sei dos meus direitos! Dei uma lição nele! Vive com ele mais de trinta anos, nunca pude trabalhar porque ele não deixou e agora que me ver na miséria, ele não me vê nunca! Eu sei que eu abri a gravata do advogado foi na frente do juiz, avancei no pescoço dele pra deixar de defender cabra safado. Ele veio dizer que tinha deixado tudo de bom pra mim, os troços da casa, e por isso não precisava me dar pensão, e eu vou comer o que? Televisão? Estante? E eu vou vestir o que? Depois de tudo que eu aguentei dele, cachaça, raparigagem, ele quer se ver livre de mim? Ele pode até querer se ver livre de mim, e eu dele, mas o dinheiro dele eu quero! Peguei a bolsa dei nele, dei no advogado! Aí ele: tá vendo aí seu juiz é doida, é doida! Eu só sei que o juiz: ah ela é doida? É o senhor que está dizendo isso!, Então não pode trabalhar na casa de ninguém não, aumenta a pensão dela por que ela é de idade, agora é 40% que o senhor terá que dar a ela. Ele tinha cortado 10% do meu menino o juiz foi e passou pra mim, porque disse que eu estou ficando velha e não tenho aposentadoria.

A decisão judicial garantiu a permanência e inclusive o aumento da pensão de dona Cida foi segundo ela serviu para “dar uma lição” em seu ex companheiro, que não respeitou seus direitos, nem como ex mulher, companheira de trinta e seis anos, mãe de seus dez filhos, nem tampouco como senhora de idade avançada, sem condições de trabalho e sem aposentadoria.

Seis anos após a separação Cida conheceu um rapaz, vinte anos mais jovem que ela e eles começaram um namoro “sem muito compromisso”. Dona Cida não tem mais vontade de voltar a “dividir o mesmo teto com homem nenhum”, valoriza sua liberdade e observa que tem medo de perdê-la caso viesse a assumir um relacionamento sério com outro homem.

Dona Cida: Apareceu um rapaz novo, novo, novo, em folha, ele vive por aqui, mas não mora aqui não que eu não quero homem nenhum debaixo de meu teto, faz nove anos que a gente tá nesse negócio.

Cristiane: Que negócio é esse?

Dona Cida: Mulher... é um namoro assim sem ser muito sério, só pra brincar mesmo. Ele me dá as coisas, a gente passeia junto e tudo,

mas hoje eu não tenho mais nada com ele não só que o povo não acredita.

Cristiane: A senhora quer dizer que hoje não tem mais relações sexuais com ele, é isso?

Dona Cida: É, já tive e tudo mas faz um tempo que a gente não tem nada, eu é que não quero, se fosse por ele, ele queria, mas quero não.

Cristiane: E por que a senhora não quer mais?

Dona Cida: Porque assim ... antes eu tinha vontade, era bom, mas agora não, eu não tenho vontade mesmo, e eu não quero ficar com esse compromisso de ser mulher dele não sabe. Prefiro ficar sozinha do que ter um homem e depois ter que dar satisfação a ele. Porque se for assim ele pensa que manda em mim, se agente se assumir mesmo, ele pode querer vir pra aqui pra dentro de casa, e eu não quero mais ninguém assim não. Também posso até perder a pensão, porque meu ex marido pode ficar pensando que ele tá me sustentado, está entendendo?

Cristiane: Tô

É especialmente em defesa de sua liberdade, e da manutenção de sua pensão que dona Cida evita fortalecer esse novo relacionamento. Para ela a autonomia e a liberdade que experimenta nessa fase da vida são preferíveis à manutenção de um parceiro sexual.

Em seu dia a dia dona Cida costuma cuidar dos serviços domésticos pela manhã, e a tarde faz as atividades da escola, como também frequenta assiduamente o posto de saúde, participando de suas atividades para os idosos da comunidade como fazer fuxico, e biscoitos de goma para a venda, assim como dos passeios e festividades comemorativas. A noite dona Cida vai a escola. Nos finais de semana, geralmente dona Cida vai para Santa Rita visitar sua mãe, que possui cem anos e seus irmãos.

Dona Cida também cuida com atenção de sua saúde, regularmente procura o atendimento médico do posto, para realizar exames. Também preocupa-se com sua alimentação e a manutenção de uma aparência jovem, gostaria de fazer plástica no rosto para retirar excesso de pele, no entanto, impossibilitada, por condições financeiras, “se vira como pode” para manter aparência jovem, usando cremes rejuvenescedores que compra em revistas, e revela que “ainda que o corpo diga que você é velho, a gente pode continuar sendo jovem”.

O sentimento de juventude que acompanha dona Cida relaciona-se estreitamente com o de felicidade. Para dona Cida tudo isso se faz presente através de suas possibilidades em fazer escolhas, coisa que não pode experimentar em outras etapas da vida.

Dona Cida: Então assim eu não sou velha né isso? Eu não sou velha não minha filha, eu sou é jovem! Me sinto jovem! Na minha juventude não tive direito a nada, agora eu escolho minhas coisas, escolho pra onde eu vou, com que roupa eu vou, eu já sofri muito na minha vida, agora eu escolhi ser feliz, foi o que eu aprendi lá no posto, nas palestras, a doutora disse, escolha ser feliz! Eu escolhi, eu sou feliz do meu jeito, eu danço, brinco, converso com todo mundo. Quem quiser gostar de mim, vai gostar de mim do jeito que eu sou! Eu não vou mudar pra agradar a ninguém! Tem gente na minha idade por aí, que escolheu a tristeza, esse aí tá ferrado, vai morrer cedo! Minha mãe tem quase 100 anos, ela é assim lúcida, lúcida! Vive ainda porque? Porque é animada, porque não tem tempo ruim pra ela não, passa problema, passa aperto, mas tá sempre animada. Velho é quem se entrega! Eu não me entrego! Aguento um tranco, saio de manhã volto de noite e não fico por aí soprano, não! Tem gente que qualquer coisinha é morrendo: Ai to cansada, ai tá doendo! Eu tomo meu remédio e vamos simhora!

Observa-se na fala de dona Cida os aprendizados dos discursos médicos por ela ouvidos em palestras programadas pelo posto de saúde direcionadas aos idosos da comunidade. Influenciando os processos de construção do envelhecimento. Vê-se que tais discursos enfatizam a valorização do envelhecimento como um tempo bom de se viver. Motivando a questão da escolha individual como atributo fundamental para uma velhice de qualidade e satisfatória.

Dona Cida mora em sua própria casa, e também abriga uma filha, seu esposo que atualmente está desempregado e dois netos, já crescidos. Identifica alguns contratempos pelo fato de compartilhar moradia com a família da filha, especialmente em suas dificuldades em pagar algumas contas, que segundo ela, “sem eles não seriam necessárias”. Revela apoiar a filha nesse momento de dificuldade, pela falta de emprego. E mostra como organizam as atividades de casa assim como algumas despesas. Observa que se de um lado há fatores negativos na convivência com a família da filha, por outro também há ganhos significativos, em especial companhia.

Dona Cida: Aqui mora eu, minha filha, o marido dela, e dois netos. Ela trabalha mulher mais o marido dela vive de bico. Aí a gente vai

levando né como Deus quer, porque ela coitada também ganha pouco. Mas dá, ajeitando tudo dá. Eu encho o gás, pago energia, e eles fazem feira, as vezes eu também compro umas coisinhas, quando tá precisando. A gente divide direitinho as coisas e termina que dá certo. Ela me ajuda muito em casa também quando chega do trabalho, o marido dela coitado é um homem bom, ajeita as coisas em casa, é que conserta as coisas aqui, aí a gente vive assim. Pra mim é bom porque eu não fico sozinha, tem sempre gente em casa, eu tenho meu canto e eles tem o canto deles também.

Capítulo 5

INTERPRETANDO AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

O objetivo deste capítulo é interpretar as narrativas das senhoras entrevistadas com base nas teorias referentes aos temas, que foram apresentadas no capítulo 1 desta tese. Importa perceber, por um lado, de que maneiras os contextos socioeconômicos nos quais as senhoras se inserem contribuíram para conformar os processos que atravessaram e por outro lado como as próprias mulheres atuaram para direcioná-los.

Apesar da singularidade de cada narrativa biográfica foi possível identificar algumas recorrências relacionadas a experiências comuns de classe. O método de abordagem das narrativas de vida nesta pesquisa apontam para o fato de que é importante dar ênfase as narrativas das pessoas para mostrar como, por pertencerem a diferentes segmentos sociais, suas trajetórias de vida foram influenciadas de forma distinta pelo mesmo conjunto de eventos históricos e culturais. A análise das trajetórias ao mesmo tempo em que apontam semelhanças quanto aos significados que caracterizam as suas vidas, também destacam as diferenças na vivência dos eventos que marcaram sua época. Ou seja, apesar da vivência de acontecimentos comuns, as diferentes trajetórias das mulheres envolvem decisões pessoais apontado como cada uma procurou construir a própria biografia. Essa perspectiva mostra que a existência de cada pessoa é influenciada tanto por aspectos biológicos como culturais, sociais, econômicos e históricos como por características biológicas e do meio ambiente.

As mulheres dessa pesquisa, apesar de todas as adversidades de suas vidas apresentaram alternativas para a vivência de uma velhice marcada pela diferença em relação as gerações anteriores, desnaturalizando atribuições de gênero e etárias. Suas histórias contribuem para ampliar nossa compreensão sobre o processo de envelhecimento. Considerando que este é um processo permeado pela condição de classe social, assim como de gênero e geração.

Nessas análises enfatizo alguns elementos, que se mostraram fundamentais para a compreensão dos principais aspectos relativos aos processos de individualização das mulheres no curso de suas vidas. Tomando algumas categorias apontadas pela literatura, tais como autonomia e independência (Singly, 2000), procuro observar como elas se apresentam nos relatos de suas trajetórias,

educacionais, profissionais, familiares, assim como a partir de suas interações extrafamiliares, na tentativa de compreender como essas senhoras organizam suas experiências em termos de uma “uma vida para os demais” e de “uma vida própria”.

5.1 Autonomização em relação à família de origem

As lembranças de infância e adolescência das senhoras falam de experiências de vida bem diversificadas. Enquanto algumas contaram sobre a fartura de bens que tiveram acesso e trouxeram à memória as brincadeiras em companhia dos irmãos, os cuidados dos pais, do trabalho doméstico, as experiências na escola, outras falavam da dureza do trabalho infantil na roça, da precariedade do trabalho ao qual seus pais estavam submetidos, da impossibilidade de estudar. Muitos foram os relatos em que a família de origem das senhoras entrevistadas foram mencionadas, ora com ar de saudade, ora trazendo à tona os sofrimentos com elas compartilhados e os conflitos travados.

Alguns conflitos se fizeram muito expressivamente presentes na fase da juventude dessas senhoras, especialmente quando suas vontades e projetos próprios para o futuro começaram a ser elaborados e confrontados com os projetos, construídos para elas, por seus pais ou outros familiares. Falar dos processos de autonomização dessas senhoras em relação as suas famílias de origem, não se faz sem que sejam analisados os conflitos gerados em torno das mudanças de valores sociais que foram vivenciados por elas e suas famílias, nem tampouco sem explorar suas performances a fim de estabelecer seus próprios projetos, em contraposição aos projetos familiares já delineados.

A ambiência social sob a qual as senhoras viveram a juventude, na década de sessenta, era de profundas mudanças do comportamento feminino e de suas perspectivas de vida. Tal ambiência influenciava seus valores que divergiam das regras de comportamento sob as quais até então tinham sido socializadas. Tais mulheres buscavam uma posição que tivesse significado próprio para suas vidas. E também negavam em alguma medida, assim como observou Vaitsman (1994, p.28), em seu trabalho sobre identidade, casamento e famílias em condições pós modernas, “os valores hierárquicos que caracterizavam as sociedades tradicionais,

substituindo-os pelos valores igualitários que vieram caracterizar as sociedades modernas”. Tais mulheres buscavam autonomia, aqui compreendida como um processo baseado num projeto reflexivo que tem como perspectiva a ampliação da capacidade de se fazer escolhas e de se relacionar de maneira mais igualitária com outras pessoas.

A análise dos percursos biográficos evidenciou que o processo de autonomização das senhoras em relação aos seus pais ou seus cuidadores iniciou-se com o desejo de mudança para a “cidade grande” a fim de estudar e/ou trabalhar. Apenas para uma pequena parcela das senhoras, uma do segmento médio e duas do segmento popular, o acesso ao mundo externo ao da casa dos pais se deu via casamento. Este estava perdendo espaço enquanto única saída para a vida adulta, e talvez de maior autonomia, e o trabalho feminino trazia a possibilidade de novas expectativas de realização para além da vida doméstica, realizações para si mesmas, realizações referidas as suas próprias satisfações, além das relacionadas à esfera familiar.

O objetivo da escolarização foi perseguido exclusivamente pelas senhoras dos segmentos médios. Em alguns casos com o consentimento da família, em outros, como no caso de Rita e Penha, contra a vontade dela.

O trabalho foi almejado pelas senhoras de ambos os segmentos, no entanto, suas expectativas eram diferenciadas. Entre as mulheres do segmento popular, pretendia-se driblar as difíceis condições de vida, buscava-se sair de uma condição de trabalho árduo por um trabalho menos penoso, em condições menos opressivas, experimentados desde a infância. E entre as senhoras do segmento médio, projetava-se a construção de uma carreira profissional e ascensão social, além de conquistar independência financeira em relação à família. Não que este objetivo não estivesse presente nas expectativas das senhoras do segmento popular quando de suas decisões em “deixar a família para tentar a vida na cidade grande”. Como bem observaram dona Geralda e dona Val, o que mais se pretendia era sair da pobreza, ser independente não era algo pensado, naquele tempo, como prioridade entre elas.

No que diz respeito ao fim da coabitação com a família de origem, algumas mulheres de ambos os segmentos saíram da casa familiar somente após o casamento e com o consentimento de seus parentes. Do mesmo modo, em ambos os segmentos, houve situações de fugas da casa da família para se efetivar a união

consensual. Nestes casos se verificou que além da realização amorosa também se pretendia conquistar certa autonomia, especialmente em relação aos pais.

Algumas senhoras, sobretudo dos segmentos médios, mas também dos populares, destacaram em suas narrativas os problemas que tiveram de enfrentar para acessar um espaço próprio de autonomia em relação as suas famílias de origem. Entre as senhoras do segmento médio, Rita diz ter sofrido muito ao passar a morar sozinha, mas também destaca os aspectos positivos de ter tido tal oportunidade, enfatizando que a liberdade foi uma desses aspectos. Diz que amadureceu muito com essa experiência, conheceu ambientes e pessoas novas, ampliou suas redes de sociabilidades. Penha saiu da casa dos pais aos poucos, passava a semana em Campina Grande trabalhando e retornava nos fins de semana ao interior. Na medida em que avançava no curso de graduação, diminuía essas idas e assim ia se “libertando” de sua mãe. Já entre as senhoras do segmento popular, esse processo parece ter sido mais traumático. Dona Geralda saiu fugida da casa do pai para trabalhar em João Pessoa e somente o reencontrou três anos depois. Dona Val deixou a casa dos pais para trabalhar em João Pessoa sem a aprovação do pai, mas sem grandes contestações. E também ficou longo tempo sem poder retornar a casa paterna para visitar a família. Tais senhoras recorrentemente lembraram das noites de lágrimas, da vontade de voltar para casa assim como da impossibilidade de fazê-lo, pois passavam muitas dificuldades financeiras, além da falta de tempo já que como domésticas e morando das casas de famílias em que trabalhavam na informalidade, não possuíam folgas, nem tampouco férias em seus trabalhos.

A liberdade em relação à família, procurada com a saída da casa dos pais, fosse através dos estudos, do trabalho ou do casamento e até mesmo como as fugas, parecia apresentar-se a cada uma dessas mulheres, de ambos os segmentos, em maior ou menor medida, como ampliação dos horizontes de escolha e afirmação de outros modos de vida, mais de acordo com seus desejos e aspirações.

Penha, por exemplo, relata:

Penha: Comecei a adquirir minha independência financeira e minha liberdade, mas ainda assim eu ainda era vigiada, era maior de idade, mas parecia uma adolescente, era difícil lidar com ela. Comecei a tirar aquele domínio dela [da mãe] sobre mim, comecei a me rebelar

um pouco, a crescer vamos dizer assim. Até as minhas roupas quem escolhia era ela, eu era um robô não tinha escolhas próprias, ela não deixava a gente ser a gente mesmo sabe, era um controle horrroso que tolhia nosso caráter, que tolhia nossas vontades, somente permaneciam os sonhos, porque nisso ela não poderia interferir. Em Campina as coisa começaram a mudar, porque ela foi perdendo o controle sobre a gente, longe da gente ela não tinha mais aquele domínio todo. Ela poderia até continuar tomando conta da gente, o cuidado de mãe, mas é que com ela era tudo além, ela não somente cuidava ela dominava.[...]

Penha, pertencente ao segmento médio, criou estratégias para reduzir e eliminar o controle materno sobre sua vida, morar em outra cidade, em Campina Grande para trabalhar e estudar foi fundamental para tanto. Seu objetivo, não era tão somente ser livre, mas construir experiências a partir de suas próprias escolhas, construir sua própria história. No entanto pretendia também manter uma relação afetiva com os parentes, desde que não fosse com base na dominação. Observa-se assim uma tensão entre os interesses em se individualizar e os de fazer parte de um grupo. Essa tensão também foi abordada por Velho(2008) em suas pesquisas.

Essa relação ser parte de um todo predefinido com um mapa delineado e a possibilidade de manobra no desempenho de papéis, explorando ou criando novas alternativas, indica a tensão existente no processo de individualização. (VELHO, 2008, p. 48).

Essa tensão entre o processo de individualização e a permanência no universo dos parentes, da qual nos fala Velho, e evidenciada nas narrativas das senhoras, aponta para os processos de construções identitárias. Percebeu-se que foi através da performance em lidar com essas e outras tensões que cada senhora construiu suas individualidades. Penha tornou-se uma “exímia datilógrafa” e profissional da área contábil e administrativa, Rita tornou-se economista, Selma professora, dona Val e dona Geralda domésticas em casa de família.

Nos relatos das senhoras a decisão de sair da casa dos pais voluntariamente marca e enfatiza o processo de construção do indivíduo que se destaca para “fazer sua própria vida”, para ser ele mesmo, para lutar, para viver uma vida própria, uma vida segundo suas regras. Isso não somente foi verificado entre as mulheres dos segmentos médios, apesar de ter sido mais forte neste grupo, o desejo de se destacar da família de origem também foi percebido nas narrativas das mulheres dos segmentos populares. O que por sua vez nos leva a considerar que o

processo de autonomização da família de origem, a partir da saída da casa dos pais, trata-se de um processo geracional e não exclusivo de um grupo social. Representa uma das etapas associadas à passagem para a vida adulta bem próprias a essa geração (Galland,2004), e que apesar das diferenças em relação as origens dos indivíduos podem se faz presentes nos diferentes segmentos sociais.

Entre as senhoras sair da casa dos pais representou um processo que envolveu múltiplas expectativas: autonomização, independência financeira, melhores condições de vida, entre outras. No entanto, tais expectativas nem sempre se efetivaram em sua plenitude, especialmente entre as senhoras do segmento popular que passaram a trabalhar como domésticas em casa de família ou entre aquelas que, no casamento, estiveram submetidas a situações de violência. Nestes casos, tal movimento associou-se a fuga de uma situação de pobreza extrema para outra situação opressiva.

Dona Geralda: Eu queria muito ir me embora dali, sair daquela pobreza[...] Eu sei que minha prima chegou na quinta feira, aí disse que a mulher tinha mandado um dinheiro que era pra ela levar uma pessoa pra trabalhar tomando conta de menino na casa dela, aí eu disse eu vou, eu queria ter minhas coisinhas e não tinha quem me desse, eu queria ir pra um canto não podia, lá no interior naquele tempo não tinha escola, e pai dizia que não precisava aprender a escrever pra não mandar carta pra namorado, a gente trabalhava alugado e o dinheiro ficava com pai, por isso que eu queria vir embora, eu queria ter meu dinheiro. Mas pai não podia saber senão ele não ia deixar eu ir.

[...] No começo era bom, tinha conforto na casa das patroas, mas ao mesmo tempo era ruim, porque vivia dia e noite sem sair de casa, não tinha liberdade, era ruim ficar morando na casa da minha patroa, apesar que era um povo bom pra mim, mas eu queria ter um canto meu, pra eu ter minha independência. Porque morando na casa dos outros você não tem independência.

Dona Ciça: Eu casei foi pra sofrer, saí da casa do meu pai e da minha mãe, que eram pobres, mas tinha paz, pra ter uma vida até mais ou mesmo, só que debaixo de pau. Casei pra levar peia todo dia. Um dia cansei e fugi, fugi com a roupa do couro.

Deixar a casa dos pais também representou um grande desafio que exigia coragem para cuidar de si mesma e enfrentar os riscos da cidade grande longe dos parentes trazia medo e sofrimento. Principalmente entre as mulheres dos segmentos populares, com pouca ou nenhuma experiência na vida urbana.

Dona Val: Eu era muito boba naquele tempo, nunca tinha saído de casa, eu lembro que eu chorava, no serviço com saudade de minha mãe e de meu filho. Cada dia eu ia menos em casa para[silencia]. Era muito sofrimento pra mim, a vida daqui era diferente demais da vida do interior. A gente vai se acostumando. [...] Eu me lembro que quando cheguei aqui eu não sabia andar de ônibus, me perdia direto. Não conhecia a cidade e não sabia ler, aí pra onde eu ia era uma dificuldade, ou ia de pés, ou se fosse pegar um ônibus, tinha que ficar perguntando a um e a outro. Pra ir num hospital, era complicado porque era tudo difícil, a cidade diferente, muita gente desconhecida, eu ficava perdida. O povo também nem liga pra você, vê uma pessoa doente, passa e nem liga.

As mudanças operadas nos modos de vida com a intensificação dos processos de urbanização discutidos por autores como Simmel (2005) e Wirth (1976), encontram lugar nas narrativas das senhoras quando discorreram sobre a transição da vida no interior para a cidade. Suas falas recorrentemente enfatizam que “a vida na cidade era muito diferente da vida no interior” destacando-se assim discussões relativas às transformações entre viver em sociedades simples e sociedades mais complexas. A vida na cidade, diferentemente daquela desenvolvida em pequenas comunidades, oferece aos indivíduos maior sensação de liberdade, de poder tomar decisões próprias, a partir das múltiplas possibilidades que lhes são apresentadas.

Nas sociedades industrializadas, urbanizadas e densamente habitadas, os adultos têm muito mais oportunidade, bem como necessidade e capacidade, de ficar sozinhos, ou pelo menos aos pares. Escolher por si entre as muitas alternativas é exigência que logo se converte em hábito, necessidade e ideal. (Elias, 1994.p.108)

Mas ao mesmo tempo implica em riscos (BECK, 2010) assim como em convívio com o desconhecido e com a indiferença. A expressão de dona Val, “a gente vai se acostumando”, no último trecho da narrativa, encontra concordância na fala de Elias(1994) quando ele compreende que as estratégias de vida na cidade, entre elas a de fazer escolhas, válidas para qualquer segmento, muito embora encontrando seus limites, dentro do que Velho(2008) chama de campos de possibilidades, se converte em hábito.

A vida urbana estimula a individualização, nos termos de Elias(1994), mas isso não se dá sob um processo natural, antes é desenvolvido através de uma aprendizagem social. A pessoa não escolhe livremente esse ideal em detrimento de outros. Para Elias, “ele é o ideal socialmente exigido e inculcado na grande maioria das sociedades altamente diferenciadas” (ELIAS,1994.p.118). Isso pode ser percebido nas narrativas das senhoras através das passagens de suas falas quando destacam as influências de amigos e parentes em suas decisões para mudar de vida, para deixar o interior, para sair da casa dos pais. Dona Geralda, por exemplo, foi trabalhar na cidade por intermédio de uma prima, que segundo ela a estimulou a vir, contando como era a vida na cidade, falando dos benefícios que aqui encontrara em detrimento das dificuldades do interior. Dona Ciça e dona Val, também tiveram o incentivo e apoio de conterrâneos para mudar de cidade. Nestes casos a existências de redes de parentesco e de amizade facilitaram a saída de casa dos pais e também funcionava como rede de proteção.

Entre as mulheres do segmento médio do mesmo modo, a influência, especialmente do ambiente escolar, estimulava a continuidade dos estudos que abriria caminho para a profissionalização e para o mercado de trabalho feminino.

Percorrer a cidade, passando a conhecer novos espaços e a se inserir em outros ambientes - ainda que em condições subalternos de trabalho como às senhoras do segmento popular - possibilitou às mulheres o contato com novos horizontes cujas ideologias e práticas eram na maior parte das vezes diferentes daquelas que tiveram acesso até então na companhia de suas famílias nas pequenas cidades onde habitavam.

Vê-se que a vida na “cidade grande” favoreceu na diferenciação das possibilidades de vida entre as mulheres, ampliando o universo de suas escolhas e de trajetórias a serem seguidas, incorporando novos hábitos e estratégias de vida. Permitindo a construção de suas individualidades, “não simplesmente dada pela natureza” (ELIAS, 1994), mas constituída no decurso de múltiplos processos sociais. A seguir destaco alguns desses processos de maior destaque nas narrativas das senhoras, importantes para pensar as trajetórias de individualização por elas percorridas.

5.2 Relações conjugais

Abordar as questões afetivas não foi tarefa fácil, pois na maior parte das vezes as senhoras forneciam poucas informações, se restringiram as relações com os atuais ou com os últimos companheiros, evitaram falar de amores anteriores, de suas paixões e intimidades. A análise das narrativas das senhoras quanto às relações afetivas por elas desenvolvidas desde a juventude mostrou que a decisão pela união matrimonial, por todas elas tomada, foi unanimemente, no plano das narrativas, baseada no amor. Mas, apesar disso, outras motivações também puderam ser observadas em suas falas, quando narravam a escolha pelo casamento ou pela alternativa de “morar junto”, ou seja, pela união consensual, com o companheiro. O matrimônio também funcionou como estratégia de “mudança de vida”, sobretudo, entre as mulheres do segmento popular, que vislumbravam alcançar no casamento melhores condições materiais, sobretudo no caso de dona Ana, dona Ciça e dona Cida, ou para livrar-se de vez do domínio familiar, como no caso de Penha. Tais expectativas não eliminaram, no entanto, o aspecto romântico das relações revelando que entre todas as senhoras - assim como também observaram, Singly (1993) e Torres (2000) em suas pesquisas - um dos eixos centrais da conjugalidade é a sua dimensão afetiva e amorosa.

Das sete participantes da pesquisa pertencentes ao segmento médio todas se casaram no civil – exceto dona Maria que permaneceu solteira – todas elas também fizeram casamento religioso. Para este grupo, assim como a legitimação oficial do Direito Civil, a cerimônia religiosa foi imprescindível para o estabelecimento do novo status de casada. Entre as senhoras do grupo popular quatro delas casaram-se no civil e dentre estas duas fizeram alguma cerimônia religiosa. Assim como para as senhoras do segmento médio a oficialização judicial e religiosa para as senhoras do segmento popular também eram fundamentais, mas as limitações financeiras apareciam como impedimento para sua realização. Alegando esse mesmo motivo, duas senhoras do segmento popular decidiram “morar junto” com seus companheiros sem nenhuma espécie de oficialização. Mas acrescentaram que para elas o compromisso da convivência a dois era suficiente para a formalização da união e superior a “qualquer papel passado”.

O início das relações conjugais entre as mulheres do segmento popular se deu mais cedo do que entre as senhoras do segmento médio. No primeiro grupo

ocorreu por volta dos dezesseis anos, já no grupo do segmento médio ocorreu por volta dos vinte e nove anos. A abertura para o campo do trabalho e da educação para as mulheres do segmento médio foi o fator decisivo para o adiamento das relações conjugais entre esse grupo.

Nos relatos entre as senhoras do segmento popular observou-se, em alguns casos, que as mulheres buscavam companheiros que lhes trouxessem proteção e cuidado, um protetor que lhes “colocasse dentro de uma casa” e lhes dessem “melhores condições de vida”. Neste sentido pode se perceber que estas senhoras já colocaram seus companheiros, desde o início do relacionamento, numa posição diferente das que elas próprias ocupavam.

Dona Val: Eu queria muito encontrar uma pessoa que me tirasse daquele sofrimento de vida. Foi quando fui morar com ele, me tirou das cozinhas do povo e me colocou dentro de uma casa, com tudo, como pobre mas tinha tudo. Eu nunca precisei tirar do meu dinheiro para pagar uma conta dentro de casa, era tudo ele. Meu dinheiro era pra mim e pros meninos. Nisso ele sempre foi muito bom pra mim. Eu fiquei trabalhando somente dois, três dias na semana, e o resto eu ficava em casa, ele não se incomodava não, mas de vez em quando ele pegava brabo, quando eu demorava pra chegar. Era briga dentro de casa. E eu sempre aguentei porque eu sabia que ele tinha razão.

Em seu trabalho *A Dominação Masculina* Bourdieu (2003 b) observa que esta dominação não é exclusiva dos homens, algumas mulheres, segundo ele, também a manifestam por meio de seus discursos e práticas, tal como o faz dona Val quando diz: “E eu sempre aguentei porque eu sabia que ele tinha razão”. Compreende-se que aqui há a presença dessa dominação em forma de habitus e que ela se impõe como violência simbólica. Como “coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele [...]” (BOURDIEU, 2007, p. 206, 207).

Assim como no caso de dona Val outros casos, especialmente entre dona Ciça e dona Cida, também ficou evidente o autoritarismo masculino e o controle sob as mulheres. Casos de violência física também foram recorrentes. Neste grupo, a subordinação das mulheres em relação aos seus companheiros foi mais evidente. No entanto, também se pode perceber, no caso de dona Geralda, que a relação

também podia basear-se na perspectiva de parceria para a conquista de melhores condições de vida.

Já no grupo das mulheres dos segmentos médios, exceto no caso de dona Ana, verificou-se que as mulheres, se inseriram no relacionamento conjugal enquanto indivíduos, com expectativas próprias e procurando associar os interesses familiares com outros mais individualizados como a carreira profissional. Tais expectativas produziram na maioria dos casos instabilidades no casamento. Pois a vida conjugal imaginada por elas, baseada em valores igualitários, principalmente no que se refere à divisão de tarefas, à negociação da vida a dois para que pudessem ter as mesmas oportunidades de realização pessoal, em muitos casos não se efetivou. Principalmente nas trajetórias de dona Rosa e Rita, que ao se casarem acabaram experimentando um modelo mais tradicional. Ou seja, o que se mostrava era que, apesar das mudanças ocorridas quanto às novas perspectivas femininas, seus cotidianos refletiam a manutenção dos antigos papéis sexuais no casamento.

Para essa geração, a sexualidade está estritamente inserida ao casamento e o amor tem papel fundamental no sentido da “entrega ao parceiro”. No entanto, esse sentimento varia conforme as experiências de casada vão se desenvolvendo. As vezes variam “do doce ao amargo” como bem salientaram Rita e Selma, ambas do segmento médio, ao falar das diferenças entre os primeiros anos de casada e das dificuldades e divergências que passaram no casamento ao longo dos anos. Considerando que na vida a dois o processo de conhecimento se dá paulatinamente, é na interação cotidiana que se constroem e se definem as regras da conjugalidade. (KAUFMANN,1992). As representações sobre a vida conjugal entre as senhoras apontam, sem distinção de classe, para o casamento como lugar permitido para a produção dos afetos e das relações sexuais. Sendo a fidelidade, para as mulheres, uma das regras da conjugalidade em ambos os segmentos.

Os desentendimentos conjugais provocados recorrentemente por traições, bebedeiras e pelo autoritarismo masculino se fizeram presentes nas narrativas das senhoras. No segmento popular casos de violência contra as mulheres foram recorrentemente denunciados. Dona Ciça, por exemplo, fugiu do esposo, com seus dois filhos, abandonando tudo, na tentativa de recomeçar uma nova vida, de mais liberdade e autonomia, mas principalmente livre da violência que prevalecia em seu cotidiano de casada.

Todas as senhoras relataram por muitas vezes sobre os dilemas da vida a dois, e sobre suas constantes tentativas em fazer a relação se manter, deixando passar algumas frustrações, e inclusive infortúnios, especialmente em função dos filhos e da manutenção dos laços de família. Algumas delas, no entanto, não suportaram tudo isso e partiram para a separação. As mulheres buscaram a satisfação própria, e o conformismo do casamento infeliz cedeu espaço à percepção de que era possível mudar. Deixando evidenciar que a duração dos relacionamentos estava diretamente relacionada com a satisfação que os cônjuges encontram neles (TORRES, 2000). Para estas senhoras, as separadas, de ambos os segmentos, através do olhar atualizado de suas experiências, a intimidade conjugal não deve ser sufocante, antes ela deve ser o lugar em que os desejos mais íntimos, os próprios gostos e sonhos venham a ser elaborados e processados.

Das treze senhoras, cinco são separadas - três do segmento médio e duas do segmento popular - e apenas uma delas do segmento médio casou-se novamente, mas apenas no religioso. Entre os casos de separação apenas um deles, o de dona Cida se deu judicialmente, devido a sua manifestação em requerer pensão do ex marido. As demais separam-se extra oficialmente. Os dados da pesquisa não me permitem justificar com maiores detalhes o porque desses processos.

Entre as que optaram por permanecer sozinhas, a separação permitiu a redescoberta de gostos e o estabelecimento de uma rotina para si que não comporta dividir a vida privada com outra pessoa, nem tampouco voltar a “dar satisfação” a ninguém. Como ressalta dona Cida, moradora do Timbó, que observa:

Dona Cida: A melhor coisa que eu fiz foi ter me separado. Nunca pensei que ia ser tão bom pra mim. Minha liberdade, não ter que dar satisfação a ninguém, é muito bom! Não quero homem nenhum mais pra tirar isso de mim! Prefiro ficar sozinha e viver minha vidinha. Porque agora eu saio pra onde eu quero. Não tenho ninguém pegando no meu pé. Não tenho nem quem pergunte: Pra onde foi? Foi fazer o que? Chega que hora? Pra mim esse é o melhor tempo de minha vida [...]

Assim como Rita pertencente ao segmento médio que aponta:

Rita: [...] eu não fui criada para me separar, minha mãe mesmo falava muito que a mulher separada era mal falada! Eu não queria aquilo para mim [...] mas hoje eu consigo viver mais para mim,

porque estou separada. Apesar do controle que ainda tenho, porque como falei, sempre fui desse jeito muito quieta, mas vivo mais para mim do que antes, sem filhos pequenos para cuidar, sem marido, liberdade para frequentar os espaços que sinto desejo, administrar meu dinheiro [...].

Quanto às separações, em todos os casos o rompimento trouxe sofrimento e levou a uma reavaliação reflexiva sobre o passado, sobre a dedicação a família, pois o período de casamento entre elas tendeu a ser avaliado negativamente, principalmente pelo caráter rotineiro do cotidiano, tenso, conflituoso e em alguns casos violento, como mencionou Ciça, Cida e dona Rosa quando em sua primeira experiência. As reflexões muitas vezes, principalmente a partir das narrativas de dona Ana e dona Cida, apresentaram a percepção do casamento como anulação de si e dos seus próprios desejos. Demonstrando, tal como comenta Torres (2000) em suas pesquisas, que o casamento significa um processo determinante de retração da individualização feminina.

Dona Ana: Desde que me casei e também desde que fui mãe fiquei muito presa. Não saía de casa pra me divertir, pra fazer compras pra nada. Era aquela pessoa só dentro de casa mesmo. Só vivia em função dos outros mesmo, pra mim nada. Em relação aos meus filhos eu ficava presa a eles e tinha que levantar cedo, fazer almoço, passava o dia todo em casa, lavando roupa e etc, etc, etc. sempre moraram comigo, depois que o pai deles morreu, o mais novo dormia comigo.

Mas em alguns casos, como por exemplo, a partir das narrativas de Penha, de dona Rosa, em sua segunda experiência conjugal, de dona Vera, dona Nevinha e dona Geralda o relacionamento conjugal foi pensado como parceria, como estratégia para a realização não somente de projetos conjuntos, mas também individuais, ainda que se tenha tido uma “inversão de papéis” como analisa Penha.

Penha: [...] eu digo que meu casamento foi mais em torno de eu adquirir minha liberdade, minha autonomia, no fundo eu sempre tive esse espírito de autonomia e ainda tenho, mas era contido, era retraído por causa do controle que ela [a mãe] exercia sobre mim. Me casei com esse propósito e consegui, porque até hoje minha relação com meu esposo, apesar de ser diferente da maioria dos casais, é muito boa, apesar dos nossos problemas particulares, nós conseguimos muitas coisas juntos, temos nossa família, fomos

abençoados, e em relação a minha autonomia, minha liberdade pra fazer as coisas que eu mesma queria isso eu consegui. Nunca tive problema com ele pra fazer nada que eu tive vontade, pelo contrário, sempre contei com ele.

Permanecem casadas dona Rosa, dona Vera, Penha, Elza e Nevinha. Todas elas retratam aspectos negativos do casamento - e as dificuldades da via a dois, como no caso de dona Vera, que discute a necessidade de ter que conviver com o alcoolismo do esposo - mas ressaltam principalmente seus aspectos positivos, especialmente a manutenção dos laços de família. Em ambos os segmentos a família se mostrou como valor incontestável. No entanto, evidenciou-se que ainda que o casamento tenha valor, inclusive divino, sua manutenção deve estar baseada, não somente no amor, ou na história de vida compartilhada ao longo de anos de convivência, mas também, na permanente solidariedade entre o casal - ao compartilhar despesas, cuidados, companhia, problemas e alegrias – e no contínuo processo intersubjetivo de conciliação de interesses. Tal como nos informa Singly (1993; 1996), para quem a família é investida de importância não só enquanto instituição social, mas primordialmente como locus relacional, ou seja, como espaço de construção intersubjetiva do indivíduo. Assim como nos revelou algumas senhoras entre elas Penha.

Penha: Manter um casamento de trinta anos não é fácil, a gente já pensou em se separar, já passamos muitas crises, mas continuamos juntos! Graças a Deus, nunca tivemos grandes brigas nem nos deixamos, não. Por que a gente sabe como isso traz problemas para os filhos, especialmente na adolescência. Apesar das divergências entre nós, porque sempre tem, é impossível não ter, aprendemos a lidar com todas elas. Hoje, eu vejo como é bom ter alguém, uma companhia, uma pessoa com quem a gente divida nosso dia a dia, que nos ajude numa coisa outra, que cuide da gente quando a gente precise, mas pra isso é importante também saber lidar com ele, com as coisas que ele gosta. Eu acho que não tem segredo não, cada casal tem seu jeito de viver. Mas uma coisa eu sei que tem que ter, cada um tem que ceder um pouquinho, tem que ceder de um lado para ganhar de outro.

O enunciado acima revela que a formação do casal, a vida a dois é valorizada em detrimento da condição de “ser sozinho”. Ter um companheiro, um ajudador, no dia a dia, é pensado como fundamental nessa fase da vida. Daí a importância da manutenção do elo conjugal que poder ser compreendida como uma conquista,

como aprendizagem de convivência, como negociação. Há vantagens na vida a dois que merecem ser mantidas mediante a conciliação de esforços individuais, “cada um tem que ceder”. Verifica-se que nesses processos de negociações, muitas vezes, as senhoras, se veem limitadas a manter certos aspectos de suas identidades não resolvidos ou insatisfeitos para garantir outra necessidade básica: a estabilidade conjugal. Mas ao mesmo tempo, alguns relatos remetem à dificuldade de preservar espaço para viver a individualidade como expressa a fala de Dona Rosa.

Dona Rosa: No começo ele me enfrentou muito e brigou comigo, muito, gritava, xingava, dizendo: “Eu não sabia que você era assim desse jeito, se eu soubesse eu não tinha casado”, eu dizia: “Você sabia, eu avisei a você, é meu tempo de aproveitar a minha vida porque quando eu tinha meus filhos e trabalhava eu não saía de casa, casei com você sabendo quem você era e você não se faça de vítima porque sabe de minha vida e sabe que eu quero fazer o que gosto agora.

Vê-se nestes casos que ainda que os cônjuges estejam cuidadosos na preservação de sua autonomia estão também dispostos às negociações. As mulheres do segmento médio demonstraram interesses em manter relações de forma que cada um dos parceiros possa usufruir dos benefícios da relação. Para elas é com base nesse mútuo beneficiamento que a relação deve se mantida.

Uma das senhoras do segmento médio, dona Rosa, experimentou o recasamento. Como não havia se separado judicialmente, tornou-se viúva com o falecimento do primeiro marido. Beneficiando-se ainda hoje de sua pensão. Tendo em vista a manutenção desse benefício, o recasamento se deu apenas no religioso. E não contou com a aprovação dos filhos. Dona Rosa teve que enfrenta-los para levar adiante seu desejo de unir-se a um outro companheiro. O processo de negociação foi muito doloroso, pois dona Rosa teve que tirar seus filhos, já maiores de idade, de dentro de casa, alugando um apartamento para eles morarem sozinhos, para poder receber em sua casa o companheiro com que vive até hoje. A escolha de dona Rosa nesse processo pode ser caracterizada como individualizada na medida em que se projetava a realização de um desejo próprio, ainda que em confronto com os interesses dos demais membros da família. Sua escolha diz respeito uma situação não muito comum em sua geração, a maior parte das senhoras buscava a negociação sem rupturas com os filhos.

A distribuição de papéis entre homens e mulheres no relacionamento conjugal também foi tema das narrativas de algumas senhoras. Essa questão se insere na discussão levantada por Torres (2002), quando esta autora, destaca a dimensão de como os cônjuges se posicionam no que ela chama de “economia conjugal”, em termos de comprometimentos e performances frente as tradicionais atribuições maternas e paternas.

No geral, a distribuição de papéis tradicionais segundo os sexos foram mantidos, ainda que a participação dessas mulheres, em especial do segmento médio, para a manutenção econômica da família, tenha sido e permaneça de muita importância. Entre as mulheres casadas do segmento popular, foi verificado o prevalecimento de uma concepção bastante hierárquica do sistema de distribuição de autoridade na família e uma visão de que cabe aos homens a responsabilidade pelo sustento da casa, enquanto o cuidado dos filhos e os afazeres domésticos devem ser femininos. No segmento médio, esta visão também foi observada, no entanto, aberturas para relações mais igualitárias, não somente entre cônjuges, mas também entre pais e filhos, foram observadas neste grupo.

Ainda quanto à distribuição de papéis entre os casais, notadamente a partir das perspectivas de Penha, do segmento médio, e de dona Val do segmento popular, que assumiram as funções de provedoras da casa, tais papéis são apresentados como invertidos. Para Penha essa “inversão” não é vista como problemática. Antes ela entende como necessária para o equilíbrio do casal, cujas aptidões particulares não se enquadram no modelo tradicional de mulher dona de casa e homem provedor da família. Já para dona Val, pertencente ao segmento popular, que passou a chefiar a família desde que seu companheiro adoeceu, as divisões de papéis mais tradicionais devem prevalecer. Assumir o papel de provedor e de chefe de família segundo essa senhora é uma inversão constrangedora e não voluntária.

Tais perspectivas ganham destaque nos trechos abaixo:

Penha: Aqui era o contrário eu sempre fui a provedora aqui, até hoje a barra pesa mais pra mim. Por outro lado sempre me ajudou muito em casa, coisa que eu não sabia, nem fazia ele fazia, tudo de dentro de casa. Cuidava dos meninos. Ele me ajudou nesse sentido. Acho bom por um lado porque ele não me regula. Tudo pra ele tá bom. [...]

Ele sempre foi assim, não faz questão de nada, se eu saio para estudar a noite ele nunca fez questão. Eu nem preciso dizer o que tem pra fazer dentro de casa, ele toma conta de tudo. Pra mim é muito bom, porque eu nunca gostei de serviço doméstico, também não fui criada fazendo isso. Já ele gosta, então fica tudo certo.

Dona Val: Aqui agora eu sou homem, sou mulher, sou mil e uma coisa. Desde que meu velho morreu, eu assumi tudo, as contas daqui sou eu quem pago, sou eu que cuido da casa, sou eu quem conserto alguma coisa, sou eu quem faço a feira, sou eu quem dou as ordens aqui, ficam tudo esperando por mim. Sou eu quem carrego água pra dentro de casa, faço tudo mesmo. Eu não queria que fosse assim, porque eu sou mulher, e tenho que fazer serviço de homem, eu tenho tanto desgosto disso, mas a gente tem que viver desse jeito né.

Três das senhoras atualmente são viúvas e não contraíram novos relacionamentos, dona Ana, dona Val e dona Geralda. A experiência da viuvez veio para dona Ana ainda muito jovem, e representou um momento de grandes mudanças e expectativas de vida. Segundo ela, foi somente com a morte do esposo que ela passou a tomar “as rédeas da própria vida” assumindo a responsabilidade da família, da administração da casa e da própria vida. A viuvez contribuiu para sua individualização, na medida em que lhe levou a ter mais iniciativa para dar conta da sobrevivência da família.

Dona Ana: Quando ele morreu eu fiquei sem chão, era ele que resolvia tudo de casa, eu não sabia pagar uma conta no banco. Era totalmente dependente dele, pra tudo! Eu não sabia nada da vida, tive que aprender a viver mesmo daquele dia em diante, por que antes de me casar com ele, eu não tinha os meninos, também era muito nova, não tinha noção de nada não! Eu sabia que dali em diante eu tinha que me virar, sabe? Eu sabia que eu não tinha mais ninguém para tocar a vida pra mim, eu era agora uma mulher sozinha, mãe de quatro filhos, e tinha que decidir o que fazer da vida. Foi a parti daquele momento que eu cresci, que eu realmente passei tomei na mão a minha vida, antes sempre existia alguém que decidisse as coisas por mim.

A experiência da viuvez colocou dona Ana num cenário de incertezas e de fortes propensões de mudança. Podendo assim ser compreendida como uma das conjunturas vitais, nos termos de Johnson-Hanks (2002), que estimulou um processo de tomada “das rédeas da própria vida”. O que nos indica uma ideia de

empoderamento feminino, mas ao mesmo tempo em suas narrativas, a experiência da viuvez também traz consigo a ideia de exaustão associada ao acúmulo do trabalho dos cuidados com os filhos e da casa. Foi aquele evento que marcou, segundo ela, seu crescimento, sua tomada de consciência da necessidade de uma vida auto gerenciada. Incentivando-a a desenvolver novas habilidades, e trabalhar em novas áreas, a fim de garantir não somente melhores condições financeiras para si e para os filhos, mas também fomentando experiências em novos espaços sociais e novas formas de satisfação pessoal para além das alcançadas na esfera doméstica.

Para dona Val e dona Geralda a viuvez veio associada com o avançar da idade. Para dona Val esta experiência a colocou num novo papel social, assumindo, assim como dona Ana, a chefia da casa e modificando sua forma de perceber a si mesma, como destaca no trecho: “agora eu sou homem, sou mulher, sou mil e uma coisa”. Descrevendo um dos fenômenos sociais cada vez mais comum em nossa sociedade, o crescimento das famílias cujos chefes são mulheres. E para dona Geralda, sem filhos, a viuvez lhe fez experimentar a solidão de maneira mais decisiva. Motivando-lhe buscar novas sociabilidades intrageracionais, que lhe suprisse a necessidade de companhia deixada com o vazio da ausência de seu esposo, companheiro há aproximadamente quarenta anos.

Tudo isso revela que a morte do cônjuge aparece inicialmente como uma experiência desestabilizadora, que provoca mudanças de percursos na construção do eu, abalando o sentimento de segurança (GIDDENS, 1991, 2002), e ao mesmo tempo, conforme também observa Caradec (2004), proporciona tanto uma sensação de perda de sentido da vida, quanto a reconstrução dos laços sociais.

Após as separações ou a viuvez, entre as senhoras que por esses processos passaram, apenas dona Rosa da qual falei anteriormente e dona Ana desenvolveram um novo relacionamento. A maioria das senhoras, nestas situações, de maneira geral, afirmam não pensar em manter nenhum tipo de relacionamento afetivo. Preferem ficar sós, para “preservar a família” pois, acreditam que pode haver conflitos entre seus filhos e os prováveis companheiros. Tais expectativas revelam a permanência do valor dado a família já constituída em detrimento, inclusive, de possíveis novos relacionamentos afetivos.

Além disso, as senhoras do segmento médio, ressaltam que os homens tendem a chamar para si o controle sobre a mulher e a casa. A escolha em ficar só

se dá no sentido de afastar de si novas relações de subordinação, assim como também verificou Machado (2001) em seu trabalho sobre Família e Individualismo no Brasil. As senhoras desse grupo também demonstram que a experiência de ficar sozinhas contribuiu para uma percepção de suas capacidades individuais, para tomar decisões e administrar a própria vida. Tais observações passam pela preocupação em proteger a família de possíveis situações de conflito, mas também se constituem em escolhas baseadas nas próprias exigências e expectativas. Nos termos de Beck (2003) referem-se também a escolhas individualizadas.

A escolha de ficar sozinha, ou “ser só” - entre as separadas e viúvas do grupo popular, e com menos expressão, mas também evidente no segmento médio - também relacionou-se com a ideologia de que seria “um enxerimento” querer desenvolver um relacionamento amoroso nesta fase da vida. Revelando entre elas a permanência de valores da sociedade tradicional, na qual constava que a sexualidade feminina estava atrelada ao casamento e a maternidade. E, além disso, que a sexualidade não seria assunto da velhice.

Cristiane: A senhora não teria vontade de encontrar alguém, um novo companheiro, para dividir o dia a dia?

Dona Ciça: Não, não penso mais em homem não, isso é coisa de velha enxerida, isso é um enxerimento, uma velha como eu tá atrás de homem. O povo ia até ignorar, não ia ? É muito ridículo uma velha correndo atrás de homem por aí.

Numa sociedade que valoriza o jovem e o belo, o corpo feminino, que envelhece vai perdendo seus atrativos e isso tem implicações negativas sobre a sexualidade feminina nessa fase da vida (BRITTO DA MOTTA, 2002; ALVES, 2004). O receio de parecer ridícula, de “passar vergonha” e de cair no estigma de “velha assanhada” ou “enxerida” faz com que as senhoras participantes da pesquisa adotem, em maior ou menor medida, uma postura discreta. Diferentemente das senhoras participantes da pesquisa desenvolvida por Alves (2004) que procuravam “confiantemente” através da dança, de usos de saias rodadas, dos saltos, de maquiagens e dos adereços, recriar no corpo velho imagens que também possam ser admiradas.

Alguns aspectos da conjugalidade entre as senhoras aqui destacados: os modos sobre como elas entraram nos relacionamentos conjugais, como mantêm a

vida a dois ou como saíram dela, a divisão de papéis entre elas e seus cônjuges, suas percepções sobre as separações, a viuvez, suas escolhas e projetos ligados às situações de solteiras, casadas, separadas e viúvas, se revelaram importantes instrumentos para se pensar seus processos de individualização uma vez que relacionam-se diretamente com algumas de suas dimensões, tão bem destacadas em Singly (2000), em especial, autonomia e independência.

Em geral a conjugalidade se apresentou para essas mulheres como um elemento cujos efeitos tendem a retrair seus processos de individualização. Mas, ainda que isso seja evidenciado, algumas senhoras demonstraram que tais relações afetivas, também podem se constituir em importantes veículos de realização pessoal, mediante a conquista diária da harmonização dos interesses em jogo entre os casais e do privilégio de ter ao lado companheiros, “parceiros para toda vida”, importantes figuras que no dia a dia preenchem o vazio possivelmente encontrado quando os filhos tornam-se adultos e deixam a casa materna.

5.3 Maternidade e relacionamentos intergeracionais

A maternidade foi sem dúvida destacada como a consolidação da união conjugal. Entre as treze mulheres participantes da pesquisa, apenas uma não experimentou a maternidade. As demais vivenciaram a maternidade associadamente a união matrimonial ou consensual, com exceção de dona Cida, que engravidou antes do casamento. As mulheres do segmento médio foram mães entre os vinte e nove e trinta anos de idade, com exceção de dona Ana, que teve o primeiro filho aos vinte anos. No grupo de mulheres pertencentes ao segmento popular, a maternidade se deu entre os dezesseis e dezoito anos. Muitos casos de abandono dos primeiros filhos, para serem criados por seus pais, foram registrados entre as mulheres desse grupo. O mesmo não ocorreu entre as senhoras do segmento médio, todas elas relataram suas experiências quando das diferentes fases de seus filhos e como os acompanhou em todas elas.

Quanto ao número de filhos dentre as que foram mães, a maioria das mulheres do segmento médio tiveram dois, duas tiveram três e uma teve quatro filhos. Entre estas senhoras o controle no número de filhos se revelou como uma de suas maiores preocupações associadas à vida matrimonial, pois além das questões

da capacidade de manutenção dos padrões socioeconômicos a eles oferecidos, especialmente relacionados à educação, saúde, alimentação, elas, Exceto dona Ana, também se preocupavam com os reflexos negativos da maternidade em suas condições de trabalho fora de casa, assim como na execução de projetos como fazer cursos universitários. Estas senhoras não se identificavam com a imagem da mulher natureza tal como discutida por Torres (2000).

Entre as mulheres do segmento popular, três tiveram 10 filhos, duas tiveram dois filhos. E uma dessas últimas sofreu doze abortos, alguns provocados e outros espontâneos. Isso revela que entre a maior parte dessas senhoras o controle da maternidade foi menos evidenciado, pois para elas a função materna ocupava lugar central em suas vidas.

A maternidade representou para as mulheres de uma maneira geral um tempo de maior dedicação a família, para o cuidado dos filhos e da vida doméstica. Mas, para a maioria delas esse tempo foi dividido com suas ocupações de trabalho. Entre as senhoras do segmento médio, das seis que experimentaram a maternidade, cinco delas tiveram que dividir-se nos papéis de mães e de trabalhadoras, contando, no entanto, com o auxílio de terceiros nos cuidados com os filhos. Entre as senhoras do segmento popular das cinco que tiveram filhos, duas apenas dividiram a maternidade com o trabalho fora de casa, as que tiveram apenas dois filhos. As demais revelaram que o grande número de filhos, e o trabalho a eles dedicado, foi o principal motivo que interferiu negativamente nas oportunidades de conseguir empregos e em manterem-se neles.

Para as mulheres que associaram trabalho e maternidade, em ambos os segmentos, não foi nada fácil, no entanto, era o único caminho para o sustento da família, especialmente entre as senhoras do segmento popular, e, além disso, principal meio de não abrir mão de “uma vida própria” sobretudo para as senhoras do segmento médio. Como fica evidente nos trechos de algumas narrativas abaixo:

Dona Rosa: Ele [o marido] só me dava o suficiente e depois disso ele deixou de me dar. Não ganhava bem, se eu deixasse eu não tinha nada, porque tudo era meu, eu que ia pagando. Se eu deixasse ia ser uma escrava dele. Dependente dele pra tudo. Ele queria uma escrava, não uma esposa. Nunca deixei de trabalhar por causa de marido e nem por causa de filhos. Ou ele me aceitava ou a gente se deixava, foi o que aconteceu.

Além de um tempo voltado para a família, a maternidade apareceu nas narrativas das senhoras com significados diversos, ora positivos, ora negativos. A maternidade representou a realização de um projeto de vida e um marcador de uma fase de maior responsabilidade. Isso foi manifesto principalmente nas reflexões de Rita, de Penha e de dona Rosa, todas três pertencentes ao segmento médio e que experimentaram a maternidade somente após a conquista de uma estabilidade profissional, houve um planejamento para a maternidade.

Outra metáfora designada para representar a maternidade, formulada por Cida, moradora do Timbó e confirmado por Nevinha foi o de prisão. A maternidade entendida como processo de tolhimento da mulher, de seus desejos, de seu tempo. Como fica evidente nas falas dessas duas senhoras.

Cida: Depois que eu fui mãe, virei uma prisioneira. Não saía de casa pra nada, porque todo ano tinha um menino, era um pequeno no braço e outro na barriga, ave Maria! Foi luta viu. Menino pequeno dá trabalho, aí era prisioneira mesmo, só tomando conta de menino e de casa. Queria ir numa festa, não podia! Queria ir no centro, fazer compras, não podia, tinha que arranjar alguém pra ficar com eles. Sofri muito, muito mesmo pra ter esses menino.

Nevinha: Eu achava que só quem sabia cuidar deles era eu, era uma besteira com meus meninos, tinha muito cuidado, criei tudinho sozinha, sem ajuda de ninguém, mas também eu não sabia de nada que acontecia na rua, porque era desse portão pra dentro direto, era presa dentro de casa. Até que eles foram crescendo e foi indo pra escola, mas assim que eles nasceram eu também era uma prisioneira.

Ainda quanto à maternidade foi revelador, entre a maioria das senhoras do segmento médio, que ainda que as preocupações com os filhos permaneçam e se modifiquem conforme as etapas de suas vidas, o crescimento deles e sua própria autonomização lhes proporcionam ganhos significativos para a vivência de um dia a dia mais voltado para si. Trata-se de uma libertação dos cuidados intensivos, geralmente dedicados às crianças e designados às mulheres. Diz respeito a uma libertação que abre portas para novas conquistas, novos espaços de vivências e novas sociabilidades (BRITTO DA MOTTA, 2007). Não se trata de uma libertação que nega a solidariedade e o apoio à família, mas que abre a possibilidade para que novas definições de papéis no interior da família sejam engendradas. E que relações

mais igualitárias, pelo menos nas distribuições de atividades domésticas, entre mães e filhos sejam elaboradas. Essa questão é ilustrada no trecho da narrativa de dona Rosa.

Dona Rosa: Eu só tive dois filhos mesmo, nem pensar em ter mais. Agora eu tinha vontade de adotar um porque meu mesmo não tem como. Mas isso é muito complicado. Sempre fui muito cuidadosa com meus filhos, porque quando eu me separei do pai deles, eu me sentia muito sobrecarregada, porque tinha que ser pai e mãe ao mesmo tempo. Nunca deixei faltar nada pra eles, sempre fui muito presente em tudo, nas festinhas do colégio, em tudo eu me desdobrava e estava ali. Ensinava as tarefas da escola, cuidava bem das refeições deles, e tudo.[...] Abri mão de muita coisa por causa deles. [...] Quando eles foram crescendo, ficando grandinhos, aí foi que eu fui ficando mais tranquila, né porque eles já pegavam ônibus sozinhos, já sabiam botar o almoço deles, fazer um suco uma coisa assim simples, eles se viravam, porque eu fui ensinando, pra eles mesmos não passarem apertado né. Quando eles estavam no segundo grau e eu entrei na faculdade, aí eles já me ajudavam com as coisas de casa, sabiam engomar uma roupa, sabiam lavar uma louça, bom, aí já foi melhorando pra mim. Quando tinha empregada era bom e quando não tinha? Eles passaram a me ajudar a estudar também, até Doriane me ajudava em alguns trabalhos da faculdade. Então eu acho assim, que a gente que é mãe tem que ensinar aos filhos como lidar com as coisas de casa porque é bom pra eles e pra gente também, pra gente não ficar sobrecarregada. A gente se livra de um bocadinho de serviço que atrapalha a gente porque toma tempo. Coisas que eles podem fazer. E eles sabiam que eu fazendo um curso superior, era pro bem deles também porque eu ia ter um aumento considerável no salário. E isso era pra o bem deles. Eu sei que se não fosse assim não nem tinha conseguido me formar. Mas tudo isso porque?

Atualmente os filhos de todas as senhoras são adultos e mantêm contatos com elas, uns mais frequentemente do que outros. Dentre as que coabitam com os filhos adultos temos os seguintes dados: entre as sete senhoras do segmento médio, quatro delas - Rita, Penha, Selma e Ana – compartilham suas casas com filhos adultos e duas dentre estas também abrigam seus netos. Entre as seis senhoras do segmento popular, cinco delas coabitam em suas casas, com filhos e netos.

A coabitação entre pessoas mais idosas e seus filhos e netos é um fenômeno que tem aumentado nos últimos anos, sendo vivida por um número cada vez mais expressivo de idosas, que tem se tornado, inclusive chefes de família. Dados do IBGE(2010) apontam que 32,3% das idosas brasileiras vivem com seus

filhos e netos. Inúmeros fatores podem gerar essa coabitação. De um lado ela pode ser impulsionada por circunstâncias como viuvez, separação; de outro ela pode representar o adiamento do desligamento dos filhos adultos da casa dos pais ou um pedido de amparo familiar dos filhos aos mais velhos, frente ao desemprego, dificuldades financeiras, divórcio, entre outros motivos. Assim a crescente coabitação entre pais e filhos adultos e a maneira como vivem pode também corresponder “a solução biográfica das contradições sistêmicas” (Beck, 2010, p. 201).

Segundo Ramos (2006), analisando o contexto da coabitação entre filhos adultos com seus pais no Brasil, a percepção da autonomia em meio a essas convivências podem ser analisadas através de pequenos detalhes do cotidiano dessas famílias, especialmente nas regras de convivência estabelecidas, nos modos como são distribuídos os espaços físicos da casa, entre outras. Para a autora, “a dimensão do grupo familiar cede lugar às negociações interindividuais” (Ramos, 2002, p. 46). As famílias se constituem em espaços privilegiados de convivência das diferentes gerações, ora em harmonia, ora em conflitos, ora em negociações, configurando-se como importante espaço de entendimentos e de confronto de diferentes percepções de mundo.

Conforme Henriques, Féres-Carneiro e Elsa Ramos (2011, p.534) “a relação entre pais e filhos adultos que coabitam põe em relevo o que faz sentido para ambas as partes, e as negociações se estabelecem em função das demandas cotidianas”. Neste mesmo sentido viu-se que em seus espaços doméstico-familiar intergeracional algumas senhoras procuram gerenciar as esferas, pessoal e relacional de suas vidas, tal como percebido nos relatos. Organizando o cotidiano entre as experiências baseadas numa vida “para os outros”, mas sem abrir mão, em alguma medida, de “uma vida própria” nos termos de Beck e Beck-Gernsheim (2003). Como ficou evidente nas falas de algumas senhoras, a exemplo de dona Ciça que procura conciliar com a filha um tempo para si, já que se dispõe a ajuda-la durante a maior parte da semana cuidando de seus netos, ainda pequenos.

Dona Ciça: [...] Só tenho o domingo pra sair, e saio logo cedo, porque senão um menino acorda, aí tem que fazer mamadeira, tem os serviços de casa, termina o dia e não falta serviço, eu digo a Jose domingo a casa é sua, porque em dia de domingo, eu quero sair, aí a gente escapole de casa. E mesmo que eu fique em casa ela é quem

cuida das coisas, não faço não, tenho que ter um dia pra descansar. Fico a semana toda pra ela estudar e trabalhar, ela tem que ficar ao menos no domingo.

Ou como dona Ana pertencente ao segmento médio, que evidencia a necessidade de delimitar nas relações com os filhos os “direitos e deveres” de todos, para que ambas as partes, mãe e filhos, sejam respeitadas em suas expectativas perante demais membros da família. Conforme se observa no trecho da narrativa.

Dona Ana: Agora todo mundo ajuda aqui, as coisas não são como antigamente mais não, agora todo mundo ajuda! Porque eu achava que tinha que fazer tudo em casa, sozinha...eu abria mão da minha vida pra fazer tudo pra meus filhos...e olhe que muitas vezes ninguém reconhece, hoje não, eu faço primeiro minhas coisas, meus exercícios, minhas caminhadas, meus passeios, depois o tempo que sobra eu cuido das coisas de casa. Todo mundo aqui tem direitos mas tem deveres também, um tem que respeitar o direito do outro, para ter os seus respeitados.[...] As vezes eles me fazem raiva, mas eu acho bom morar com eles porque eu tenho com quem conversar, eu saio que quando eu for chegar vai ter alguém me esperando, tenho companhia sabe.

Dona Ana atualmente, assim como algumas outras senhoras - diferentemente do passado, quando viviam exclusivamente para os cuidados dos filhos e da casa - sentem-se descompromissadas dos afazeres exclusivos da casa. As novas regras de serviços compartilhados, fundados no estabelecimento de “direitos e deveres” negociados entre elas e seus filhos adultos lhes proporcionam abertura para vivências mais amplas e para a execução de atividades que lhes trazem satisfação para além das relacionadas ao ambiente doméstico. Neste sentido, entende-se que também nesses processos de negociações com os filhos, as senhoras passam por processos de reconstrução de si, tendo em vista que os seus significados de ser mãe são através deles reinventados.

Dona Ana: Antes eu era mais briguenta, mais chata, com eles, por que me sentia sobrecarregada, hoje não, sou mais amiga, sou aquela mãezona.

Observa-se a partir de tais situações que a individualização afeta as gerações em negociações, nelas os membros da família, inclusive as senhoras, procuram tempo para si, espaço para si, sem quebrar, no entanto, os elos que os unem e que são fundamentais para a construção de suas identidades (SINGLY, 2000, 2007), inclusive para serem mais “mãezonas”.

Entre as senhoras de modo geral, mas com maior ênfase no segmento popular, que mostraram sentir de forma mais avançada o declínio do corpo, próprio do envelhecimento, essa relação de interdependência, também passa por uma análise da própria condição corporal e de suas fragilidades sentidas no dia a dia. A perspectiva do envelhecimento corporal também motiva as senhoras na preocupação em manter relações familiares, baseadas na afetividade e na ajuda mútua.

Dona Ciça: Olhe eu vou lhe dizer uma coisa, imagine se não fosse essa minha filha, como eu não estaria, quem ia querer uma velha aleijada como eu pra trabalhar? Quem ia cuidar de mim? Ela cuida de mim, ela me leva no médico, quando eu fico doente, ela compra meus remédios, ela cuida de mim, é por isso que eu cuido dela e dos meninos dela. Se eu não cuidasse dela e dos meninos também quem ia cuidar de mim? Eu ajudo ela e ela me ajuda.

Aqui também se evidenciam alguns limites da autonomia, importante dimensão da individualização entre mulheres idosas. A fragilidade do corpo, quando muito marcante, aparece como sintoma desse limite, e revela que a reciprocidade de cuidados na família funciona como garantia de suporte para o envelhecimento assistido.

Entre as regras de convivências, em ambos os segmentos, prioriza-se como fundamental o apoio mútuo. Entre a maioria das senhoras e seus filhos, as relações são baseadas na reciprocidade. Se de um lado elas lhes oferecem, auxílio material, amparo e ajuda na criação de suas crianças, por outro, elas reivindicam, participação nas tarefas domésticas, contribuição financeira, companhia e, sobretudo respeito.

As contribuições materiais das gerações mais velhas para as mais jovens na família colaboram para ressaltar a importância do papel das idosas na família e na sociedade. Mas como se vê na realidade das senhoras e como bem destacou Saad (2004) em suas pesquisas, esse contexto socioeconômico de reduzidos postos

de trabalho e de maiores exigências em qualificação profissional que particularmente atingem os grupos mais jovens, também terminam por afetar as gerações mais velhas, uma vez que são elas que passam a “arcar com o ônus de se tornarem fonte de ajuda informal para os familiares”. (SAAD, 2004, p.203). Essa problemática é percebida entre as senhoras de forma diferenciada. Para as mulheres do segmento médio de forma geral o investimento na capacitação profissional dos filhos se constitui em preocupação central e demanda investimento em cursos e apoio moral para que eles não desistam de lutar, pela estabilidade profissional e por ascensão social. Como bem demonstra a narrativa de Rita.

Rita: Meus filhos são extremamente inteligentes e profissionais, têm especialização e tudo, que eu já paguei pra eles. Mas o problema é a concorrência no mercado de trabalho. Um engenheiro contratado pra ganhar 2.000, é muito pouco, eles barateiam o salário do engenheiro porque tem muitos por aí pelo mercado precisando de emprego e outra, eles contratam cinco seis de uma vez, aí não vão pagar cinco seis mil a cada um, porque são muitas obras, e eles vão se especializando, então em cada obra tem que ter vários sabe, cada um especializado numa coisa da obra. Eu já disse a eles que o melhor que eles tem a fazer é construir por conta própria, começa de pequeno mesmo, fazendo casinhas populares, depois eles vão acumulando capital e partindo para coisas maiores.

Tal preocupação, no entanto, não diz respeito tão somente ao plano de expectativas da mãe em relação aos filhos, mas também em relação a elas próprias que também “se realizam com o sucesso dos filhos” e na medida em que compreendem que através da autonomização dos filhos, elas mesmas também conquistarão mais autonomia. E poderão experimentar no cotidiano novas práticas relacionadas a ética da realização pessoal. Conforme nos apresenta Beck e Beck-Gernsheim (2003), que exige dos indivíduos criatividade, para reformular o cotidiano e a própria imagem sobre si mesma.

Dona Rosa: Olhe eu ajudo meus filhos porque pra mim é importante vê-los bem, resolvidos na vida, o sucesso deles para mim é uma vitória, é como uma missão cumprida. E também porque eles estando com a vida deles estabelecida, a gente fica livre, de cabeça fria, outra pessoa, vai viver a nossa própria vida, fazer as coisas que a gente gosta, pintar, viajar, fazer nossas coisas, a gente que é mãe, você vai saber como é isso quando seus filhos crescerem, a gente sossega mais quando os filhos crescem e vão embora, é quase um alívio, assim. Se bem que dá saudade.

No caso de Selma, assim como entre outras senhoras de ambos os segmentos, que coabitam com filhos adultos, ficou evidente que o apoio dado as demais gerações atinge de forma imediata seu o dia a dia, interferindo não somente em seus orçamentos, mas também em seu cotidiano. Na medida em que precisa contribuir para oferecer ao filho um ambiente doméstico favorável aos estudos e/ou ao trabalho.

Selma: Ele agora conseguiu um emprego na Brazmotors, no banco GM, foi uma felicidade porque lá ela está ganhado bem melhor, mas tem uma série de regras que ele tem que cumprir, chegar na hora, né, tem que ficar as vezes trabalhando a noite e ele chega cansado mesmo, isso aí eu não tiro a razão dele, porque é muita responsabilidade lidar com contas de uma empresa daquele porte, imagina! Por isso eu procuro me levantar cedo, ajeito o café pra ele sair o mais cedo possível que é para não pegar trânsito. Também nem faço questão de andar de ônibus, porque é preferível que ele fique com o carro, porque sai do trabalho direto pra universidade, se vier sem carro perde aula e pra poder chegar mais cedo em casa e a noite na BR é complicado. Deixo o carro com ele e me viro.

Essa preocupação de Selma, em oferecer ao filho boas condições de estudo /trabalho, mostra como esta senhora, assim como outras, não somente moradora de Bancários, mas também algumas residentes no Timbó, “abrem mão” de tempo para si, de maiores confortos, privacidade, em função de oferecer “o melhor aos seus filhos”. Tudo isso aproxima-se das características de algumas mulheres, tão bem elaboradas por Beck e Beck-Gernsheim (2003), que por vezes adotam um estilo de vida voltado “para os outros” em detrimento de uma vida para si. Demonstrando que o caráter tradicional da “mulher cuidadora” não se perdeu, ainda que outras lógicas de comportamento feminino tenham entrado em ação.

No segmento popular as principais justificativas dadas pelas senhoras para a permanência ou retorno dos filhos adultos em suas residências foi a falta de emprego. Nesse grupo prevaleceu a ideia do apadrinhamento para ingressar no mercado de trabalho, demonstrando que para os mais pobres a percepção das redes clientelistas são mais significativas que o mérito pessoal. Para ilustrar essa perspectiva também observada nas narrativas de dona Cida, dona Val e dona Nevinha, trago um trecho de dona Elza, moradora do Timbó.

Elza: Minha filha emprego tá difícil demais, as meninas vão atrás quase todo dia e nada! Se não tiver um conhecido que bote pra dentro fica difícil, nessas clínicas, em loja, tudinho, é assim tem que conhecer alguém que arrume. As vezes, a gente sabe da vaga, quando vai atrás já foi preenchida.

As narrativas dessas senhoras revelaram que a cidade de João Pessoa continua a abrigar práticas personalistas, discutidas na “sociologia do dilema brasileiro” por Da Matta (1980), indicando que nessa cidade os indivíduos permanecem sujeitos à hierarquização social que os distingue e posiciona segundo a influência de seus relacionamentos.

Apenas para dona Ciça a questão da profissionalização para o mercado do trabalho, se colocou como uma questão patente e assim como as senhoras do segmento médio, ela também investe, apesar dos poucos recursos, na profissionalização qualificada da filha.

Dona Ciça: Quero que ela se forme pra não ficar que nem eu dependendo de homem, ela é nova e tem que aguentar para ter um futuro melhor que o meu [...] Tem mês que ela não pega muita faxina aí eu vou pago o curso dela, porque ela não pode parar, ela se formando, vai ganhar melhor, a gente vai melhorar de vida, vai poder comprar as coisas pra dentro de casa, vai ter outra vida.

Ao pensar sobre si e em suas próprias experiências dona Ciça elabora projetos que não se dissociam de uma proposta coletiva. Sua perspectiva de ascensão se faz mediante o investimento na profissionalização de sua filha, baseada em expectativas de reciprocidade, que conforme nos mostra alguns pesquisadores (Sarti, 2005; Duarte, 1986), são próprios das camadas populares brasileiras. Evidencia-se também no caso de dona Ciça que tais projetos são elaborados a partir de reflexões sobre si dentro dos múltiplos processos de socialização por ela desenvolvidos. Nesses processos destacam-se a relevância das trocas de valores entre as pessoas de diferentes segmentos da sociedade que tendem a modificar a visão de mundo dos sujeitos. Constituindo com isso uma “pluralidade de mundos” (Vaitsaman, 1997) no interior dos diferentes grupos sociais, assim como nos próprios sujeitos, conforme nos aponta Laclau(1986).

Dona Ciça: A filha de dona Vanda, terminou direito e tá estudando pra concurso, menina ela estuda até dia de domingo, que eu chego lá e vejo, a irmã dela é promotora do estado, também é muito estudiosa, eu lembro delas tudo pequena, só tiravam 10 na escola. Hoje tá aí casada, tem seu bom emprego, a casa dela é coisa de cinema. Bonita demais a casa dela, parece um palácio. Mas porque ela tem tudo isso? Porque estudou. A pessoa sem leitura não consegue nada, por isso que eu digo aqui em casa, tem que ter estudo, tem que ter uma profissão. Eu não consegui nada de melhor porque nunca tive estudo. [...] Muitas mães aqui querem que os filhos trabalhem para ajudar em casa, eles ficam sem ter como estudar direito e muitas vezes nem ajudam em casa. Eu não, eu prefiro que ela vá estudar, porque eu sei que no futuro ela pode conseguir ser alguém na vida.

A convivência na mesma residência entre mães, filhos adultos e por vezes netos estendem suas negociações quanto aos espaços da casa, assim como mostrou Ramos (2002) em suas pesquisas. Na maioria das casas das senhoras que dividem habitação com seus filhos o quarto principal da casa, é direcionado para acomodá-las, pois possui mais conforto e espaço. Nestas situações observa-se que as mulheres além de requerem um espaço de maior conforto, também demandam um espaço próprio, um espaço para si, dentre os demais espaços que são compartilhados com a família. No entanto, essa demanda não ocorre em todos os casos. Rita é um contra exemplo desta situação. Ela prefere deixar o quarto, a suíte do apartamento dela, para uso do filho mais velho. Ficando com o quarto reversível, que além de menor prejudica sua privacidade. Ainda assim, trata-se de um acordo de convivência estabelecido consensualmente entre ela e seu filho na medida em que este, tendo noivado, e recebendo a companheira em casa precisaria de um espaço de maior privacidade. Isso deixa claro que na família em que coabitam pais e filhos adultos, é esperado que a negociação seja constantemente considerada de forma que as necessidades de cada membro da família possam ser revistas, facilitando os entendimentos comuns. Tendo em vista, conforme nos mostra Henriques, Féres-Carneiro e Elsa Ramos (2011, p.536) que “a vida em família carrega a dualidade dos territórios coletivos e individuais, oscila entre a vida em comum e os espaços pessoais”.

Na maioria dos casos, a relação das senhoras com seus netos é especialmente marcada pelo cuidado, no entanto, nem sempre se refere a uma ocupação cotidiana. Em ambos os segmentos, em maior ou menor medida, as senhoras também atuam como cuidadoras dos netos. Tal relação não ocorre tão

somente na situação de coabitação, mas também naquelas que podemos caracterizar de “intimidade a distância” discutida em Debert (2002), modelo de convivência familiar em que apesar de haver ajudas mútuas também se associa a opções de estilos de vida mais autônomos. Este é o caso de dona Rosa e dona Vera ambas do segmento médio, que moram próximas aos filhos, que apesar de terem independência financeira e autonomia contam com a participação deles em atividades como fazer feira, realizar pagamentos em bancos, ir a shoppings e em contrapartida os ajudam com certa regularidade a levar seus netos para escolas, para médicos, ou recebendo-os em casa nos finais de semana, nas férias ou em caso de viagens de seus pais. Estudos sobre as relações familiares considera que a proximidade geográfica é um elemento fundamental para a solidariedade familiar e a criação de laços afetivos (Peixoto, 2000). Tais cuidados segundo estas senhoras são prazerosos, pois não são rotineiras, importantes para preenchimento de “um tempo ainda livre” no dia a dia favorável para a manutenção dos laços familiares e porque lhes proporciona circular por diversos espaços sociais que sem a intermediação dos netos estariam fora de suas rotas diárias, ampliando assim suas próprias vivências e interações sociais.

Também foi observado em campo que ainda que estas senhoras se disponham a compartilhar os cuidados dos netos com seus filhos, elas também procuram se preservar de possíveis comprometimentos que possam prejudicar suas próprias atividades, para além daquelas designadas tradicionalmente às avós. Trata-se de um processo de individualização como redefinição dos papéis de avós e sua negociação com as atividades com as quais encontrem identificação, como fazer cursos de artes, realizar viagens, trabalhar como voluntárias em grupos religiosos, fazer atividades físicas, visitar amigos, entre outras. Essas avós, de ambos os segmentos, procuram conciliar o tempo para seus familiares com o tempo para elas mesmas, baseadas em perspectivas de que são também capazes de extrapolar as expectativas, geralmente construídas por seus próprios filhos, de que nesta etapa da vida deveriam se ocupar primordialmente como cuidadoras dos netos.

Dona Rosa: Amo demais meus netos, mas não posso fazer mais do que faço, ajudo Doriane de vez em quando com eles, mas tenho minhas coisas também. Se ficar com compromisso direto com eles não faço mais nada. Não, quando ela liga precisando de uma ajuda ou outra tudo bem, mas pra ficar direto, quero não. Tem gente que pensa que a gente tá aposentado não tem o que fazer né? Mas não

é bem assim, eu tenho muita coisa pra fazer, ela diz que eu fico procurando serviço, mas eu gosto, eu faço porque eu gosto. Só de enxoval de bebê eu tenho seis pra fazer e não encontro tempo menina. É uma coisa de louco encontrar tempo pra tanta coisa, mas a gente sempre dá um jeito.

Já no caso de dona Ciça, pertencente ao segmento popular, e de Selma, pertencente ao segmento médio, são elas não somente que cuidam, mas também que criam seus netos. Esse retorno aos cuidados intensivos com as crianças da família dificultam entre essas senhoras a experiência mais ampla de um “tempo para si” nessa fase de suas vidas. Ainda que, por outro lado, possibilita entre elas e as crianças uma relação permanente e mais afetiva. Pois são com estes netos que elas tem mais aproximação e intimidade. Muito embora que a distância espacial não signifique distanciamento afetivo.

Segundo as narrativas das senhoras tais modelos de convivência geracional atualmente experimentados entre elas e seus filhos e netos divergem extremamente daquelas por elas vivenciadas quando ocupavam as posições tão somente de filhas em suas famílias. De acordo com elas, suas convivências com seus pais e avós o respeito não era negociado, mas imposto, e delimitava com maior precisão o lugar e as atribuições de cada membro na família. As relações de poder entre as gerações eram menos negociáveis, e direcionavam, especialmente aos mais velhos, posição de destaque no que diz a valorização da experiência e ao controle da autoridade. Atualmente veem-se maiores aberturas para o diálogo, para negociações, centradas tanto no afeto como na reciprocidade de interesses e cuidados, quanto na “tolerância” mediada pelos tradicionais valores que envolvem os relacionamentos entre mães e filhos.

Tudo isso revela que no campo das relações entre filhos e netos, as senhoras ponderam suas escolhas e comportamentos, na perspectiva do que seria mais adequado em determinados momentos, para manter melhores convivências possíveis, evitando rupturas. Trata-se de uma sucessão de idas e vindas, no que diz respeito a uma vida própria e uma vida para os outros, mostra que a individualização não é linear, nem tampouco homogênea e que no seu percurso há limitações, especialmente fundadas nas expectativas de harmonização de uma vida familiar também gratificante. Desse modo as senhoras procuram constituir estratégias de convivência na tentativa de alcançar realização em todos os níveis pessoal e familiar.

5.4 Escolarização, trabalho e aposentadoria

O acesso à educação e ao trabalho, o uso de contraceptivos, assim como as mudanças na legislação e o ingresso à vida pública formam um conjunto de elementos que influenciaram para as mulheres brasileiras, especialmente a partir dos anos 1950 e 1960, favorecendo-as nas possibilidades de construção de novas trajetórias biográficas. No entanto, nem sempre estas novas possibilidades de trajetórias femininas encontraram ambientes sociais acessíveis para se desenvolver, uma vez que construídas sobre valores inovadores, se confrontavam com a hegemonia de valores ainda dominantes na sociedade, em especial no interior do nordeste brasileiro (espaço de origem das senhoras deste estudo), onde as raízes patriarcais foram mais duradouras (FALCI, 2008). O que acabava por tornar a experiência de inclusão feminina um projeto ousado e muitas vezes subversivo. A falta de modelos de comportamento com base nesses novos valores trouxe inúmeros desafios às mulheres da geração deste estudo. Eram elas as que, em seus contextos sociais, iriam avançar naquilo que se chama de mudança da condição feminina. Baseada nas expectativas de uma vida não exclusivamente doméstica, mas também aberta à escolarização e ao trabalho.

O projeto da escolarização esteve ao alcance apenas das senhoras do segmento médio. Neste grupo foram recorrentes as narrativas sobre os primeiros anos de estudo, ainda nos grupos escolares no interior, onde apenas os filhos dos fazendeiros e das famílias mais abastardas tinham acesso. E sobre as mudanças de residência do campo para a cidade, fosse para a casa de parentes, para internatos, para que os estudos pudessem ser continuados, especialmente após o exame de admissão. Nesta fase da escolarização, que corresponde ao atual ensino fundamental II, as experiências das senhoras foram bastante diferenciadas. Para algumas, quatro das sete senhoras, o estudo nas fazendas foi sucedido pela Escola Normal em pequenas cidades ainda no interior nordestino, próximos as cidades de residência de seus pais. De acordo com Louro (2008, p. 455), tais escolas no Brasil tinham algumas características.

As escolas Normais plantadas inicialmente nas principais cidades do país buscam desde suas fachadas, frequentemente solenes, indicar a todas as pessoas que por ali passam que são distintas dos demais prédios e que tem um objetivo especial. Seu espaço interno tem também uma organização plena de significados: seus corredores e

salas, a capela ou o crucifixo, as bandeiras ou os retratos das autoridades, os quadros de formaturas ou os bustos de personalidades ilustres estão afirmando ou ocultando saberes, apontando valores e exemplos, sugerindo destinos.

A descrição da autora acima destacada foi bastante aproximada das narradas pelas senhoras, que também frisavam o conjunto de valores tradicionais em especial ligados à religiosidade, e as tradicionais práticas domésticas femininas. O cotidiano nessas escolas era dividido entre aprendizados escolares, que compreendiam os conteúdos das disciplinas curriculares com vistas a formação de professoras, e também incluíam aulas de “prendas domésticas”, etiqueta, assim como orientação religiosa. Assim como observou Louro (2008) em seu trabalho sobre mulheres na sala de aula no século XIX, estes espaços descritos pelas senhoras caracterizavam-se profundamente pelo caráter disciplinador, que marcaram intimamente as experiências dessas mulheres, através de uma série de rituais, símbolos e doutrinas.

Maria: Nossas fardas deveriam ser impecáveis, bem engomadas, a gente colocava a saia na goma para ficar bem pregueada. Se pegassem a saia amassada, levava carão e tinha que ir engomar. Então de manhã logo cedo a gente tomava café, ia para a missa, todos os dias, e em seguida íamos para a sala. Depois do almoço a gente descansava um pouco e íamos pras aulas de crochê, de música, de corte e costura, tinham dias que tinha prendas domésticas, a gente fazia nosso caderno de receitas. [...] Em tempo de 7 de setembro tinha o desfile, a gente desfilava sempre, todo mundo tinha que ir, todos os anos, então todas de camisas brancas, meias brancas e saias azuis, sapatos de verniz pretos que tinham que estar brilhando. Tinha o Pelotão da Banda, que era da Banda Marcial da prefeitura, e cada Escola tinha o seu pelotão. Era muito bonito.

As senhoras lembram-se de forma saudosa da época de escola, no entanto, analisa com o olhar atualizado da maturidade, as contradições entre os aprendizados ali adquiridos e as experiências pelas quais vieram atravessar na “prática da vida”. Reconhecem que “muito mais do que na teoria, a vida, o dia a dia, ensina”. Isso em relação não somente as atividades que vieram a desenvolver enquanto profissionais, mas também relacionadas as práticas domésticas, e ao cotidiano de casada. Percebendo que muitas informações sobre a vida familiar, em especial a vida de

casada, não eram explorados, como por exemplo, as questões relacionadas a vida sexual no casamento.

Outras duas senhoras, Rita e Rosa, não frequentaram as escolas normais, tradicionalmente designadas para as moças dessa geração. Suas trajetórias educacionais foram interrompidas algumas vezes devido a inexistência de escolas em suas cidades e as dificuldade de acesso a escolas em outras lugares longe de suas cidades de residência. Como também pela dificuldade de conciliar os horários de estudo com a rotina de trabalho iniciada para ambas ainda na adolescência. O que as levaram a abandonar os estudos e somente retornaram após alguns anos, já “fora da idade escolar”. Suas opções foram fazer provas do supletivo, já que podiam estudar livremente nos horários que se adaptassem as demais atividades. Foi através deste modelo de estudo que concluíram a educação básica, uma aos vinte e cinco anos de idade e a outra aos vinte e seis anos.

Entre as sete senhoras pertencentes a este grupo, cinco possuem ensino superior, uma fez o curso pedagógico, e outra estudou até o curso fundamental. Duas delas formaram-se em Letras, uma terminou Economia e outra Enfermagem. Todas elas seguiram carreira em suas áreas de formação.

Entre as senhoras do segmento popular, o acesso à educação na infância apareceu prejudicado tanto pela pouca ou até inexistência de escolas públicas destinadas para esse grupo social em suas localidades de origem, quanto pela proibição proveniente da figura paterna. Algumas delas chegaram a dizer que seus pais alertavam: “mulher não precisa aprender a ler para não escrever carta pra namorado!” Estas senhoras revelam em suas narrativas o domínio sob o qual eram criadas, da rigidez e brutalidade de seus pais. Em contraposição a essa severidade associada à figura paterna, muitas falavam em fugir, em “arrumar um companheiro”, na tentativa de escapar do controle sob o qual estavam subjugadas.

Duas senhoras residentes no Timbó tem procurado se alfabetizar nos horários noturnos, em um anexo de uma das escolas públicas do bairro localizado nesta comunidade. A classe comporta especialmente mulheres com mais de sessenta anos. Para elas as atividades da escola funcionam como importantes para preencher um tempo ocioso, assim como proporcionam aprendizados diversos sobre questões relacionados ao envelhecimento. Entre os interesses também há centralmente uma preocupação em aprender a ler e escrever ao menos seus nomes. Segundo elas, através da leitura, suas possibilidades de autonomia podem

ser ampliadas, pois em situações cotidianas como ler e assinar documentos ou até mesmo pegar um ônibus, elas não precisariam de terceiros para lhes ajudar. O interesse pelo estudo, diz assim respeito a uma perspectiva de individualização no sentido da continuidade do processo de autonomização do indivíduo.

As narrativas quanto as diferentes formas de acesso ao sistema de educação entre as senhoras dos dois segmentos são marcadas expressivamente pela condição de classe e de gênero. Indicando que para as mulheres dessa geração a educação foi um campo de difícil acesso, e quando possível, fortemente centrado numa perspectiva disciplinadora da mulher destinada a contribuir para a manutenção dos tradicionais papéis femininos.

As diversas condições de acesso à educação, destacadas nos relatos, que refletem seu caráter seletivo e elitista, tal como nos informa Teixeira (1957), também fala de um modelo de modernização, centrado na manutenção de valores tradicionais destinados a conservação das desigualdades de classe, admitindo a seletividade de nossa modernidade (SOUZA, 2000). Dizia respeito a processos de permanências de bases tradicionais ao mesmo tempo em que se abria à modernidade, confirmando a existência do que Domingues (2004) denomina de “modernização conservadora”, ou seja, o percurso de mudanças, de aceitação do “novo” de forma combinada com o controle prevalecente das classes dominantes.

Entre as senhoras do segmento médio e popular a atividade profissional apareceu valorizada por várias razões. Primeiramente porque é por meio dela que se alcança a “independência financeira”, importante dimensão da individualização, segundo Singly (2000). Entre as senhoras ficou evidente que o dinheiro “ganho por conta própria” não tem apenas valor material, mas também social e simbólico, pois “ele altera as relações de poder no casamento e na família” (BECK,2010,p.118), assim como também demonstrou Torres (2000) em alguns trabalhos que retratam a sociedade portuguesa. Outra importância dada ao trabalho está em que em seu exercício evita-se o retraimento ao ambiente doméstico, amplia-se a sociabilidades e além de tudo isso representa um meio de por em prática habilidades e de realização pessoal.

Dona Rosa: Ele brigava comigo direto porque queria que eu deixasse meu emprego, queria que eu fosse manobrada por ele totalmente, mas eu nunca deixei, ele queria que eu deixasse, mas eu nunca deixei, se eu deixasse eu morria. [...] Se eu deixasse ia ser

uma escrava dele. Dependente dele pra tudo. Ele queria uma escrava, não uma esposa. Nunca deixei de trabalhar por causa de marido e nem por causa de filhos.

Também se verificou que entre estas senhoras havia o desejo de conciliar de forma harmoniosa o trabalho doméstico que se efetivava dia a dia com uma vida profissional prazerosa, satisfatória. Para isso, entre elas, deveria haver uma harmonização da vida familiar com a profissional, pois caso contrário, o trabalho seria um peso, e não um prazer. Neste sentido, as senhoras revelaram que lançaram mão ao longo de suas trajetórias profissionais de ajudas de terceiros, como domésticas, babás, entre outros prestadores de serviços para que a sobrecarga entre trabalho doméstico e trabalho profissional fosse evitada.

Entre as senhoras que discorreram sobre suas experiências de trabalho neste grupo, ficou patente o acúmulo de funções que as mulheres tiveram que se submeter cotidianamente para ter acesso ao trabalho fora de casa. Neste grupo o trabalho apareceu como algo duro e realizado mais por obrigação, como único caminho para a sobrevivência, do que como prazer. No entanto entre elas, que desempenharam na maior parte de suas vidas as atividades de empregadas domésticas, lavadeiras de roupa, faxineiras, sempre foi preferível se submeter a tais funções do que tão somente “ficar em casa tomando conta de menino e dependendo de marido pra tudo”, tal como comenta dona Val.

Verificou-se entre as senhoras que desenvolveram algum tipo de atividade profissional, maior autonomia e poder de decisão em suas relações conjugais assim como entre seus filhos. Para estas mulheres mesmo entre aquelas que desempenharam ao longo da vida duplas e triplas jornadas de trabalho, a atividade profissional contribui para o processo de individualização favorecendo maior autonomia e poder de decisão. Ao se inserir no mundo do trabalho, a mulher passou a conviver socialmente, ampliando sua rede de amizades e solidariedade, assim como suas expectativas para si mesmas e para seus próprios futuros.

No que diz respeito às aposentadorias, atualmente, das sete senhoras do segmento médio apenas uma é pensionista do ex marido, ex trabalhador do Banco do Brasil, as demais são aposentadas por institutos diversos: Ministério da Saúde, INSS, Ministério do Planejamento, Institutos de Previdência estadual e municipal. Apenas uma das senhoras continuou trabalhando após a aposentadoria. Para ela o

trabalho é importante possibilidade de ampliar a renda, mas também uma forma de preencher o tempo e torna-lo produtivo pelo menos em meio expediente.

Já entre as senhoras do segmento popular duas delas conseguiram aposentadoria, ambas pelo INSS, de onde recebem um salário mínimo. Uma delas foi considerada inválida pelo INSS e recebe uma pensão mensal também de um salário mínimo. Outras três não são aposentadas, dentre estas, duas são pensionistas dos ex esposos.

As diferentes possibilidades de aposentadorias entre as senhoras dos dois segmentos refletem suas diferenças quanto a inserção no Mercado de trabalho ao longo da vida. Enquanto as senhoras do segmento médio experimentaram os direitos de seguridade trabalhista durante toda a vida profissional e agora usufruem de suas aposentadorias alcançada mediante contribuições pagas a partir do trabalho formalizado, as senhoras dos segmentos populares, que trabalharam na informalidade por toda a vida, vivem o que para elas representa a maior crueldade com o ser humano, “trabalhar a vida toda e chegar na velhice, sem ter como trabalhar e sem ter com quem contar”, como destaca doa Geralda.

Com a lei 10.741 torna-se obrigação do Estado garantir à pessoa idosa, proteção à vida e a saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que favoreçam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. Para Peixoto (1998), no entanto, “dada a preponderância marcante de pessoas jovens em nossa população [...] A assistência ao velho, é forçoso reconhecer, deve aguardar melhores dias” (PEIXOTO, 1998, p.77).

Essa Lei traz no seu bojo alteração no que se refere à idade para o requerimento dos benefícios, segundo o artigo 34: “aos idosos, a partir de sessenta e cinco anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS)”. (Estatuto do Idoso, 2003, p.21).

Entre as senhoras aposentadas do segmento popular, no entanto, mais do que um direito, o benefício representa um prêmio, uma recompensa pelos anos trabalhados e um instrumento que lhes garantem, na família, lugar representativo por serem elas, as que possuem rendimento garantido para honrar com as despesas básicas de seus membros.

A perspectiva de prêmio quanto as aposentadorias também aparece entre as senhoras do segmento médio, mas entre elas prevaleceu a ideia de que a aposentadoria corresponde muito mais ao retorno financeiro pelo que foi descontado em seus contracheques ao longo de suas trajetórias profissionais.

Nos dois segmentos observou-se que os rendimentos das senhoras correspondem a recursos importantes não somente na manutenção de suas próprias despesas, mas também para contribuir com os gastos dos filhos e dos netos, inclusive, aqueles mais distantes. Segundo Goldani (2004), essa situação é inversa às situações de anos anteriores em que aos filhos cabiam ajudar aos pais na velhice. Hoje, é cada vez mais comum o fluxo de transferências intergeracionais, especialmente entre idosas para seus filhos adultos e netos (GOLDANI, 2004).

Nos dois segmentos, com maior evidência no segmento médio, a aposentadoria também representada um tempo de construção de novos investimentos, de novas descobertas, de novos conhecimentos, de novos caminhos para a realização de sonhos que antes não puderam ser realizados em função dos compromissos assumidos, de cuidado com a criação e formação dos filhos e da dedicação ao trabalho.

Mas essa perspectiva não foi a única vislumbrada entre as senhoras, em alguns momentos entre elas sentimentos como inutilidade e solidão também se associaram a perda das relações sociais desenvolvidas no âmbito do trabalho.

Rita: No início achava bom não ter que acordar cedo, poderia fazer outras coisas, podia ver alguns amigos, família, viajar, era uma sensação de férias, planejava fazer tanta coisa, vender roupas, viver viajando, mas depois aquela empolgação toda vai se acabando, a gente vai se sentindo quase uma inútil, e eu fui, em meu caso foi isso, eu me voltei totalmente pra casa entendeu, porque quando você está trabalhando você sai, você tem outras oportunidades de conversar com outras pessoas e eu fiquei muito isolada, assim sabe... Muito dentro de casa, sem nada pra fazer de produtivo, e que as pessoas valorizam, porque serviço doméstico, apesar que para mim seja importante ninguém valoriza.

A partir da experiência de Rita fica evidente que nem sempre para as mulheres dos segmentos médios, consideradas mais independentes, a aposentadoria representa um tempo da vida de “férias permanentes”, não basta ter tempo livre e dinheiro para experimentar uma aposentadoria ativa, outros elementos como, por exemplo, um estilo de vida individualizado, a participação em um grupo de

convivência intrageracional significativo também são importantes para que isso seja desenvolvido. Pois o modelo do envelhecimento ativo encontra-se ancorado em conceitos como autonomia, independência, entre outros pilares do “ethos do novo”, “uma constelação de valores essencialmente moral, que norteia a visão de mundo prevalecente na realidade social” (VIEGAS e GOMES, 2007, p. 31), tais como inovação, mudança, produtividade, autonomia, independência, mas que envolve fundamentalmente, além de tudo isso, participação e envolvimento com a sociedade. Nesse sentido entramos numa outra discussão, explorada a seguir, que relaciona sociabilidades e construção de si numa perspectiva do envelhecimento.

5.5 Envelhecimento, sociabilidades e construção de si

Lins de Barros (2007) em um de seus trabalhos inaugurais sobre envelhecimento no Brasil apresenta-nos um grupo de mulheres pertencentes ao segmento médio da sociedade carioca, envolvidas em atividades públicas que além de representarem para elas importante projeto individual de vida, também as afastavam de um padrão de velhice tomado como natural no imaginário social: a velhice reclusa, voltada para o lar e no caso das mulheres para os netos. Alguns anos se passaram e se essa imagem de velhice recolhida ainda tem espaço na sociedade, hoje ela compete explicitamente com outras perspectivas de velhice ativa, conforme receitas de como viver bem após os sessenta anos, vinculadas aos ideólogos da terceira idade, do envelhecimento ativo e outras perspectivas.

Assim como o envelhecimento ativo, o termo terceira idade designa, segundo Peixoto (1998) uma etapa da vida para os jovens idosos, fundada na prática de novas atividades sob a perspectiva do dinamismo. Debert (1999) acrescenta que essa nova imagem da velhice está ancorado a valores e a um estilo de vida marcado por elementos simbólicos como alegria, jovialidade, autogerenciamento. Neste sentido o reconhecimento da velhice tem como referência não apenas a idade cronológica, mas também o estilo de vida adotado.

Juntamente com a criação da terceira idade surgem espaços e serviços específicos para o público que nela se enquadra.

A velhice muda de natureza: integração e autogestão constituem as palavras-chave desta nova definição. Assim a criação de uma gama

de equipamentos e serviços declara a sociabilidade como objeto principal de representação social da velhice de hoje. (PEIXOTO, 1998, p.76)

A reinvenção da velhice relaciona-se com a adoção de novos comportamentos como autopreservação do corpo, apropriação dos espaços públicos, práticas coletivas que transmitam satisfação pessoal e prazer (CABRAL, 1997; DEBERT, 1999). Envolve também processos reflexivos sobre que modos de vida se pretende levar com o avançar da idade, assim como diz respeito à reconstrução de si, mediada por inúmeros agentes sociais, pelas interações sociais e inclusive pela mídia. A quem se atribui importância fundamental na repercussão desses novos modelos, prescritos por diversos especialistas: geriatras, gerontólogos, educadores, psicólogos, peritos (GIDDENS,1991) de diversas áreas voltadas para a velhice. Tais receitas ganham as ruas, multiplicam-se e reformulam-se nas instituições pelas quais circulam os idosos e popularizam-se indiscriminadamente. Tornando-se assuntos do dia a dia, modificando o consumo, as praticas cotidianas, interferindo nos relacionamentos.

Pensando neste sentido as sociabilidades extra familiares têm importância fundamental neste trabalho para a compreensão das vivências das senhoras e de suas experiências de envelhecimento. Especialmente porque se entende que é a partir das relações com os outros que as pessoas pensam a si próprias, refletem sobre sua posição no mundo e constroem suas expectativas de quem ser e sobre como viver. Segundo Turner (1985, p. 207, apud, VIEGAS e GOMES, 2007, p. 14):

Nós aprendemos uns com os outros não só como sobreviver pobre ou sumptuosamente, mas, também como encontrar significado nas nossas vidas singulares e na nossa vivência intersubjetiva com aqueles cujos ciclos de vida se intercepta ao nosso.[...] Porque para a nossa espécie o significado está entrelaçado com a intersubjetividade: a forma como nós nos conhecemos, sentimos e desejamos.

Vista na perspectiva da intersubjetividade a reflexividade se objetiva, nas relações sociais, sejam elas as familiares ou para além da família. No caso das senhoras participantes da pesquisa, atualmente, as relações extra familiares se dão

especialmente nos grupos de idosos da Praça da Paz, das Igrejas, das instituições médicas e nas relações de vizinhança.

Ao narrarem suas vidas através da memória as senhoras contaram inúmeros eventos que marcaram suas trajetórias e suas auto definições através de exercícios contínuos de identificações por meio dos quais vão se construindo e reconstruindo. Para Hall (1997), “nossas identidades” são formadas através das diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver no curso da vida. E que assumimos como se fossem nossas, “como se viessem de dentro de nós”, mas que, na verdade, são elaboradas em meio a circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências nossas no interior dos ambientes culturais pelos quais circulamos. Com vista nessa perspectiva, trago, nesta sessão, os diferentes discursos e códigos culturais dos grupos de convivências, nos quais as senhoras se integram. Procurando compreender os significados das práticas desenvolvidas nestes grupos a fim de entender como a partir das relações intersubjetivas, nelas contidas, as senhoras vão reconstruindo suas identidades e desenvolvendo formas peculiares de envelhecer e de individualizar-se.

Nesta discussão trago as narrativas especialmente de dona Ana, Rita Penha e Rosa, pertencentes ao segmento médio, e de, dona Val, dona Elza e dona Cida, residentes no Timbó, para, a partir delas, analisar suas percepções sobre estes grupos, quais influências eles trazem aos seus processos de reconstrução de si, de envelhecimento e individualização e como as senhoras se situam frente a estas influências. A seleção das narrativas dessas senhoras levou em consideração a noção de trazer, nos dois segmentos estudados, exemplos diferenciados de percepções e interações que elas estabelecem frente aos modelos predominantes de envelhecimento que norteiam seus grupos de convivência.

De acordo com dona Ana, frequentadora do Projeto Vida Saudável, desenvolvido na Praça da Paz, - por agentes de saúde ligados a prefeitura da cidade, com exercícios físicos e programações lúdicas, integrando especialmente mulheres idosas - as relações ali estabelecidas, especialmente pelas senhoras do segmento médio, se mostraram intensamente significativas, por representarem aberturas para o público, para os cuidados corporais, para as sociabilidades intrageracionais. Neste grupo o discurso prevaiente é o do corpo ativo, saudável e autônomo e da ampliação das sociabilidades, ideias estas próprias da ideologia da Terceira Idade. Fomentada, neste caso, especialmente pelos “sistemas peritos”

(GIDDENS, 1991) - representados pelos médicos, educadores físicos e fisioterapeutas envolvidos no Projeto citado.

Dona Ana: A primeira coisa que faço todos os dias é ir para a Praça. Fazer meus exercícios, respirar o ar livre, fazer meus alongamentos com as professoras, encontrar com minhas colegas, dar risadas, isso pra mim é uma terapia também, depois tô pronta pra qualquer coisa. [...] Cuido muito do meu corpo, da minha saúde, porque não quero ficar como uma velha dando trabalho a ninguém, não quero ficar na dependência de ninguém, também quero poder sair, poder pegar um ônibus, e principalmente poder aproveitar minha vida com minhas colegas. [...] Estou beirando os setenta anos mas quero me sentir jovem, disposta, alegre e poder viver feliz por muito tempo, se Deus assim permitir. [...] Essas atividades que a gente da comunidade faz na Praça foi a melhor coisa do mundo pra nós idosas, porque nos anima sabe, levanta a auto estima, a gente fica outra, alegre, de bem com a vida, além do que ajuda em nossa saúde.

Segundo o trecho narrado por dona Ana, é possível compreender que para ela, assim como para outras senhoras participantes do Projeto, os cuidados corporais para a manutenção da saúde e da disposição apresentaram múltiplos significados. De um lado, aproximam-se da perspectiva de Featherstone (1992), para quem a concepção de auto preservação do corpo associa-se “a noção de que o corpo é um veículo de prazer e de auto expressão” (FEATHERSTONE, 1992, p.170). Por outro lado, tais cuidados corporais também são dispensados mediante a compreensão do corpo como instrumento relacional, tanto na família como extra familiar já que a participação social depende de um corpo autônomo, dinâmico e disposto.

Também se destaca na fala desta senhora a perspectiva da juventude como valor. A partir do trecho pode-se também pensar a respeito da idade cronológica, que apesar de conformar importante dimensão das experiências individuais e na organização social, pode ser considerada um “clichê natural” (FEATHERSTONE E HEPWORTH, 2000, p.115) pois na verdade a plasticidade cultural em que vivenciamos tem permitido um embaralhamento de experiências, a ponto de reconhecermos a “juventude” não somente como uma fase da vida mas também como valor (DEBERT, 1999) que pode ser associado a qualquer etapa inclusive entre aquelas em que a idade esteja avançada. Aos sessenta e oito anos, dona Ana procura manter uma aparência jovial, através de exercícios físicos mas

também desenvolvendo uma forma alegre e dinâmica de encarar a vida diária. Nega a velhice reclusa e procura conter o declínio do corpo, adiando como pode a perda da autonomia, desenvolvendo com isso um envelhecimento centrado na busca contínua da auto estima e auto satisfação. Ao dizer que “a gente fica outra”, através da participação nestas atividades, dona Ana destaca a busca pela superação de possíveis qualidades negativas e o desenvolvimento de vivências fundadas na liberdade, companheirismo e integração social.

Dona Ana: Depois que eu vim pra cá pra Bancários, foi que eu comecei a viver, a desfrutar das coisas boas da vida. A ter minha liberdade [...] quando eu vivia dentro de casa, lá no Bessa mesmo, também não tinha, agora é que eu estou tendo, vivo pra mim, pra fazer o que gosto, saio, vou pra onde eu quero, tenho companhia, tenho amigas que gostam das mesmas coisas que eu gosto, que já viveu muito assim como eu, que me entende. Foi aqui que minha vida mudou da água pro vinho.

[...] Aqui junto com minhas amigas da Praça e da comunidade aprendi que posso ser mais extrovertida, eu era muito retraída, fechada mesmo e isso me fazia mal, eu quase não sorria, tinha vergonha de tudo. Aprendi que pra ser feliz a gente tem que correr atrás, vai ficar só em casa esperando bater na porta? Bate não! A gente tem que tomar a decisão de fazer a nossa parte.

Em seu relato dona Ana evidencia os efeitos da ampliação de seus outros significativos sobre suas formas de viver e de ser. Tais transformações podem ser compreendidas como processos de construção de si, que em parte mostram uma espécie de superação de atributos vistos como negativos, revelando que uma velhice bem sucedida requer apresentação de predicados positivos: ser mais alegre, mais extrovertida, entre outros, e que isso é tarefa a ser desenvolvida por cada um, uma questão de responsabilidade privada, conforme nos alerta Debert (1999) quando retrata a questão da privatização do envelhecimento. Mas para que essa superação seja constatada, ela tem que ser manifesta socialmente, ela exige que as performances dos indivíduos no desenrolar de suas interações sociais se situem fora de imagens negativas e sejam preferencialmente identificadas com qualidades culturalmente relacionados à juventude e aos valores preponderantes da contemporaneidade, isto é, ao *ethos do novo* e da ética da realização pessoal, difundidos especialmente entre os idosos pelos modelos de envelhecimento da Terceira idade ou do Envelhecimento Ativo.

Ainda que esses valores tenham sido predominantes no segmento médio, e que a maioria das senhoras pertencentes a este grupo tenham aderido a estas propostas de envelhecimento, algumas situações deixaram evidentes que cada uma delas apreende esses valores de forma diferenciada e conforma modelos não padronizados de envelhecimento. Rita, por exemplo, que integra o segmento médio, contesta a ideia da juvenilização na velhice presente neste modelo, ainda que considere interessante suas propostas de uma vida saudável.

Rita: Essa coisa de dizer que a pessoa pode ser jovem na minha idade acho muito estranho, não dá pra mim não, o pessoal da terceira idade tem isso né? Tudo bem que você seja um idoso saudável, com ânimo pra viver pra tocar a vida, mas querer dá uma de cocotinha nessa idade é chegar ao ridículo, eu não me passo pelo ridículo, acho que cada um tem que ser o que é, assumir o que é. A adolescência já passou, pronto passou, vamos viver o que temos, quero viver a minha idade e não o que passou, quero ser uma mulher forte, ajudar meus filhos, meus netos, cuidar da minha casa e de mim, ter paz, pra mim tá bom demais.

Para esta senhora, viver a velhice, sem aderir aos aspectos de sua redefinição a partir de práticas compreendidas como próprias de outra fase da vida – adolescência e juventude – não necessariamente implica num insucesso da experiência do envelhecimento. Para ela a velhice pode ser assumida positivamente como ela própria se apresenta, destacando a “força” de que nesta fase ela é capaz, de “ajudar” filhos e netos, para “cuidar da casa” e de si mesma.

Cuidar de si mesma para Rita envolve uma alimentação saudável, a prática de exercícios, o acompanhamento médico, envolve também cuidados com a aparência, especialmente com os cabelos, unhas e com a pele. Estes cuidados se traduzem para esta senhora em um tempo de dedicação a si mesma, um tempo individualizado, a partir das práticas de ir para salões de beleza, por exemplo, onde procura cortar, pintar os cabelos, fazer as unhas, depilar-se, fazer limpeza de pele, entre outras, que funcionam como importantes recursos para o aumento da auto estima e para sua apresentação como uma senhora “conservada” e não “desleixada”, ou seja, uma senhora que assume sua idade, mas que prima para uma boa apresentação dela mesma.

Rita: Uma coisa que eu gosto é de ir pra o salão, assim pintar meus cabelos, fazer minhas unhas, isso eu sempre gostei. Retoco a pintura

todo mês pra evitar os brancos, gosto de manter minhas unhas feitas, dar um ar de higiene, de cuidado próprio, não quero parecer uma pessoa desleixada, não é porque estou envelhecendo que vou deixar isso acontecer, sou uma senhora conservada. Tiro sempre esse tempo pra mim, acho isso importante. Em casa friso meu cabelo pra que ele fique arrumado quando vou sair. Vaidosa assim de extremo, nunca fui, mas não ando jogada não.

Apesar de aderir as propostas dos cuidados corporais, com alimentação, exercícios e manutenção da boa aparência, Rita praticamente não investe nas sociabilidades. Não costuma participar de grupos de idosos, além daqueles frequentadores da Praça. Confessa ter dificuldade para desenvolver relações sociais mais amplas, devido a isto, identifica-se com rotinas mais caseiras dedicadas aos cuidados com a casa, aos bordados e especialmente a leitura. Rita define-se como uma mulher intelectualizada, gosta de literatura brasileira, e de conhecer, através de livros que adquire com frequência, a história de diferentes países.

Rita: Gostaria de ser muito uma pesquisadora, talvez historiadora, gosto muito de ler, de conhecer outras culturas, sou fascinada, eu estudo muito a História Ocidental, mas o Oriente é simplesmente fantástico, acho que por ser diferente de nós. Leio muito, sempre gostei de ler. Não sou uma pessoa leiga, eu prefiro ficar em casa lendo do que sair por aí.

Rita aproveita o tempo livre, o tempo para si, também com leituras e aprendizagem de outras culturas. Essa atitude marca uma diferença interessante em relação às recomendações da terceira idade, ao menos aquelas que dizem respeito à busca por práticas que priorizam as sociabilidades.

As recomendações dos cuidados com a saúde e com o corpo pelos diferentes agentes médicos, com os quais as senhoras têm contato, são geralmente aceitas entre elas, especialmente do segmento médio. Continuamente as mulheres deste grupo procurem introduzir alguma nova “fórmula”, seja um alimento diferenciado, ou uma atividade inovadora, como Pilates, RPG, entre outras, que prometem o retardamento do envelhecimento. Mas isso é feito de forma selecionada, elas escolhem aquilo com o que mais se identificam. Como narra Penha, que de um lado realizou uma plástica corretiva para sentir-se melhor consigo mesma, com sua aparência, e de outro, recusa-se a pintar os cabelos brancos, algo frequentemente praticado pelas mulheres idosas, de seu grupo social, a fim de não denunciar o avanço da idade.

Penha: Acho que velhice é coisa de cada um, ter mais de 60 anos não significa ser velho, eu me sinto jovem. Inclusive meu corpo eu me acho bem. Minha pele é boa! Tem pessoas que dizem pinta teu cabelo, eu digo: olhe eu acho que a pessoa só deve mudar aquilo que está incomodando. Eu vou para o espelho, penteio meus cabelos, eu acho eles estão bonitos, meu cabelos brancos não me incomodam, pelo contrário eu gosto. Mas tinha uma coisa que me incomodava muito quando eu era mais nova que eu tinha um nariz grande. [...] Fiz plástica, achava que era muito dinheiro, mas nem foi isso tudo, e ficou ótimo. [...] Agora estou fazendo Yoga e RPG, é ótimo, mas uma coisa que morro e não faço é caminhar, detesto. Os médicos dizem caminhar é bom, mas eu acho tão sem graça.

Estas diferentes escolhas entre as senhoras do mesmo grupo social indicam que não se pode dizer que os ideais da Terceira idade e do Envelhecimento ativo são assimilados de forma homogênea nos segmentos médios, conformando comportamentos padronizados de envelhecimento neste grupo.

Também não se pode dizer que estes ideais sejam exclusivos das frações mais privilegiadas da sociedade. Pois há programas que procuram mobilizar os segmentos mais populares, como bem mostrou Cabral (1997), há uma multiplicidade de grupos vinculados aos Centros Sociais Urbanos ligados ao Estado ou a Prefeitura em João Pessoa que trabalham neste sentido.

No Timbó, um dos espaços institucionalizados de referência, tem sido o posto de saúde da comunidade, onde se desenvolvem além de atividades lúdicas, recreativas, palestras com temáticas acerca do envelhecimento ativo, cuidados com a saúde, com a alimentação, entre outras. É especialmente através dessas palestras, assim como através das instruções médicas dos serviços técnicos especializados recebidos no posto que as senhoras do Timbó tem contato com ideais da terceira idade. É através do posto de saúde, nesta comunidade, que o Estado, difunde ideias de práticas da terceira idade para os segmentos populares, fomentando informações, propiciando passeios, viagens e momentos de lazer direcionados aos idosos ali residentes, alterando suas rotinas com orientações de práticas consideradas saudáveis e com propostas de vivências mais dinâmicas e divertidas³⁸.

³⁸ Ver no apêndice 8 algumas fotografias retiradas em um desses passeios, observar a figura central da médica responsável pelo posto e pelo desenvolvimento de suas atividades.

Ainda que os segmentos populares sejam considerados mais relacionais (DAMATTA, 1981; SARTI, 2005) também foi possível encontrar entre senhoras do segmento popular aberturas para estilos de vida mais individualizados, assim como nos aponta Vaitsman(1997) em suas pesquisas, para quem também entre as mulheres de baixa renda, a identidade tornou-se mais plástica e aberta. O caso de dona Cida, moradora da comunidade do Timbó, é exemplar neste sentido. Para ela, que é frequentadora assídua das atividades do posto de saúde da comunidade, os valores da juventude podem ser resgatados nesta fase da vida principalmente mediante a manutenção de um estado de espírito alegre, que atraia a companhia de pessoas de qualquer idade e de cuidados com o corpo, mediante o consumo de produtos e tecnologias que favoreçam a manutenção de sua aparência jovial. Confirmando as perspectivas de Mary Douglas (2006, p. 116), para quem “o indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo[...]”.

Dona Cida: Não sou rica não, se fosse aí você ia ver, eu ia botar pra quebrar, mas olhe aqui minhas coisinhas, tenho batom, tenho creme para rugas, tenho perfume, tenho pó de duas qualidade...Olhe meus vestidos... Eu compro pra mim roupa, eu compro todo mês, todo mês, tenho brinco, relógio, tenho minhas coisas, olhe aqui minhas biju, eu gosto de andar arrumada! Quando vou sair né, em casa não por causa da pele, mas quando vou sair, boto minha chapa, boto batom, boto pó, me ajeito, tem Rouge, mais menino! vou me embora... A mulher daí da frente a sogra da minha filha fica me criticando, diz que eu fico parecendo uma palhaça, mas que nada, ela é que quer ... que parece com uma velha, manga de mim, mas eu não... nem ligo... pode falar, aqui todo mundo gosta de mim, diz que eu sou alegre.

Mesmo num contexto de limitado acesso ao mercado de consumo direcionado aos idosos, atualmente, dona Cida, demonstra identificar-se e aderir as propostas de reviver a juventude na atual fase de sua vida. Ainda que encontrando críticas aos olhos de terceiros, que lhe atribui adjetivos pejorativos, dona Cida investe na aparência jovial e demonstra auto satisfação por poder realizar escolhas próprias e por sentir-se integrada em seu contexto social, através de atributos positivos a ela conferidos, ainda que a idade esteja avançada.

Dona Cida: Então assim eu não sou velha né isso? Eu não sou velha não minha filha, eu sou é jovem! Me sinto jovem! Na minha juventude não tive direito a nada, agora eu escolho minhas coisas, escolho pra onde eu vou, com que roupa eu vou, eu já sofri muito na minha vida,

agora eu escolhi ser feliz, foi o que eu aprendi lá no posto, nas palestras, a doutora disse, escolha ser feliz! Eu escolhi, eu sou feliz do meu jeito, eu danço, brinco, converso com todo mundo. Acho muito bom participar do grupo de idosos daqui da comunidade, a gente se diverte muito junto, uma ajuda a outra.

Ao negar ser velha, e dizer-se jovem, dona Cida valoriza a liberdade e os direitos conquistados, o que tem a ver com a história passada de opressões e precariedades. Mas por outro lado revela-se a influência dos agentes de saúde ao legitimar demandas referentes ao direito ao lazer, a alegria, à felicidade na velhice. No entanto também se percebe um controle reflexivo, tal como na fala de dona Cida: “Eu escolhi, eu sou feliz do meu jeito”, a senhora valoriza a escolha própria, individualizada, ainda que ela seja influenciada por agentes diferenciados. E apresenta o “agora” como um tempo para fazer escolhas, para provar experiências até então inalcançadas, pautadas na satisfação pessoal. Essas escolhas e experiências parecem estar associadas a uma dimensão da identidade que valoriza a abertura para um espaço pessoal, para a liberdade da individualidade.

Através de sua capacidade reflexiva, dona Cida, assim como, as demais senhoras, se apresentam como agentes, nos termos de Giddens(2003), pois são também, elas próprias, sujeitos responsáveis pela construção da ideia de velhice e dos valores que a orientam, assim como também são elas quem interpretam e dão significados a própria situação nesta fase da vida. A interiorização de novas normas de comportamento, mais individualizados, especialmente aquelas que traduzem as regras da terceira idade, da juventude como valor ou do envelhecimento ativo, não necessariamente eliminam as lógicas mais ‘tradicionais’ de comportamentos da velhice. Dona Cida, que identifica-se como uma jovem idosa, rejeita por exemplo, práticas da sexualidade entre pessoas de sua idade. A ideia ainda presente no imaginário social de que aos idosos não cabe as experiências da sexualidade foi apresentada em um dos trechos de sua narrativa.

Dona Cida: Quando eu me separei, que já faz muito tempo eu ainda tive um namoradinho, uma coisa assim que nem demorou muito, mas agora com a idade que estou acho que não é mais pra essas coisas não, de namorar, de sexo, de querer homem pra minha vida. Brinco, ando, tudinho, gosto de me divertir, tomar uma cervejinha, mas quando parte pra este lado, aí tô fora, imagina o que o povo não ia pensar de mim? Posso me divertir muito bem sem pensar nessas coisas. Não penso não em me relacionar com ninguém e acho que

isso não é coisa pra mulher de minha idade, tem idade pra tudo na vida, meu tempo de namorar já passou.

O Trecho traz a tônica das interrelações de códigos culturais na condução dos comportamentos desta senhora, demonstrando que a permanência de padrões tradicionais de experimentação da velhice não significa um fechamento às mudanças e que é possível conviver com regras tidas como tradicionais e modernas ao mesmo tempo, como também propôs Giddens(1991). É no diálogo entre estes referenciais que estas senhoras vão se reconstruindo e conformando seus próprios modelos de vivenciar a velhice.

Através das narrativas foi possível perceber que o modelo da Terceira idade predominante no imaginário social como forma de vivenciar com sucesso o avanço da idade, acaba obscurecendo outros repertórios de conduta que também podem representar formas alternativas de viver a velhice também positivamente. No Timbó, por exemplo, nem todos os idosos aderem às programações desenvolvidas no Posto de Saúde. Na pesquisa pude observar que algumas senhoras preferem “uma vida menos agitada”, tal como nos relata dona Val, no próximo trecho de sua narrativa. O que indica que elas também atuam não somente por influências exteriores, mas também, como agentes, nos termos de Giddens(2003), que possuem disposições para filtrar informações e fazer escolhas próprias segundo o que acham mais adequado para si mesmas. Confirmando, como demonstrou este autor que todas as escolhas diárias – o que comer, o que vestir, para onde ir, com quem nos encontrar, etc. - tem se constituído em decisões que dizem respeito não somente sobre como agir, mas também sobre quem ser. Uma vez que não se identificam com o modelo do dinamismo, algumas senhoras preferem rotinas mais caseiras, adotando modos mais tradicionais de velhice, no entanto, não necessariamente decadentes, nem tampouco solitários. Como bem retrata dona Val em suas narrativas.

Dona Val: Não gosto de muito movimento não, gosto de tá em casa, conversando com o pessoal da rua, tomando um cafezinho de tarde, fazendo meus tapetes, é uma diversão pra mim, me sinto realizada assim, conversando com minhas comadres, que são muito boas pra mim. Tem mulher por aí que só que tá no meio do mundo, parece que tem um fogo pra andar, que não sabe tá em casa, eu não gosto disso não.

O trecho da narrativa também destaca o envelhecimento vivenciado na intensa sociabilidade da comunidade de vizinhos na comunidade de vizinhos. Dona Val ressalta a importância da vida comunitária no seu cotidiano. É na calçada em frente a sua casa, que ela é reconhecida por quem passa, que é cumprimentada, convidada a conversar, e isso, segundo ela, lhe confere valorização, prazer e integração social. Dona Val, apesar de não se envolver no grupo de idosos assistido pelo Posto de Saúde, desenvolve um modo de velhice, segundo ela, também positivo, em torno da vizinhança. E cuidando da saúde primordialmente por meio de práticas baseadas nos costumes e na tradição, tomando chás, banhos de ervas, entre outras. Essa sua escolha parece se confrontar com as imagens da Terceira Idade, já que neste modelo, valoriza-se a vivência pública ampliada dos idosos, em busca de sociabilidades para além dos grupos de vizinhança, assim como se baseia em receitas da medicina moderna, como ocorre com mais frequência entre as senhoras do segmento médio.

Tanto para dona Val quanto como para dona Elza, ambas do segmento popular, a perspectiva da juventude como valor, assim como os ideais da terceira idade e do envelhecimento ativo são questionados e confrontados com os valores tradicionais da velhice relacionados à ideia de: experiência, quietude, respeitabilidade e sabedoria. Presentes em ambos os segmentos, mas, mais enfatizados entre as senhoras residentes no Timbó.

Dona Elza: Agora que tô ficando velha, eu quero sossego. Não gosto de ficar no meio do mundo não, saio somente pra igreja, vou de vez em quando no centro fazer compras. Gosto de ficar em casa mesmo. Já aproveitei muito na minha vida, já brinquei muito, agora é mais em casa mesmo, com minha família que precisa de mim, nem que seja pra dá um conselho. Gosto de ir pra Igreja mas é mais no fim de semana.

[...]

Fico em casa tomando conta de meus netos, esse tem três e o outro tem cinco anos, minhas duas filhas trabalham e fico com eles o dia todo. Elas deixaram os maridos, as duas dentro de casa, vou fazer o que? Tenho que ajudar a elas se reerguerem, né isso? Não é porque que são adultas que deixaram de ser minhas filhas. Eu digo a elas, deixa aí que eu tomo de conta, ficando pra trabalhar eu fico sim, não ficava se fosse pra bandular no mundo. Mas tão estudando, tão trabalhando direitinho, um dia elas conseguem uma coisa melhor. Um dia elas vão ter o canto delas, mas enquanto não tem, tem que contar comigo e com o pai delas, ele reclama muito, faz confusão com elas, eu fico, amansando mas, ele não aceita muito não, falta a

paciência dele quando os meninos choram, porque criança dá trabalho e ele diz que não aguenta mais. Mas por outro lado elas também ajudam em casa, nessa parte ele até acha bom. Aí minha filha fico nisso, ajeito de um lado, ajeito de outro, tudo delas é comigo: Mãe guarde meu dinheiro! Mãe compre isso pra Renato! Mãe me ajude pra eu estudar! Mãe eu faço isso? Eu ajudo, por minhas filhas faço tudo. E eu posso contar com elas também porque quando meu esposo saiu de casa, ele me deixou também um tempo, quase dois anos e depois voltou. Foi com elas que eu contei, que nesse tempo eu não tinha aposentado ainda, eu sei o que eu passei e elas me deram a mão porque agora que tão precisando eu vou virar as costas? Não, a maior felicidade pra mim é ver que posso ajudar minhas filhas, tô velha, mas continuo, eu quero assim que um dia que eu morrer elas lembrem de bem de mim e digam minha mãe, mesmo velha, me ajudou muito, me deu a mão. E que elas façam o mesmo pelos filhos delas.

Para dona Elza as lógicas mais tradicionais de envelhecimento são mais aceitas, pois, não contradizem seus valores “de berço”. Segundo os quais a velhice é um tempo de recolhimento, de aconselhamento aos mais jovens, de ajuda à família que ocupa lugar central e no meio da qual funcionam obrigações mútuas que viabilizam sua estabilidade e permanência. Para esta senhora “a desvalorização da experiência esvazia o sentido da vida” (KEHL, 2004, p.97). Pois em sua família ela possui papéis fundamentais: de conselheira, provedora, cuidadora, conciliadora e inclusive pacificadora dos inúmeros conflitos entre as gerações. Ela - pela experiência, respeitabilidade e sabedoria adquiridas ao longo da vida – é a figura que procura garantir equilíbrio na família através dos inúmeros conselhos e cuidados. Cotidianamente preocupada com tais funções na família esta senhora restringe suas vivências especialmente ao ambiente doméstico e à vizinhança. Demonstra realizar-se no apoio as filhas para que estas possam levar adiante seus próprios projetos de vida.

Outros grupos sociais frequentados pelas senhoras de ambos os segmentos são as igrejas. Como já observado anteriormente onze das treze participantes da pesquisa inserem-se em alguma instituição religiosa. Especificamente no caso das igrejas católicas, além de suas programações religiosas mais tradicionais, como missas, reuniões de orações, entre outras, também tem sido organizadas programações associadas aos ideários da terceira idade, associando essa ideologia às perspectivas das “doutrinas sagradas”, como destacaram algumas senhoras fiéis dessas igrejas. Nas atividades dessas igrejas do bairro os discursos da terceira idade, muitas vezes visto como “muito modernos” e

recorrentemente confrontados com as lógicas de ação mais tradicionais, ganham mais credibilidade e tornam-se mais acessíveis por fazer parte não somente de orientações médicas, mas também por ganharem respaldo religioso.

Dona Rosa: Olhe a gente tem que tomar conta do nosso corpo para viver melhor, pra viver mais, para evitar doenças, para participar ativamente das atividades que gostamos e não somente por uma questão de estética, para desfilar por aí, por que isso não é coisa de mulher direita. Nosso corpo, como a própria palavra de Deus fala, é o templo do Espírito Santo, eu preciso cuidar desse templo, preciso, manter uma boa imagem, pois nós cristãos somos a imagem de Cristo. Jesus vivia entre as pessoas, gostava de festas, de estar no meio do povo, era um exemplo de pessoa sociável, gostava de viajar para pregar o Evangelho, e nós temos nele esse exemplo. Precisamos estar bem para cumprir tudo isso.

Temos aqui uma reinterpretação do discurso da terceira idade a partir de uma perspectiva religiosa: o corpo não mais é visto como instrumento de prazer, mas é considerado o templo do espírito santo, por isso deve ser cuidado. A vida de Cristo é tomada como exemplo de vida sociável e alegre.

Nessas igrejas, frequentadas por pessoas de ambos os segmentos sociais, mas com maior frequência das mulheres do segmento médio, as senhoras tem acesso a palestras de especialistas sobre envelhecimento, saúde e comportamento, assim como contam semanalmente com aulas de dança, teatro e oficinas de artes plásticas que promovem integração da comunidade feminina idosa do bairro e estimulam suas sociabilidades³⁹. Ainda que estas sejam inicialmente direcionadas pela instituição, ganham novos contornos através da dinâmica das mulheres no bairro, nos supermercados, nos condomínios, na praça, fazendo surgir amizades baseadas na afinidade e no companheirismo tornando essas sociabilidades amplas e mais espontâneas. A primazia dada a dimensão das sociabilidades é reconhecida por todas as senhoras participantes desses processos assim como pelas coordenadoras das atividades desenvolvidas nestas Igrejas.

Lado a lado a estas sociabilidades as igrejas Católicas em especial fornecem recursos simultaneamente simbólicos e relacionais, os quais são fundamentais para a negociação da identidade e para o afastamento de imagens negativas da velhice. Nestes contextos alguns significados sobre a velhice vão

³⁹ Ver no apêndice 4 algumas fotografias retiradas nessas programações.

sendo formulados e disseminados entre as senhoras, significados estes principalmente associados ao período final da vida em que valem cuidados consigo mesmo, em todos os níveis: corporal, mental, espiritual e social, com expectativas de alongar tal período assim como vivê-lo de forma saudável em todos estes aspectos. Estes processos dizem assim respeito a dinâmicas de construções identitárias na medida em que, entre as senhoras, se constituem em procedimentos reflexivos sobre o próprio estado de velhice em comparação com o de outras pessoas, geralmente suas amigas da mesma geração.

Dona Rosa: Ser saudável não é somente não ter doença física ou mental, viver de forma saudável é você estar bem em todos os sentidos: mental, corporal assim como espiritualmente falando e socialmente também. Para que eu tenha saúde literalmente eu tenho que me preocupar com tudo isso, por isso é importante compreender as escrituras para ter um espírito saudável, assim como é importante cuidar do corpo e da mente, as pessoas hoje somente se preocupam em cuidar do corpo, só se preocupam com a aparência, e por dentro estão destroçadas. Depressivas, mentalmente perturbadas e espiritualmente também. Também tem pessoas que não tem amigos, são isoladas do mundo e isso causa muitos problemas. Na velhice eu posso ser saudável dessas diversas formas, basta você entender e fazer por onde adotar, no seu dia a dia, atitudes que contribuam para tudo isso. Ler muito, inclusive a Bíblia, cuidar da alimentação, conversar com as pessoas, sair, se distrair, ocupar a mente, tudo isso ajuda muito. Mas tem pessoas que não estão nem aí com nada, se entregam, deixam a doença chegar, parecem até que ficam esperando por ela, eu não sou assim, me cuido muito, me sinto bem, sou uma idosa ativa, leio, faço minhas pinturas, costuro, cuido de minhas plantas, frequento a igreja, faço minhas orações, participo das reuniões, das festividades, converso com pessoas, viajo muito. E assim, as vezes eu vejo que estou melhor do que outras pessoas da minha idade mesmo ou até mais novas do que eu. Não que eu queira ser melhor do que ninguém, não é isso, mas é que fica visível. Se você não se amar, se você não se cuidar você vai virar uma pessoa infeliz e tornar sua vida insuportável.

Em algumas outras narrativas, tal como neste trecho de dona Rosa, observa-se que o corpo “é a base para o julgamento sobre o status dos outros assim como os outros constroem seus julgamentos sobre nós a partir do que dizemos e/ou fazemos” (FEATHERSTONE, 1994, p.54, APUD, BASSIT, 2000,p. 228). E como observou Paulo (2010, p.161) em sua tese sobre a construção das identidades entre jovens rurais, “se auto identificar, significa classificar o outro como diferente de si”. É nesse jogo de sociabilidades, reflexividades nas relações sociais, comparações e

diferenciações, que se avalia o próprio envelhecimento e que se percebe a construção de auto representações e dos outros, como base em atributos como combativas ou entregues, acomodadas ou dinâmicas, energéticas ou ‘paradonas’, extrovertidas ou introspectivas, intelectualizadas ou leigas, saudáveis ou doentes, sociáveis ou reclusas, felizes ou infelizes, entre outras infinidades de qualidades que caracterizam diferentes formas de experimentar o envelhecimento. O trecho de dona Rosa foi exemplar neste sentido, para este grupo de mulheres envolvidas com as práticas das Igrejas Católicas, em especial as senhoras do segmento médio. A repercussão dessas sociabilidades em torno das igrejas pôde ser também identificada em diversos outros casos, em especial nas narrativas de dona Ana.

Dona Ana: Eu fui a vida toda habituada a ser ... a estar sempre em casa atendendo aos meninos, quando não estava trabalhando né. Antes atendia ao esposo, quando ele era vivo...isso era de mim...eu era uma pessoa presa mesmo...mas era de mim, da minha criação sabe? Na escola, do mesmo jeito, era retraída, envergonhada. [...] Com a convivência com minhas amigas aqui da comunidade⁴⁰ aprendi a mudar isso. Aqui eu mudei, mudei meu jeito de ser, eu passei a ser mais alegre, mais extrovertida, eu mudei meu jeito de ver as coisas, relaxei mais, e minha vida mudou, hoje faço minhas caminhadas, saio, converso, farro com minhas amigas, não faço nada de errado. Somente procuro fazer dos meus dias de vida que ainda me restam mais felizes.

Dona Ana aqui nos mostra que é no diálogo entre suas experiências familiares acumuladas ao longo da vida, na companhia dos pais, assim como pelas vivências nas diferentes situações conjugais, na maternidade, como também através das instituições pelas quais passou: escolas, espaços de trabalho, igrejas, entre outras, além das que integra atualmente, que ela constrói e reconstrói seus “esquemas interpretativos” (GIDDENS, 2003) e “reinventa a velhice” (DEBERT, 1999).

Reinventar a velhice, como dito anteriormente não diz respeito a um processo homogêneo entre as senhoras, nem tampouco estático para cada uma delas, a reinvenção da velhice para cada senhora individualmente acompanha suas identificações frente aos diversos ambientes, discursos e práticas que a elas se apresentam e que se refazem constantemente. Conforme nos afirma Elias (2008, p.139) “o sentido que cada um tem da sua identidade está estreitamente relacionado com as «relações de nós» e de «eles» no nosso próprio grupo e com a nossa

⁴⁰ O Termo comunidade utilizado por dona Ana, diz respeito ao grupo de idosos da comunidade Católica de uma das igrejas do bairro de Bancários.

posição dentro dessas unidades que designamos por «nós» e «eles». No jogo das interrelações das quais faz parte, Dona Ana descobre habilidades e identidades, nos revela esse processo em suas narrativas.

Dona Ana: Todo dia eu descobro um pouquinho sobre mim mesma que antes eu nem conhecia, recentemente descobri, através das aulas de artes na Igreja, que sou excelente artesã, tenho um dom sabe de fazer bijuterias, sandálias personalizadas, mas apesar de gostar muito de fazer isso, percebi que não era bom pra mim, porque me prendia muito em casa e me privava de fazer outras coisas também interessantes, amo demais estar com minhas amigas, amo sair, passear, por isso deixei de fazer com mais frequência, produzo algumas coisas somente quando estou com vontade mesmo, quando quero apresentar alguém, não quero ser artesã por ofício. Com minhas amigas descobri que sou uma pessoa muito comunicativa, eu tinha medo de falar com as pessoas, hoje falo a torta e a direita, na verdade eu descobri o que já estava dentro de mim, bem escondidinho, quero ver o que ainda vou descobrir, espero que sejam coisas boas.

Esta senhora também retrata mudanças nas formas como interage com as pessoas, ao dizer: “hoje falo a torta e a direita”, destaca o quanto as relações com seu grupo de amigas, despertou nela, novas formas de comunicação, fazendo-a perder o medo de abrir-se para convivências e relacionar-se com outras pessoas de forma mais igualitária, mediante a confiança em si, em suas próprias convicções e habilidades. Permitindo-a assim desenvolver uma vida para si contando com a aprovação e o incentivo de seu grupo de amigas, assim como, com a legitimação desse modelo de envelhecimento - autônomo, alegre, falante, dinâmico, centrado na auto satisfação e na integração na comunidade - pela comunidade religiosa da qual faz parte. Daí sua conclusão: “saio, converso, farro com minhas amigas, não faço nada de errado”.

Pensando as diferentes formas de experimentar a velhice feminina, a partir das narrativas de minhas interlocutoras, pode-se considerar a “identidade” como uma tarefa e assim, como um “ato de libertação – libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis. [...]”(BAUMAN, 2005 p. 56) – quase sempre incompleta e questionável. Mas ao mesmo tempo em que isso se apresenta também se pode dizer que os modelos de envelhecimento feminino, tidos como “mais tradicionais”, envolvidos especialmente na família, continuam valorizados, tais como retratados pelas narrativas de dona Elza e dona Val. Esses modelos, não

necessariamente traduzidos pela tristeza, decrepitude ou insatisfação, também podem designar atributos positivos, sendo reinterpretados por essas senhoras que, especialmente no contexto familiar de coabitação com filhos e netos e na vida comunitária, encontram reconhecimento e valorização de habilidades e competências fundamentais para a manutenção dos laços familiares. Revelando com isso que à família é investida de importância não só enquanto instituição social, mas também como espaço de construção intersubjetiva de seus membros, inclusive dos mais idosos. (SINGLY, 1993; 1996).

A análise dos diferentes posicionamentos das senhoras frente aos ideais majoritários do envelhecimento, especialmente da Terceira idade, revela a existência da dimensão da originalidade em suas vivências. Dimensão esta destacada por Singly(2001 a) quando retrata sua noção de individualização. A valorização da originalidade, por cada senhora em particular, no interior de seus processos de interação social e de envelhecimento, permite que elas reinventem a velhice também com base em suas próprias convicções e vontades. Desenvolvendo cada uma, uma vida própria, um tempo para si, em consonância com habitus tradicionais e com vivências de novos modelos contemporâneos de experimentação da velhice.

5.6 Memórias e alguns significados do tempo

Objetivo ou subjetivo, preciso como um relógio digital ou instável como o fluxo de consciência, o tempo é, apesar de sua aparente intangibilidade, um elemento crucial na organização das sociedades e na constituição da identidade das pessoas, uma dimensão imbricada em todos os aspectos da prática social. (FRANCH, 2008, p.29)

O tempo não foi a princípio tema central deste trabalho. No entanto, progressivamente com a pesquisa se mostrou relevante nas discussões sobre envelhecimento e sobre os processos femininos de individualização. Primeiramente devido à proposta metodológica das narrativas de vida aqui adotada a partir da qual a memória ocupa lugar central enquanto elemento que organiza e repensa o passado em relação ao presente (BOSI, 1994). E a partir dela referenciando o tempo corrido, àquela noção que “representa uma síntese intelectual, um estabelecimento de relações entre acontecimentos” (ELIAS, 1998, p.61), que somente na experiência humana, por meio da memória, se encontram sob as perspectivas do hoje, ontem e

do amanhã. E também porque em campo, estudando um grupo etário, foram manifestas perspectivas distintas sobre o tempo, objetivo e subjetivo, relacionadas com diferentes formas de vivenciar o envelhecimento no curso da vida.

Estudar o envelhecimento e os processos de individualização a partir da metodologia das narrativas de vida e da memória envolveu as senhoras participantes como narradoras capazes de interpretar e construir significados sobre suas próprias experiências de vida e identidades. Como ressaltado no capítulo quatro, as trajetórias narradas no presente, tecidas pela memória, trouxeram referências simultâneas sobre interações, conflitos, rupturas, negociações, mudanças e permanências de valores e práticas que se desenrolaram no transcorrer do tempo. A construção dessas trajetórias narradas baseia-se fundamentalmente em distintas experiências marcadas por lugares, valores e códigos simbólicos diferenciados, especialmente pela dimensão de classe, dos segmentos populares e médios, ainda que se considere e se perceba que existam “simultaneidades” (VAITSMAN, 1997) entre os códigos culturais desses dois segmentos.

Através de suas narrativas as senhoras trouxeram importantes aspectos das etapas de suas vidas através das quais se manifestaram diferentes concepções sobre o tempo e diferentes possibilidades de vivências. Tais concepções relacionam-se com distintos momentos de seus processos de individualização, ora mais expressivos, ora mais retraídos. Deixando ver que tais processos não se dão de forma linear nem tampouco ascendente, mas de forma sinuosa, apresentando avanços e retrocessos.

A organização do tempo presente, tanto o objetivo quanto o subjetivo, não se separa de suas experiências passadas. As narrativas das senhoras em relação ao tempo mostram que de um lado há a preocupação de um redimensionamento do tempo limitado pela ideia de seu próprio fim, a partir da opinião de que o tempo passado parece ser infinitamente mais longo do que aquele que se está por vir. E com isso ressalta-se a necessidade de um tempo para se viver melhor o aqui e o agora, priorizando o presente. Por outro lado este tempo passado, o tempo vivido, é percebido como vantajoso para essa fase da vida, pelo o que trouxe como acumulação de experiência e sabedoria.

Com base em suas experiências trazidas na memória, as senhoras expressaram diferentemente determinados momentos do curso da vida: O tempo da infância, para algumas e a negação dela, para outras. O tempo da juventude

traduzido em tempos múltiplos que se interceptam com o tempo da vida adulta, e este, por sua vez, traz consigo a noção de tempo “auge das obrigações”. E o tempo presente, mais enfaticamente associado ao tempo de liberdade e o tempo da sabedoria. Ao trazer aqui um pouco sobre as diferentes experiências dessas senhoras em relação ao tempo, não pretendo entrar na discussão sobre as transições como bem faz Muller (2008), que nos mostra o quanto contemporaneamente torna-se “cada vez mais difícil definir limites de passagens de uma idade para outra”, revelando que as transições se dão a vida inteira. Procuro tão somente compreender a partir das próprias definições das senhoras sobre as etapas da vida, os caminhos percorridos por seus processos de individualização nos diferentes tempos por elas designados.

Tempos de Criança: Infância e Infância negada

Todas as senhoras iniciaram suas narrativas lembrando os tempos em que eram crianças. Algumas, primordialmente dos segmentos médios, com ênfases diferenciadas, trouxeram a memória das brincadeiras, especialmente na companhia dos irmãos, nas pequenas cidades de origem, retratando a infância vivida em situações diferentes das que, por exemplo, vivem hoje seus netos. Conforme nos relatou dona Rosa, assim como outras senhoras, as crianças de hoje vivem cercadas pelo medo da violência urbana tendo restritos acessos à vida pública, se comparadas com as crianças de tempos passados que encontravam nas ruas de suas casas lugar privilegiado para as brincadeiras infantis.

Dona Rosa: Eu lembro que na minha infância, eu brincava muito assim de casinha, brincava com meus irmãos na rua, a gente tinha muitas brincadeiras na rua, naquele tempo, não tinha assim problema de violência, essas coisas que a gente vê agora, não tinham não. Que hoje, por exemplo, meus netos não podem sair na rua, não podem brincar como antigamente a gente podia, vivem feitos prisioneiros num apartamento. [...] De manhã, a primeira coisa que eu fazia era arrumar minha cama, fazia minhas tarefas que a professora passava, ajudava vizinha numa coisa ou outra e quando terminava ia brincar. De tarde ia pra aula e a noite minha obrigação era a de lavar a louça do jantar.

O Tempo para as brincadeiras segundo esta senhora, assim como para as demais do segmento médio, pareceu, no entanto, limitado por algumas obrigações diárias.

Entre estas senhoras, suas principais obrigações infantis envolviam os estudos, as práticas religiosas, aprendizados de prendas domésticas e alguns afazeres do lar. Conforme ilustra a fala de Selma.

Selma: Naquele tempo era muito bom, a casa era grande, é tanto que tinha espaço pra tudo, a gente tinha inclusive uma sala de aula dentro de casa, porque naquele tempo não tinha escola, e a gente estudava em casa com uma professora contratada por papai. Todos os dias ela vinha nos dar aula, era nossa única obrigação, mas era assim muito rigoroso e era o dia todo praticamente. Porque tinham as aulas normais, mas tinham também a parte das prendas domésticas, música, a leitura do evangelho, a gente passava o dia todo praticamente em casa, mas não faltava o que fazer.

A partir das perspectivas das narrativas das senhoras do segmento médio, e compreendendo a diferenciação entre criança e infância - debatida pela Sociologia da infância (Marchi, 2007; Sarmiento, 2005) - pode-se perceber que suas práticas enquanto crianças correspondiam a práticas infantis. Uma vez que estas se aproximavam do que nos apresenta Marchi (2007) quando retrata alguns dos sentidos de infância. Conforme esta pesquisadora da Sociologia da Infância brasileira, a ideia de infância envolve entre outros fatores o acesso à educação, a proteção, as brincadeiras, podendo corresponder a um tempo de “preparação (ou “quarentena”, como prefere Ariès) das crianças para vida adulta. Um tempo em que especialmente a família e a escola, estarão encarregadas da tarefa de iniciação das crianças aos “segredos” do mundo adulto” (Marchi, 2007, p. 45).

Já as senhoras do Timbó, fizeram referência, no tempo de criança, ao trabalho no campo. Destacando a dureza do trabalho infantil nas roças e no corte de cana, privando-as de vivenciar a infância, com práticas, reconhecidas em nossa sociedade, como próprias desse tempo da vida, como o estudo e as brincadeiras. Na medida em que se tornavam, responsáveis em contribuir com o trabalho para a manutenção da família, essas senhoras mostraram inserir-se no mundo dos adultos, mesmo ainda muito pequenas, tal como retrata dona Val.

Dona Val: Eu nasci e me criei trabalhando, trabalhando duro, nunca deixei de trabalhar, minha vida até hoje foi só trabalho dia e noite. [...] ainda nem amanhecia o dia a gente tudo ia pro roçado, voltava depois do entardecer. [...] Nunca fui numa escola, meu pai dizia que não carecia aprender a ler para não escrever carta para namorado.

Observa-se segundo essas narrativas que as práticas dos primeiros anos de vida entre as senhoras se realizaram em lugares e condições de vida distintas, em ambos os segmentos, circunscritas ao círculo familiar. Os cenários que se projetam nas lembranças dessas experiências configuram distâncias e distinções sociais, reveladas por valores e códigos que se opõem. Para as mais pobres, o estudo era proibido, ou de difícil acesso, o trabalho aparecia como necessidade central para manutenção individual e familiar enquanto que no outro grupo estimulavam-se os estudos e outros aprendizados, além de considerar o tempo para as brincadeiras, para as “coisas de crianças”. As diferenças entre as experiências do tempo de criança entre as senhoras do segmento médio e popular, retratam diferentes possibilidades de viver a infância. Tais circunstâncias parecem encontrar guarida, nas perspectivas de Ariès (2006) que indica o caráter de classe embutido na ideia moderna de infância, sendo esta, assim como revela este autor, quanto à sua origem, relativa primordialmente às crianças pertencentes às famílias mais abastardas. Apesar de não fazer parte da discussão desse trabalho, vale destacar que segundo Marchi (2007), a infância continua sendo atualmente no Brasil uma “construção social” primordialmente relativa às classes médias e altas, para esta pesquisadora muitas crianças brasileiras não tiveram ou não tem direito a infância.⁴¹

Tempos de juventude e da vida adulta: Contratempos, autonomização, independência e obrigações

Como já mostrado em outros momentos desta tese, o tempo de juventude entre a maioria das senhoras é marcado pela busca por autonomia e independência em relação à família de origem e/ou em busca por melhores condições de vida. Estes movimentos, no entanto não seguiram as mesmas trajetórias.

Algumas senhoras procuraram na vida conjugal “precoce” um dos caminhos para alcançar esta “independência” ou a saída para ascensão social. Ainda muito jovens estas mulheres assumiram compromissos conjugais e com a maternidade. Segundo as que passaram por tais experiências, especialmente dona

⁴¹ Para a autora: “apesar da institucionalização da infância moderna ser um fenômeno abrangente (e que se pretende universalizar), a ideia de Ariès de que ela era econômica e praticamente possível, em seu início, somente para as classes altas (que “tinham tempo e dinheiro para a ‘infância’”, como assinalam Prout e James, 1990), continua valendo para determinada infância pobre no Brasil. (MARCHI, 2007, p.50)

Cida, do segmento popular e dona Ana, do segmento médio, o casamento e em sequência a maternidade, lhes privaram de experimentar o tempo de juventude ou de “mocidade” e introduziram em suas vidas responsabilidades de difícil conciliação com projetos próprios como estudar e trabalhar.

Dona Cida: Vivia alí vigiada por pai, queria sair de casa, viver minha vida, aí com treze anos arrumei logo uma barriga mulher e fui morar com meu marido, tive um menino atrás do outro. Aí pronto, não tinha direito a nada, nada na minha vida... vivia pra cuidar de menino. Não saía de casa, não podia trabalhar, não podia estudar, não ia numa festa, não tinha direito a ter uma roupa nova, um calçado, pra andar arrumadinha, porque tudo era pra eles, na minha mocidade tive direito a nada não, foi muita maluquice minha, perdi minha mocidade todinha somente cuidando de filho, de casa e de marido.

Dona Ana: Queria muito encontrar alguém que me tirasse daquele sofrimento de vida. Queria poder estudar numa escola boa, aí encontrei este senhor, que te falei antes, e casei com ele. Ele era muito bom pra mim. Não tenho o que reclamar dele não, o problema é que eu engravidei, inclusive o primeiro ele mandou tirar, eu te disse não foi? Porque ele queria assim aproveitar um pouco nosso casamento e eu queria terminar meus estudos, que ele dizia que ia arrumar uma vaga pra mim no banco, pra mim era um sonho trabalhar com ele no banco. Mas com pouco engravidei de novo. Eu só acho assim que o problema não foi que eu me casei cedo, mas foi que eu tive filho cedo, quando eu tinha condição de viver bem, de procurar alguma coisa boa na minha vida, vieram os meninos, não me arrependo deles não, mas pra cuidar deles eu terminei deixando de viver coisas boas que a gente vive quando é nova, estudar, que eu queria muito, passei a me dedicar exclusivamente a eles.

Segundo dona Cida e dona Ana a inserção na vida conjugal e os contratempos das gestações não programadas, além de tê-las privado de experimentar o tempo de mocidade, trouxe uma nova relação para elas em relação ao tempo. Aparecem em suas narrativas a noção de tempo para os outros. Esta ideia de tempo revela condicionantes negativos sobre suas perspectivas de autonomização e de realização de projetos próprios, contribuindo assim para a retração de suas possibilidades de individualização.

Por outro lado, outras senhoras, especialmente do segmento médio: dona Vera, dona Maria, dona Rosa, Penha, Rita e Selma, procuraram seguir o caminho para a independência e autonomização dedicando-se ao trabalho e ao estudo, inclusive algumas, em níveis universitários. O tempo de juventude para elas comportou a continuidade nos estudos iniciada na infância, as primeiras

experiências profissionais, as primeiras experiências da sexualidade, diversões e responsabilidades. Tratou-se de um tempo de conquistas próprias, de autonomização e independência econômica. Para estas senhoras, a juventude, apesar dos impedimentos encontrados, especialmente em função da família, representou um tempo favorável aos seus processos de individualização. Como retrata Penha:

Penha: Comecei a adquirir minha independência financeira e minha liberdade, mas ainda assim eu ainda era vigiada, era maior de idade, mas parecia uma adolescente, era difícil lidar com ela. Comecei a tirar aquele domínio dela [da mãe] sobre mim, comecei a me rebelar um pouco, a crescer vamos dizer assim [...] Em Campina as coisa começaram a mudar, porque ela foi perdendo o controle sobre a gente, longe da gente ela não tinha mais aquele domínio todo. Mas você acredita que ela obrigava a gente ir pra fazenda no fim de semana? Eu sei que quando entrei na Universidade, aí eu dizia, mamãe não posso ir porque tenho prova, e tenho que estudar. Aí fui deixando de ir. Depois comecei a namorar Mardônio, aí é que eu não queria ir mesmo, porque queria ficar com ele. Ela reclamava, ligava brigando, era uma coisa, as vezes eu nem atendia aos telefonemas dela, mandava dizer que não estava. E assim ela foi vendo que não podia mais comigo, que eu já estava adulta mesmo, e sabia cuidar da minha vida. Aí resolvi casar, foi outro moído, mas eu fui e casei.

A maior parte das mulheres envolvidas nesta pesquisa, de ambos os segmentos, formal ou informalmente, tiveram o trabalho remunerado como uma das atividades centrais de suas vidas, para algumas do segmento popular iniciada na infância, para as do segmento médio, na juventude.

A escolha pela construção de uma carreira profissional, para algumas mulheres do segmento médio, representou mudanças significativas no habitus constituído na infância em meio a família de origem. Estas mulheres em sua juventude tiveram acesso a novos códigos culturais, especialmente nos espaços de trabalho e nas universidades, que lhes apresentaram novas propostas sobre a condição feminina e que repercutiram em suas vidas como novas possibilidades de trajetórias a serem seguidas para além daquelas estabelecidas e orientadas por seus pais. Tudo isso ficou claro em algumas narrativas especialmente em trechos das falas de Rita.

Rita: Aí quando eu fiz dezoito anos, aí eu trabalhava né, e ele [o pai] era quem recebia meu salário, eu não sabia nem quanto eu ganhava, era dele. O pessoal do trabalho dizia: menina quem já viu isso? A

pessoa trabalha e não sabe nem quanto ganha? Era horrível mesmo! Aí por conta disso, e por ter meu sonho de me formar, eu cheguei pra ele e disse: Agora eu vou estudar, porque já tô com dezoito anos, agora eu posso! Ele disse: Você não pode estudar que você trabalha! Aí eu disse: Fique com seu emprego que eu arranjo outro! Eu sei que ele ficou brabo comigo, ficou zangado! Mas eu fui embora pra Campina e consegui terminar meus estudos, melhorar no meu emprego, porque tive ascensão [...] Foi luta porque tive que trabalhar, estudar, e quando me casei piorou porque acumulei mais responsabilidades, fiquei uma prisioneira mesmo. Dali em diante eu já como adulta, mãe de filhos, tinha que batalhar mesmo pra conseguir dar a eles o melhor.

A saída da casa dos pais, para estudar e/ou trabalhar representou assim para estas senhoras um novo tempo, uma retradução simbólica sobre suas possibilidades de existência. A probabilidade de executar uma atividade de trabalho fora de casa, ou trabalho remunerado, significou avanços em seus processos de individualização, uma vez que favoreceu a realização de desejos próprios. No entanto, também denotou uma sobreposição de atividades. Pois o tempo de trabalho esteve em alguma medida associado a outros tempos, o da escolarização para algumas, os das primeiras experiências conjugais e maternas para a maioria delas.

Para as mulheres que desenvolveram alguma atividade profissional, nos dois segmentos pesquisados, o tempo de trabalho, comportou então tempos múltiplos, de várias atividades, vivências, acesso a diferentes espaços e obrigações diferenciadas que necessitavam ser conciliadas. Para tanto, a racionalização do tempo era fundamental, para que tivessem tempo para tudo, assim como era sua otimização, saber usar bem o tempo. Segundo os relatos é fundamentalmente em torno da saída da casa dos pais, da necessidade de auto gerenciamento, do casamento, das obrigações de trabalho, da maternidade, ou seja, através deste conjunto de responsabilidades da vida que marcam para as senhoras a integração à vida adulta. A sobreposição de obrigações dessa fase da vida traz a ideia “do tempo auge das obrigações”. Como retrata dona Vera.

Dona Vera: Enquanto era solteira tava bom, mas quando casei que assumi a vida, que me vi só, sem pai e mãe, trabalhando os três expedientes, aí as coisas mudaram. Ainda bem que ele[o marido] não se incomodava com isso. Eu tinha que trabalhar por que nesse tempo ele era soldado, ganhava muito pouco, eu ganhava mais do que ele. Mas com dois meses de casada eu engravidei, aí minha filha foi que o nó apertou, nesse tempo minha mãe adoeceu, eu me vi feito uma louca, nem pré natal direito eu fiz, e quase não tive direito a

resguardo, porque se não voltasse pra escola, corria o risco de ser demitida, naquele tempo não tinha essa história de licença maternidade de não sei quantos meses não. Era muita coisa pra uma pessoa só, trabalhava, cuidava de casa, de menino, mãe doente, tinha dia que eu chorava, chorava feito uma condenada. Esse tempo foi pesado, foi o auge das minhas lutas, das minhas obrigações, mas eu era nova né aguentava, hoje não, hoje tenho que descansar!

Se por um lado a possibilidade de trabalho remunerado, ter o próprio dinheiro, facilitou para que as mulheres dos dois segmentos estudados avançassem em seus processos de individualização, uma vez que a independência financeira lhes auxiliou na execução de alguns projetos próprios. Por outro lado, estes mesmos processos eram também freados, pois o tempo de trabalho, na juventude e nas experiências da vida adulta trazia consigo condicionantes que implicavam em limitações do tempo auto gerenciado, originando com isso a ideia de aprisionamento, conforme nos mostra Penha.

Penha: Quanto mais a gente trabalha mais falta tempo pra outras coisas não é? Isso é normal. Trabalhar fora me privou de outras coisas, não me permitiu ser mais família. Mas talvez se não fosse assim eu não teria conseguido oferecer para os meus filhos, o que eu ofereci, eu tinha que optar, ou eu ficava com ele e deixava faltar as coisas, ou teria que trabalhar bastante para garantir o sustento deles, isso tudo termina fazendo com que você se aprisione em seus afazeres.

Em seu relato Penha nos mostra que a perseguição por uma carreira profissional, a valorização do trabalho remunerado, trouxe impedimentos no sentido da possibilidade de desenvolver relacionamentos mais intensos com a família. No entanto, apesar do trabalho representar para ela uma atividade de seu interesse, ele diz respeito também a um projeto coletivo, na medida em que o que dele resulta também traz benefícios para a família em geral. Isso nos sugere que a individualização para essa mulher, além de exprimir a concretização de demandas que se relacionam com a auto satisfação, não se dá sem considerar a família e suas necessidades.

Novos tempos: O Tempo de liberdade e da sabedoria

De acordo com as narrativas de minhas interlocutoras o tempo presente se associa principalmente às noções de liberdade e de sabedoria. Tais noções

fazem referência a outras fases de suas vidas. No caso da ideia de liberdade ela aparece de um modo ou de outro em confronto aos sentidos de tempo em que predominam ideias de aprisionamento. A saber: o tempo do trabalho remunerado, quando parte de seu tempo não lhes pertencia; O tempo da maternidade, que lhes exigia intensivos cuidados com os filhos pequenos; E o tempo das dificuldades atravessadas nas relações conjugais, quando se sentiam aprisionadas e subjugadas por seus parceiros.

O Tempo de aprisionamento em relação ao trabalho remunerado, narrado pela maioria das senhoras de ambos os segmentos, é aqui ilustrado pelos relatos de Rita e Geralda, quando estas senhoras, recordam algumas de suas experiências profissionais.

Rita: Eu trabalhava demais mesmo, era quase uma escrava, porque por muito tempo tive cargo de confiança, chefias de departamentos, e isso exigia muito de mim, como não queria perder a gratificações que eram bem significativas, me submetia a longos horários de trabalho, e a assumir a responsabilidade por setores inteiros. Era a primeira que chegava e a última a sair. Mas os finais de semana eram meus, não abria mão de jeito nenhum. Porque tinha os meninos e tinha que dar atenção a eles.

Dona Gerada: Aí fiquei batalhando. Mas aí era ruim porque terminava de arrumar a cozinha e ficava na casa né, aí tinha que fazer os serviços tudinho. De noite não tinha sossego, porque as vezes o patrão chamava, eu ia dizer que não? Tinha que atender. Era ruim isso, porque a gente ficava como assim numa prisão. Tinha que fazer tudo que eles pediam. Aí quando eu comecei a saber das coisas, saber andar pelos canto aqui, aí arrumei um quarto e fui morar sozinha. Aí dona Maria não queria que eu fosse, mas aí eu disse dona Maria eu vou, eu vou ficar somente dependente de mim, porque a pessoa ser independente e morar na casa dos outros é diferente de estar no seu canto. [...] Pagar aluguel era difícil, as vezes preferia ficar na casa dos outros pra não ter assim essa despesa, nem gastar com passagem.

Os trechos deixam ver que a ideia de “prisão” relaciona-se com os trabalhos desenvolvidos por ambas as senhoras, muito embora em condições bem distintas. No caso de Rita, pertencente ao segmento médio, os longos períodos de trabalho, diziam respeito ao compromisso com cargos elevados, e que se traduziam em interessantes gratificações monetárias. No entanto para esta senhora, havia ainda a perspectiva do tempo livre, o tempo do não trabalho, uma vez que, sendo uma

trabalhadora formal, gozava de direitos como, por exemplo, o descanso nos fins de semana. Diferentemente disto, no caso de dona Geralda, a ideia de prisão associava-se a condições precárias de trabalho, levada a residir no local de emprego, para garantir melhores condições de vida, atuando em funções subalternas e na informalidade, dona Geralda sentia-se aprisionada e sem muitas possibilidades de mudança.

Em contraposição ao tempo de aprisionamento no trabalho, hoje, a maior parte das senhoras gozam o tempo da aposentadoria. Para as senhoras do segmento médio, esse tempo corresponde ao tempo de usufruir direitos, diz respeito a um direito vinculado a uma experiência passada de muitos anos de trabalho, que assegura hoje o não trabalho e a manutenção da independência financeira, importante elemento de individualização. Para as mulheres especialmente deste grupo, a aposentadoria também representa, a probabilidade de experimentar esta fase da vida com maior possibilidade de um tempo auto gerenciado, de escolher o que se quer, de maior descanso, tendo mais tempo para as sociabilidades extra familiares e outras atividades. Já para as senhoras do Timbó esse direito é percebido como prêmio e muitas vezes como a única saída para garantir as despesas básicas de seu grupo familiar.

No que diz respeito ao tempo de aprisionamento em relação as condições conjugais, trago como ilustração relatos de dona Cida, que dedicando-se primordialmente a família e ao esposo após o casamento, esteve constantemente submetida ao domínio do companheiro e inclusive sofrendo situações de violência.

Dona Cida: Ele começou a beber demais, espancava eu né, arrumava mulher por aí, me maltratava muito. Eu com oito dias de resguardo ele me deu uma pisa que quase que me matava. Aí também batia nos meninos, era um inferno, minha vida virou. Mas eu ia fazer o que se tinha ele era quem sustentava tudo? Ai de mim se dissesse tanto assim, que ele ficava brabo, tinha que aguentar, dependia dele. Foi quando ele arranhou uma dona e saiu de casa. Foi viver mais ela, me abandonou de tudo, nem feira mais ele queria me dar. Aí eu vivia doía minha filha, sem trabalhar, e cheia de menino pra dar de comer, eu fui e botei ele no juiz. Sofri tanto, hoje conheci a vitória. Tô livre dele!

A ênfase de dona Cida ao finalizar o trecho dizendo: Tô livre dele pode ser compreendida como uma “liberdade de gênero”, da qual também nos fala Britto da Motta (2007), referindo-se a percepção de liberdade encontrada por algumas

mulheres que tendo atravessado situações tal como as de dona Cida, sentem-se, especialmente após as separações ou viuvez livres do “jugo masculino” em suas vidas. Atualmente dona Cida compreende sua etapa da vida como a “da melhor liberdade”, uma vez que não possui quem regule seu tempo, nem tampouco controle o que ela deve fazer com ele. A liberdade para dona Cida associa-se desse modo a possibilidade de usar seu tempo conforme suas vontades particulares.

Dona Cida: Porque agora eu saio pra onde eu quero. Não tenho ninguém pegando no meu pé. Não tenho nem quem pergunte: Pra onde foi? Foi fazer o que? Chega que hora? Faço o que quero na hora que quero, tem coisa melhor? Pra mim esse é o melhor tempo de minha vida, é a melhor idade que eu tenho é essa de agora e a melhor liberdade também. Ai meu Deus, é tudo na minha vida, a melhor liberdade que eu tenho essa de agora! Quero homem não, homem é atraso, quero viver cem anos sem homem que me perturbe, que me faça de escrava, quero nada!

Quanto a perspectiva de aprisionamento relativa à maternidade Este tempo diz respeito aqueles momentos da vida nas quais as mulheres tradicionalmente ocupam-se com os cuidados mais intensivos, dedicadas às crianças e adolescentes.

Dona Ana: Depois que eu casei, deixei de trabalhar. Porque não precisava mesmo, meu esposo era muito bom pra mim, me dava de tudo, e assim eu podia ficar exclusiva pras crianças. Tive eles e criei todos eles, fazia as roupas deles, dava banho, comida, ajeitava tudo, tudo deles era comigo, no começo tinha empregada mas era mais pra casa e pra cozinha, os meninos era comigo. Aí tive praticamente um atrás do outro, tive muito trabalho pra cuidar deles. Tinha que ficar em casa, porque ensinava as tarefas deles, ajeitava pra eles irem pra escola.

Como observado no trecho a maternidade requer das mulheres mais dedicação a família fazendo com que elas se voltem mais ao ambiente doméstico. Tendo todas elas os filhos crescidos, surge a sensação de liberdade, ou pelo menos de “alívio” das obrigações maternas mais exaustivas, salvo para Selma e Ciça que assumiram integralmente os cuidados com netos pequenos.

De acordo com as narrativas de minhas interlocutoras, o presente abre espaço para o tempo de liberdade, para vivências novas e diferentes formas de articulação entre as experiências da vida pública e da vida privada. As liberdades alcançadas unem-se aos novos valores introduzidos na família e contribuem para

que estas senhoras possam articular de formas diferenciadas de tempos passados o tempo para si e o tempo para os outros. Como se observa na narrativa de dona Ana, que tendo deixado de ser “exclusiva” para os filhos como retrata no trecho anterior, atualmente, procura privilegiar um tempo para si, para realizar atividades extra domésticas com as quais também encontra satisfação. Desenvolvendo para tanto, juntamente com sua família relações de negociações, com vistas à divisão mais igualitária das tarefas domésticas que a permita usufruir parte de seu tempo com outras atividades para além daquelas realizadas em casa.

Dona Ana: Em relação aos meus filhos eu ficava presa a eles e tinha que levantar cedo, fazer almoço, passava o dia todo em casa, lavando roupa e etc, etc, etc. sempre moraram comigo, depois que o pai deles morreu, o mais novo dormia comigo. Agora todo mundo ajuda aqui, as coisas não são como antigamente mais não, agora todo mundo ajuda! Porque eu achava que tinha que fazer tudo em casa, sozinha...eu abria mão da minha vida pra fazer tudo pra meus filhos...e olhe que muitas vezes ninguém reconhece, hoje não, eu faço primeiro minhas coisas, depois o tempo que sobra eu cuido das coisas de casa.

Algumas pesquisas entre elas as realizadas por Ferreira e Rodrigues (1992); Andrade (1992); Britto da Motta (1996; 2007) Debert (1994), têm revelando que boa parte das mulheres, independente da classe social, considera a sua etapa atual de vida, como idosas, o momento mais propício para realizações até então inalcançadas, ou por falta de tempo em momentos anteriores, quando ainda se situavam no tempo “auge das obrigações”. Ou porque ainda não possuíam a consciência de que também poderiam ter, apesar de todas as suas atribuições, um tempo para si. Estas perspectivas também foram relatadas entre minhas interlocutoras, como bem ilustra o trecho da fala de dona Rosa em conversa com o esposo em minha presença.

Dona Rosa: [...] é meu tempo de aproveitar a minha vida porque quando eu tinha meus filhos e trabalhava eu não saía de casa, casei com você sabendo quem você era e você não se faça de vítima porque sabe de minha vida e sabe que eu quero fazer o que gosto agora. Agora posso programar minhas viagens, posso sair sem me preocupar com horário de voltar, porque não tenho obrigações que me aprisionem mais como antigamente, que tinha trabalho, tinha que estudar, tinha a casa, tinha meus filhos pequenos, hoje posso aproveitar mais minha vida. [...] Hoje eu sei dos meus direitos, não

abro mão deles, também sei muito bem do que posso e não posso fazer, sei até onde posso chegar.

A compreensão de direitos aparece na narrativa desta senhora legitimando o uso do tempo atual com práticas que tragam auto satisfação. Mediante a ideia de que em outros momentos, teve seu tempo de prazer - ou de realizar outras atividades também desejadas - subtraído com a maternidade, com as obrigações de trabalho com o estudo e com os cuidados da casa. Viajar, sair sem compromissos com horários, diz respeito então a comportamentos que integram direitos adquiridos mediante o cumprimento de obrigações próprias de outros tempos tidas como aprisionantes.

A segunda perspectiva do tempo presente apresentada nos relatos das senhoras diz respeito ao tempo da sabedoria. Esse tempo se traduz especialmente pelo acúmulo de experiências com o passar do tempo, com o tempo vivido. Fazendo surgir a sensação de que o passado parece ser, nas perspectivas das senhoras, de modo geral, maior do que aquele que está por vir.

O tempo da sabedoria se explicita enfaticamente em meio às relações geracionais na família ou na vizinhança. Essa perspectiva foi mais nitidamente observada nas narrativas de duas das senhoras do Timbó, mas também verificadas entre as demais e aquelas pertencentes ao segmento médio. O presente ainda diz respeito ao tempo de sabedoria sendo esta muitas vezes substantivada nos conselhos transmitidos pelas senhoras às demais gerações da família.

Dona Elza: A pessoa só aprende as coisas nessa vida vivendo, dou conselho a ela [a filha] pra ela parar com essas coisas dela, pra ela procurar um serviço certo e se aquietar, ela já melhorou bastante mas precisa passar por muita coisa ainda, precisa sofrer pra aprender a dar valor ao que tem, aqui ela tem de tudo, mas invés de aproveitar pra pegar o dinheiro dela e fazer alguma coisa boa mesmo só se preocupa com festa, com roupas, com celular. Eu não reclamo muito porque também fui moça, também queria andar arrumada, mas depois agente vê que isso não é tão importante assim, que tem outras coisas mais importantes, invés de tá gastando com essas coisas, não é melhor juntar e comprar uma casinha? Quando ela tiver mais velha ela vai querer ter o canto dela e aí? Eu sei o que isso porque também perdi muito tempo com besteira, gastando com bobagens e por isso sofri muito pra ter isso aqui. Poderia até ter uma casa melhor, mas fui burra, fiz muita besteira na vida, agora depois de velha é que a gente aprende isso.

Enquanto a sociedade privilegia os modelos mais dinâmicos de envelhecimento, favorecendo o presente e as práticas mais inovadoras - baseadas na ideia do prevaletimento de informações continuamente renovadas, os conselhos baseados na experiência terminam perdendo espaço. Conforme observa Bosi(1994) em seu trabalho sobre memória e sociedade, a velhice é o tempo da lembrança. Tais perspectivas foram elaboradas a partir de exemplos de narrativas como as de dona Val, moradora do Timbó, que mantém a prática da reza, aprendida com sua avó desde criança no interior do Nordeste. Diz respeito à manutenção de um habitus adquirido na família e que não se perdeu com o tempo.

Dona Val: Aprendi a rezar com minha avó, ela era rezadeira muito respeitada no interior, vinha gente de longe pra ela rezar. Ela também era parteira, eu vi ela trazendo muitas crianças ao mundo. E quando eu tava mocinha, ela sempre me chamava pra ajudar, eu e minha mãe ajudava sempre. Aqui também o pessoal me procura muito, sou mãe desse povo todinho aqui, já tirei mal olhado de menino novo, de gente doente. Minha avó dizia que a fé pode todas as coisas, eu acredito nisso, mas a pessoa que vem também tem que acreditar por que senão não funciona. Eu sou a única aqui que rezo, pode procurar outra rezadeira que por aqui não tem, o pessoal não sabe rezar, quando procuram por uma rezadeira todo mundo já sabe: é dona Val!

A prática da reza, segundo dona Val, a coloca em lugar de destaque social uma vez que somente ela a exercita na comunidade. Trata-se de uma prática própria do universo das culturas tradicionais, que continua a ser valorizada no tempo presente, distinguindo-se da ideologia da terceira idade que privilegia a ciência, o conhecimento pós-tradicional. Para dona Val o sentido do presente é encontrado através de suas práticas adquiridas no passado revelando que “o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião, alegria e uma ocasião de mostrar sua competência” (BOSI, 1994, p. 82).

Em sua narrativa dona Val remonta aos modelos femininos de sua mãe e avó e revela que a memória é uma construção e pode ser transmitida pela oralidade e através das práticas concretas dos indivíduos em suas relações. Falando um pouco sobre os modos de vida do círculo social ao qual pertencia no passado esta senhora revela que as lembranças que integram a memória coletiva apresentam-se como significativas na definição das relações familiares. A família surge nos relatos desta e das demais senhoras como “quadros sociais” (HALBWACHS,1990)

fundamentais para suas lembranças. Dona Vera, por exemplo, é uma das senhoras do segmento médio que também se reporta à família de origem para indicar algumas práticas mantidas atualmente e relacionadas aos costumes assimilados ainda na infância.

Dona Vera: Mãe sempre dizia que banho de colônia ajudava a respirar melhor, desde pequena que eu tomo quase todo dia um banho de colônia, agora tem que ser antes da seis da manhã, porque senão, não faz efeito. Fervo as folhas e tomo com água morna numa bacia, minha dor de cabeça passa na hora. Tudo por conta da minha sinusite, a colônia me ajudar a respirar e a dor passa.

Suas narrativas sobre os costumes terapêuticos mostra a permanência da “autoridade das expectativas baseadas no costume”. (THOMPSON, 1998, p. 22,23). É neste mesmo sentido que Delgado (2010), discorre ao retratar as experiências corporais de idosos trabalhadores, observando que eles falam de um profundo enraizamento das disposições e esquemas culturais do *habitus* (BOURDIEU, 1996). No entanto, diferentemente destes senhores, dos quais fala Delgado (2010), que desafiam o saber médico, registrando conflitos em suas relações com o sistema de saúde ao duvidarem da necessidade de fazer consultas, as senhoras aqui envolvidas, apesar de acumular saberes culturalmente construídos quanto a saúde, não desprezam a credibilidade nas orientações médicas contemporâneas.

Ao narrarem seus aprendizados em tempos passados algumas senhoras, especialmente, Rita, Selma, dona Vera, dona Val e dona Ciça, exaltam as transmissões intergeracionais, situando-se como herdeiras de princípios de seus pais e avós assimilados em diversos momentos da vida familiar. Enquanto sucessoras desses conhecimentos e dotadas de tantas outras experiências de vida adquiridas em outras imediações sociais, estas senhoras constroem com mais ou menos proeminência uma imagem de si como: “maduras”, “vivas”, “experientes”, “sábias”, e em consequência disso se reconhecem transmissoras de conhecimento e valores, designando-se responsáveis pelos conselhos, pelos consensos e equilíbrio no contexto atual de suas famílias. Tal como destacado na fala de dona Ciça em relação a sua filha.

Dona Ciça: Eu sou vivida e sofrida da vida, por isso eu digo a ela todo dia, sofri o pão que o diabo amassou ela não seja besta não! Estude se forme, e vá trabalhar pra sustentar seus filhos e viva a vida dela, seja independente, dona de seu nariz, se um dia aparecer

alguém que preste aí tudo bem mas homem ruim corra dele porque é só atraso!

No entanto, nem sempre os conselhos dos mais velhos da família se coadunam com “os mundos sociais” dos demais membros, especialmente os filhos e netos. Nos contextos de diferenças intergeracionais, especialmente naqueles em que a heterogeneidade de mundos habitam uma mesma casa, as relações são também permeadas de tensões que em muitas circunstâncias se traduzem em situações de conflitos a serem administradas. Nestes casos mais específicos o tempo da sabedoria se associa ao tempo das negociações familiares. Negociar requer saber, aprendizado, habilidade para lidar com códigos culturais diferenciados, “jogo de cintura”. Uma vez que estas negociações se dão com o rompimento de hierarquias e com a abertura para se penetrar em áreas de intersecção entre domínios culturais (LINS DE BARROS, 2004).

É no jogo dos cruzamentos de múltiplos mundos sociais que as senhoras, retratam hoje, através da memória, as relações sociais que estruturam essas temporalidades. Projetando em suas narrativas não somente vínculos com “a tradição” e com as lógicas do passado coletivo mais hierarquizado - e desse modo distinguindo-se das gerações mais novas com as quais convive atualmente – mas também, de alguma forma, integrando-se no presente através de temporalidades próprias permeadas pelos ideários contemporâneos.

O futuro traz muitas incertezas para todas as senhoras, especialmente relacionadas com a manutenção da autonomia, por isso, aparece como um tempo que apresenta cada vez menos possibilidades de controle e desse modo se fortalece a ideia do “presente estendido”. Para a maior parte das senhoras, geralmente envolvidas com os ideários da terceira idade e do envelhecimento ativo, é preciso viver o hoje intensamente e de forma disciplinada, evitando riscos, a fim de garantir no presente e num futuro próximo, uma boa vida. É neste sentido que se pode aproximar essa temporalidade com a ideia de “presente estendido” que nos apresenta Helga Nowotny (1988; 1992), também verificado empiricamente por Franch (2008) e discutido por Leccardi (2005 b, p.45) que o compreende como “espaço temporal que bodeja o presente”. A narrativa de dona Ana é um bom exemplo de como essa ideia de presente estendido funciona entre as senhoras.

Dona Ana: A gente já viveu muita coisa nessa vida não é Cristiane? Hoje a expectativa de vida aumentou muito, a gente sabe disso, mas viver, viver mesmo, sem tá precisando de ninguém, podendo ir e vir, e fazer o que se quer não é pra toda vida não, sabe? Então assim vamos viver cada dia, um dia de cada vez, posso pensar no que vou fazer hoje, amanhã, e depois, mas eu sei lá o que será daqui a dez anos? Só Deus sabe! Fico pensando nisso não. Um sobrinho meu lá de Rondônia, por exemplo, perguntou: tia, quando a senhora vem em Rondônia de novo? Eu disse: sei não meu filho, quando estiver perto eu aviso, por que eu simplesmente não sei, não sei se vou ter condições de ir daqui a um ano, dois anos, vontade eu tenho, mas só o tempo vai dizer.

Inúmeras foram as manifestações em que as senhoras demonstraram privilegiar o presente, evitando pensar no futuro, onde possivelmente podem encontrar o declínio do corpo e da autonomia. “Não fico pensando em futuro não, ele só me traz coisa ruim”, eis a fala de dona Ana, demonstrando uma perspectiva de incômodo em relação ao futuro e por isso privilegiando o presente, o tempo “que é frequentado sem desconforto e sobre o qual a atenção se detém sem dificuldade” (TABBONI, 1986, p.23, Apud, LECCARDI, 2005, p.45).

Os relatos de maneira geral mostraram que para as senhoras há ganhos de várias naturezas nessa época da vida, e há principalmente um tempo que, ao ser apropriado por essas mulheres, passa a ser usufruído com satisfação. A elaboração desse tempo pode ser inclusive compreendida como uma conquista individual, em que a mulher deseja de ter mais “tempo reservado para si”, inventa novas lógicas de lidar com as atividades “menos prazerosas” do dia a dia a fim de perder menos tempo com elas. O emprego do tempo é então determinado por uma mudança de habitus, inspirada por novos valores, acessados em diferentes instituições que agenciam a velhice, assim como nas interações sociais e através da mídia, através dos quais se assimilam novas lógicas de relações entre obrigações e prazer. Tal perspectiva associa-se as reflexões em Beck e Beck-Gernsheim (2003), quando tratam sobre os princípios dos deveres para consigo mesmo frente à lógica do contentamento pessoal presente na sociedade contemporânea. Tudo isso ficou claro nas narrativas das senhoras e pode ser exemplificado nas de dona Val e dona Ana adiante inseridas.

Dona Val: Ave Maria, se eu pudesse passava o dia todinho fazendo crochê, eu gosto demais, fico feliz quando termino uma peça, acho lindo. Tem dia que eu faço os serviços nas carreira, cozinho logo

feijão pra dois dias, pra terminar mais cedo, pra sobrar mais tempo pra mim fazer meus crochês. Tem dia que eu deixo a pia cheia, lavo a louça só de noite, porque de noite é ruim pra minha vista, eu erro nos pontos, não dá pra fazer nada, aí lavo de noite. Acordo cedo, e já fico no sentido de fazer crochê, procuro nas revistas, modelo de tapete, de pano pra mesa, eu tenho um monte de revista aí. Eu gosto demais, faço tudinho.

Dona Ana: Uma coisa que não abro mão é das minhas caminhadas, minhas aulas de artes, minhas amigas, meus passeios, tudo o que tem feito da minha vida cada dia mais feliz. Antes eu era presa, só vivia para os outros, hoje eu divido, tenho tempo pra tudo, inclusive pra mim, a vida já é curta então tem que aproveitar. Fazer o que se gosta, o que a gente quer mesmo sabe.

Ainda que as obrigações domésticas permaneçam, ou que o apoio à família continue sendo uma das preocupações do presente, as mulheres, de ambos os segmentos, encontram, cada uma a seu modo, estratégias para desenvolver um tempo para si, para fazer o que “bem entendem”. O desenvolvimento dessas estratégias passa por uma reflexão de si, sobre os papéis sociais assumidos sobre suas condições próprias de vida nos espaços sociais nos quais se inserem.

Ana: Sou mãe, sou avó, mas deixei de ser besta! Não deixo de fazer minhas coisas, eu preciso viver.

Dona Ciça: Só tenho o domingo pra sair, e saio logo cedo, porque senão um menino acorda, aí tem que fazer mamadeira, tem os serviços de casa, termina o dia e não falta serviço, eu digo a Jose domingo a casa é sua, porque em dia de domingo, eu quero sair, aí a gente escapole de casa.

Selma: Só não frequento o grupo da terceira idade porque tomo conta do meu neto, quero ver se daqui pro fim do ano resolvo isso.

De acordo com Helga Nowotny (1992, p.8), o tempo para si somente se constituiu pouco a pouco especialmente com o nascimento da sociedade burguesa, quando “a subjetividade tornou-se gradualmente um novo ponto de referência, provocando a compartimentação do tempo comum, social”. Segundo esta autora, no mundo da burguesia, o tempo público do trabalho é contrário ao tempo privado dedicado à família. É com a polarização entre esses dois tempos, que se produziu uma perspectiva “de um tempo conjugado na primeira pessoa, onde a distinção

entre tempo próprio e tempo dos outros passou a ser evidente” (NOWOTNY, 1992, p.8). A intensificação do mundo do trabalho e a inserção das mulheres nesse mercado aumentou suas demandas por uma nova categoria de disponibilidade: a do tempo para si, o tempo auto gerenciado. Fundamentado na escolha, e não na obrigação, daí a ideia de que o tempo para si é um tempo de liberdade, individualizado, ainda que elaborado sob a perspectiva de um campo de possibilidades delimitado (VELHO, 1994). Segundo os relatos de minhas interlocutoras, é nesta fase de suas vidas, como idosas, que este tempo, pode ser vivido com mais intensidade. A maior liberdade encontrada no presente em detrimento a outros momentos, pode então ser favorecedora para o desenvolvimento de um tempo para si e de uma vida para si.

Considerações finais

O caminho que percorri começou com as descrições sobre os modos de vida de algumas senhoras idosas, pertencentes a segmentos sociais distintos, residentes em Bancários. Considerei esse bairro como espaço de sociabilidades diversificadas e complexas, importantes para a compreensão das vivências cotidianas das senhoras envolvidas na pesquisa ressaltando-as também como fundamentais em suas construções identitárias nesta fase de suas vidas. As observações iniciais apontaram que elas procuravam ampliar suas vivências extra familiares, diferenciando-se em relação aos tradicionais papéis femininos de mães, avós, donas de casa em tempo integral. Elas indicavam de modos diferenciados, motivações para o desenvolvimento de uma vida para si, sem abandonar, no entanto, suas atividades relacionadas com o tempo dedicado aos outros, especialmente à família. Foram centralmente estas observações que direcionaram a abordagem temática desta pesquisa: os processos de individualização desenvolvidos por senhoras com mais de sessenta anos.

Muito embora o campo tenha sido o ponto inicial para a inspiração do tema a ser trabalhado, também parti de alguns questionamentos teóricos, especialmente aqueles que revelaram que os papéis femininos tradicionais são mais questionados nos segmentos altos e médios da sociedade (Heilborn, 1980, 1992; Lins de Barros, 1987; Velho, 2004). Assim como aqueles que propõem que nos segmentos populares são os grupos mais jovens que têm experimentado processos de individualização (Machados e Lins de Barros, 2009). Essas abordagens foram fundamentais para que em campo pudesse refletir sobre a existência de nuances de situações para além daquelas que enquadram os segmentos médios como individualizados e os populares como hierarquizados, assim como para além daquelas propostas que compreendem a individualização como processos exclusivamente relativos aos grupos mais jovens.

Tendo em vista as primeiras observações e leituras desenvolvidas, passei a pesquisar os processos de individualização em dois segmentos sociais no bairro de Bancários. Admitindo como hipótese que as vivências atuais da velhice feminina, em ambos os segmentos, também são marcadas por processos de individualização, ou seja, admiti que tais processos não se esgotam com o avanço da idade, e ainda,

que eles são reveladores de que a velhice pode ser experimentada como uma fase da vida em que cabe a reconstrução de si. Considerei que para reinventar a velhice (DEBERT,1999), se faz necessário um reinventar de si mesmo. Admiti também que os processos de individualização são diversificados, podendo ser evidenciados de várias maneiras nas trajetórias de vida dessas mulheres, em especial quando são analisadas suas trajetórias de vida.

Procurei então compreender neste trabalho como processos históricos e sócio culturais se atualizam nas práticas cotidianas de senhoras dos segmentos médios e populares, abordando as tensões entre permanências estruturais e transformações sociais, através da interiorização de novas normas de comportamento. Neste sentido o recurso às narrativas de vida trouxe riquíssimas informações sobre as trajetórias de vida destas senhoras apresentando os percursos, os avanços e retrações, que o processo de individualização tomou para cada uma delas, revelando possibilidades diversas e ilimitadas. Assim como fazendo compreender que suas escolhas e estilos de vida adotados na atualidade relacionam-se com suas experiências passadas assim como por influencias das interações estabelecidas nas rotinas da vida cotidiana ou por meio institucionais.

Posso destacar como primeira contribuição deste trabalho a proposta teórica e abordagens aqui adotadas especialmente de autores como Beck e Beck – Gernsheim em algumas de suas reflexões sobre individualização na sociedade reflexiva - especialmente relacionadas as transformações na condição feminina, destacando a possibilidade de construção de sua própria biografia – associadamente a discussão sobre envelhecimento. Através da ideia de que a individualização pode se definir de diferentes maneiras (Bauman, 2001), inclusive pensada como processo em que as mulheres procuram privilegiar a satisfação pessoal, abrindo espaço para a ética da realização pessoal (Beck e Beck – Gernsheim, 2003) em meio a relações sociais significativas não somente restritas a família. Empiricamente observou-se que tal ética tem sido incentivada por agentes diferenciados da sociedade, não somente os reconhecidos peritos médicos, mas inclusive algumas instituições religiosas que tem incorporado as propostas do envelhecimento ativo as suas doutrinas, dando respaldo religioso para suas perspectivas e alcançando aquelas senhoras com estilos de vida mais tradicionais. Promovendo uma interação entre códigos culturais muitas vezes pensados como

opostos, favorecendo a retradução de habitus e multiplicando as possibilidades de vivências da velhice.

Enquanto construção social e heterogênea as experiências da velhice podem ser reinventadas (DEBERT, 1999) de inúmeras formas. Aqui procurei pensar esses processos de reinvenção da velhice não somente considerando as senhoras como agentes influenciados pelos diferentes discursos, da terceira idade, do envelhecimento ativo, entre outros que trazem em si uma comunhão de códigos entre eles os dos cuidados corporais e o desenvolvimento das sociabilidades. Não as apreciei tão somente como reflexos das estruturas que agenciam a velhice, mas procurei considera-las como atores (Giddens, 2003) com capacidade reflexiva para filtrar informações e fazer escolhas próprias, individualizadas. Busquei pensar a reinvenção da velhice enfatizando os processos de reconstrução de si. Considerei que reinventar a velhice é, sobretudo um reinventar de si mesmo. E os relatos mostraram que estas reinvenções se projetam em meio a processos de individualização. Esses relatos revelaram ainda que a individualização é uma tendência não somente pertinente às senhoras do segmento médio, mas também ao grupo popular, e em ambos os casos, não segue um roteiro previsto, linear ou ascendente. Antes, assume contornos e percursos distintos e sinuosidades.

A participação das senhoras em grupos intrageracionais, espontâneos ou institucionalizados, contribuem para que elas tenham maior contato com valores e estilos de vida que valorizam a construção de novas vivências no espaço público, modificando, com isso, suas articulações cotidianas entre os convívios público e privado, e desse modo, favorecendo transformações nos laços familiares, no sentido da busca por negociações que ao mesmo tempo mantenha o elo familiar e também proporcionem aberturas para experiências de convivências e realizações extrafamiliares. Ou seja, concordar, com intensificação dos processos de individualização entre as senhoras, inclusive entre os segmentos populares, não leva necessariamente a aceitar que não há resistências a eles na sociedade. Alguns casos foram reveladores que valores e costumes associados à tradição continuam válidos em ambos os segmentos estudados. As senhoras de modo geral demonstraram interesse em investir em alguma medida, em uma “vida para si”, sem abandonar, no entanto, a noção de uma “vida para os outros”, especialmente em relação aos filhos e netos. A individualização na velhice feminina aparece desse modo associadamente a preocupação com a harmonização da vida familiar.

Identifiquei nos relatos e nas observações que os processos de individualização podem emergir desde os desligamentos familiares de origem, em busca de autonomia e independência financeira. Quanto por meio dos relacionamentos afetivos, e através das negociações com as próprias famílias, especialmente entre filhos e netos com os quais as senhoras coabitam, através da valorização do espaço para si, do controle sobre os bens e do próprio dinheiro, assim como do tempo reservado para si e para o desenvolvimento de práticas que tragam sensação de auto satisfação, de valorização de habilidades próprias e saberes adquiridos com o tempo.

O exercício que tentei aqui empreender em parceria com as narrativas de vida das interlocutoras, as senhoras de Bancários e especialmente com o olhar de uma orientadora que se assume, “jovem idosa”, me permitiu compreender que o avanço da idade e a manutenção de valores e práticas tidas como tradicionais não implicam em falta de criatividade. Nem tampouco em fechamento para a renovação de si, e dos próprios contextos sociais. Muito embora os condicionantes de classe sejam fundamentais para a elaboração das vivências da velhice, cada senhora em particular em seus próprios contextos sociais se mostraram capazes de desenvolver e inventar lógicas próprias a fim de experimentar esta etapa da vida de forma gratificante.

Estas considerações finais sobre este trabalho na verdade não o finaliza, mas procura fazer um arremate de ideias que senão inovadoras, podem ser ao menos consideradas pouco comuns nas abordagens sobre o envelhecimento feminino. Procurando contribuir com a Sociologia e Antropologia do envelhecimento descortinando e comparando duas realidades sociais distintas nas quais se dão diferentes experiências de envelhecimento e individualização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Lafayette. **As obrigações do amor: um estudo sobre as relações de gênero e poder com mulheres de camadas médias urbanas nascidas no início do século XX**. Tese de doutorado em sociologia. UFPE, 2009.

ALVES, Andréa Moraes. Mulheres, Corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento de camadas médias urbanas. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes(org). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. **A dama e o cavalheiro. : um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANDRADE, Eliane Schmaltz Ferreira. **Somando Papéis Sociais : trajetórias femininas e seus conflitos**. Salvador, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Orgs.). **Gênero, trabalho e família no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

ARIÈS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **La Individualización. El Individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas**. Barcelona: Paidós Estado y Sociedad 114, 2003.

BECK, U. **Sociedade de Risco. Rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: Ed. 34, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov.** In: Walter Benjamin. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção "Os Pensadores", XLVIII).

BECKER, H. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1999.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas: **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 27 ed.; Tradução de Floriano Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Modernidade, Pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approach.** 4ª ed. Lanham: Alta Mira Press, 2005.

BERTAUX, Daniel. **Les récits de vie. Perspective ethnosociologique.** Paris: Éditions Nathan, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOTT, Elizabeth. **Família e Rede Social.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia.** (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A miséria do mundo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **A ilusão biográfica.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV 1998. p. 183-192.

_____. **A Economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. Gosto de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato.(org.) **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo, Olho D'Água, 2003, pp.73-111.

_____. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 b.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRANDÃO, Elaine Reis. **Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. 2003.

BRITO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: **Cadernos Pagu (13)**, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1999, pp.191-221.

_____. Recontando o tempo de madureza. In : KOURY, Mauro (org.) **Cultura e Subjetividade**. João Pessoa : ED. Universitária, 1996.

_____. Chegando pra idade. In: LINS DE BARRO (org.) **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 2007.

_____. A família multigeracional e seus personagens. **Educação & Sociedade**, 2010, v. 31, p. 435-458.

_____. Gênero e Envelhecimento. In: **Revista Coletiva**, 2011, v. 23, p. 22-45.

_____. As velhas também. In: **ex æquo**, n.º 23, 2011, pp. 13-21.

CABRAL, Benedita E. S. Lima. **Recriar Laços: Estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares Paraibanas**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. UNICAMP, 2002.

_____. A vida Começa Todo dia. **Revista de Estudos Feministas**, ano 5, 1º semestre, 1997, pp. 159-168.

CALDEIRA, Tereza. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Cidades de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CAMARANO, Ana Amélia (Org). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p.17 – 35.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados**, vol.17, n. 49, São Paulo, Set –Dez, 2003.

CORRÊA, Mariza. ‘Apresentação’. In: **Colcha de retalhos. Estudos sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982 a.

_____. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ALMEIDA, Ângela (org.) **Colcha de Retalhos. Estudos sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982b.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter *anthropological blues*. In: NUNES, Edson de Oliveira. (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.23-35.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

_____. **O que Faz Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1991.

DAUSTER, Tania. Filho na Barriga é o Rei na Barriga: mitos de poder, destino e projeto nas relações entre os gêneros nas camadas médias urbanas. **Revista de Cultura Vozes**, v. 84, n° 2, 1990.

DE ALCANTARA, Karolyne Romero; MARTINS, Mirian Teresa de Sá Leitão. Mudanças na condição Feminina na Atualidade: Revisitando a história do feminismo. In: **Revista Ártemis** Edição V 14, ago-dez, 2012, pp. 98-110.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica da velhice. In: **Antropologia e Velhice**. Col. Textos Didáticos, IFCH, UNICAMP, Campinas, 1994.

_____. Gênero e Envelhecimento. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1994.

_____. Envelhecimento e curso de vida. **Revista de Estudos Feministas**, ano 5, 1º semestre, 1997, pp.120-128.

_____. A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. **Velhice ou terceira idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.

_____. **A cultura adulta e juventude como valor**. ANPOCS, Caxambu, 2004.

_____. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: Neri, Anita Liberalesso; Debert, Guita Grin. (orgs). **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

DOMINGUES, José Mauricio. **Ensaio de Sociologia**. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2004.

DOUGLAS, Mary. **O Mundo dos Bens. Para uma Antropologia do Consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES, José Sérgio Leite (Org.) **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, 1987. p. 206-226.

_____. Indivíduo e Pessoa na experiência da saúde coletiva. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.8, n.1 p. 173-183, 2003.

DUBAR, Claude. **A Socialização. Construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUMONT, Louis. **O individualismo**. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURHAM, E. **Movimentos sociais: a construção da cidadania**. Novos Estudos. São Paulo: CEBRAP, 1984, n.10, p.24-30.

_____. A Sociedade Vista da Periferia. In: **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ECKERT, Cornelia. Tempo e memória: da duração contínua à dialética da duração. In: DEBERT, Guita Grin e GOLDSTEIN, Donna M. (orgs). **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000, p.153-166.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994 a.

_____. **O processo Civilizador**. vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994 b.

_____. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

FEATHERSTONE, Mike. O Curso da Vida: Corpo, Cultura e Imagens do Processo de Envelhecimento. In: DEBERT, Guita Grin (org.). **Antropologia e Velhice**. Col. Textos Didáticos, IFCH, UNICAMP, Campinas, 1994.

_____. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo, Studio Nobel, 1995.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

FORTES, M. Age, Generation and Social structure. In: KERTZER, D. e KEITH, J. (orgs.). **Age and Anthropological theory**. London: Cornell University Press, 1984.

FRANCH GUTIÉRREZ, Mónica. **Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife**. Tese de doutorado em Antropologia Cultural. UFRJ, 2008.

FRANCHETTO, Bruna. Antropologia e Feminismo. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. V,1. p.11-47.

GALLAND, Olivier. **Sociologie de la jeunesse**. Paris: Armand Colin, 2004.

GAMBAROTTO, Paola. **De Dona-de-Casa a Donas-de-casa: o protagonismo feminino nas camadas médias urbanas na cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Programa de Pós graduação em Sociologia. 2009.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GIULANI, Paola Cappellin. O Movimento de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORI, Mary Del (org). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

_____. **A transformação da intimidade.** São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

_____. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **A constituição da sociedade.** 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

_____. **O mundo em Descontrole.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

GROISMAN, Daniel. **A infância do asilo: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da virada do século.** Rio de Janeiro: IMS/UERJ. (Dissertação de mestrado)

GUILLEMARD, A. M. **La vieillesse et l'`etat.** Paris: PUF, 1980.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997

HEILBORN, Maria Luiza. Visão de mundo e ethos em camadas médias suburbanas. In: **ANPOCS. Ciências Sociais Hoje.** São Paulo: Cortez, 1984. p. 88-99.

_____. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

_____. Gênero e hierarquia: A costela de Adão revisitada. **Estudos Feministas**, vol. 1 (1): 50-82. 1993.

_____. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HELD, T. **Institutionalization and Deinstitutionalization of life course.** Human Development, 29, 1986.

HENRIQUES, Célia; FÉRES-CARNEIRO, T. RAMOS, Elza. Ajustes entre pais e filhos adultos coabitantes: Limite e transgressão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 531-539, out./dez. 2011

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IANNI, Aurea Maria Zöllner. Sobre a Aplicabilidade da Teoria de Ulrich Beck à realidade brasileira: Situação de saúde e política. **Estud. sociol.**, Araraquara, v.15, n.29, p.471-490, 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JASPERS, J.; FRASER. C. **Attitudes and social representations**. In: FARR e S. MOSCOVICI (orgs.) **On social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

KAUFMANN, J.-C. **Ego. Pour une sociologie de l'individu**. Paris: Nathan, 2001. Première, troisième et quatrième parties, p.11-99; 187-275.

KEITH, J. The Best is Yet to Be: Toward na Anthropology of Age. **Annual Review of Anthropology**, 9, 1980.

KOHLI, M e MEYER, J. W. Social Structure and Social construction of life stages. **Human Development**, 29, 1986.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (org.). **Medos Corriqueiros e Sociabilidade**. João Pessoa: Editora Universitária, Edições do GREM, 2005 a.

_____. Viver a Cidade: um estudo sobre pertença e medos. **RBSE**, v. 4, n. 11, pp. 148-156, agosto, 2005 b.

_____. **De que João Pessoa tem Medo?** Ed. UFPB, 2008.

LACLAU, Ernesto. Os novos Movimentos Sociais e a Pluralidade do Social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.1 out., 1986.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: ed. Alfa-Omega, 1975.

LECCARDI, Carmen. Facing uncertainty. Temporality and biographies in the new century. **Young**, v.13 (2), 2005, p.123-146.

_____. It tempo comme strumento di analisi sociale. In: CRESPI, Francesco (a cura di). **Tempo vola. L'esperienza del tempo nella società contemporanea**. Bologna: Il Mulino, 2005 a, p. 23-29.

_____. Por um novo significado de Futuro. Mudança Social, jovens e tempo. In: **Tempo Social revista de sociologia da USP**, v.17, n. 2. 2005 b.

LENOIR, R. L'invention du 'troisième age': constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. **Actes de La Recherche en Sciences Sociales**, 26, 1979.

LINS DE BARROS, Myriam. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice E. **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Barcarolla, 2004.

MACHADO, Lia Zanotta. Família e Individualismo: Tendências contemporâneas. **Interface**. V.4, n.8, 2001. p.11-26.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco. Cultura Popular e Lazer na cidade**. 2ed. São Paulo: HUCITEC/Editora da UNESP, 1998.

_____. José G. Cantor. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana **Rev. bras. Ciênc. Soc.** vol.17 no.49 São Paulo, 2002.

MARCHI, Rita de Cássia. **Os Sentidos(Paradoxais) da infância nas ciências Sociais: Um estudo de Sociologia da infância crítica sobre a não criança no Brasil.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

MINTZ, Sidney W. Encontrando Taso, me descobrindo. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1. p. 45-58, 1984

MORIN, Edgard. **L'objet.** Communications 13, 1969.

MOSCOVICI, S. **Social Representations.** Cambridge: Polity, 2000.

MULLER, Elaine. **A Transição é a vida inteira. Uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez.** Tese (doutorado) Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós Graduação em Antropologia. 2008.

NILSEN, Ann. Jovens para sempre? Uma perspectiva da individualização centrada nos trajectos de vida. **Sociologia, Problemas e Práticas**, 27, p. 59-78, 1998.

NOWOTNY, Helga. **Le temps à soi. Genèse et structuration d'un sentiment du temps.** Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1992.

PAULO, Maria de Assunção lima de. **As Construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município.** Tese de Doutorado, UFPE, Programa de Pós graduação em Sociologia. 2010.

PAIS, José Machado. The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life. **Journal of Youth Studies**, Vol. 6, No. 2, 2003.

_____. **Ganchos, Tachos e Biscates.** Lisboa: Ed. Âmbar, 2001.

_____. Cotidiano e Reflexividade. **Educ. Soc.** Campinas vol. 28, n. 98, p. 23-46, jan./abr. 2007.

PEIXOTO, Clarice; SINGLY, François; CICCHELLI, Vincenzo. (org). **Família e Individualização.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: LINS DE BARROS, Myriam. **Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PEIXOTO, Clarice; LUZ, Gleice Mattos. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.29, 2007. P. 171-179.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História** (18), São Paulo, Anpuh, 1989, pp.9-18.

PISCITELLI, Adriana. **Coerção, obrigação e consentimento na trajetória de brasileiras que oferecem serviços sexuais na Espanha**. Texto apresentado no Seminário *Tráfico de Pessoas: aspectos jurídicos*, Auditório do Edifício Sede do Ministério Público, Goiânia, 2/2/2005.

PLUMMER, Ken. **Documents of Life: an introduction to the problems and literature of a humanistic method**. London: Unwin Hyman, 1983.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. V. 2, n. 3, p.200 – 215, Rio de Janeiro, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro: APDOC, v. 5, n. 10, 1992

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____(org). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORI, Mary Del (org). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Elsa **Rester enfant, devenir adulte: la cohabitation des étudiants chez leurs parents**. Paris, L'Harmattan, 2002.

ROBBA, F; MACEDO, S.S. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2003.

SALEM, Tânia. Mulheres Faveladas: com a venda nos olhos. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Sobre o Casal Grávido: incursão em um universo ético**. Rio de Janeiro: UFRJ, Museu Nacional, 1987.

_____. Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista. **Revista MANA**. Vol 12 nº 2, 2006.

SARMENTO, Manuel J. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação & Sociedade**. n. 91. v. 26 (Dossiê Temático Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças). CEDES – Brasil, 2005.

SARTI, Cynthia. O Feminismo Brasileiro desde os anos de 1970: Revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, 2004. Vol.12, n.2, p.35-50.

_____. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cad. Pagu** [online]. 2001, n.16, pp. 31-48.

_____. **A Família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2005.

SCOTT, Perry. **Trocando a casa e a rua: idosos e a inversão da construção de gênero em camadas populares urbanas**. Trabalho apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia, 11-14 de junho de 2006.

SENNET, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, G. As grandes Cidades e a vida do Espírito. **Mana** 11(2). 2005 pp. 577-591.

_____. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo. (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas, 34).

SINGLY, François. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Nathan, 1993.

_____. **Le soi, le couple, la famille.** Paris: Nathan, 1996.

_____. O nascimento do Indivíduo Individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, Clarice; SINGLY, François e CICHELLI, Vincenzo (org.) **Família e Individualização.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. **Être soi parmi lês Autres. Famille et individualisation.** Paris: L'Harmattan, 2001. (Tome 1)

_____. **Être soi d'um age à l'autre. Famille et individualisation.** Paris: L'Harmattan, 2001 a.(Tome 2)

_____. **Sociologia da Família Contemporânea.** Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. **L' individualisme est un humanism** (1ª ed.). Paris: L' Aube, 2005.

SOARES, Cristiane Leal R.; CAMPOS, Ricardo Bruno Cunha. Medo e violência nas praças revitalizadas. In: Franch, Monica; QUEIROZ, Tereza. **Da Casa à Praça. Um estudo da revitalização de praças na cidade de João Pessoa.** Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORI, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser (trad. Waltensir Dutra).** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul; ITZIN, Catherine; ABENDSTERN, Michele. **I don't feel old. The experience of later life.** Oxford/Nova York: Oxford University Press, 1991.

TORRES, Anália. A individualização no feminino, o casamento e o amor. In: PEIXOTO, Clarice; SINGLY, François; CICCHELLI, Vincenzo. (org). **Família e Individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. **Trajectórias, Dinâmicas e Formas de Conjugalidade – assimetrias sociais e de género no casamento**. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, ISCTE, Lisboa, 2000 a.

_____. **Sociologia do Casamento. Família e a Questão Feminina**. Oeiras: Celta Editora, 2001.

_____. Amores e Desamores – para uma análise sociológica das relações afectivas. **Sociologia. Problemas e Práticas**, 3, 21-33. 1987.

_____. **Casamento em Portugal. Uma análise sociológica**. Oeiras: Celta Editora, 2002.

TOURAINÉ, Alain. **¿Podremos vivir juntos?** México: Fondo de cultura económica, 1997.

_____. **O mundo das Mulheres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TUNER, Victor. Experience and Anthropology,. In: Edith Turner. **On the Edge of the Bush: Anthropology of Experience**. Tucson, Arizona: The University of Arizona Press, 1985.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais - identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda. **Estudos Feministas**, vol. 5 (2): 303-320. 1997.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VENANCIO, Gisele Martins. Lugar de mulher é...Na fábrica; Estado e trabalho feminino no Brasil(1910 – 1934). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 175-200, 2001. Editora da UFPR.

VENTURI; Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VIEGAS, Suzana de Matos; GOMES, Catarina Antunes. **A Identidade na Velhice**. Porto: AMBAR, 2007.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Ed.34, 2000.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

APÊNDICE 1

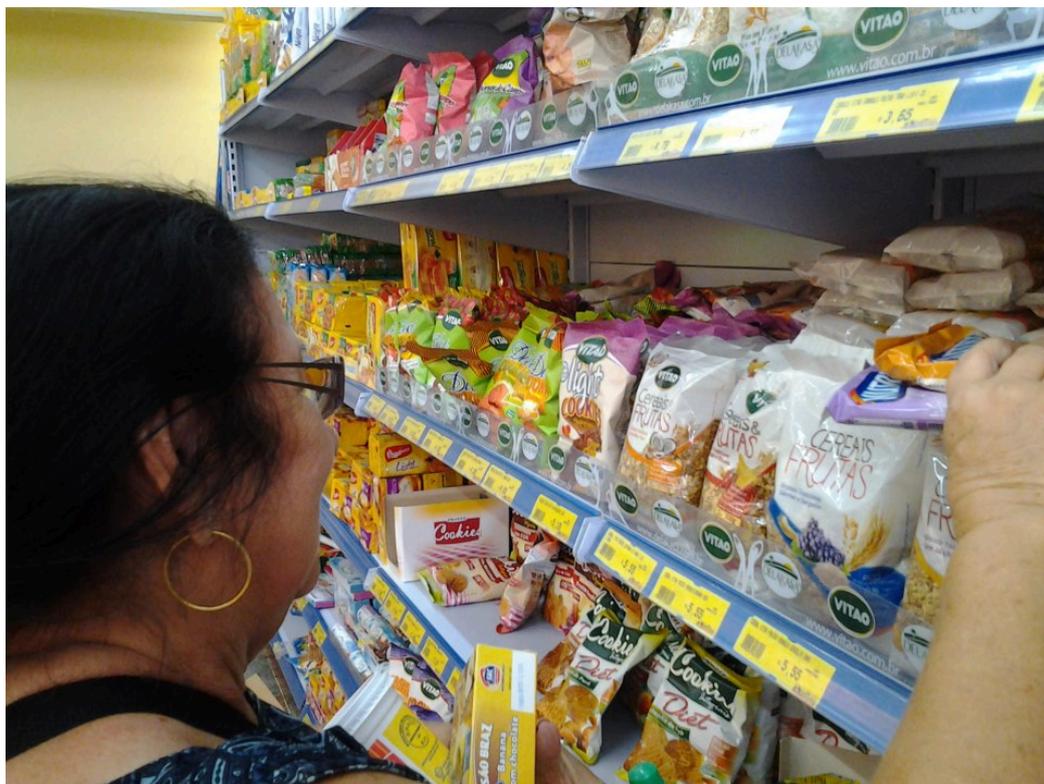


Foto 1. Créditos Cristiane Leal. 2012.



Foto 2. Créditos Cristiane Leal. 2012.

APÊNDICE 2



FOTO 3: Casa do Conjunto dos Bancários que não foi reformada. Créditos: Cristiane Leal . 2009.



FOTO 4: Casa do Conjunto dos Bancários reformada. Créditos: Cristiane Leal. 2009.



FOTO 5. Timbó. Créditos: Cristiane Leal. 2010.

APÊNDICE 3



FOTO 6: Mulheres em atividades físicas matinais na Praça da Paz em Bancários. Créditos: Cristiane Leal. 2011.

APÊNDICE 4



FOTO 7: Baile a fantasia organizado pelas senhoras da Igreja Católica.
Créditos: Cristiane Leal. 2011.



FOTO 8: Passeio organizado pelo grupo da Igreja Católica.
Créditos: Cristiane Leal. 2011.



FOTO 9: Aula de dança organizada no salão da Igreja Católica. 2011.

APÊNDICE 5



FOTO 10. Créditos: Cristiane Leal. 2012.

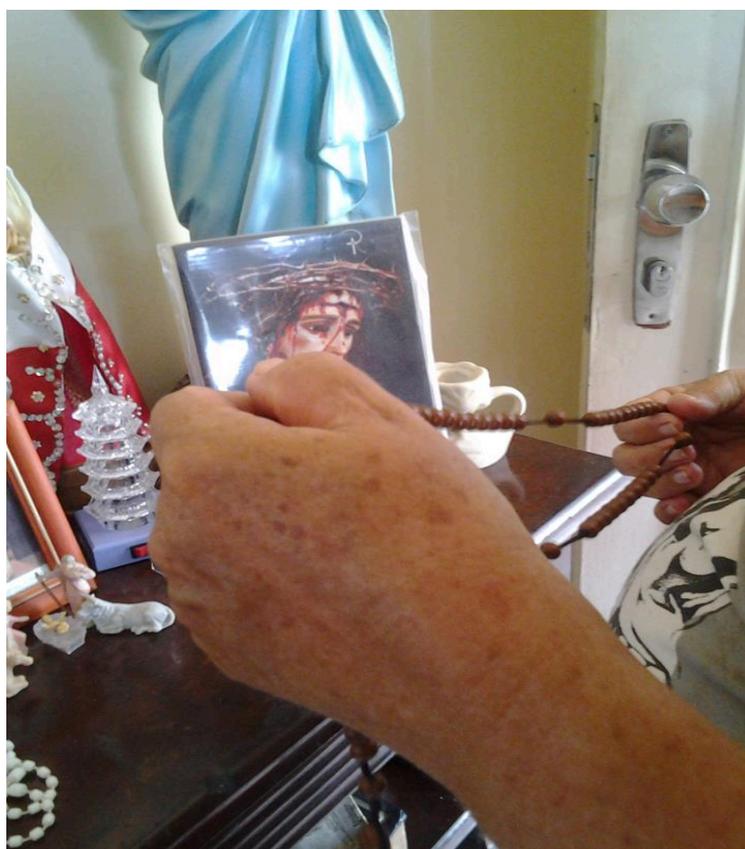


FOTO 11. Créditos: Cristiane Leal. 2012.

APÊNDICE 6



FOTO 12. Créditos: Cristiane Leal. 2012.

APÊNDICE 7



FOTO 13. Créditos: Cristiane Leal. 2012.

APÊNDICE 8



Foto 14. Ônibus usado em passeios para grupos de idosos da cidade de João Pessoa.
Créditos: Cristiane Leal. 2011.



Foto 15. Passeio organizado pelo posto de saúde Timbó I. 2011.

APÊNDICE 9**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a) _____,

Esta pesquisa é sobre, **VELHICE E O COTIDIANO FAMILIAR. UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CLASSES SOCIAIS** e está sendo desenvolvida por **CRISTIANE LEAL RODRIGUES SOARES**, aluna do Curso de doutorado, do programa de pós graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do (a) Prof.(a) Dra. *TEREZA CORREIA DA NÓBREGA QUEIROZ*.

O objetivo geral deste estudo é analisar a velhice a partir do convívio no cotidiano familiar que se diferenciam em relação às condições socioeconômicas de seus membros. Especificamente, pretende-se compreender os modos de inserção e participação de mulheres idosas no cotidiano familiar, desvendar como a família e o convívio familiar contribuem nos contornos em que a velhice feminina se verifica, analisar as percepções acerca da velhice, observar as simultaneidades e as contradições que possivelmente surgirão no mesmo grupo social, e entre os grupos que se distinguem sócio e economicamente.

Solicitamos a sua colaboração para a realização de entrevistas, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Sociologia e Antropologia, assim como publicá-los em trabalhos científicos destas mesmas áreas do conhecimento. Por ocasião da publicação dos resultados, **seu nome será mantido em sigilo**.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisadora.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) através dos telefones: (83) 32358923/ (83) 87434219.

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE 10

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
ALUNA: CRISTIANE LEAL RODRIGUES SOARES**

Levantamento de dados iniciais da pesquisa: VELHICE E O COTIDIANO FAMILIAR. UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CLASSES SOCIAIS.

DATA _____

Dados Iniciais das participantes da pesquisa

1.Nome: _____

2.Endereço: _____

3. Telefone para contato: _____

4.Data de Nascimento: _____

5. Naturalidade: _____

6. Estado civil: casado() Separado() Viúvo() Solteiro() outro()

7. Possui algum problema de saúde? Qual?

8. Faz acompanhamento médico? _____

9. Usa algum medicamento regularmente? _____

10. É aposentado (a)? ()sim não()

11. Caso a resposta anterior seja sim, é aposentado por onde?

12. Que nível de escolaridade possui:

a) Nenhum b) ensino fundamental c) ensino médio d) superior e) profissionalizante

13. Qual função desempenhava quando trabalhava? _____

14. Quanto recebe mensalmente da aposentadoria? _____

15. Atualmente trabalha? Em que ?

16. Quanto tira por mês? _____

Caso seja casado(a), responda:

17. Nome do cônjuge: _____

18. Data de nascimento: _____

19. Naturalidade: _____

20. Possui alguma fonte de renda? De onde? Quanto recebe?

21. Quantas pessoas moram na residência? _____

22. Quem são as pessoas que moram na residência? E quantos são?

() esposo(a) () filhos. Nº _____ () filhas. Nº _____ Netos() outro()

23. Entre os que moram em casa mais alguém possui algum rendimento? _____

24. Quem? Faz o que? _____

25. Quanto recebe por mês? _____

26. Há quanto tempo reside no lugar? _____

27. Onde morou antes? _____

28. Participa de alguma atividade esportiva ou de lazer? _____

29. Onde? Quantas vezes vai por semana? _____

30. O que você faz neste lugar? _____

31. O que costuma fazer no dia a dia?

31. O que costuma fazer nos fins de semana?

32. Há algum lugar do bairro que costuma ir com frequência? Qual?

33. O que leva você a frequentar este lugar?

33. Quanto tempo do dia você fica em casa? _____

34. O que faz em de casa?

36. Costuma receber visitas em casa? _____

37. Quem são as pessoas que mais lhe visita?

38. Você conhece seus vizinhos? _____

39. O que você sente em relação a sua vizinhança?

40. Caso costume se encontrar com seus vizinhos, que lugar vocês se encontram com mais frequência? _____

41. Frequenta algum espaço religioso? Qual? Onde se localiza?

42. Caso frequente alguma instituição religiosa, responda: Que atividade costuma participar com frequência?

43. Costuma visitar outros bairros da cidade com frequência? _____

44. Que outros lugares costuma ir nestes bairros?

45. Que meio de transporte utiliza para se deslocar na cidade? _____

46. Caso haja filhos que não morem com você, responda: Você os vê com frequência? Eles são casados? Como é sua relação com eles?

47. Caso tenha netos que não morem com você, responda: Você os vê com frequência? Como é sua relação com eles?

ANEXO 1 – CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA - UFPB
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY - HULW
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS - CEP

CERTIDÃO

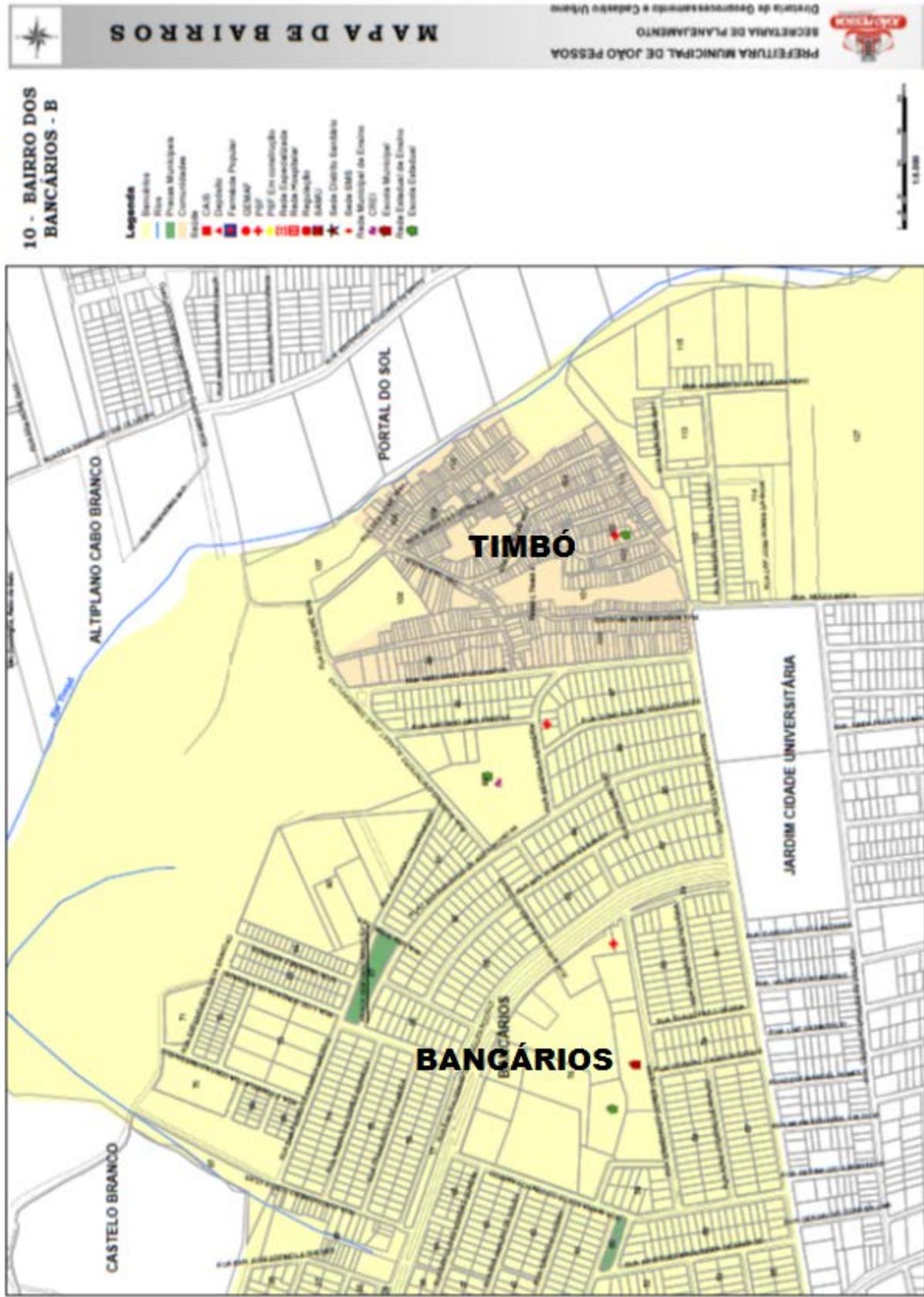
Com base na Resolução nº 196/96 do CNS/MS que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley - CEP/HULW, da Universidade Federal da Paraíba, em sua sessão realizada no dia 29/06/2010, após análise do parecer do relator, resolveu considerar APROVADO o projeto de pesquisa intitulado A VELHICE E O COTIDIANO FAMILIAR: um estudo comparativo entre classes sociais. Protocolo CEP/HULW nº. 338/10, da pesquisadora CRISTIANE LEAL RODRIGUES SOARES.

No final da pesquisa, solicitamos enviar ao CEP/HULW, uma cópia desta certidão e da pesquisa, em CD, para emissão da certidão para publicação científica.

João Pessoa, 05 de julho de 2010.

Profª Drª Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa-HULW

ANEXO 2 - Mapa do Bairro de Bancários SEPLAN/JP. 2013.



FONTE: Secretaria de Planejamento da PMJP

S676e Soares, Cristiane Leal Rodrigues.

Entre viver para si e viver para os outros: envelhecimento feminino e individualização / Cristiane Leal Rodrigues Soares.- João Pessoa, 2013.
290f.

Orientadora: Tereza Correia da Nóbrega Queiroz
Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA/PPGS

1. Envelhecimento - mulher. 2. Individualização. 3. Mulheres idosas - práticas socioculturais. 4. Práticas cotidianas.

UFPB/BC

CDU: 612.67-055.2(043)